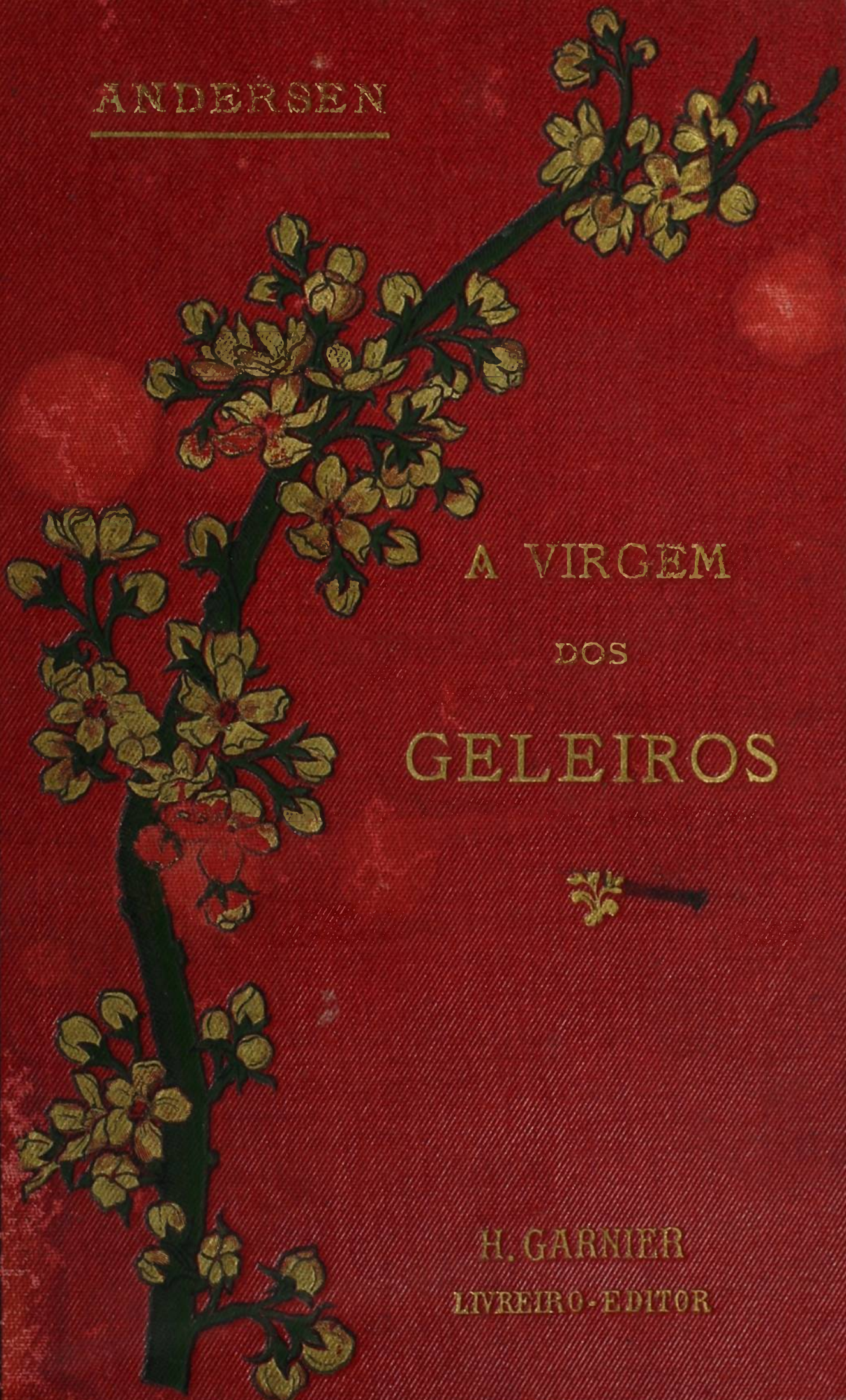


ANDERSEN



A VIRGEM
DOS
GELEIROS

H. GARNIER
LIVREIRO-EDITOR

Scavarelllo

Scavariello

Paulo Mendes
28-12-1916

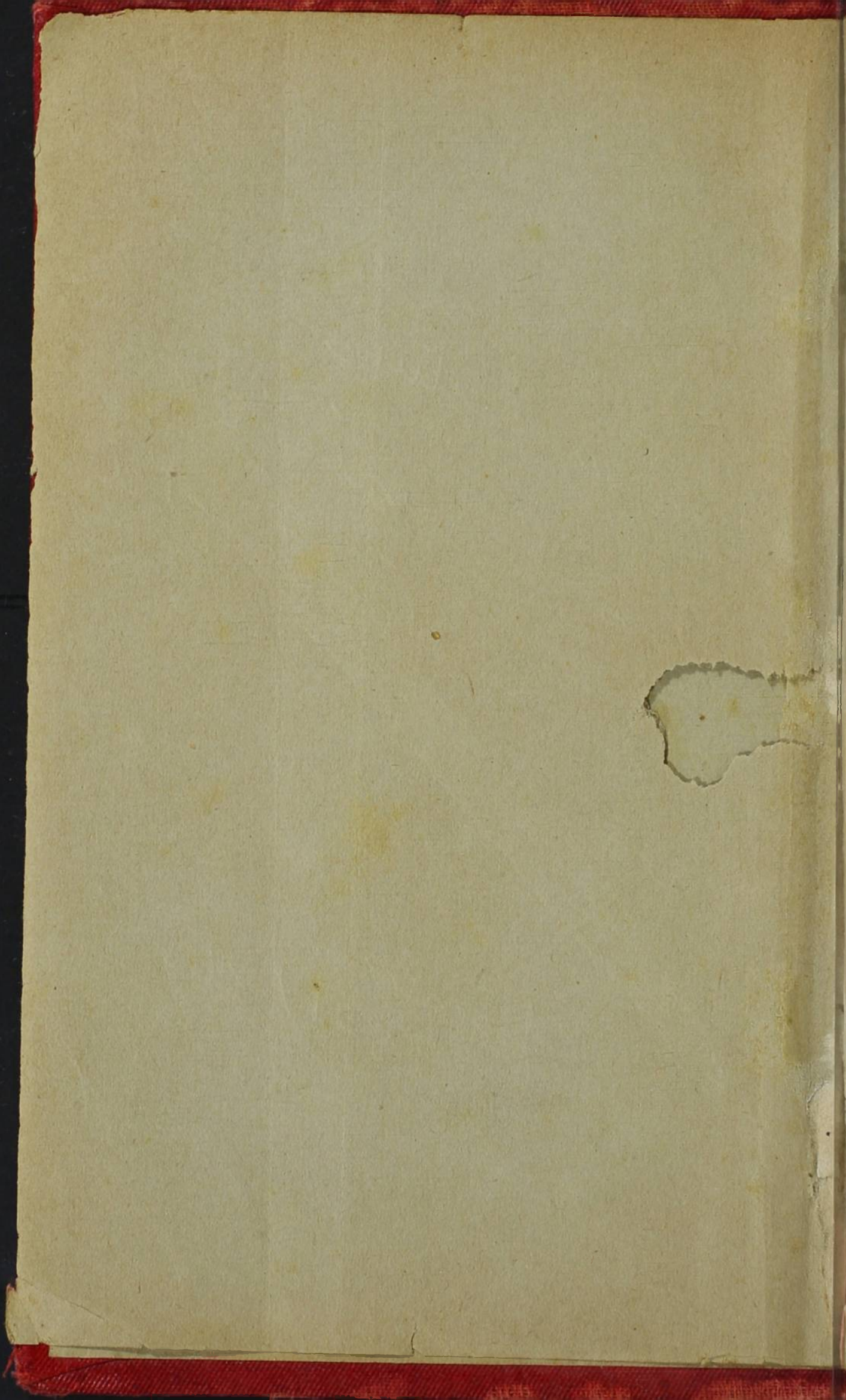
Rodrigo B...
25-5-62

Para os futuros
alunos de Suicídio Etern
recolhação da

no
ouro Serequho

Campinas
15-1-86.

2120 To. fl d.



A Paulo, lembrança
do natal de 1916.

Auto Bruno

A VIRGEM

DOS

GELEIROS



Viram enorme quantidade de morangos selvagens. (Pagina 107).

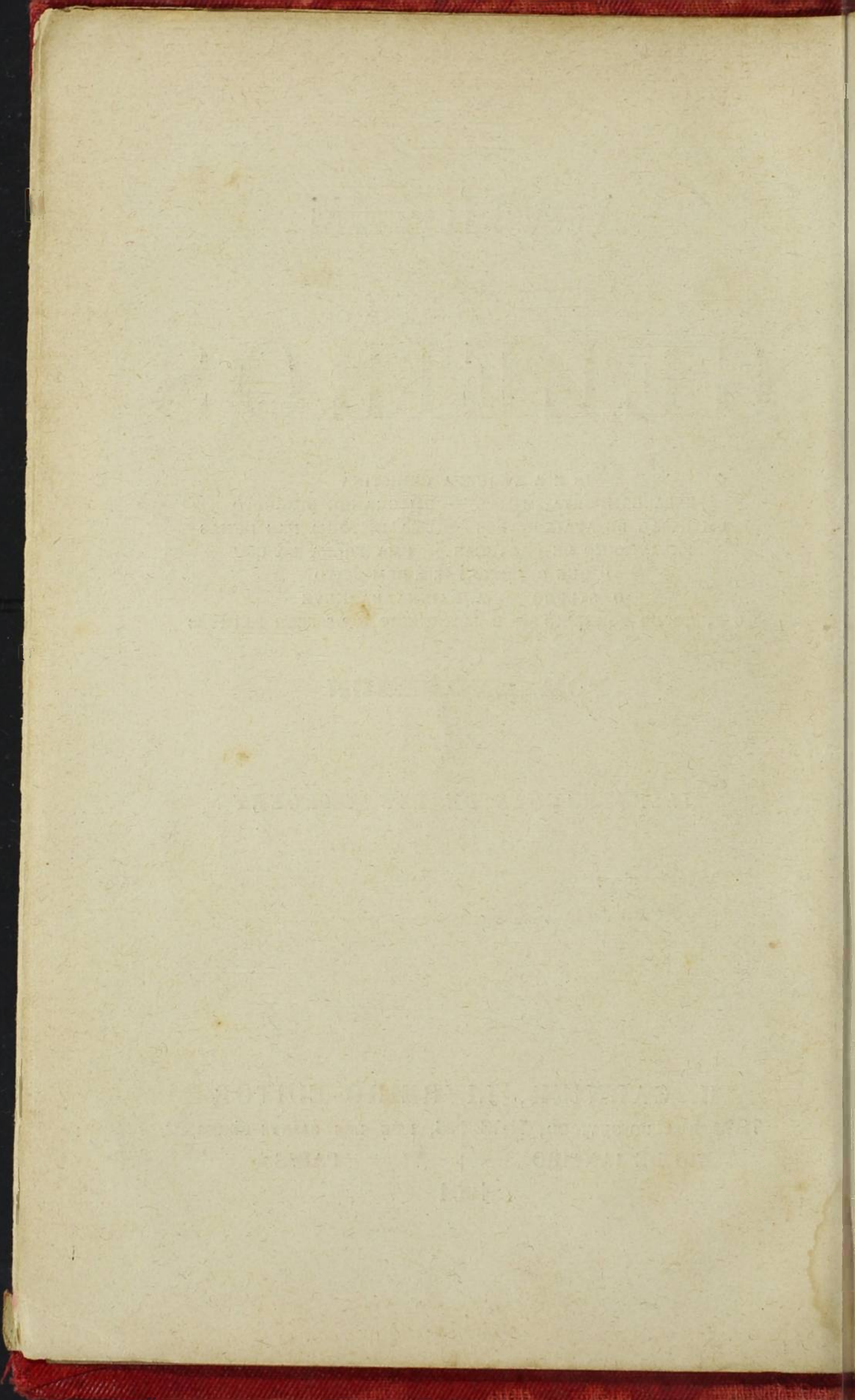
A VIRGEM
DOS
GELEIROS

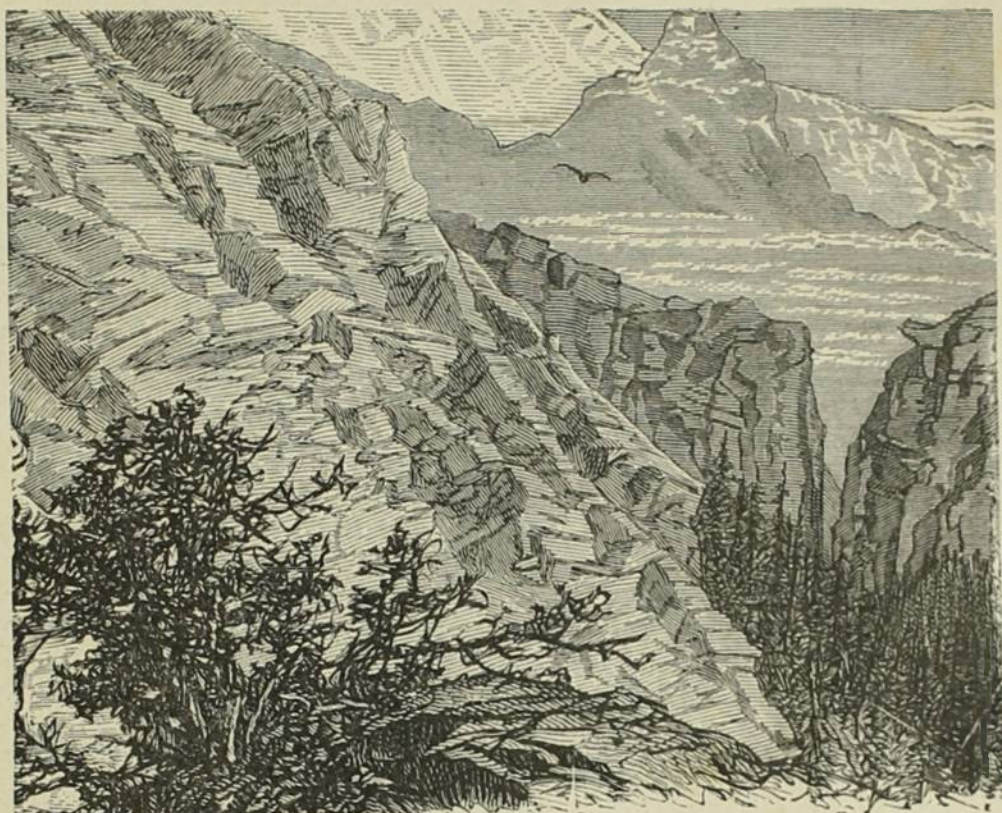
IB E A PEQUENA CHRISTINA
ELLA COMPORTA-SE MAL — UM GRANDE DESGOSTO
UM CASAL DE APAIXONADOS — UMA HISTORIA NAS DUNAS
PALAVRORIO DE CREANÇAS — UMA FOLHA DO CÉU
O QUE O VELHO FAZ É BEM FEITO
O SYLPHO — A RAINHA DA NEVE
O FILHO DO PORTEIRO — O JABDINEIRO E OS SEUS PATRÕES

POR ANDERSEN

ILLUSTRAÇÕES DE YAN' DARGENT

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS
1901





A VIRGEM

DOS GELEIROS

I

O PEQUENO RUDY

Acompanho-os, caros leitores, á Suissa. Olhem todos para as florestas sombrias que surgem nos alcantis; subam aos campos de neve de um brilho resplandescente e desçam ás planícies

verdejantes, onde tantos rios e tantas cachoeiras correm mugindo, como se receassem não chegar a tempo para desaparecerem no mar.

O sol espalha os seus raios ardentes nos valles profundos, derretendo os montões de neve, que, á noute, tornam a gelar, formando pedaços de gelo, massas de neve, geleiros, collocados uns sobre os outros.

Dous desses montes de gelo enchem as vastas aberturas dos rochedos, debaixo do Schreckhorn e do Wetterhorn, junto da pequena cidade de Grindelwalde. Estão singularmente dispostos ; e, no verão, viajantes de todos os paizes fazem desse lugar uma parada. Chegam do valle, sóbem durante horas e chegando ás alturas avistam a planicie, como se estivessem n'um balão, em viagem pelos ares.

Nuvens amontoam-se frequentemente nessas alturas espalhando effluvios ; raios de sol illuminam o valle, fazendo a verdura brilhar, como se fosse transparente. Na base as aguas correm e roncam com estrepito.

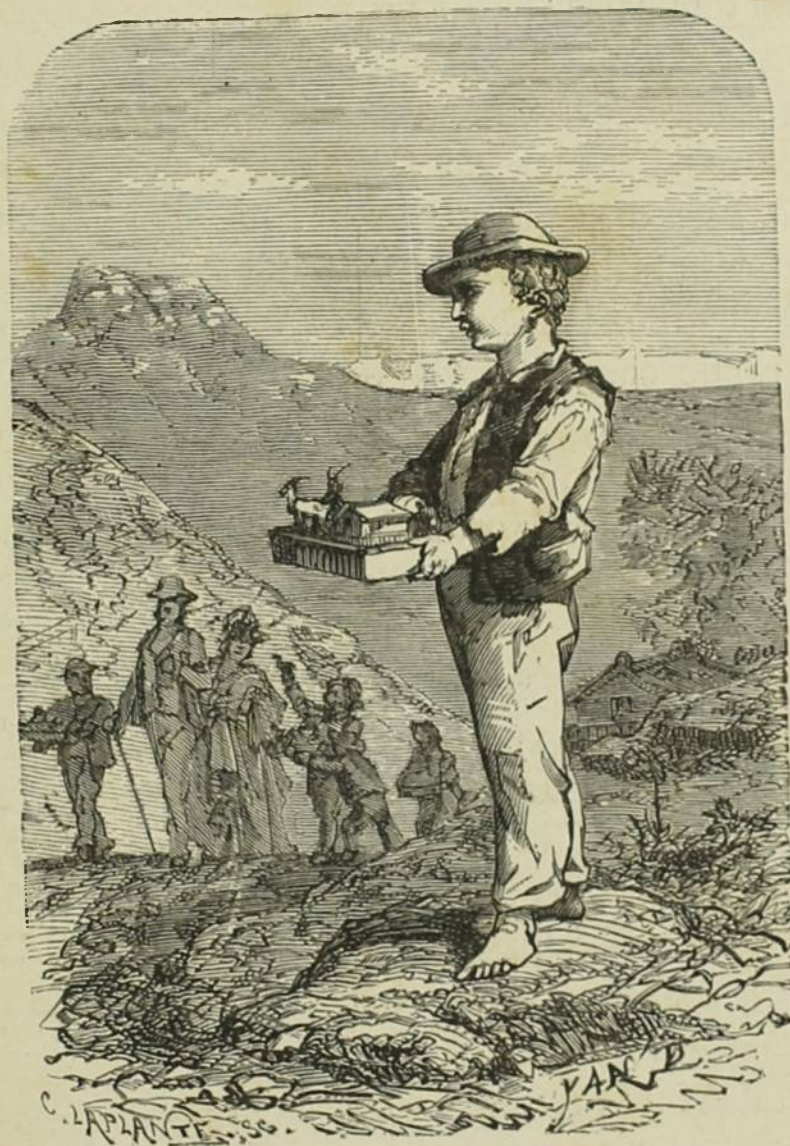
Nas collinas ellas murmuram e susurram brandamente, passando ligeiras sobre rochedos e desenrolando-se como fitas prateadas.

Dos dous lados do caminho que conduz aos geleiros surgem chalets cercados, cada um, de pequeno campo de batatas, alimento das creanças que pullulam nessas casinhas e cujas boquinhas são insaciaveis.

Essas creaturinhas precipitam-se, em bandos, ao encontro dos viajantes, aos quaes offerecem logo miniaturas delicadas de chalets esculpidos na madeira, trabalho que fazem os paes. Com qualquer tempo, mesmo chovendo a cantaros, esse rancho de meninos apparece

nas estradas, offerecendo aos que chegam a sua mercadoria.

Ha uns vinte annos, os viajantes viam chegar com



as outras creanças, mas conservando-se sempre a certa distancia, um menino, que tambem vendia. Tinha um ar de seriedade devéras encantador e segurava a caixa de madeira com tanta força, que parecia não querer largal-a. Os outros importunavam os transeun-

tes; elle nada dizia. Mas a gravidade do rapazinho agradava tanto que chamavam-o de preferencia aos mais apressados; elle, sem saber como, vendia muito mais do que os seus camaradas.

Era seu avô quem esculpia os bonitos quebra-avelãs, as figuras grotescas, os ursos, as colheres e os garfos, e as caixas ornadas de folhagem delicada. O velho morava bem alto na montanha. Tinha um armario cheio desses brinquedos, que tanto fascinam as creanças. O menino, porém, que se chamava Rudy, não fazia grande caso delles. O que elle olhava com prazer e cobiça e desejava muito possuir, era uma velha espingarda, pendurada n'uma viga. Seu avô lh'a promettêra, mas para quando crescesse e tivesse força para servir-se della.

Embora pequenino, tambem tomava conta das cabras. Se para ser bom guardador de cabras fosse apenas preciso trepar com ellas nos rochedos, Rudy era um bom guardador; subia mesmo mais alto do que ellas. Gostava de apanhar ninhos de passaros nos galhos extremos das arvores. Era corajoso, temerario mesmo. Só ria-se quando se achava perto de uma cachoeira barulhenta ou quando ouvia o ruido surdo de uma massa de neve.

Nunca brincava com as outras creanças. Só estava com ellas quando seu avô mandava-o vender os seus trabalhos de madeira esculpida. Rudy não gostava desse encargo. Preferia ou andar a trepar nos rochedos ou ficar sentado ao lado de seu avô, ouvindo historias de tempos passados e as tradições do paiz de Meiringen, onde o velho nascêra, paiz invadido antigamente

por um povo vindo do extremo Norte e de raça dos Suecos.

Rudy aprendia desse modo muitas cousas. Ouvindo com atenção as narrações do velho esculptor, adquiriu uma dóse de conhecimentos, que as creanças da sua idade não tinham. Mais despertou-se ainda o seu



espírito com a frequencia dos animaes, que habitavam o chalet : Ajola, enorme cão, que pertencêra a seu pae e um gato, pelo qual Rudy tinha particular inclinação.

«Vem commigo para o telhado» dissera-lhe um dia o gato, e Rudy comprehendêra-o perfeitamente. As creanças, quando apenas começam a fallar, comprehendem muito bem a linguagem das gallinhas, dos patos, dos cães e dos gatos, que fallam tão distinctamente como o papá e a mamã. Fazem até relinchar a bengala do vovô, que é transformada em cavallo com

cabeça, pernas e cauda. Mas crescendo... perde-se essa faculdade. Ha, porém, creanças, que conservam-a por mais tempo do que outras. Diz-se então que ellas são patetas. Mas diz-se tanta cousa neste mundo!

« Vem commigo para o telhado » dissera, pois, o gato.

« É pura imaginação acreditar no perigo. Quando não se tem medo não se cae. Vamos. Põe-se uma pata aqui, a outra acolá. Muita firmeza nas patas da frente. Muita attenção e corpo muito leve. Quando estiveres perto de um abysmo podes saltar sem receio. Vê só como eu faço. »

E Rudy comprehendeu perfeitamente todo esse discurso. Acompanhou o gato ao telhado e aos galhos das arvores. Subia tambem á ponta dos rochedos onde os gatos não vão.

Rudy subia frequentemente á montanha antes do nascer do sol e ahi respirava um ar fresco e reconstituinte. É um nectar que só o Deus bondoso sabe preparar. Eis a receita : misturar o perfume de todas aservas frescas da montanha com a hortelã, o thymo, as rosas e as outras flôres do valle; tomar apenas superficialmente o aroma, deixar as nuvens absorver as fortes exalações, deixar os ventos impellir tudo isso atravez das florestas de pinheiros : teremos então um ar de um perfume delicioso e de uma frescura agradabilissima.

Era esse ar que Rudy ia saborear todas as manhãs nas montanhas. Os raios do sol acariciavam as suas bochechas. A vertigem — terrivel demonio — espreitava-o, mas não podia, por ordem superior, approximar-se do

pequeno. As andorinhas dos sete ninhos, que estavam no tecto da casa de seu avô, iam unír-se a elle nas alturas, para onde levava as cabras, e cantavam o mysterioso estribilho :

Vi og i og i og vi (1).

Ellas lhe levavam lembranças de todos de casa e mesmo das duas galinhas, os unicos animaes que Rudy não frequentáva.

Embora pequenino, já tinha viajado muito. Nasceira no cantão do Valais, de onde levaram-o muito creança para o Oberland, atravez dos Alpes. Mais tarde foi a pé até ao Stauback, onde contemplou a magnifica cascata, que, diante do *Jungfrau*, monte todo branco de neve e de



(1) Onomatopéa para indicar o grito da andorinha; está, porém, claro, que se deve dar-lhe a accentuação; essas palavras tem o sentido de « Vós e nós e nós e vós. »

gelo, parece uma « gaze » de prata immensamente longa.

Tambem esteve perto dos grandes geleiros de Grindelwald. Historia essa bem triste. Sua mãe ahi falleceu, carregando comsigo a alegria infantil de Rudy.

« Quando Rudy tinha dous annos — dizia o avô — ria-se quasi sempre. As cartas, que sua mãe me escrevia, contavam-me as suas alegrias infantis, mas depois que esteve na caverna de gelo, ficou mais grave do que um velho. »

O avô não gostava muito de fallar nessas cousas que eram conhecidas em todos os arredores.

Eis o que se passára :

O pae de Rudy era conductor de diligencia, ao que parece. O seu grande cão Ajola acompanhava-o sempre quando guiava o vehiculo de Genebra á Italia pelo Simplon.

Tinha um irmão no valle do Rhodano, no Valais. Era um caçador ousado de cabras montezes e servia de guia aos viajantes.

Rudy tinha dous annos quando perdeu seu pae. Sua mãe resolveu voltar ao Oberland bernez, seu paiz natal, junto de seu pae, que vivia a uma legua de Grindelwald. O velho esculpia lindos objectos de madeira e ganhava desse modo a sua vida.

A mãe de Rudy partiu no mez de Junho, levando ao collo seu filho, em companhia de dous caçadores de cabras. Tinham passado pela subida do Gemmi e já viam ao longe os chalets do valle para onde iam. Faltava-lhes ainda atravessar um grande geleiro. O

caminho era difficil. A neve tinha cahido, havia pouco tempo, e occultava uma fenda, que era mais profunda do que a altura de um homem. A joven senhora escorregou, afundou na neve e desapareceu com Rudy.

Não foram ouvidos nem gritos nem suspiros. A creança, porém, começou pouco depois a chorar. Os caçadores levaram mais de uma hora á procura de estacas e de cordas. Depois de muitos esforços conseguiram trazer á luz do dia os corpos da mãe e da creança, que pareciam sem vida. O pequeno voltou a si mas a pobre mãe estava morta. A creança foi levada para a casa do avô, que educou-a do melhor modo, que pôde. O velho não encontrou o seu netinho alegre e contente, como a mãe lh'o havia pintado. O menino quasi não ria-se mais! Tal fôra o effeito que lhe causára a lugubre e immensa camada de gelo onde fôra precipitado. Era um verdadeiro mundo composto de



pedaços enormes de gelo branco ou verde, de todas as formas, amontoados uns sobre os outros; segundo as crenças dos montanhezes suissos as almas dos reprobos estão alli encerradas até ao ultimo julgamento.

No interior do geleiro ha cavernas immensas, fendas que penetram até ao fundo dos Alpes. É um palacio maravilhoso, onde reside a Virgem dos gelos, rainha desse sitio lugubre. Ella compraz-se em destruir, esmagar, triturar. O Ar é seu pae. O seu poder estende-se aos rios, que nascem no seu reino. Ella atira-se, mais rapida do que a cabra montez, ao cume das neves eternas, onde o homem mais temerario não ousa nem póde chegar senão depois de ter feito uma escadaria no gelo. Outras vezes, ella desce aos ramos de pinheiros, sobre catadupas impetuosas, para depois saltar de um rochedo a outro; a sua longa cabelleira branca é constantemente ondeada pelo vento; um manto de um verde azulado, da côr dos lagos da Helvecia, cobre o seu corpo.

« Alto lá! deixem-o! É meu! » exclamou ella, quando tiraram Rudy do abysmo. E disse quando o carregaram :

« Elles roubaram-me uma creança encantadora; eu abracei-a e ia dar-lhe o beijo mortal. Eil-a de novo entre os homens, guardando cabras na montanha. Sóbe sempre e cada vez mais alto. Afasta-se de todos, mas não de mim. É minha, hei de possuil-a. »

E ella pedia á Vertigem que fosse buscar o menino. Era no verão, em epoca quente demais para ella, Virgem dos gelos, nos Alpes verdes, onde cresce a hortelã.

A Vertigem, dando um vôo, mergulhou no fundo dos lagos, de onde sahiu um dos seus irmãos, depois dous, depois tres, uma multidão, enfim, pois muitos são elles. Uns ficam nas escadas, outros nas torres, sinos, picos de montanha. Nadam, como peixes, nos ares e attrahem as suas victimas para precipital-as no abysmo. A Vertigem e a Virgem dos Gelos espreitam o homem, e agarram-o quando se approxima, do mesmo modo pelo qual o polvo agarra o que está ao seu alcance, sem mais deixal-o.

A Virgem dos geleiros escolheu o mais forte e o mais habil desses irmãos da Vertigem-e ordenou-lhe que fosse buscar Rudy.

« Não posso agarrar aquelle menino, disse o escolhido. Armei-lhe muitas vezes os laços mais perfidos! O gato, esse miseravel, ensinou-lhe todas as suas manhas. Além disso essa creança parece protegida por uma força, que me afasta-della. Mesmo quando a vejo n'um galho de arvore por cima de um abysmo, que lhe faço cocegas na planta dos pés ou sopro-lhe no rosto o meu halito atordoador, ella não se move e ri-se de mim. »

« Não faz mal, disse a Virgem, havemos de apanhal-a. Se não fôres tu, serei eu, eu, eu !

— « Não, não » ! — Ouviu-se um som como se fosse o echo dos sinos da capella. Era, porém, um canto verdadeiro. Era o côro dos suaves, amaveis e bons Espiritos da natureza. « Não, não, » ouviu-se de novo. Eram as filhas dos raios do sol.

Todas as noutes ellas fazem roda no alto das montanhas, estendendo as suas azas, que vão se averme-

lhando cada vez mais á medida que o sol desce para o horizonte, e cercam os Alpes de uma aureola de chamas. Posto o sol ellas entram na neve dos picos e dos rochedos e dormitam até que o astro torne a apparecer. Ellas tem particular affeição pelas flôres, pelas borboletas e pelos homens, mas o favorito é o pequeno Rudy.

« A Virgem não o agarrará — cantaram ellas ; — ella não o possuirá. »

« Já agarrei maiores e mais fortes », dizia a Virgem dos gelos.

As filhas do sol entoáram um canto em que contavam como o vento, com os seus redomoinhos, tinha arrancado ao viajante o seu manto e o carregara para os ares ; mas tinha carregado apenas a capa e não o homem.

« Pudestes agarral-o, vós, filhos da força brutal ; mas não pudestes guardal-o. Elle é mais forte do que nós. Está acima do poder da natureza. Ha nelle um espirito divino. É até superior ao sol, nosso pae : conhece as palavras magicas que obrigam os ventos e as aguas a obedecer-lhe e a servil-o. »

Eis o que os Espiritos suaves cantaram em côro. E todas as manhãs os raios do sol brilhavam, atravez da unica janellinha da casa do avô, sobre o menino, que dormia ; e as filhas do sol o acariciavam, abraçando-o repetidas vezes para tirar-lhe o ultimo vestigio do beijo glacial, que lhe déra a Rainha dos gelos, quando, dormindo no seio de sua mãe morta, foi salvo por um milagre.

A VIAGEM PARA A NOVA PATRIA

Rudy tinha oito annos quando seu tio, um irmão de seu pae, que morava além dos montes, no valle do Rhodano, lembrou-se delle para ensinar-lhe o seu caminho no mundo. O avô reconheceu que a lembrança era vantajosa para Rudy e consentiu nella.

Rudy ia, pois, partir. Duras despedidas entre outras a de Ajola, o velho cão.

« Teu pae — disse Ajola — era conductor e eu era o cão da diligencia. Subimos ás montanhas e dellas descemos milhares e milhares de vezes. Não admira, pois, que eu conheça homens e cães de além montes. Já não converso muito; mas como por muito tempo não nos tornaremos a ver, vou fallar um pouco mais do que de costume.

« Te perguntarei, pois, porque tive eu tantas vezes de galopar ao lado do carro, não tendo para roer senão as minhas maguas? Não podia comprehendel-o; nem tu tão pouco, penso eu. Hoje com a experiencia, sei qual o motivo: as cousas neste mundo não são razoa-

velmente dispostas nem para os cães, nem para os homens,

« Não fomos todos creados nem viemos todos ao



mundo para sermos amimados ou beber bom leite. Não fui habituado a isso. Mas vi ás vezes na diligencia cãesinhos máus occupando o lugar do viajante. A dona dava lhes leite e biscouto. Elles já nem caso faziam

dessas iguarias. Apenas lambiam um pouco e a dona comia o biscouto.

Eu corria na lama, ao lado da diligencia e tinha uma fome canina. Só podia mastigar... as minhas reflexões. Absurdo estado de cousas. Mas não era tudo. Em vão bocejava, ladrava para denunciar o meu canção : ninguem me dava lugar na diligencia nem tomava-me nos seus joelhos.

Digo-te tudo isso para que aprendas a conhecer o mundo no qual vaes entrar. »

Foi esse o discurso do bom Ajola. Rudy abraçou-o e beijou-lhe o focinho. Quiz fazer o mesmo com o gato, mas este zangou-se.

« Estás forte demais para mim e não quero usar as minhas unhas contra um velho amigo como tú. Vaes subir pelos montes. Lembra-te das lições que te dei. Quando andares assim pelos ares, não deves pensar no perigo de cahir. »

E o gato fugiu para não deixar ver no brilho dos seus olhos quanto estava commovido com a partida do seu companheiro de brincadeiras.

As duas gallinhas corriam pelo quarto. Uma não tinha mais cauda. Um viajante, que se julgava caçador, tomou-a por uma ave de rapina; disparou um tiro sobre ella abatendo-lhe a cauda.

« Rudy vae para o outro lado dos Alpes, » disse ella.

« Eu não gosto de despedidas », disse a outra. E as duas retiraram-se aos saltinhos.

Em compensação as cabras que Rudy teve por companheiras durante tanto tempo, fizeram-lhe os mais

ternos adeuses : proromperam em *mé-é-é* e *mé-é-é* cheios de melancolia.

Havia na aldea dous guias alertas, que deviam justamente atravessar o « Gemmi », com destino ao outro lado das montanhas. Rudy partiu com elles a pé. Era uma marcha pesada para um menino, mas elle era forte e a sua coragem vencia o cansaço.

As cotovias acompanharam-o durante algum tempo, cantando sempre :

Vi og i, og i og vi.

O caminho atravessava a cachoeira Lutchine, que nasce nos rochedos escuros do geleiro de Grindelwald. Passáram sobre troncos de arvores bambaleantes e chegaram ao geleiro, no meio de montões de gelo. Rudy estava radiante de alegria, os seus olhos brilhavam de prazer todas as vezes que elle afundava no gelo os seus sapatos de gancho.

Tendo trepado em montões de gelo, que lhe impediam a marcha, chegou a um lago, cuja volta tinha de dar, tomando as precauções necessarias para não cahir nas fendas. Na ponta de uma dellas estava uma grande pedra, como que suspensa sobre o abysmo. Rudy empurrou-a; ella desprendeuse e rolou no abysmo. A sua queda nas escavações profundas foi acompanhada de um barulho formidavel, cujo echo foi ouvido bem longe.

Nessa occasião Rudy lembrou-se do que lhe contáram : que tinha cahido com sua mãe n'uma dessas horriveis fendas, onde o frio é mortal. Mas era tão intrepido que essa lembrança, em vez de fazel-o tremer de medo, desapareceu logo do seu espirito. Elle acompanhava com passo ligeiro os dous homens que, de

vez em quando, queriam dar-lhe a mão para ajudal-o a subir nos caminhos difficeis. Mas preferia ir só e era, no gelo, tão solido quanto uma cabra montez.



Chegaram depois a rochedos nús, sem terra nem musgo, tornaram a descer um pouco a um pequeno bosque de pinheiros enguiçados, para attingirem enfim as neves eternas.

Nunca o menino tinha subido tão alto. Via na sua frente vasto mar de neve, cujas ondas eram immoveis. De vez em quando o vento fazia esvoaçar turbilhões de flocos, do mesmo modo que, nas margens do Oceano, elle levanta a espuma branca das ondas. Ao redor viam-se o Jungfrau, o Monge, o Eiger, esses picos cheios de neve, mais altos do que as nuvens.

Os geleiros succediam-se. Eram os palacios de verão da Virgem, que não aspira senão a apanhar e sepultar os entes humanos. Todavia o sol estava quente. A neve batida pelos seus raios, encantava o olhar; fazia brilhar milhares de diamantes com reflexos brancos e azues. Estava cheia de restos numerosos de insectos: borboletas, abelhas, que o vento levára áquellas alturas e que o frio matára.

Acima de Wetterhorn appareceu uma nuvem, como se fosse um montão de lã fina e preta. Avolumou-se rapidamente e desceu pesadamente. Era a precursora do terrivel Foehn, o furacão, que derruba tudo o que encontra pelo seu caminho. Rudy não se importava com isso: estava todo entregue á contemplação desse espectáculo grandioso, que para sempre ficou gravado no seu espirito. Mas os seus dous companheiros tinham visto o perigo e apressáram-se em chegar a uma velha construcção de pedra, feita para servir de abrigo ao viajante perdido. Encontráram alli carvão e pedaços de madeira. Accenderam o fogo e prepararam uma bebida forte, remedio excellente contra o canção. Rudy teve seu quinhão. Os dous homens sentáram-se perto do fogo e, fumando, começaram a fallar da gente mysteriosa, que habita essas regiões alpestres: cabras enormes

residindo no fundo dos lagos, bandos de almas do outro mundo, que carregam para os ares o viajante adormecido; o pastor selvagem, que leva as suas ovelhas pretas ao pasto nas maiores alturas. Nunca houve quem visse essas ovelhas, mas quantas vezes ouviu-se os seus guizos e os seus gritos funestos!

Rudy ouvia essas historias medonhas com grande prazer e sem ficar com medo. Elle ignorava o que era o medo. Não estremeceu sequer quando ouviu um rugido, que julgou ter sido dado pelo rebanho preto de que falláram os guias. O barulho augmentava cada vez mais forte. Os dous homens caláram-se, dizendo apenas a Rudy que não adormecesse, para estar prompto a tudo.

Era o Foehn, a grande tempestade, que atira-se do alto das montanhas sobre os valles, quebrando as arvores mais fortes como se fossem pequenas várás e transportando chalets de um para o outro lado do rio, como se se tratasse de deslocar uma peça no jogo do xadrez.

O barulho durou uma hora e depois foi diminuindo pouco a pouco. Os montanhezes disseram a Rudy que o perigo estava passado e que elle podia dormir, o que fez de bom grado, pois estava muito cansado.

No dia seguinte, pela manhã, continuaram a viagem. Atravessáram novos montes, novos geleiros, novos campos de neve. Chegáram ao cantão de Valais, do outro lado dos Alpes. Tornáram a ver a verdura das florestas e a encontrar seres humanos. Mas que gente! Especies de monstros pequenos, de rosto cheio, de côr amarellada, todos com medonha papeira.

Eram pobres imbecis, que arrastam vida errante e miseravel, olhando para os transeuntes com um ar bestificado. O aspecto das mulheres era ainda mais terrivel.

Seriam assim todos os habitantes da nova patria de Rudy ?



III

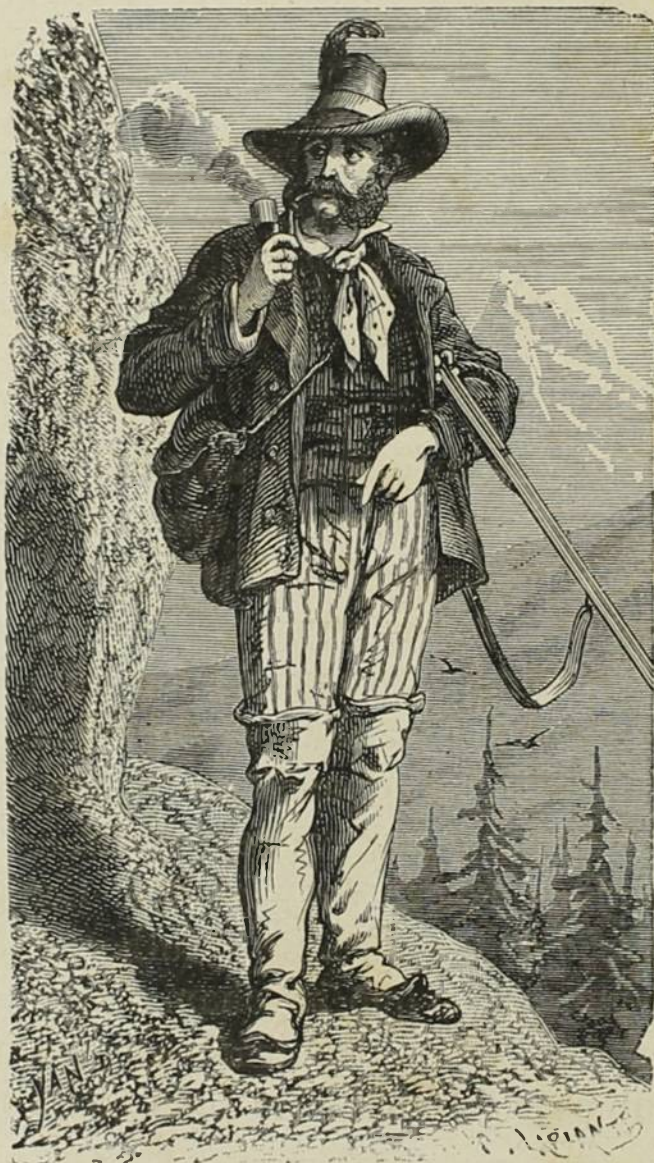
O TIO

Graças a Deus Rudy não encontrou na casa de seu tio senão pessoas feitas como as que elle estava acostumado a ver. Apenas havia alli um unico imbecil, um pobre idiota, uma dessas miseraveis creaturas abandonadas que, no Valais, são agasalhadas durante dous ou tres mezes por uma familia; estão depois o mesmo tempo em outra casa generosa e assim por diante. Essa pobre creatura chamava-se Saperli.

O tio era ainda um caçador vigoroso. Conhecia tambem a profissão de tanoeiro. Sua mulher, de baixa estatura, mas viva, com o que se chama : figura de passaro; tinha dous olhos penetrantes como os de uma aguia, e um pescoço comprido todo cheio de pennugem.

Tudo era novo para Rudy : os costumes, os vestuarios e a propria linguagem. Quanto á ultima, depressa se familiarizaria com ella. A moradia do tio tinha um aspecto opulento, comparada com a do avô. Os quartos eram muito maiores. Chifres de cabras montezes e

espingardas bem luzentes guarneciam as paredes. Por cima da porta via-se a imagem da Madona, diante da



qual ardia uma lamparina, cercada de uma moita de rosas dos Alpes.

O tio era não sómente um dos mais habéis caçadores

de cabras montezez como tambem o melhor guia de toda a região.

Rudy ia ser depressa o querido da casa. Gostáram delle pelo menos tanto quanto do velho cão de caça, surdo e cego, que não prestava mais serviços, mas que tantos havia prestado que era considerado como fazendo parte da familia e todos cuidavam muito delle. Rudy começou logo a acariciar-o. Mas o velho cão não estava disposto a novos conhecimentos.

Rudy não tardou a crear raiz na casa e no coração de todos. « Não estamos mal aqui, no Valais, dizia o tio. Temos sempre cabras montezez ; a raça não desaparece como a dos bodes. Sim, tudo vae melhor hoje do que nos tempos antigos. Dizem-nos que eram mais gloriosos ; mas a nossa epoca é melhor. Outr' ora os nossos valles eram como que separados do mundo inteiro, mas abriram as muralhas que nos isolavam, e uma corrente de ar fresco veiu tudo reanimar entre nós. »

E quando estava disposto a conversar o tio fallava dos seus annos da infancia, do tempo em que tudo no Valais cheirava a « fechado » ; o paiz era povoado em parte por imbecis e outros enfermos.

« Mas, — continuava elle — sobrevieram de repente os soldados francezes. Eram os medicos de que precisavamos. Elles matáram os homens e tambem a doença, Brigavam como gente e eram rapagões soberbos. E as mulheres de França nada lhes ficam a dever. »

E, assim fallando, olhava para sua mulher que era Franceza, e ria-se a bandeiras despregadas.

« Quando elles acabaram de brigar com os homens

continuou elle — atacáram os rochedos. Foram elles que construíram o caminho do Simplon, atravez montes os mais despenhados e hoje basta dizer a uma creança de trez annos : « Vá a Italia pelo grande caminho », a creança chegará sem difficuldade á Italia, se não sahir desse caminho.

E, assim fallando, o tio entoava uma canção franceza e dava um hurrah a Napoleão o Imperador.

Foi então que Rudy ouviu pela primeira vez fallar da França e de Lyão, a grande cidade nas margens do Rhodano; o tio tinha alli estado.

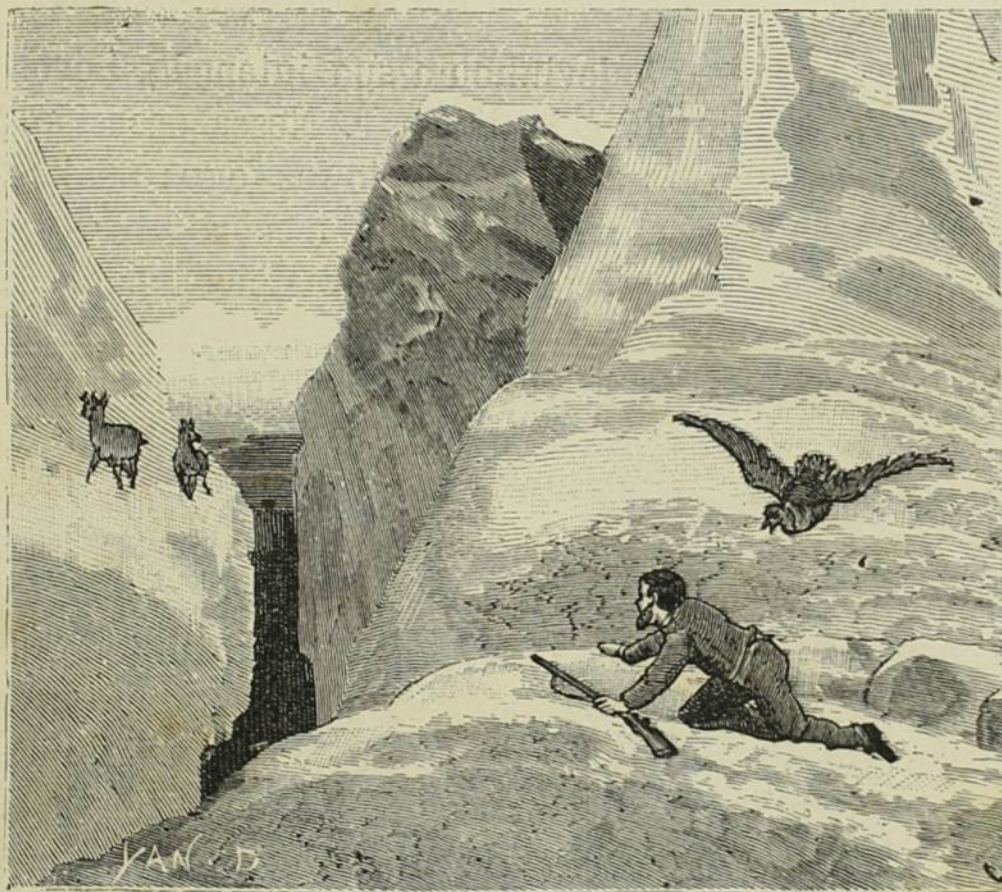
« Parece-me, dizia elle a Rudy, que dentro de poucos annos poderás ficar habil caçador : tens, na verdade, excellentes disposições. »

Ensinou-lhe a pegar n'uma espingarda, a fazer pontaria e a disparar. Levou-o comsigo á caça nas montanhas e deu-lhe para beber sangue quente de cabra montez, que fortifica contra a vertigem. Ensinou-lhe a reconhecer a epoca em que as massas de neve rolam, ao meio-dia ou á tarde, conforme a direcção dos raios do sol. Mostrou-lhe como devia imitar as cabras, e saltar como ellas. Ensinou-lhe ainda como, cahindo-se na cavidade de um rochedo, d'ahi se póde sahir : é preciso servir-se dos cotovellos, dos musculos da curva da perna e até dos da nuca, para resistir ás menores asperidades.

Rudy aprendia tudo isso bem depressa. Soube tambem de todos os estratagemas empregados para enganar as cabras montezes, por mais finas que sejam. Elle viu o caçador deixar o paletot e o chapéu pendurados n'um pau, esquivar-se e passar para outro

lado enquanto a pobre cabra, com a atenção distrahida para a roupa, não notára a direcção que tinha tomado.

Indo um dia Rudy acompanhar seu tio, este empregou um estratagema. O caminho era estreito ou, antes,



existia apenas; era um pequeno espaço á beira de um precipicio. A neve estava meio derretida. As pedras se destacavam do sólo e rolavam no abysmo. O caçador deitou-se no chão andando de rastos e de vagar, o que não impedia que de vez em quando uma pedra se deslocasse sob seu peso e rolasse de rochedo em rochedo, antes de chegar ao fundo do precipicio.

Rudy estava a uns cem passos de seu tio, sentado no ultimo rochedo solido. Um enorme abutre voava na direcção do caçador ; a ave queria com uma pancada da aza matar o homem para devorar o cadaver. O tio não a via, a sua attenção estava toda dirigida sobre a cabra e uma cabritinha, que avistára do outro lado da cavidade.

Rudy viu a ave e adivinhou a sua intenção. Levantou a sua espingarda e ia disparar. Nessa occasião a cabra deu um pulo para fugir, o tio fez fogo : o animal cahiu mortalmente ferido enquanto a cabritinha fugia atravez rochedos, saltando sobre precipicios como se tivesse muitos annos.

O abutre, espantado pelo barulho da espingarda, fugiu. O caçador só soube pelo pequeno Rudy do perigo a que esteve exposto.

Foi buscar a cabra. Retiráram-se alegres para casa. O tio entoava uma canção dos seus tenros annos. De repente ouviram a pouca distancia um barulho singular. Levantáram os olhos : uma massa de neve agitava-se no alto da montanha, como um panno estendido, ondulado pelo vento. A superficie de gelo fendia se com um barulho semelhante ao marmore quando se quebra. De repente tudo quebrou-se, deslocou-se, e a massa, como uma corrente de espuma branca, precipitou-se roncando como a trovoada surda. Era uma terrivel massa de neve : não vinha directamente sobre elles, mas passava perto, perto de mais.

« Segura-te bem », gritou o tio. Rudy agarrou-se a um tronco de arvore. O caçador subiu aos galhos e agarrou-se a elles. A massa de neve passou a uma

distancia de muitas toesas. Mas o vento, o furacão que a acompanhava quebrou arvores, como se fossem simples varas. Rudy ficou estendido no chão. A arvore, em que se agarrava, foi arrancada pela base; a parte



superior fôra atirada para longe. Entre os galhos estava o tio com a cabeça fracturada. A sua mão ainda estava quente. O seu rosto ficou logo desfigurado. Diante de tão medonho espectáculo Rudy ficou immovel, pallido, tremulo : pela primeira vez, sentiu o medo.

Á noute, bem tarde, chegou á casa, portador da terrível noticia. Sua tia não proferiu uma palavra, não derramou uma lagrima. A sua dôr só fez explosão quando o corpo foi transportado ao domicilio.

O pobre imbecil foi esconder-se na cama. No dia seguinte ninguem o viu. Á noute foi ter com Rudy e disse-lhe :

« Peço-te que escrevas uma carta por mim. Saperli não sabe escrever, mas irá levar a carta ao correio. »

« Uma carta, disse Rudy, dirigida a quem ? »

« A Nosso Senhor Jesus-Christo. »

« — O que dizes » ?

O pobre imbecil, olhando commovido para Rudy, juntou as mãos e murmurou, com tanta gravidade quanta piedade ; « Jesus-Christo, Saperli quer escrever-lhe para pedir-lhe que seja Saperli o morto e não o chefe da casa. »

Rudy apertou-lhe a mão e explicou-lhe, não sem difficuldade que a carta não chegaria ao céu nem restituiria a vida ao finado.

« Agora-disse-lhe sua tia depois das exequias, és tú o sustentaculo da casa ».

E, com effeito, Rudy o foi.

IV

BABETTE

Qual o melhor atirador do cantão de Valais? Bem o sabiam as cabras montezes, que diziam umas ás outras : « Cuidado quando avistares Rudy?

Qual o mais bello caçador do paiz ?

« É Rudy! » exclamavam as raparigas, mas não acrescentavam : Cuidado com elle ». E as mães mais serias tambem não o diziam, tanto elle era polido com ellas, alegre, serviçal e condescendente! Era um bello rapagão de 20 annos, com as faces queimadas pelo sol, com os dentes de uma alvura brilhante e os olhos pretos como o carvão.

A agua gelada não o molestava quando nadava nos rios ou lagos dos Alpes. Movia-se para um lado e para outro como um peixe. Não havia quem trepasse com tanta agilidade como elle. Era capaz de andar como o caracol em redor dos rochedos a prumo; os seus musculos tinham a solidez e a flexibilidade do aço. E como sabia saltar! Fazia, na verdade, honra aos seus mestres : o gato e a cabra montez.

Rudy passava por ser o melhor guia de toda a região. Poderia ganhar uma fortuna exercendo essa profissão. Não tinha o menor gosto para o officio de tanoeiro, que seu tio lhe tinha ensinado. O seu prazer e a sua alegria consistiam em ir á caça da cabra montez, o que tambem dava dinheiro. Rudy era, pois, um bom partido. As raparigas com as quaes dançava no baile sonhavam com elle e mais de uma tinha sempre presente a sua imagem.

« Elle beijou-me quando dançava commigo », disse Annette, a filha do mestre de escola, á sua melhor amiga. Mas não deveria ter confiado esse segredo, nem mesmo a essa amiga intima. Esses segredos não são facilmente guardados : são como grãos de areia n'uma bolsa furada ; fogem por todos os lados. Não tardou, pois, que se dissesse de Rudy, apezar de ser um excellente rapaz, que elle beijava as raparigas com as quaes dançava. Todos esses beijos se reduziam a um unico que dera, com effeito, em Annette e todavia não era essa a preferida do seu coração.

Na parte baixa do paiz, perto de Bex, no meio de um *bouquet* de grandes nogueiras, e nas margens de rapida corrente, habitava um rico moleiro. A sua casa era uma grande e bella construcção de trez andares, com pequenas torres cobertas de chumbo, que brilhavam quer ao contacto dos raios do sol, quer aos da lua : na maior estava desfraldada uma bandeirola, representando uma maçã atravessada por uma flecha, em memoria de Guilherme Tell.

O moinho tinha muito bom aspecto e até uma apparencia de opulencia. Os artistas gostavam de desenhá-lo.

Mas não havia desenho que pudesse reproduzir a graça e a belleza da filha do moleiro. Era a opinião de Rudy, que tinha burilada e gravada no seu coração a imagem da rapariga.

Um olhar da gentil Babette bastára para abraçar subitamente a sua alma, como o tição depressa provoca o incendio. E o que era curioso era que a filha do moleiro de nada desconfiara. Ella e Rudy nunca tinham trocado uma palavra.

O pae era rico e a rapariga muito altamente collocada pela sua fortuna para que se pudesse chegar a ella.

« Mas — dizia consigo Rudy — ninguem está collocado tão alto, que não possa ser attingido : trata-se sómente de saber subir, e póde a subida ser difficil que nunca se cae quando se julga não dever cahir. » Lembra-se elle das lições do gato de seu avô.

Um dia Rudy teve que fazer em Bex. Era uma viagem, pois o caminho de ferro nessa epoca estava longe de estar terminado. Rudy poz-se a seguir o longo valle por onde voltêa o Rhodano, que ahi tem uma corrente perigosa, sempre prompto a sahir fóra do leito e a devastar campos e habitações. Depois de Sion o valle faz um angulo e estreita se cada vez mais : junto de S. Mauricio não ha mais espaço senão para o rio e a estrada. Um pouco mais longe ergue-se uma velha torre : parece uma sentinella de guarda na fronteira de Valais, que termina alli. Atravessa-se uma ponte e entra-se no cantão de Vaud. A primeira cidade, que ahi se encontra é Bex. O valle alarga-se de novo, fertil e soberbo : parece um pomar continuo de nogueiras e de castanheiras ; aqui e acolá bosques de cypres-

tes e de romeiras. O clima é quente e delicioso. Julgar-se-ia na Italia.

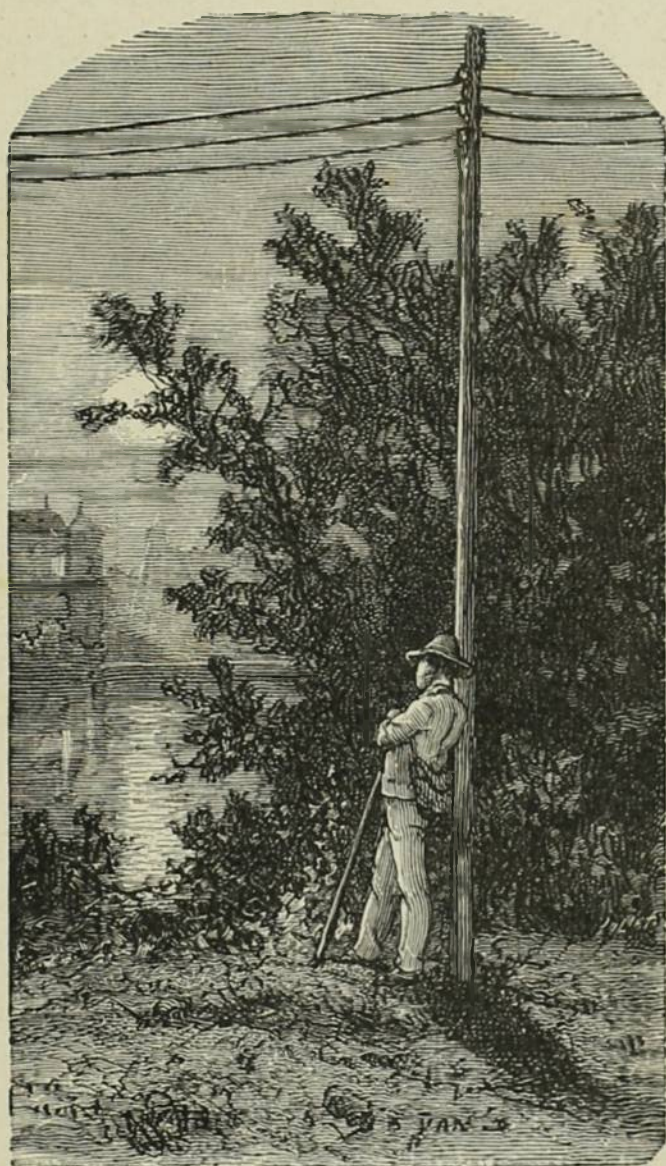
Rudy chegou a Bex e fez o seu negocio. Passeou depois nos arredores do moinho ; desejava fazer certas perguntas a algum creado mas não viu ninguem. Não descobriu o menor vestigio de Babette ; parecia de proposito.

Veuu a noute ; o ar estava impregnado do perfume de tomilho e da tilia em flôr. Sobre as montanhas verdejantes estendia-se, como um véu de gaze vaporosa, a claridade da lua que parecia carregada das emanações da primavera. Reinava por toda a parte o silencio, mas não era nem o do somno, nem o da morte. Parecia antes que a natureza estava acordando e retinha a sua respiração para deixar-se retratar fielmente por um pintor, que quizesse traçar a sua imagem no fundo azul do céu. Aqui e acolá, no meio dos campos, viam-se grandes postes, sustentando os fios do telegrapho que atravessavam o valle tranquillo.

Encostado a um desses postes estava um vulto immovel que de longe parecia um tronco d'arvore secca. Era Rudy : tão silencioso quanto a natureza, elle não dormia e ainda menos estava morto.

Do mesmo modo que o annuncio dos grandes acontecimentos, a noticia da queda dos Imperios atravessavam o fio telegraphico, sem provocar ahi nem movimento nem barulho, energicos pensamentos atravessavam o cerebro de Rudy, sem que, na sua apparencia, nada se pudesse trahir. Aquillo em que estava pensando era a unica cousa, que podia fazer a felicidade da sua vida e ia ser a preocupação de todos os instantes.

Os seus olhos estavam fitos n'um só ponto, n'uma luz, que brilhava atravez da folhagem : era a luz do quarto da casa do moleiro, onde dormia Babette. Pensar-se-



ia, vendo-se a immobilitade e a attenção de Rudy, que elle estava espreitando uma cabra montez ; mas nessa occasião elle era antes a caça do que o caçador : parecia-se com a cabra que, durante muitos minutos, per-

manece na ponta d'um rochedo, sem fazer o menor movimento, como se estivesse esculpida na pedra, até que, de repente, com o menor barulho, dá um salto e desaparece.

Foi precisamente o que fez Rudy. Uma ideia atravessou o seu espirito. Tomou rapida resolução e disse consigo : « Vae, entra com coragem no moinho. Bôa tarde, moleiro ; bôa tarde, senhora Babette ; não é cousa muito terrivel de dizer-se ! Não se cae quando se tem a convicção de não cair. É, todavia, necessario que Babette me veja, se devo ser seu marido ».

Cheio de coragem, poz-se a caminho. Sabia distinctamente o que queria : queria Babette.

Acompanhando o rio, cujas aguas amarelladas corriam com estrondo, tomou o caminho, orlado de salgueiros, cujos galhos mergulhavam n'agua e chegou á casa do moleiro.

Mas aconteceu como na velha canção : « Todos tinham sahido, só o gato tinha ficado em casa ».

O gato estava, com effeito, nos degrãos da escada, diante da porta ; repimpou-se todo, dando o seu : *Miaou*. Rudy não comprehendia mais a linguagem dos animaes. Bateu ; ninguem respondeu nem veio abrir a porta. O gato continuou com o seu *miaou, miaou*. Em outro tempo Rudy teria comprehendido que isso queria dizer : « Ninguem está em casa ». Hoje foi necessario ir ao moinho para saber o que se passava. Alli soube que o moleiro tinha partido para uma viagem bem longe, em Interlaken, e que Babette tinha ido com elle. Foram ver as festas do tiro, que deviam começar no dia seguinte e durar oito dias.

Os atiradores de todos os cantões allemães estavam alli reunidos.

Pobre Rudy ! não escolheste bem o momento para ir a Bex, só te restava voltar.



Foi o que elle fez como rapaz prudente. Andou toda a noute e chegou finalmente á casa. Mas vejam só! Não estava afflicto nem aborrecido. No dia seguinte mostrava o mesmo bom humor da vespera.

« Babette, pensava elle, está em Interlaken, a muitos dias de marcha d'aqui, sim, mas isso é se vae-se pelo grande caminho; mas se se tomar os caminhos

atravez da montanha, chegar-se-ha muito mais depressa. É justamente caminho necessario a um caçador de cabra montez. Já o percorri uma vez quando, pequenino, vim para aqui, tendo deixado meu avô. Ah! ha festa de tiro em Interlaken. Pois bem serei eu ahi o bravo e valoroso e o serei tambem no coração de Babette, quando tivermos travado conhecimento.

Tomou o seu sacco de viagem com as suas roupas de domingo, a sua espingarda e a sua bolsa de caça. Subiu a montanha e partiu pelo caminho mais curto, que, ainda assim, era bem longo.

A festa começava nesse mesmo dia e devia durar uma semana. O moleiro, ao que lhe disseram, ficaria esses oito dias em casa de parentes, que tinha em Interlaken. Não havia, pois, tempo perdido.

Rudy passou o Gemmi para ir a Grindelwald. Caminhava expedito e alegre; o ar puro e vivo dos Alpes dava-lhe forças. Via o valle abaixar atrás de si cada vez mais e o horizonte estender-se na sua frente: aqui e acolá picos e montes diversos, cobertos de neve; teve finalmente diante de si toda a cadeia dos altos montes dos Alpes, toda ella de uma alvura resplandesciente. Conhecia todos os picos, dirigiu-se para o lado do de Schreckhorn, que aponta para o céu o seu dedo gigantesco, salpicado de neve.

Atravessou os pontos culminantes do caminho e approximou-se dos pastos do valle, onde se passára a sua infancia. O ar estava agradável, como agradaveis eram os seus pensamentos. Montanhas e valles resplandesciam de verdura e de flôres. O coração de Rudy sentia todos os enlevos da mocidade; vozes internas lhe

diziam : « Nunca se envelhece. Goza alegremente da vida. Sê livre como o passaro nos ares. Vôa para onde te chama o prazer. »

Tornou a ver as suas queridas andorinhas, que cantavam sempre : « *Vi og i og i og vi* ». Tudo era alegria e animação.

Ao longe estendia-se o campo como um tapete de veludo verde. Aqui e acolá chalets de um aspecto carregado. Ouvia-se o susurro estridente das aguas da Lutschine. Rudy tornou a ver os geleiros, com os seus montões de gelo da côr da esmeralda, as suas fendas escancaradas. Os sinos da capella repicavam como se repicassem para festejar o seu regresso. O seu coração batia : o rapaz estava todo entregue ás dôces recordações da sua infancia. Por alguns instantes a imagem de Babette desapareceu do seu espirito. Passava pelo mesmo caminho, onde, quando pequenino, offerecêra aos viajantes as miniaturas de chalets esculpidos por seu avô. Pobre vô-vô ! Via-se a sua casinha, nas alturas, entre os pinheiros ; outros a habitavam.

Creanças vieram ao seu encontro offerecendo-lhe as suas teteias. Uma d'ellas apresentou-lhe uma rosa dos Alpes. Tomou-a por ser de bom agouro ; estava de novo pensando em Babette.

Tornou a descer rapidamente, atravessou a ponte no confluyente das duas Lutschine. Tinha deixado a região dos pinheiros. Por toda a parte arvores fructíferas ; o caminho estava bordado de nogueiras copadas. Avistou afinal bandeiras, que o vento desfraldava : cruz branca sobre fundo vermelho, as côres dos Suissos, como as dos Dinamarquezes. Interlaken estava diante d'elle

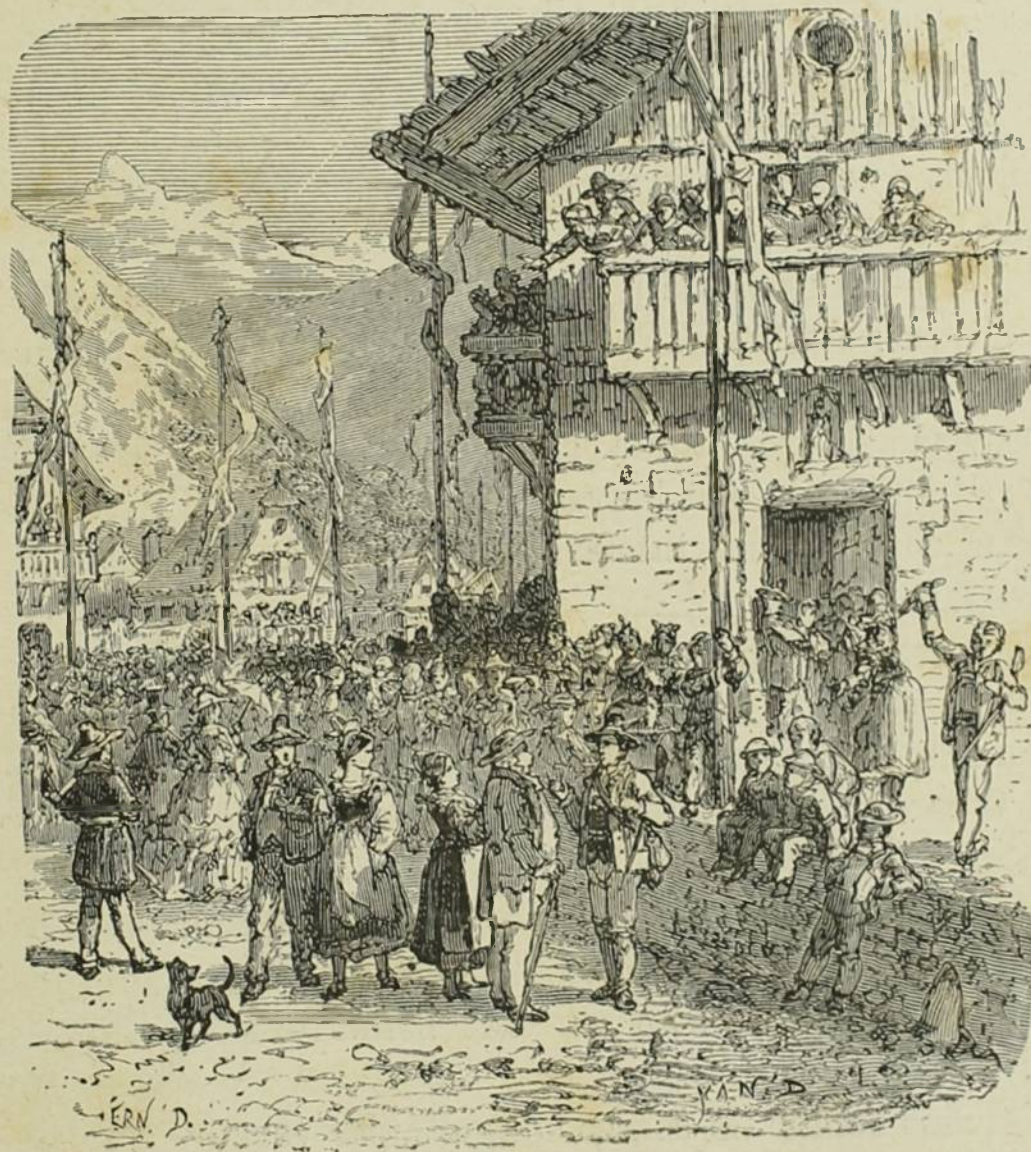
Pareceu-lhe uma cidade soberba como nenhuma outra no mundo. Estava ornada para a festa. Não se viam mais multidões de cousas pretas, pesadas, massiças e solemnes. Eram chalets alegres, dispostos caprichosamente. Uma dupla fila dos mais bellos formava uma rua ; eram todos construidos de fresco : na ultima vez que Rudy esteve em Interlaken elles ainda não existiam.

Cada uma d'essas bellas casas tinha um balcão, que dava a volta dos quatro lados. A madeira era esculpida, talhada e recortada graciosamente. Dava-se o mesmo com o contorno das janellas e com a borda do telhado que dava para o pequeno jardim, todo florido, que separava o chalet da rua. Detrás estendiam-se vastos prados verdejantes onde pastavam rebanhos de vaccas, cujas campainhas ouviam-se ao longe. O valle estava fechado de todos os lados entre altas montanhas, com excepção do meio, que estava aberto e que deixava ver no horizonte a Jungfrau, a rainha dos Alpes, em todo o seu esplendor.

Que multidão de homens e de mulheres de todos os paizes! Que bellas toilettes! E esse povo de Suissos dos differentes cantões, com os costumes tão pittorescos quão variados, que bello quadro! As casas estavam embandeiradas de alto abaixo, ornadas de emblemas e de inscrições alegres. Que animação havia no paiz! Por toda a parte musica, cantos, realejos, bandos de musicos ambulantes. Accrescente-se a isso os gritos de alegria, os hurrahs de pessoas que chamavam umas ás outras na multidão.

No meio de todo esse barulho ouvia-se o tiro regular

das espingardas. Essa era, para os ouvidos de Rudy, a mais agradável de todas as musicas. Ella lhe fez



esquecer Babette; e era, todavia, por causa d'ella, que elle tinha vindo.

Os atiradores estavam reunidos perto dos alvos, cada um com uma corôa de folhas de carvalho em volta do chapéu e o numero de ordem no centro. Rudy metteu-se

logo no meio d'elles. Era o mais habil, o mais feliz; não falhava o alvo uma só vez.

« Quem é esse joven caçador estrangeiro? » perguntavam todos. « Elle falla francez, parece ser do cantão de Valais », diziam uns.

« Falla tambem muito bem o nosso allemão, diziam outros e accrescentavam : Dizem que elle habitou na sua infancia o paiz, em Grindelwald. »

Quanta vida havia n'esse rapaz! os seus olhos scintillavam; o seu olhar era tão seguro quão firme o seu braço. A felicidade dá coragem, e Rudy tinha grande provisão d'essa ultima. Não tardou em ficar cercado de admiradores. Era louvado em voz alta. Babette tinha, com effeito, quasi inteiramente desaparecido do seu pensamento.

De repente mão pesada bateu-lhe no hombro e Rudy ouviu então a voz rude de um homem, que lhe disse em francez ; « Sois do cantão de Valais, não é assim? »

O rapaz virou-se e viu um homem gordo, de rosto alegre : era o rico moleiro de Bex. Com o volume do seu corpo occultava a gentil Babette, que teve, porém, o cuidado de sahir d'essa sombra e de apparecer diante de Rudy, olhando-o com os seus bellos olhos pretos e vivos.

O rico camponio estava contente por ver que um caçador do seu paiz era o melhor atirador e alcançava os melhores premios. Triumphava como se lhe coubesse uma parte da honra.

Decididamente Rudy era um menino querido da fortuna. Aquelles que o tinham feito ir a Interlaken e que ja havia quasi esquecido, vinham em pessoa procu-

ral-o. Travou-se entre os trez conversação cordial. Rudy era, na verdade, o heróe da festa. Em Bex o moleiro era o homem mais considerado pelo seu dinheiro e pelo seu bello moinho. Os dous homens apertáram reciprocamente a mão. Babette tambem estendeu a sua a Rudy, que a apertou, olhando de tal modo para a moça que esta ficou corada e confusa.

O moleiro contou a grande viagem que tinha feito com sua filha; fallou das grandes cidades, que tinham visto. Viajáram em diligencia, em caminho de ferro e em navio a vapor.

« Eu tomei caminho mais curto, disse Rudy; passei por cima dos montes: não os ha tão altos, que não se possa subir quando se quer. »

— Mas póde-se tambem quebrar a cabeça ou uma perna disse o moleiro; eo Sñr parece-me homem exposto a isso por ser temerario. »

— « Não se cae, quando não se pensa em cahir », retorquiou Rudy.

Os parentes do moleiro, que lhe deram hospitalidade, eram do mesmo cantão de Valais; pediram a Rudy que entrasse na sua casa e se sentasse á sua meza. Esse convite agradou particularmente a Rudy. A fortuna favorecia-o como faz sempre para os que confiam em si-mesmos e dizem: « Deus nos deu nozes mas não é elle quem as abre para nós. » Rudy sentou-se como se fosse da familia. Beberam á sua saúde, em homenagem ás suas proezas; Babette tambem tocou o seu copo no d'elle. Rudy sentia-se inteiramente feliz. Á tarde todos foram passear na avenida, debaixo das grandes nogueiras, diante dos grandes edificios. A multidão era tal que

Rudy offereceu o seu braço a Babette, que o aceitou. A sua alegria não tinha limite e, para poder francamente manifestar-se, disse que estava de tão bom humor porque tinha encontrado muitos dos seus melhores camaradas. Tinha o aspecto tão ingenuo, tão completamente satisfeito que Babette julgou dever apertar-lhe a mão para felicitá-lo.

Caminhavam os dous como se fossem conhecidos antigos. Ella estava alegre e divertida. Encantava Rudy quando fazia-lhe observar a exageração e o ridiculo das « toilettes » das grandes damas estrangeiras e imitava os seus modos affectados de andar. « E, todavia, não devemos nos rirmos muito d'ellas, pois são creaturas excellentes, bem amaveis e generosas. » Ella contou que sua madrinha era uma grande dama ingleza, que estava em Bex havia dezoito annos passados, quando Babette nasceu. Fôra ella quem dera o bello broche de ouro, que Babette trazia comsigo. Duas vezes a madrinha lhe escrevera e devia vel-a n'esse anno em Interlaken, com suas filhas, — filhas já velhas, dizia Babette. Tinham apenas trinta annos as filhas da madrinha, mas Babette só tinha dezoito !

E aquella boquinha não parava um só instante e tudo o que ella tagarellava parecia ser cousa da maior importancia para Rudy.

Chegou por fim a vez de Rudy de dizer o que elle tinha que dizer : quantas vezes estivera elle em Bex, como conhecia bem o moinho ; quantas vezes vira Babette que, naturalmente, não o tinha notado ; como elle viera ultimamente á sua casa com uma multidão de pensamentos, que devia calar. Soube enfim que o

moleiro e sua filha tinham partido para longe, mas não de modo que não pudesse ir ter com elles saltando por cima dos Alpes.

Rudy disse-lhe tudo isso e muitas cousas ainda. Descreveu-lhe o encanto em que se via por achar-se ao lado d'ella, pois fora exclusivamente por causa d'ella que viera a Interlaken e não por causa da festa.

Babette ficou silenciosa. A confidencia foi talvez além do que ella podia comprehender. O sol deitava-se na occasião em que os dous assim conversavam e desapareceu detraz das altas montanhas. A « Jungfrau » estava resplandescente no meio de um céu de purpura; ao lado d'ella estavam como que espontados os cimos verdejantes. Todos paravam para admirar esse espectáculo.

« Em parte nenhuma do mundo vê-se semelhante maravilha » disse Babette, olhando para esse quadro da natureza.

« Em parte nenhuma », respondeu Rudy, não tirando os olhos da rapariga.

« E amanhã deverei partir », acerescentou elle suspirando.

« Venha ver-nos em Bex, murmurou Babette; a sua visita agradará a meu pae. »



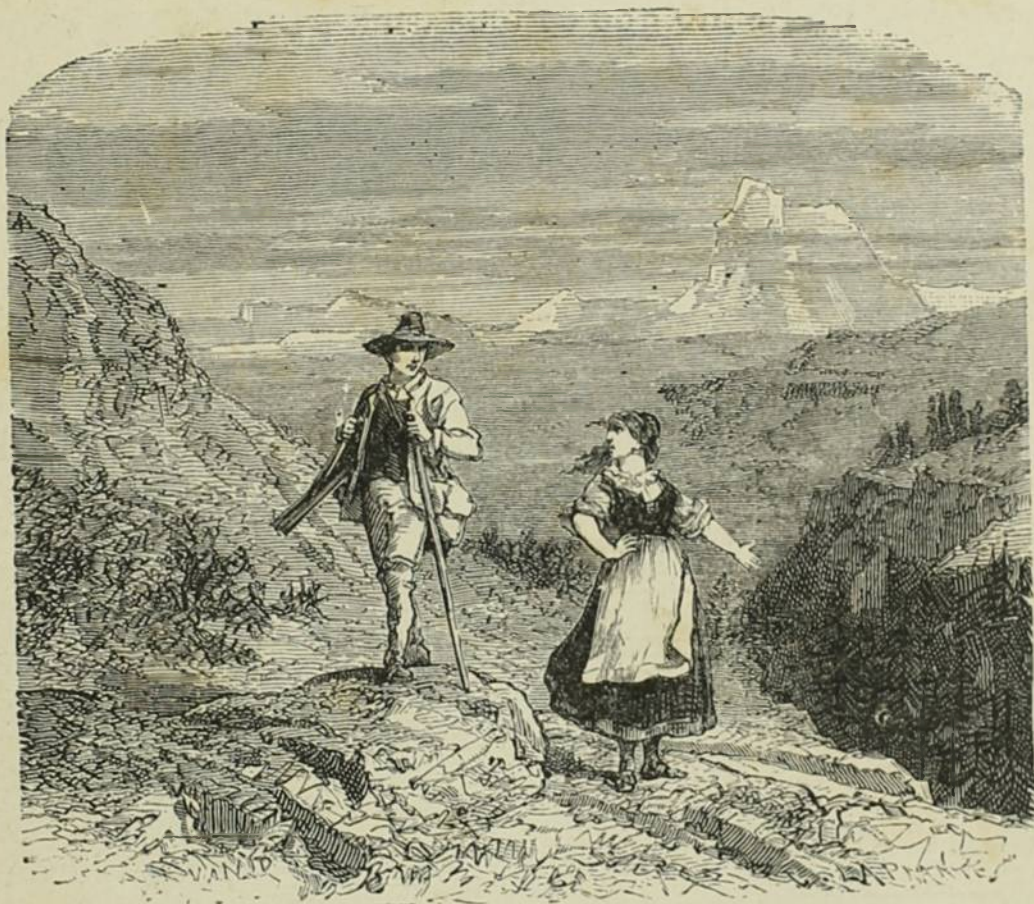
A VOLTA

Quantas cousas tinha Rudy para levar comsigo quando, no dia seguinte, tomou o caminho das altas montanhas ! Recebêra como premios trez taças de prata, duas excellentes espingardas e um serviço de prata. Essas riquezas nada eram para elle, comparadas com as ultimas palavras de Babette. N'ellas pensava continuamente ; pareciam dar-lhe azas para transpôr as alturas escarpadas.

O tempo estava carregado, o frio humido, o céu escuro. As nuvens corriam baixo, estendendo um véu de luto nos cimos das montanhas e occultando os picos cobertos de neve. Não havia o menor rumor de alegria, nem o canto dos passaros, nem o tinido das campainhas. Ouviam-se as pancadas regulares da machadinha dos lenhadores e o barulho que faziam os pinheiros, rolando pela montanha abaixo, o ronco surdo e monotonico do Lutschine e o assobio lastimoso do vento.

De repente uma rapariga appareceu ao lado do caça-

dor. Elle não a vira chegar. Ella subia tambem a montanha. Os seus olhos tinham uma fascinação singular, e attrahiam o olhar do transeunte; eram claros como o crystal e estranhos.



« Tens um apaixonado? » perguntou-lhe Rudy, que estava com a cabeça toda cheia de Babette e não pensava senão no amor.

« Não tenho » respondeu ella rindo-se, como alguém que não estava dizendo a verdade.

« Mas não demos esta volta, passemos para a esquerda, é mais curto ».

— Sim, para cahirmos no precipicio, disse elle; tu não conheces melhor o caminho e queres guiar os outros ?

— Conheço perfeitamente o caminho, que devo tomar, replicou ella. Sou senhora dos meus pensamentos, enquanto que os teus estão ainda lá em baixo no valle. Aqui é preciso pensar na Virgem dos Gelos. Os homens pretendem que ella lhes é funesta.

— Não tenho medo d'ella, replicou Rudy. Já uma vez ella teve de deixar-me, quando eu era pequenino. Hoje, que sou homem, saberei evital-a ».

A escuridão augmentou, a chuva cahia; vieram depois rajadas de neve, que, por momentos, pareciam cegar o caçador.

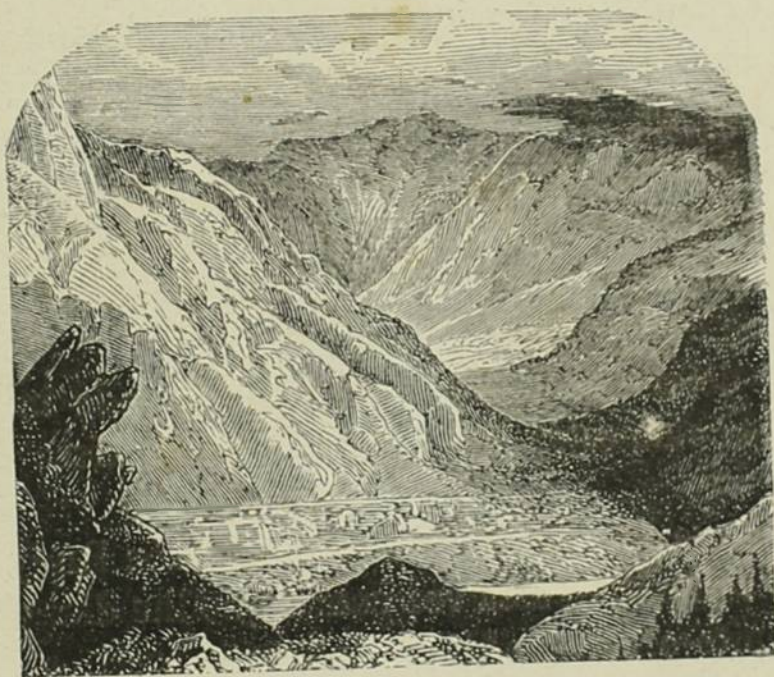
— Dá-me a tua mão, dizia a rapariga; eu te ajudarei a subir. »

— Tu queres ajudar-me! respondeu Rudy; Obrigado, ainda não preciso do auxilio de uma mulher para transpôr os rochedos. »

. Apartando-se da sua companheira, elle caminhou mais depressa. Foi sorprendido por uma tempestade de neve, acompanhada de vento rijo. Atraz de si Rudy ouviu a rapariga rir e cantar cousas estranhas. Era, pensou elle, alguma mystificação da Virgem dos Gelos: achava-se justamente junto do lugar onde sua pobre mãe cahira com elle em poder d'essa Virgem cruel.

A neve diminuiu emfim. Olhando para traz, não viu mais ninguem; mas ouvia a distancia risadas e canticos, que não pareciam proceder de voz humana. Quando

chegou ao alto da montanha e tomou o caminho, que desce para o valle do Rhodano, viu, do lado do Monte Branco, duas bellas estrellas, que brilhavam no azul do céu. Pensou nos bellos olhos de Babette e na sua felicidade, e essas ideias confortativas fizeram-o esquecer-se do cansaço e do frio que soffrêra.



A VISITA AO MOINHO

« Que bonitas cousas tu trazes? » exclamou a velha tia; « são cousas como se veem em casa dos grandes senhores! »

Os seus olhos de aguia brilharam, olhando para os objectos de prata. Estava devéras commovida.

« A fortuna protege-te, Rudy, accrescentou ella. Deixa-me que te beije, meu filho. »

Rudy deixou-se beijar, sem ligar grande interesse.

« Mas como estás bello, meu rapaz! » disse ainda a velha.

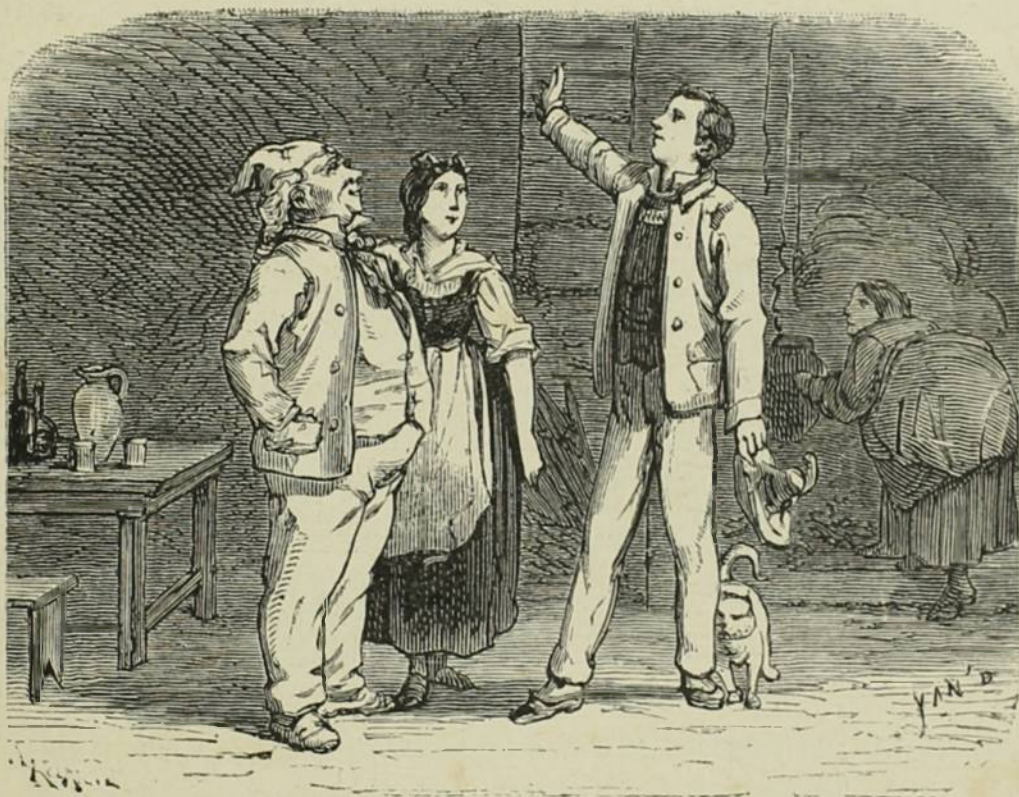
« Não me dê d'essas ideias » respondeu Rudy, rindo-se, mas contente d'esta vez com o que lhe dissera a tia.

« Repito-o, disse a tia, a fortuna te sorri. »

« Acredito quanto a isso » respondeu Rudy que pensava em Babette. O rapaz estava impaciente por descer ao valle.

« Já devem estar de volta », disse elle comsigo algum tempo depois « já se passaram dous dias depois « d'aquelle que elles tinham marcado para a volta. Não posso mais esperar. Vou a Bex. »

Para alli dirigiu-se e encontrou de volta o moleiro e sua filha. Foi muito bem acolhido. Recebeu felicitações da parte dos parentes de Interlaken. Contra o seu costume Babette pouco conversou, mas os seus olhos fallavam e isso bastava a Rudy. Ordinariamente o moleiro gostava de tagarellar. Estava habituado a



provocar gargalhadas com os seus trocadilhos e jogo de palavras, Não fosse elle o rico moleiro? Mas d'esta vez elle preferiu ouvir as historias de caça de Rudy. Este contou-lhe as luctas, os perigos que correm os caçadores de cabras montezes nos picos dos Alpes, quando são obrigados a escorregar no parapeito de neve, que o gelo deixou collado no rochedo, ou a

atravessar um precipicio sobre um pinheiro cambaleante, que a tempestade atirou entre dous rochedos.

Rudy animava-se fazendo essa narraçãõ. A sua physionomia tinha uma expressãõ de intrepidez; os seus olhos pareciam encher-se de chammas quando fallava da vida do caçador, das espertezas da cabra montez, dos seus saltos perigosos, das terriveis tempestades de neve ou do furacãõ, o Foehn, que derruba tudo o que encontra na sua passagem. Rudy comprehendeu que se insinuava cada vez mais no espirito do moleiro com todas essas descripções. O moleiro gostava principalmente quando lhe fallavam nas aguias e nos abutres.

« Não longe d'aqui, no Valais, continuou Rudy, ha um ninho d'aguia, feito muito adestradamente n'um rochedo em ponta. Lá está uma pequena aguia; mas é impossivel apanhal-a. Um inglez offereceu-me ha dias um punhado de ouro se eu lhe apanhasse e lhe desse vivo o passaro; mas tudo tem limites: seria loucura tentar essa empreza. »

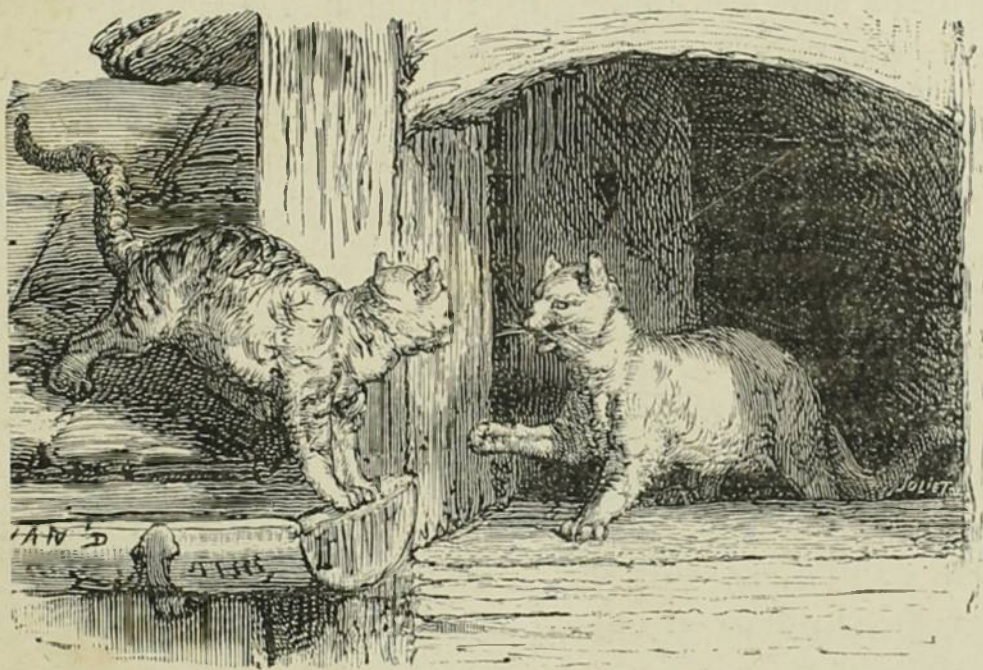
N'esse interim o vinho corria como corriam as palavras do caçador. Meia noute bateu quando elle deixou a casa e achava que ainda era cedo para partir. Olhou para atraz até que pudesse avistar luz atravez da folhagem.

Poucos momentos depois o gato do salão foi ao telhado pela trapeira e encontrou-se com o gato da cozinha, que passára pela gotteira.

« Sabes da noticia? » disse o primeiro « ficaram noivos secretamente. O pae de nada sabe. Rudy e Babette deram a mão debaixo da meza. Trez vezes elle poz o pé nas minhas patas de frente, mas eu não miei para não chamar a attenção. »

— « Eu não me teria sacrificado a esse ponto, » disse o segundo.

— « O que é permittido na cozinha, retorquiu o primeiro, não é conveniente no salão. É preciso conhecer-se a gente com a qual se lida. Eu desejaria saber o que dirá o moleiro quando souber da cousa. »



Era justamente o que Rudy também desejava conhecer.

Quanto a ficar muito tempo á espera era bom nem pensar nisso. Poucos dias depois, na pezada diligencia que ia de Sion a Bex, passava, pela ponte do Rhodano, o bello Rudy, cheio de coragem como sempre, e jubilando de antemão pelo consentimento que o moleiro ia dar-lhe n'essa mesma tarde.

N'essa mesma tarde a diligencia tomou o caminho de

Sione Rudy tambem era do numero dos viajantes ; n'esse interim o gato do salão corria ligeirissimo á procura do seu companheiro para dar-lhe noticias.

« Escuta, disse-lhe elle. O moleiro sabe de tudo. Rudy veiu ha pouco. Elle e Babette estiveram cochichando durante muito tempo no corredor, diante do quarto do pae. De vez em quando eu mettia-me por entre os seus pés, mas qual ! elles estavam preoccupados e não pensavam em fazer-me carinhos.

« Eu vou já — disse Rudy — ter com teu pae ; é d'esse modo que deve proceder um homem honrado. »

— Queres que eu vá contigo ? disse Babette. « A minha presença te dará coragem. »

— Não me falta coragem, retorquiu Rudy ; vem, todavia comigo ; na tua presença teu pae será amavel e dará ou não o seu consentimento. »

« Entraram. Rudy n'essa occasião pisou-me forte na cauda. Entre nós digo-te que acho muito desastrado esse camponio. Puz-me a miar, mas, nem elle nem Babette tinham ouvidos para ouvir-me. Abriram a porta e entraram os dous, eu na frente. Pulo para uma cadeira, não querendo mais expor-me a ser pisado e não sabendo como Rudy ia sahir do negocio. Mas foi o moleiro que deu por paus e por pedras ? Batia ; furioso, com o pé no soalho e dizia : « Vae-te d'aqui, volta para as tuas montanhas, para as tuas cabras montezes ! »

— Elle tem razão ; Rudy póde caçar a vontade as cabras, mas não a nossa Babette. »

— « Mas emfim o que disseram elles ? » perguntou o gato da cozinha.

— « O que elles disseram ? O que se em o costume

de dizer, quando se pede a mão de uma rapariga : Eu amo-a, ella me ama; quando ha leite para um, ha tambem para dous, etc. etc. — « A minha filha está em outra posição que não a tua, respondeu o nosso patrão.

« Como pensas tu attingir á cadeira de ouro, em que ella está sentada?

— « Nada é tão alto, a que não se possa attingir, quando se quer.

— « É devéras teimoso esse rapaz... » todavia, disse o moleiro, não pudeste no outro dia apanhar a pequena aguia e Babette ainda está mais altamente collocada do que ella. »

— « Eu as terei ambas ».

— « Pois bem! eu dou-te Babette, se me trouxeres viva a aguia. » E o moleiro poz-se a rir como uma creança. « Á espera, Rudy, obrigado pela tua visita; se voltares amanhã, ninguem estará em casa. Boa viagem, Rudy. »

Babette tambem disse adeus ao seu Rudy, com um ar lamurioso.

« A palavra é a palavra, retorqui Rudy, um homem não se desdiz. Não chores Babette eu te trarei a aguia ».

« Eu espero que quebrarás a cabeça e que levarás a breca, disse o moleiro, e ficaremos assim livres de ti. »

« Foi o que se chama pôr alguém a ponta-pés pela porta fóra, concluiu o gato do salão. Rudy partiu. Babette não sae da sua cadeira e chora constantemente. O moleiro canta uma canção allemã, que

aprendeu durante a viagem. Eu vejo tudo isso sem me incomodar. E de que serviria incomodarme? »

— « Isso te occuparia, pelo menos, disse o gato da cozinha, enquanto fazes de preguiçoso, estendido em boa cadeira. »



VII

O NINHO DA AGUIA

Ouvia-se na montanha uma voz retumbante cantar aria alegre; devia ser alguém de bom humor e cheio de coragem : era Rudy.

Foi ter com o seu amigo Vesinand.

« Quero que me ajudes, lhe disse elle, e contigo, Ragli, a apanhar a aguia, cujo ninho está na ponta d'aquelle rochedo. »

— « Não quererás antes ir arrancar os olhos á lua? » replicou o seu camarada. « És com effeito bom gracejador. »

— « Sou um homem alegre, não ha duvida, principalmente depois que penso em casar-me, mas, seriamente, preciso d' aquella aguia e eis porque. »

E contou aos seus amigos o que se passava.

« És um rapagão muito temerario, — disseram elles — o que queres fazer é cousa impossivel; levarás a breca. »

— « Não se cae disse Rudy, quando não se quer cahir. »

Cerca de meio-dia, puzeram-se os trez a caminho, com páus enormes, escadas e cordas; atravessaram bosques e passaram de rochedo a rochedo. Subiram, subiram até que cahisse a noute. Ouvia-se o barulho da catadupa no valle e das cascatas na montanha. Os trez caçadores approximaram-se do rochedo a pique onde se achava o ninho.

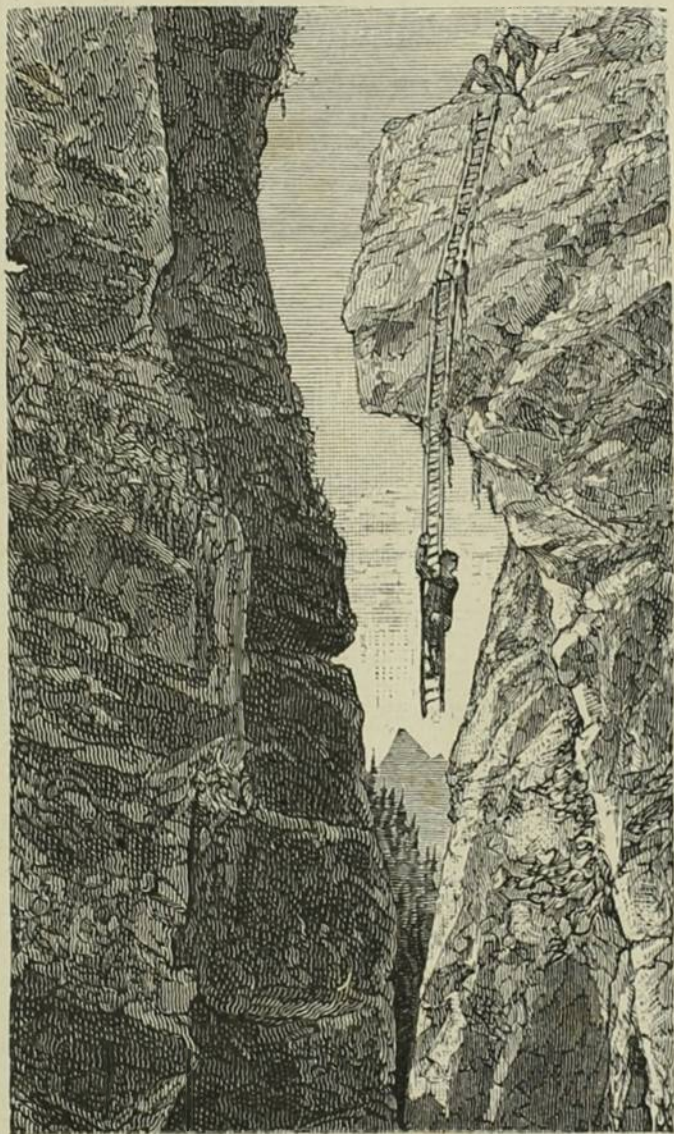
A noute estava escura, o céu coberto de nuvens. Metteram-se n'uma cavidade entre as duas paredes do rochedo. Apenas recebiam um filete de luz.

Finalmente, depois de muito trabalho, paráram á beira de um precipicio, no fundo do qual estrondeava uma cataracta. Estavam todos trez silenciosos. Esperaram que o dia nascesse : era n'essa occasião que a mãe da pequena aguia deixava o ninho para ir á caça. Era necesssario matal-a antes de pensar em apanhar a filha. Rudy poz-se immovel de encontro ao rochedo, com um joelho em terra; tinha a sua espingarda apontada para a cavidade do rochedo, onde se achava o ninho; os seus olhos não cessavam de fitar esse ponto.

Os caçadores esperaram muito tempo. Por fim um grito estridente, um assobio agudo fez-se ouvir acima d'elles. O pouco de luz, que recebiam do alto, foi escurecido por um objecto, que voara. Era a aguia, que ia á procura de alimento para a filha. Um tiro foi disparado. As grandes azas do passaro bateram por momentos convulsivamente ficando depois immoveis.

O passaro, ferido mortalmente, descia devagar, como que seguro por um para-quedas, no precipicio: ouvia-se o barulho dos galhos de arvore que quebrava na sua queda.

Puzeram-se então alertamente á obra. Ligaram as trez longas escadas, pensando que ellas iriam até ao alto. Fixaram-as na extremidade da reborda, a alguns



passos do precipicio, em lugar onde o pé pudesse ainda apoiar-se com segurança. Mas ellas não chegavam até ao alto. Do lugar até onde iam ao ninho, o rochedo era liso como a parede. O que fazer? Depois de terem

reflectido e discutido, os caçadores resolveram amarrar juntas mais duas escadas e ir, por cima do rochedo, unil-as ás trez outras. Levaram-as ao pico com muita difficuldade e amarraram-as fortemente com cordas grossas. Eil-os balouçando-se em cima do precipicio, ao lado do rochedo que abrigava o ninho. Rudy desceu lentamente e pouco depois achava-se no ultimo degráu. A manhã estava fria, glacial; do negro abysmo sahiam camadas de nevoeiro intenso. Rudy parecia uma mosca, balouçando-se n'um fio de palha, agitada pelo vento; ou um passaro, que fazia o seu ninho, á beira de uma alta chaminé; mas a mosca e o passaro podem voar e Rudy não podia senão quebrar a cabeça.

O vento augmentava e punha as escadas em oscillação. No fundo do precipicio, como que para atordoar o rapaz, resoava o estrondo sinistro das aguas, que banhavam os palacios subterraneos da Virgem dos Gelos.

Sem se perturbar Rudy deu ás duas escadas um movimento de vae e vem. Imitava a aranha, que, suspensa na extremidade deum fio longo, balança-se antes de pular sobre o inimigo. Na terceira oscillação, apanhou a extremidade das escadas fixas na parte baixa, e, com mão robusta e firme, ligou-as ás duas outras.

Eil-as pois ligadas todas as cinco, ajustadas de encontro ao rochedo, mas não parecendo mais solidas do que a vara, que dobra com o vento.

Restava cumprir a parte mais perigosa da empreza : era necessario trepar nos degráus e sentir-se bambaleiar por cima de um abysmo de muitos milhares de pés de

profundidade. Mas Rudy não se esquecêra das lições do gato, seu primeiro mestre. A vertigem, que adejava nos ares atrás d'elle, em vão estendeu os braços, como um polypo, para agarral-o. Rudy nem sequer sentiu a sua presença. Chegou ao alto da escada, perto do ninho. Poude avistal-o e quasi tocou-o com a mão e nada mais.

Sem hesitar apalpou os galhos dos arbustos espessos, que formam o ninho da aguia. Achou um resistente e solido : agarrou-se a elle e atirou-se no espaço. Eil-o com a metade do corpo mettida na cavidade do rochedo.

Um cheiro nauseabundo de animaes mortos parecia suffocal-o. Eram restos apodrecidos de cordeiros, cabras e passaros de toda a especie. A vertigem atirava-lhe essa fedentina para atordoal-o. No fundo do abysmo, a Virgem dos Gelos em pessoa fitava sobre elle os seus olhos ardentes. Parecia a antiga cabeça de Medusa. « Estás seguro », disse ella com uma alegria feroz.

Rudy não a via. Avistou no fundo do ninho a filha da aguia, que já era forte e terrivel, embora não soubesse ainda voar. Rudy, fitanda-a, agarrou-se com uma das mãos ao galho, com a outra atirou sobre animal um laço que preparára. A corda enrolou-se nas patas da aguia. Rudy puxou depois o laço e atirou por cima dos hombros a corda e o animal, de modo que o joven passaro estava separado d'elle por um bom pedaço de corda, que amarrou em volta do corpo. Em seguida agarrando o galho com as duas mãos tanto fez que os seus pés encontráram a escada, á qual se segurou com um movimento firme e brusco. « Segura-te e se não

pensares em cair não cairás ». Era o que o gato lhe tinha ensinado; lembrou-se d'isso, não deixou-se atordoar e desceu sem receio.

Ouvi-se então um canto de victoria entoado por voz forte e alegre. Rudy estava de volta ao rochedo com a aguia segura e bem viva.



VIII

O QUE CONTA O GATO DO SALÃO

« Eis o que desejaes », disse Rudy, ao entrar em casa do moleiro de Bex e pondo no chão um grande cesto. Descobriu-o, deixando logo á vista dous brilhantes olhos amarellos com um circulo preto, que pareciam atirar chammas. Era um olhar feroz, cheio de furor mortal. O bico do animal estava aberto, prompto a dar um golpe terrivel. No pescoço as suas veias estavam inchadas de sangue agitado pela raiva.

« A pequena aguia ! » exclamou o moleiro. Babette deu um grito e, na sua emoção, deu um pulo para o lado. Fitava os seus olhos ora sobre a aguia, ora sobre Rudy.

« És um valente, que não sabe o que é o medo », disse o moleiro.

— E vós sois um homem conhecido por não ter senão uma palavra — respondeu Rudy ; cada qual tem o seu character.

— Mas como foi que não quebraste a cabeça, as pernas, os braços ? replicou o moleiro.

— « Agarrei-me com vontade, disse o rapaz, como tenho agora segura Babette. »

« Antes é preciso que t' a deixem agarrar », disse o moleiro. Mas ria-se ao mesmo tempo, o que era de bom agouro. Babette bem o sabia.

— « Tiremos, continuou elle, o animal d'esse cesto ; incommoda-me vel-o tão cheio de colera. Como foi que o agarraste ? »

Rudy contou todos os pormenores da sua expedição. O moleiro ouvia com attenção, fitando o rapaz com olhos cada vez mais admirados.

— « Com tal coragem e tal felicidade, disse elle, poderás sustentar trez mulheres. »

— Obrigado pelo elogio, respondeu Rudy ; tomo nota d'elle.

— « Oh ! bem sei o que tu queres, mas tu ainda não tens Babette », disse o moleiro, batendo familiarmente no hombro do joven caçador.

« Adivinha tu só o que acaba de se passar, disse o gato do salão. Rudy trouxe a pequena guia e trocou-a por Babette. Os dous beijáram-se na presença do pae, como se fossem noivos. O velho não bateu mais com o pé ; esteve manso como um cordeiro. Foi fazer o seu somno habitual da tarde e deixou o casal conversando. Elles teem tanta cousa a dizer, um ao outro, que creio não terão acabado no dia de Natal. »

Com effeito Natal chegou ; Rudy e Babette conversavam sempre horas inteiras.

O vento fazia rodopiar as folhas mortas e os flocos de neve.

A Virgem dos Gelos estava no seu soberbo palacio,

sentada no seu throno, com os seus mais bellos atavios. Dos rochedos pendiam enormes massas de gelo,



grandes como elephantes. Dos pinheiros salpicados de neve estendiam-se grinaldas de crystaes fantasticos, que brilhavam como se fossem immensos collares de diamantes.

A Virgem dos Gelos atirou-se ás azas do vento e estabeleceu o seu dominio até aos valles mais abrigados. Bex estava toda coberta de neve. Ao passar, a Virgem viu, na casa do moleiro, Rudy apertando a mão de Babette. Parou e escutou; ouviu dizerque o casamento se realizaria no verão. Ella ouviu-o não uma vez, mas cem vezes; pois os noivos não fallavam senão n'isso.

O sol tornou a apparecer; e com elle voltou a rosa dos Alpes. Babette estava alegre, risonha, encantadora como a fresca primavera.

« Meu Deus! dizia a gato do salão, como podem essas duas jovens creaturas ficar continuamente sentadas ao lado uma da outra? Os miados eternos d'esses namorados acabariam na verdade por me aborrecer. »



IX

A VIRGEM DOS GELOS

Com a primavera tinha brotado a folhagem espessa e frondosa das bellasruas de castanheiros e de nogueiras, que se estendem da ponte de S. Mauricio até ás margens do lago Lehmann, em toda a extensão do Rhodano. O rio tem alli uma corrente impetuosa ; ferve tanto quanto no lugar de onde sae do vasto geleiro, residencia favorita da Virgem dos Gelos.

Esta deixa-se levar pelos ventos ás maiores alturas dos Alpes, onde senta-se sobre um leito de neve em pleno sol e atira pelos valles os seus olhares penetrantes ; deleita-se em ver os entes humanos, semelhantes a um formigueiro, laboriosamente occupados na base do monte carrancudo.

« As filhas do sol — disse ella com ar de desprezo — vos chamam Intelligencias ! Nada mais sois do que vermezinhos. Uma simples massa de neve basta para vos esmagar e destruir as vossas casas, as vossas aldêas. »

Ergueu altiva a sua cabeça. Os seus olhos que ati-

ram a morte abraçaram o vasto horizonte. No valle ouviam-se saltar as pedras com as explosões de polvora. Machinas rolavam pesadamente. Estavam sendo assen-



tados trilhos de ferro. Abria-se um tunnel nos Alpes.

« Eil-os fazendo o que fazem as toupeiras, disse a Virgem altiva ; fazem trincheiras subterraneas. Com o barulho das minas pulam de medo, e no entretanto não é muito mais forte do que o de um tiro de espingarda. Eu, quando guarneço os meus palacios, faço barulho igual ao da trovoada. »

Do fundo do valle eleva-se uma fumaça branca, que aproxima-se cada vez mais : é o vapor de uma loco-

motiva. Parece immenso pennacho, ornando a cabeça de comprida cobra. O trem, com os seus wagons, passa mais depressa do que uma flecha.

« Elles julgam-se os senhores da terra, retorquiui a Virgem dos Gelos. Estão cheios de orgulho por serem Intelligencias. Mas o poder pertence ás forças da natureza. »

Riu-se quando pronunciou essas palavras. O echo fez-se ouvir ao longe, abalando o ar.

Eis uma massa de neve que rola! » disse a gente do valle.

As Filhas do Céu entoam uma canção, que celebra o espirito do homem : esse espirito domina o mar, desloca as montanhas, enche os precipicios e torna-se senhor das forças da natureza.

Emquanto ellas cantam um trem percorre o espaço á distancia.

A Virgem dos Alpes olha para elle, com ar sarcastico.

« Eis essas Intelligencias ! diz ella ; estão á mercê da força que os arrasta. Á frente o conductor está de pé, altivo como um rei. Os outros vão empilhados nos carros. Quasi todos dormem tranquillamente, tal é a confiança que teem de que o dragão do vapor não os leva á ruina. »

Ella riu-se de novo.

« Eis ainda uma massa de neve ! » disse a gente do valle.

« A cruel Virgem dos Gelos póde fazer o que entender ; ella não nos separará um do outro » diziam Rudy e Babette, que viajavam n'esse mesmo trem.

« E aquelle casal ! exclamou a Virgem. Destruí re-

banhos de cabras montezes, milhares de pinheiros, rochedos mais altos do que as torres de igrejas; como não acabarei tambem com essas pretensas Intelligencias ! Saberei esmagar principalmente esse casal, que ousa affrontar-me. »

Riu-se uma terceira vez.

« Sempre a neve ! o que se passa lá por cima ? » repetia a gente de valle, olhando para a tempestade.



X

A MADRINHA

Em Montreux, perto de Clavens, nas margens encantadas do lago Lemann, residia a madrinha de Babette, a senhora ingleza, com suas filhas e um joven parente. Tinha chegado recentemente da Inglaterra; e já o moleiro tinha ido visital-a, annunciando-lhe o casamento de Babette. O velho fallára-lhe com enthusiasmo de Rudy, da festa do tiro, da pequena aguia. Em resumo, contara-lhe toda a historia d'esse noivado, que tinha vivamente interessado o auditorio. Todos ficaram sympathizando com Babette, com Rudy e até com o moleiro. Os trez foram convidados a passar um dia em Montreux.

Toda essa costa do lago foi cantada pelos poetas. Alli, nas margens d'essas aguas de um azul limpido, Byron costumava sentar-se debaixo das nogueiras, onde escrevia os seus magnificos versos sobre o prisioneiro, outr'ora encerrado no castello tenebroso de Chillon. Um pouco mais longe, nos altos caminhos

umbrosos de Clasens, Jean-Jacques Rousseau dava os seus passeios, pensando em Heloisa.



Mais atrás, a pouca distancia do lugar em que o Rhodano se precipita no lago, acha-se um ilhéu, tão pequeno, que da costa, parece uma barca. Ha cem annos passados era apenas um rochedo. Uma bella

dama d'esse tempo mandou levar para alli grande quantidade de terra e plantou trez acacias, que, com as suas folhas, cobrem hoje todo o ilhéu.

Babette achou esse local encantador. Na sua opinião era o ponto mais bello d'essa paizagem magnifica. « Como se deve viver bem n'este pequeno paraizo ! » dizia ella. Quiz ir a terra mas a barca não parou e deixou os viajantes em Virnex.

Andáram por entre paredes embranquecidas, queimadas pelo sol, que se estendem na direcção das vinhas de Montreux. Diante das choupanas dos camponezes elevam-se massiços de figueiras, de louros e de cyprestes. A casa da madrinha estava situada no meio da costa.

Foram ahi recebidos com a maior cordialidade. A madrinha era uma senhora alta com o ar sorridente e gracioso. Na sua infancia devia ter-se parecido com um anjo de Raphael ; hoje, com os seus cabellos prateados fazia o effeito de uma santa. As suas filhas eram moças esbeltas, elegantes, vestidas á ultima moda. O joven primo estava vestido de branco da cabeça aos pés ; tinha cabellos louros avermelhados e uma longa barba da mesma côr ; desde logo mostrou-se cheio de attentões para com a pequena Babette.

No salão, sobre uma grande meza, achavam-se gravuras, bellos albuns ricamente encadernados, mas ninguem pensava em olhar para elles. As janellas que davam para a varanda estavam abertas, e via-se o magnifico lago em toda a sua extensão. A massa d'agua estava tão tranquillã que as montanhas da Saboia, com as suas aldeias, os seus bosques, os seus cimos

cobertos de neve, alli reflectiam, como se fosse n'um espelho.

Rudy, que sempre era vivo e alegre, sentiu-se pela primeira vez na sua vida fóra do seu elemento. Pizava no chão encerado como sobre ovos! Quanto o aborreciam essas maneiras inglezas, elegantes e compassadas!

Suspirou quando sahiram para passear. Mas novo aborrecimento : andavam tão devagar que elle podia dar trez passos para frente e dous para trás, que não chegaria atrazado.

Foram visitar o velho e tenebroso castello de Chillon, todo elle cercado pelas aguas do lago. Viram a prisão, o apparatus de tortura, o cepo para as execuções, o alçapão, onde os condemnados eram atirados, ao que se diz, sobre espinhos de ferro, no meio da agua. Byron celebrou esses lugares no mundo da poesia ; mas Rudy sentia-se alli quasi tão infeliz quanto se estivesse preso. Encostou-se a uma janella e olhou para o ilhéu solitario, onde foram plantadas as trez acacias. Alli desejava elle estar, longe da sociedade que o importunava, com o palavrorio e os modos dos componios.

Babette, pelo contrario, divertia-se a valer. Ella disse-o a Rudy, na volta, accrescentando que o joven luglez lhe dissera que ella era uma rapariga sem senão.

« E elle é um tolo e presumido », replicou Rudy bruscamente. Era a primeira vez que pronunciava uma palavra, que desagradasse a Babette. O joven *gentleman* lhe tinha dado uma lembrança, um bello volumezinho, o *Prisioneiro de Chillon*, de Byron, traduzido em francez.

» Poderá ser um livro interessante, disse Rudy ; quanto ao pelintra que t' o deu ; não posso supportal-o. »

— « Parece-se, com effeito, com um sacco de farinha sem farinha » disse o moleiro, rindo-se a bom rir da caçoada. Rudy riu-se ainda mais forte e achou que o moleiro tinha muitissimo espirito.



O PRIMO

Quando Rudy, alguns dias depois, foi ao moinho, encontrou se com o joven Inglez. Tinham-o convidado para jantar. Babette preparára as trutas, cobrindo-as de salsa, para que tivessem melhor apparencia.

« Era desnecessario, pensou Rudy...

O que faz aqui esse estranho e porque Babette dá-lhe tanta honra? »

Tinha ciumes. Babette ria-se do seu máu humor. Conhecia as suas excellentes qualidades, e sentia-se satisfeita por conhecer tambem as suas fraquezas. Poz-se a brincar com o coração de Rudy, que era todavia o idolo da sua alma. O amor de Rudy fazia a sua unica felicidade na terra. No entretanto mais o rosto do caçador se contrahia, mais Babette tinha vontade de rir-se. Ella seria capaz de dar um beijo no Inglez de barba vermelha, se estivesse certa que Rudy partiria cheio de raiva, pois d'esse modo teria visto quanto elle a amava!

Esse procedimento de Babette não era o de uma rapa-

riga prudente ; mas ella tinha 19 annos e não reflectia que essas « coquetteries » estavam deslocadas na noiva de Rudy.

O « gentleman » foi-se, mas voltou á tarde passear em volta do moinho. Chegou ao rapido riacho, que fazia a roda gyrar. Vendo na sua frente uma luz que brilhava no quarto de Babette, caminhou n'essa direcção. Saltou o riacho e quasi cahiu dentro d'agua : levantou-se todo molhado e sujo. Continuou o seu caminho e chegou a um velho pé de tilia, perto das janellas de Babette. Não sabia trepar como Rudy n'uma arvore, mas sempre se arranjou e encostou-se a um galho. Poz-se a cantar uma canção de amor. Julgava a sua voz melodiosa como a do rouxinol, quando não era mais agradavel do que a da coruja.

Babette ouviu-o e levantou a cortina da janella para ver quem era. Viu no galho da arvore um homem vestido de branco. Suspeitou que fosse o seu admirador, o joven inglez. Estremeceu de medo e de colera, apagou a vela e fechou violentamente a janella, deixando o louco no seu gorgeio.

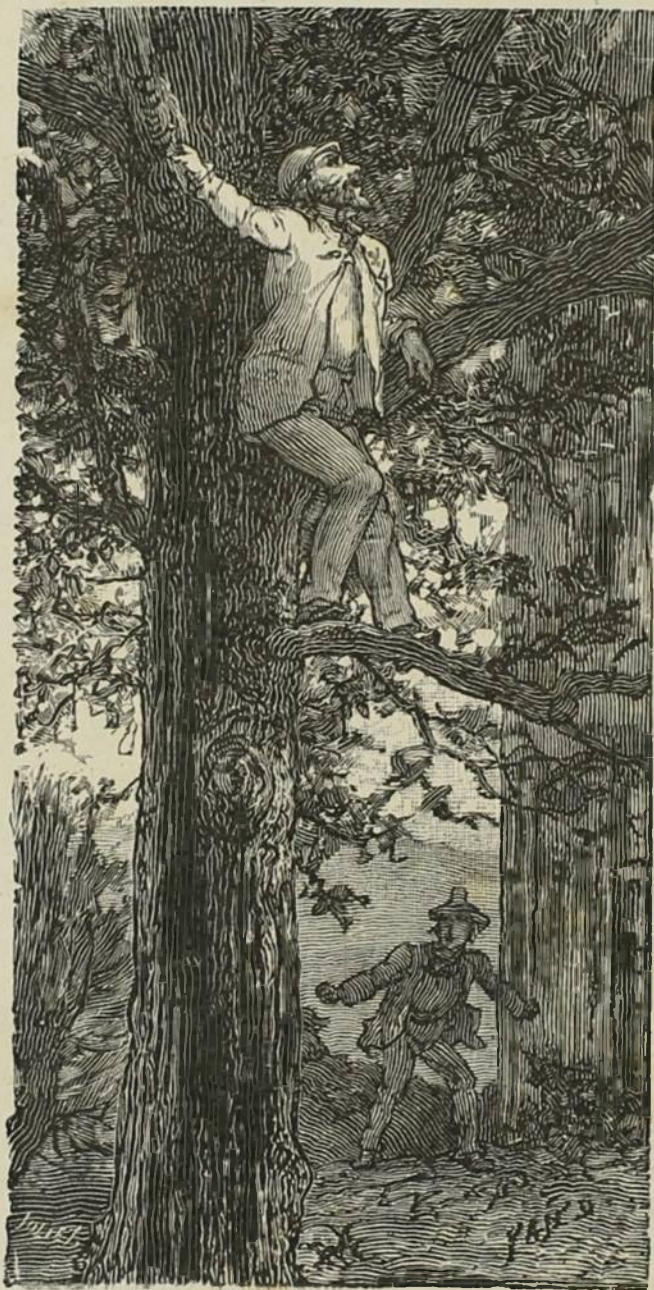
« Seria terrivel — pensou ella — se Rudy estivesse no moinho. » Mas a cousa foi peor. Elle tinha ficado nas immediações. Ouvira a voz do Inglez, corrêra até á arvore a ali começou a dar gritos de colera.

« Elles vão bater-se, matar-se ! » disse Babette comsigo. Abriu a janella, chamou Rudy e pediu-lhe que se retirasse. Elle não quiz.

« Exijo-o » disse ella.

« Ah ! Tu queres que eu parta ! Era então um rendez-vous que tinhas dado ! Isso é uma vergonha, Babette.

— O que dizes é indigno e eu te detesto! Vae-te! vae-te! exclamou ella e prorompeu em pranto.



— « Não merecia esse tratamento » disse elle irritado e partiu. As suas faces pareciam inchadas e parecia ter braza no seu coração.

Babette atirou-se na cama soluçando: « Eu, que tanto te amo Rudy, murmurou ella, como podes tu acreditar que eu seja capaz de semelhante cousa? »

Pensando n'isso sentiu-se offendida e teve um momento de colera. Foi melhor assim, porque senão seria acabrunhada pelo pezar.



O PODER FUNESTO

Rudy deixou Bex e regressou á casa. Tomou o camin的角度 das montanhas pelos campos de neve, onde impera a Virgem dos Gelos. Subia sempre. O ar tornava-se cada vez mais vivo e fresco : isso, porem, não acalmava o caçador. Passou perto de uma bella moita de rosas dos Alpes, cercadas de gencianas azues ; com a coronha da espingarda abateu, esmigalhou as pobres flôres.

De repente viu duas cabras montezes. Os seus olhos brilharam, os seus pensamentos tomávam uma nova direcção. Trepou de modo a que as cabras ficassem ao alcance da espingarda ; caminhava com precaução e sem fazer barulho. As cabras andavam por aqui e por acolá na neve. Rudy preparou a sua espingarda. De repente viu-se cercado por nevoeiro espesso ; nada mais podia enxergar. Deu alguns passos e achou se diante de uma muralha de rochedos. A chuva começava a cair abundantemente.

Estava agitado por febre violenta, tinha a cabeça

em fogo e o corpo gelado ! Procurou a sua cabaça ; estava vazia. Esquecêra-se de enchel-a antes de partir do moinho. Elle que nunca estivera doente sentia-se d'esta vez abalado. Abatido pelo canção, a sua vontade era atirar-se ao chão e dormir, mas a agua cahia do céu a jorros.

Procurou crear forças para continuar o caminho. Os objectos dançavam diante dos seus olhos. De repente viu sobre o rochedo um lindo chalet, que parecia construido de novo ; não se lembrava de tel-o jamais visto. Na porta estava uma rapariga ; parecia-se com Annette, a filha do mestre de escola, que elle abraçara uma vez n'um *tour* de valsa ; mas não, não era Annette. No entretanto elle a vira em qualquer parte, talvez perto de Grindewald, na noute em que voltou da festa dos atiradores.

« De onde vens-tu » ? perguntou-lhe elle.

« De parte alguma — respondeu ella — estou aqui em minha casa, tomando conta do meu rebanho.

« Teu rebanho ? — replicou Rudy — Não ha aqui pasto, não vejo senão neve e rochedos. »

« Achas isso ! Como conheces o paiz ! — disse a moça rindo-se — pois bem, lá, n'aquelle lado existe um bello campo, onde pastam as nossas cabras. Não se perde uma só. O que é meu fica sendo meu. »

— « Tens ar de valente » disse Rudy.

— « E tu tambem » respondeu a rapariga.

— Tenho uma sêde devoradora ; me darás tu um pouco de leite ?

— Dou-te cousa melhor. Hontem alguns viajantes passaram por aqui ; esqueceram-se de uma garrafa de

vinho, como talvez tu ainda nunca bebeste. Eu não bebo; dou-t'a. »

Com effeito, encheu uma tigela de vinho e deu-a a Rudy.

« Como é bom — disse o caçador, depois de ter bebido alguns tragos — Nunca bebi, com effeito vinho tão delicioso e tão animador. »

Rudy tinha chammas nos olhos; o sangue circulava como fogo nas suas veias; a sua tristeza e a sua colera tinham desaparecido; voltára-lhe a alegria, como sempre exuberante e travessa.

« És bem bonita Annette! exclamou elle, dá-me um beijo. »

« Dou-t'o, mas quero que me faças presente do anel que tens no dedo. »

— « O meu anel de noivo! »

— « Justamente, é o que desejo possuir. »

Ella encheu de novo a tigela de vinho e levou-a aos labios do caçador. Rudy bebeu. Vida intensa espalhou-se em todo o seu ser. Parecia-lhe que o universo lhe pertencia.

« De que serve-me entregar-me a preocupações? Gozemos, sejamos felizes. O prazer é a verdadeira felicidade. »

Essas foram as palavras do joven caçador.

Elle olhou de novo para a rapariga. Era Annette, momentos depois já não era Annette, não era mais o phantasma, que lhe apparecera perto de Grindelwald. Era uma creatura fresca e alva como a neve, que cahia do céu, graciosa como um ramo de rosas dos Alpes: esbelta e leve como uma pequena cabra montez.

Elle enlaçou-a com os seus braços; mergulhou os seus olhos nos olhos, maravilhosamente claros da vir-



gem. Não sabia o que lhe acontecia, deixando-se levar por uma sensação inexprimível! Sentia que descia

sempre e sempre mais para a profundidade do abysmo de gelo, onde reina a morte. Immensas paredes, que pareciam feitas de crystal esverdeado, reflectiam uma luz azul. Milhares de gotas d'agua faziam, ao cahirem, uma musica sinistra. A Rainha dos Geleiros estava alli. Deu um beijo na testa de Rudy; o moço sentiu, dos pés a cabeça, um frio mortal.

Deu um grito de dôr, combaleou e cahiu.

Era então noute; as trevas eram completas.

Voltou, todavia, a si. Compreendeu que tinha sido illudido pelo Poder funesto. A rapariga tinha desaparecido e com ella o chalet. Só havia neve em redor d'elle. Estava molhado até aos ossos, tremia de frio. Já não tinha o anel de noivo, que Babette lhe dera.

Procurou o seu caminho; nevoeiro humido e intenso cobria a montanha. Rochedos, rolando com impetuosidade, passavam ao seu lado. A vertigem espreitava-o, julgando-o exausto e sem forças. Se elle tivesse cahido a sua sorte estava decidida. Mas d'esta vez ainda devia escapar do perigo.

No moinho Babette estava sentada, triste e desolada, sempre banhada em lagrimas. Havia seis dias que Rudy não viera, elle que tinha culpas a reparar, que devia implorar o seu perdão e a quem ella consagra sempre o mais puro amor.

XIII

EM CASA DO MOLEIRO

« Que embrulhada d'esses humanos! — disse o gato do salão ao gato da cozinha. Está tudo acabado entre Rudy e Babette.

Ella só leva a chorar e elle provavelmente não pensa mais n'ella. »

— « É máu procedimento o d'elle — disse o gato da cozinha.

— Concorde, disse o outro, mas nada tenho com isso. Babette poderá, se quizer, casar-se com o homem das suissas ruivas. É verdade que elle tambem não voltou ao moinho, desde a tarde em que quiz, como nós, subir aos telhados. »

Durante longos dias Rudy reflectiu no que lhe acontecera na montanha. A febre dera-lhe o delirio. Teria elle sonhado? Não podia ter uma ideia exacta do que sentira.

Continuava a condemnar Babette. Fizera, todavia, o seu exame de consciencia. Lembrava-se da tormenta horrivel, que agitára o seu coração. Devia elle confes-

sar á sua noiva os pensamentos horriveis que teve e que teriam podido transformar-se em actos? De facto, elle perdêra o seu anel. O teria elle atirado para longe de si n'um accesso de colera? N'isso pensava constantemente e era isso o que levava o seu coração para o lado da rapariga.

Poderia ella, do seu lado, confessar os seus erros? Elle sentia despedaçar-se o coração, na lembrança das suaves e deliciosas palavras de amor, que ella lhe dissera. A moça apparecia-lhe constantemente no espirito, cheia de graça e de alegria ingenua. Todos esses pensamentos passavam como raios de sol, que atravessam uma nuvem carregada.

« Ella deve confessar-me tudo; disse elle, é preciso que ella se justifique! »

Foi ao moinho. Entráram todos em explicações. Estas começaram por um beijo e terminaram d'este modo: Rudy foi um máu, um peccador; ousou duvidar da fidelidade de Babette. A sua conducta é abominavel. Semelhante desconfiança! violencias taes! era tudo quanto bastava para que fossem ambos eternamente infelizes.

Babette fez-lhe severa admoestação. A candida rapariga foi graciosa n'esse papel. Não deixou, todavia, de dar, até certo ponto, razão a seu noivo: o inglez era um individuo realmente enfatuado e ridiculo. Declarou que atiraria ao fogo o livro que elle lhe déra, afim de nada guardar que pudesse lembrar-lhe um tal papalvo.

« Tudo arranjou-se, disse o gato do salão ao seu camarada da cozinha. Rudy está de volta. Houve

explicações. Elles se comprehendem. E, segundo dizem, n'isso vae a felicidade suprema. »

— Á noute — respondeu o gato de cozinha — quando estou espreitando os ratos, ouço-os dizer que a verdadeira felicidade está em comer vela e ter provisão de carne moida. Devemos nós acreditar nos ratos ou nos namorados ?

— Nem em uns nem nos outros — replicou o gato do salão. — Assim é mais seguro. »

Rudy e Babette esperavam dentro de pouco tempo a felicidade suprema. O dia do casamento approximava-se. Não devia celebrar-se nem na igreja de Bex, nem na casa do moleiro. A madrinha pedira que a união fosse celebrada na bella igrejinha de Montreux e depois na sua casa. O moleiro apoiára a proposta ; elle sabia dos bellos presentes, do dote generoso, que a madrinha destinara aos noivos e julgava então que a boa madrinha não devia ser contrariada. O joven primo tinha regressado á Inglaterra.

O dia foi marcado. Na vespera deviam partir para Villeneuve e no dia seguinte, ao amanhecer, tomariam a barca para Montreux. As filhas da madrinha podiam d'esse modo ajudar Babette a enfeitar-se.

« Tudo isso é muito bom, disse o gato do salão ; mas espero tambem que no dia seguinte haja festa cá em casa ; se não, não darei um só miaou, para dar-lhe os votos de felicidade.

— Julgo que teremos — disse o gato da cozinha — bello festim. Os patos foram depennados, os frangos e o Perú já estavam mortos. No porão um vitello estava suspenso na parede. Não posso conter-me diante

de tanta cousa boa. É amanhã que elles partem. »

Sim, amanhã. Rudy e Babette ficaram ainda n'essa noute conversando sobre cousas mil. Era a ultima conversa no moinho. Os Alpes resplendesciam, inundados de uma luz côr de rosa. Os sinos da noute repicavam brandamente. As Filhas do sol cantavam, gyrando pelos ares : « Que Rudy, nosso favorito, seja feliz como merece. »



OS ESPECTROS DA NOUTE

A noute chegára ; nuvens carregadas enchiam todo o valle do Rhodano. Uma ventania terrivel, ultimo sopro do *siroco*, que, depois de ter passado pela Italia vinha exhalar os seus ultimos esforços nefastos ao pé dos Alpes, desencadeou-se na região. As nuvens rasgaram-se, unindo-se depois tomando formas de monstros do mundo primitivo e de animaes fantasticos dos contos de bruxas.

Os espiritos da natureza, as forças elementares recreavam-se livremente enquanto os homens dormitavam. Com o luar, que fazia brilhar a neve das montanhas, via-se desfilar o exercito da Virgem dos Geleiros. Uma tropa de vertigens divertia-se nos torvelinhos do Rhodano. N'um immenso pinheiro arrancado pelo furacão e boiando no rio estava sentada a Virgem. Ella sahira dos seus palacios de gelo, acompanhada de ondas de um frio mortal.

E por toda a parte nos ares, nas aguas, ouvia-se o echo d'estas palavras :

« Eis-nos, gente das bodas ! »

N'esse interim Babette fazia sonhos bizarros. Via-se casada com Rudy, havia muitos annos. Seu marido tinha ido caçar a cabra montez. Ella ficára em casa,



quando appareceu-lhe o joven inglez com a barba dourada. Fascinada por elle, via-se forçada a acompanhal-o. Iam os dous juntos, para longe, bem longe.

Sentia o seu coração opprimido por um peso cada vez mais forte. Tinha peccado perante Rudy, perante Deus. De repente via-se abandonada, sósinha. Os seus cabellos tinham embranquecido pelo tristeza e pela dôr. Levantou os olhos para o céu e viu Rudy no alto de uma montanha. Estendeu para elle os braços sem ousar chamal-o. Era, aliás, em vão, pois viu logo que não era Rudy, mas simplesmente o seu paletot de caça e o seu chapéu, que pendurara n'um páu para enganar as cabras montezez.

Então Babette, no meio de grande dôr, dizia : « Oh! se eu morresse no dia do meu casamento! n'esse dia mais feliz da minha vida! Senhor Deos seria a maior graça, que poderieis conceder-me. Seria a melhor cousa para mim e para Rudy. Ninguem conhece o futuro! »

E, então, amaldiçoando Deos e a vida, atirara-se n'um precipicio.

Babette levantou-se sobresaltada. Os phantasmas desappareceram. Mas ella lembrava-se de ter feito um sonho horrivel. Lembrava-se de que o joven Inglez, que não via ha tantos mezes e no qual nunca pensára, figurara n'esse sonho. Teria elle voltado a Montreux? Assistiria elle ao casamento? Seria um pressentimento!

A rapariga franziu a testa e tomou uns ares adoraveis de contrariada.

Mas não tardou a sorrir. Viu os raios do sol brilhando com todo o esplendor. « Ainda um dia, um só dia e estaremos casados! »

Quando desceu encontrou Rudy prompto. Partiram para Villeneuve. Como sentiam-se felizes os noivos! E o moleiro tambem tinha a physionomia de homem contente. Ria-se por da cá aquella palha. Nunca esteve de tão bom humor. Era um bom pae, apesar dos seus modos ás vezes brutaes.

« Eis-nos sós e senhores n'esta casa, — disse o gato do salão ao seu companheiro —. Podemos talvez apanhar algumas das boas cousas preparadas para o festim. »

XV

F I M

Chegáram, á tarde, a Villeneuve, sempre alegres e divertidos. Depois do jantar o moleiro sentou-se n'uma poltrona, tirou algumas fumaças do cachimbo e fez um somno.

Os noivos foram passear nas margens do lago, cujas aguas profundas tinham a côr da saphyra e da esmeralda. Sentaram-se sobre um pedra, coberta pelos salgueiros, e contemplaram o castello tenebroso de Chillon, cujas torres massiças reflectiam n'agua. Viam tambem a pequena ilha das trez acacias.

« Como se deve estar bem alli! »
disse Babette, que de novo sentiu o desejo de ir sentar-se debaixo d'aquellas arvores.

Esse desejo podia ser logo contentado. Uma canôa estava amarrada a um tronco de arvore. Procuraram o dono para pedir-lhe licença de se utilizarem d'ella. Embarcáram. Rudy sabia remar muito bem.

O elemento liquido cede ao menor esforço, e, entretanto, não ha quem possa resistir á sua potencia for-

midavel ; offerece o seu costado para nos carregar, mas tem a sua guela sempre aberta, prompta a devorar-nos ; sorri, parece a doçura extrema, e os desastres, as desgraças que causam são as mais terríveis.

Dentro de alguns minutos, os noivos felizes chegaram á pequena ilha , onde desceram.

Estavam endiabrados e alegres e começaram a dançar e a saltar de contentamento. Rudy fez Babette dar trez vezes a volta do pequeno espaço. Sentáram-se depois n'um banco, debaixo das acacias.

De mãos dadas, olhavam um para o outro. Em redor d'elles a natureza resplandecia com o brilho do sol que deitava-se. As florestas de pinheiros das montanhas tomavam um colorido lilaz. Os rochedos brilhavam como metal fundido e pareciam transparentes. As nuvens do céu pareciam um vasto incendio. O lago podia ser comparado a uma immensa folha de rosa. Pouco a pouco desceu uma sombra azulada e attingiu a base das montanhas cobertas de never mas as suas alturas tinham sempre a côr de purpura. Parecia a epoca primeira do mundo, em que as montanhas subiam da terra como lava avermelhada.

Era um espectaculo como Rudy e Babette não se lembravam de terem ainda visto. O monte *Dente do Sul*, coberto de neve, brilhava mais do que a lua ao despontar no horizonte.

« Que esplendor e que felicidade ! » diziam os dous amantes.

« Nada mais tenho a desejar n'esta terra — disse Rudy. — Uma hora como esta vale uma vida inteira. Já senti muitas felicidades e pensava que nada mais

tivesse a gozar. Mas apenas o dia acaba que um outro ainda mais bello começa. O Senhor é verdadeiramente de uma bondade infinita!

— O meu coração tresporda de reconhecimento, disse Babette.



— A terra nada póde offerecer-me melhor do que o que sinto agora — replicou Rudy.

Nas montanhas da Saboia, nas montanhas da Suissa, os sinos annunciaram a oração da noute. Do lado do oeste via-se nas alturas do Jura um esplendor semelhante ao de um mar de ouro.

« Que Deus te dê o que se póde desejar de melhor n'este mundo! Disse Babette, com os olhos humidos de ternura.

— É o que ella fará! disse Rudy — Amanhã tu serás minha, inteiramente minha, deliciosa mulhersinha!

— A canôa! A canôa — exclamou Babette.

A canôa tinha-se desligado da margem cõm o movimento das aguas e apartava-se da pequena ilha.

« Vou busca-la », disse Rudy, e, tirando o paletot e as botinas, saltou n'agua; habil nadador, dirigiu-se rapidamente ao encontro do pequeno barco.

Chegou á corrente das aguas, escuras, azuladas e frias que o Rhodano traz dos geleiros. Fitando um pouco o olhar viu brilhar no fundo d'ellas um bello anel de ouro. Pensou no seu anel de noivo, que tinha perdido. Mas aquelle anel tornava-se cada vez maior, cada vez mais grosso; de repente formou um largo circulo luminoso. No meio d'esse circulo abriu-se um vasto geleiro, cheio de precipicios. Milhares de gottas d'agua faziam, cahindo, um barulho sinistro; era o sino da morte. Muralhas de crystal reflectiam chammass brancas e azues.

No espaço de um segundo, Rudy viu um espectaculo que longo seria descrever.

Achava-se alli uma multidão de jovens caçadores, de raparigas, de homens e de mulheres que tinham cahido nos precipicios dos geleiros e ahi morrido. Pareciam vivos, tinham os olhos abertos e sorriam a Rudy.

Mais para o fundo descubria-se uma cidade que o lago tinha devorado. A torrente das montanhas agitava os sinos das igrejas e fazia resoar os orgãos. Os habitantes estavam ajoelhados no sanctuario, onde se refugiáram quando deu-se a catastrophe.

Finalmente, mais abaixo, estava sentada a Virgem dos Gelos. Ella levantou-se ao ver Rudy. Beijou os seus pés. O caçador teve como que uma commoção electrica; um frio mortal apoderou-se dos seus membros, entorpecendo-os.

« És meu! és meu! ». Este grito repercutiu em torno de si.

« Beije-te quando eras creança; dei-te então um beijo na boca. Hoje beijo-te o calcanhar. És meu, inteiramente meu! »

E Rudy desappareceu no meio da onda azul e clara.

« És meu! »

Essas palavras echoaram no fundo das aguas; echoaram tambem no céu.

Na terra o silencio era completo. Tinham cessado os tinidos dos sinos. As nuvens perderam as suas côres brilhantes.

« És meu! » Essa voz enchia o espaço.

Não será uma felicidade passar assim, de um salto, do amor terrestre para as alegrias do céu? O beijo gelado da morte tinha destruido um involucro mortal; d'elle sahiu um ente immortal. prompto para a verdadeira vida, que o esperava. A desharmonia da morte transformava-se em harmonia celeste.

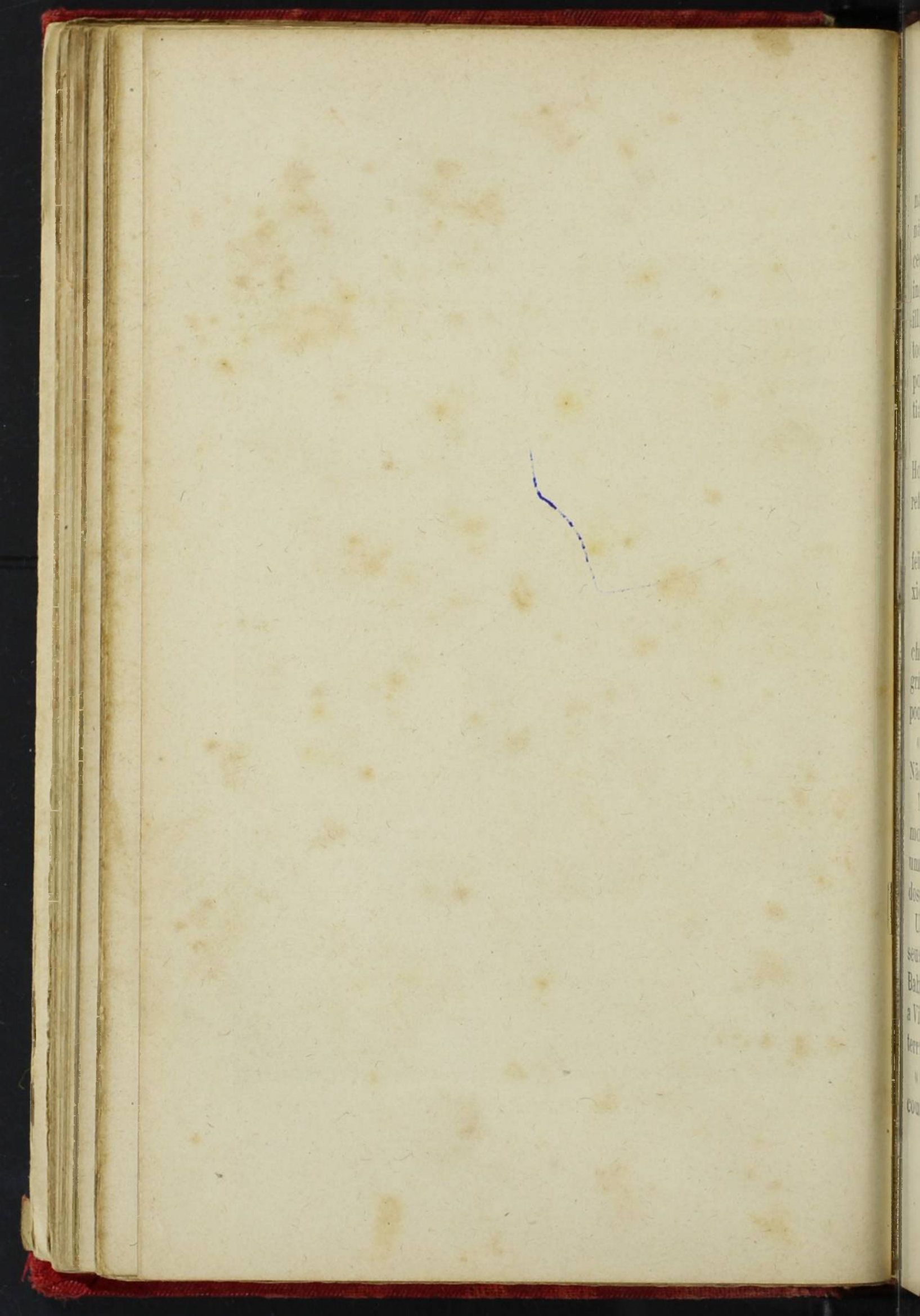
Qualificareis vós, leitores, de triste esta historia?

Pobre Babette! Sim; para ella foram momentos de cruel angustia. O bote afastava-se cada vez mais. Ninguem sabia que os noivos tinham ido á pequena ilha. A escuridão augmentou. Sobreveiu a noute. Só, desolada, em prantos, Babette torcia-se no desespero.

Um relampago brilhou no alto do Jura; um outro,



És meu! és meu! (Page 94).



nas montanhas da Saboia. Dentro de pouco tempo já não podiam ser mais contados, tão rapidamente se succediam. O barulho da trovoadá durava minutos sem interrupção. O raio, com os seus zig-zags cegadores, illuminava a paizagem como a luz do dia. Por momentos podia-se distinguir cada arvore, cada galho. Depois... era a noute escura. O echo das montanhas repetia o estrepito da tempestade.

Os pescadores puxavam para terra os seus barcos. Homens e mulheres procuravam apressadamente um refugio. O céu derramava torrentes d'agua.

« Onde estarão Rudy e Babette com esse tempo tão feio? » perguntava a si mesmo o moleiro, não sem anxiedade.

Babette, depois de ter gritado por soccorro, de ter chorado e gemido, não tinha mais voz, nem mais lagrimas. Estava ajoelhada, com a cabeça nas mãos, sem poder rezar.

« Elle está no fundo d'agua, pensava ella, bem no fundo. Não voltará mais. O lago é profundo como um geleiro. »

Ella lembrou-se do que Rudy lhe contára sobre a morte de sua mãe e como o tinham tirado, frio como um cadaver, do precipicio, em que cahira. « A Virgem dos Gelos tornou a apanhal-o! » — disse ella consigo.

Um relampago, brilhante como o sol dardejando os seus raios em um campo de neve, illuminou o lago. Babette levantou-se sobresaltada. Viu por cima d'agua a Virgem, de pé, tendo no seu aspecto uma majestade terrivel. Aos seus pés estava o corpo de Rudy.

« Elle é meu » disse ella e desapareceu. Tudo ficou de novo mergulhado na escuridão.

« Cruel ! gritou Babette. — Porque fizeste-o morrer



na vespera do dia, que devia coroar a nossa felicidade?
— Meu Deus, continuou ella, illuminae o meu espirito

e o meu coração. Dae-me a comprehender o mysterio das vossas intenções. »

E Deus a ouviu. A sua alma illuminou-se. Ella lembrou-se do sonho da noute precedente e o que ella desejára n'esse sonho, como sendo a felicidade suprema para Rudy e para si-mesma.

« Ai de mim! — disse ella. Estaria o germen do peccado no meu coração? Seria o meu destino o que eu senti? E seria melhor, com effeito, que elle morresse! »

Os seus gemidos augmentáram. De repente o seu coração, cançado, despedaçado, estremeceu, lembrando-se das ultimas palavras de Rudy.

« A terra não podia offerecer-me felicidade maior! »

Passáram-se muitos annos.

O lago parece sorrir. As collinas estão no auge da belleza. Os navios cruzam-se com os seus pavilhões desfraldados pelo vento. Os grandes barcos de vela deslizam no lençol d'agua como libellinhas gigantes cas. O caminho de ferro passa por Chillon, dirigindo-se para o valle do Rhodano. Em cada estação descem viajantès. Compram apressadamente os *Guias* de capa vermelha e verde, para verem o que ha n'elles de mais curioso a visitar-se. E elles encontram n'esse livro a historia dos noivos que, em 1856, foram á pequena ilha das trez acacias; o noivo morreu e só na manhã seguinte foram ouvidos os gritos desesperados da noiva.

Mas o livro não vae mais longe. Não falla da vida retirada que Babette passa ao lado de seu pae, e não mais no moinho, que foi vendido, porque ella não

queria habitar lugares, que lhe lembravam tanta felicidade destruída. — Habitam uma linda casa, não longe da estação. Ella fica, ás vezes, horas inteiras á janella, olhando, por cima dos castanheiros, para as montanhas de neve, onde Rudy costumava a caçar. Quando vê os altos Alpes coroados com o esplendido colorido do crepusculo, pensa na ultima tarde que passou com Rudy. Frequentemente, quando está muito triste, parece-lhe ouvir as Filhas do Sol cantar e explicar como o furacão tira ao viajante o seu manto.

Mas será esse um motivo para affligir-se ? Elle não toma senão o involucro, e não o homem.

E a luz se faz na sua alma com o pensamento que Deus dispõe tudo pelo melhor. Não sabia ella d'isso, melhor do que ninguém, desde o seu sonho ?





IB E A PEQUENA CHRISTINA

I

O rio bello e transparente do Gudena, no Jutland do Norte, costeia uma vasta floresta, que se estende bem longe no paiz. O terreno é constituído na forma de trincheira através bosque. No limite do oeste acha-se uma casa de camponios, cercada de alguma terra

lavrada, mas bem pobre. No meio do centeio e da cevada, que ali crescem com difficuldade, vê-se por toda a parte a areia.

Havia alguns annos passados a boa gente, que alli morava, cultivava os seus campos; possuia trez ovelhas, um porco e dous bois. Tinham com que viver, se se chamar viver o contentar-se com o e stricto necessario.

Jeppe Jaems — assim se chamava o camponio — occupava-se, durante o verão, com os trabalhos de cultura. No inverno fazia tamancos. Tinha um aprendiz que, como elle, sabia fazer esse calçado, de modo a tornal-o solido, leve e de boa apparencia. Faziam tambem colheres e outros utensilios, que se vendiam bem; e, pouco a pouco, Jeppe Jaens conseguiu juntar pequena fortuna.

Seu filho unico, o pequeno Ib, tinha então sete annos. Gostava de ver seu pae trabalhar. Procurava imital-o; cortava a madeira e de vez em quando tinha os dedos cheios de talhos. Um bello dia mostrou, com ar de triumpho, aos seus paes, dous pequenos e delicados tamancos. Disse que ia dal-os de presente á pequena Christina.

Quem era essa Christina? Era a filha do carregador de lenha; linda e delicada como um creança da aristocracia; se usasse bellos vestidos, ningem diria que ella nascêra n'uma cabana, no matto vizinho. Alli morava seu pae, que era viuvo e ganhava a sua vida, carregando no seu grande barco a lenha que se cortava na floresta e levando-a para o dominio de Silkeborg e até á cidade de Rouders. Não tinha em casa pessôa que tomasse conta de Christina. Por isso a levava quasi sempre ou no

barco ou para o bosque. Mas, quando tinha de ir á cidade, levava-a á casa de Jeppe Jaens, do outro lado do matto.

Christina tinha um anno menos do que o pequeno



Ib. As duas creanças eram os melhores amigos d'este mundo ; dividiam o pão, as violetas e brincavam juntos na areia. Andavam por toda a parte, brincando e pulando. Um dia penetráram muito no interior do bosque ; estavam sós e encontraram ovos de gallinhola, o que para elles era um acontecimento memoravel.

Ib nunca estivera nem na casa de Christina nem no barco do carregador. Este levou-o, porém, um dia, para o mato, para motrar-lhe o paiz e o rio. No dia seguinte as duas creanças viajaram empoleirados em cima dos feixes de lenha. Ib olhava admirado para tudo o que via e quasi esqueceu se de comer o seu pão.

O barqueiro e seu companheiro empurravam o barco com enormes remos, como se fosse uma jangada. Acompanhavam a corrente do rio e passavam rapidamente pelos lagos que o alimentam. Esses lagos pareciam inteiramente fechados pelos canniços e pelos carvalhos, que se inclinavam sobre a agua. Em outros pontos notavam se velhos amieiros deixados de modo a se acharem horizontalmente no rio, e todos cercados de iris e de golphões. Tudo isso parecia uma pequena ilha encantadora. As duas creanças não podiam conter os seus gestos de admiração. E quando chegaram perto do castello de Silkeborg, onde está marcado o local da pesca das enguias, quando viram a agua precipitar-se, fervendo e espumando, com estrondo, atravez da represa, ahi então, Ib e Christina declararam que era uma belleza que nunca tinham visto.

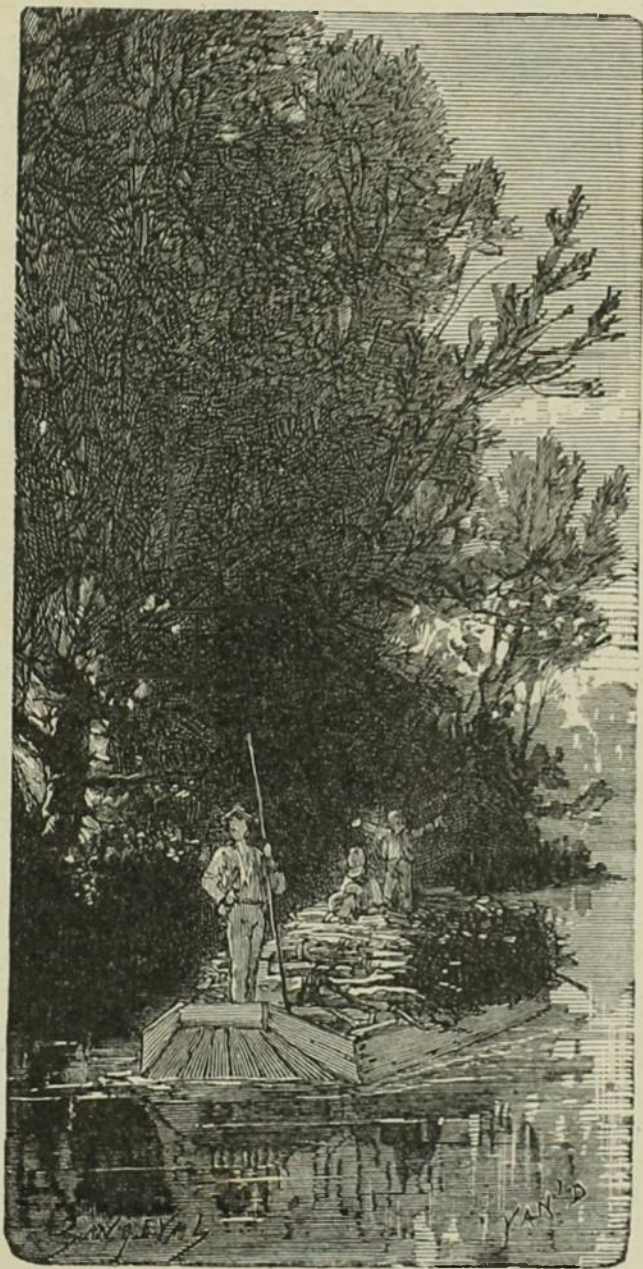
N'essa epoca não havia n'aquelle lugar nem cidade, nem fabricas; notavam-se apenas dependencias de propriedades, habitadas por uma duzia de camponios. O que animava Silkeborg era o barulho d'agua e eram os gritos dos patos selvagens.

Desembarcados os peixes, o barqueiro comprou uma cesta de enguias e um porquinho, morto recentemente. Tudo foi posto n' um sacco detraz do barco; os viajantes voltáram.

A vela foi estendida e como o tempo estava favoravel o barco subia o rio com a mesma velocidade como se fosse puxado por dous cavallos.

Chegáram perto do lugar onde morava o companheiro do barqueiro. Os dous homens precisaram ir á casa; amarráram o barco nas margens do rio e

recommendaráram ás creanças que ficassem socegadas.
Durante alguns minutos, Ib e Christina não se



mexeram. Pegaram depois n' um cesto para ver o que
elle continha. Levantáram o tampo e tiráram de dentro
um porquinho da India, que começaram a apalpar,

virando-o de um lado para outro. Tanto fizeram que o animalzinho cahiu n'agua e foi arrastado pela corrente. Era um acontecimento terrivel.



Ib, levado pelo medo deu um pulo a terra e poz-se a fugir. Christina saltou depois d'elle e pedindo-lhe que a levasse comsigo : as duas creaturinhas fugiram para a floresta e desappareceram.

Viram-se no meio do matto, que lhes tirava a vista do rio, d'esse rio maldito, que lhes usurpára o porquinho. Pensando n'isso continuáram a marcha. De repente Christina tropeçou n' uma raiz e cahiu. Poz-se a chorar. Ib disse-lhe. « Um pouco de coragem, a nossa casa está lá adiante. »

Mas não havia casa n' aquelles lados. As pobres

creanças caminhavam sempre. Ouvia-se o barulho dos seus pés pisando nas folhas seccas. De repente pareceu-lhes ouvir vozes de homem agudas e fortes ; pararam para escutar. Na mesma occasião echoou nos ares o feio assobio da aguia. Ficaram espantados e puzeram-se a correr mais depressa. Viram enorme quantidade de morangos selvagens. Isso dissipou-lhes o terror. Puzeram-se a colhel-os e a comel-os.

Os gritos recommencaram ao longe.

— « Vamos ser bem castigados » disse Christina.

— « Vamos depressa para a casa de papae, respondeu Ib ; é por aqui, no bosque ». Continuaram no seu caminho, mas tomaram uma estrada, que não estava na direcção da casa de Jeppe Jaens.

Sobreveiu a noute ; ficou escuro e as duas crianças ficaram com medo. O silencio era profundo por toda a parte. Ouviam apenas de vez em quando os gritos da coruja e de outros passaros desconhecidos. Estavam cansados mas caminhavam sempre. Perderam-se no meio do matto. Christina chorava. Ib poz-se tambem a chorar. Depois de gemerem durante algum tempo estenderam-se sobre as folhas seccas e adormeceram.

Já o sol tinha nascido e estava bem alto quando os dous fugitivos acordaram tiritando de frio. Atravez das arvorês viram uma collina sem vegetação ; para alli se dirigiram para se esquentaram aos raios do sol. Ib julgava que do alto d'essa collina descobriria a casa de seu pae ; estavam, porém, bem distante d'ella, em parte muito differente do bosque. Subiram ao alto da pequena montanha e ahi ficaram immoveis de surpresa : viram na base da mesma um bello lago d'agua verde e

transparente. Peixes, em quantidade, nadavam na superficie, esquentando-se ao sol. Ao lado d'elles deram com uma nogueira, carregada de nozes. Foi novo regalo. Começaram a colhel-as.



De repente ficaram assustados: de pé, perto d'elles, como se tivesse sahido de terra, achava-se uma mulher velha, muito alta, de rosto moreno, com os cabellos luzentes; os seus olhos brilhavam como o das pretas. Trazia um sacco ás costas e nas mãos um páu cheio

de nós. Era uma bohemia. Ella lhes fallou, mas as duas creanças não podiam a principio comprehendel-a. Mostrou-lhes então trez grandes avelãs, que trazia na mão. Repetiu-lhes que eram nozes magicas, que continham as cousas mais magnificas d'este mundo.

Ib ousou enfim olhal-a bem de frente. Ella fallava com tanta doçura que elle readquiriu a coragem e perguntou-lhe se queria dar-lhe as avelãs. A bohemia deu-lh'as e começou a colher nozes na nogueira. Ib e Christina olhavam para as trez avelãs com olhos espantados.

« Haverá n'aquella, disse Ib, um carro puxado por dous cavallos? »

— « Ella encerra, disse a bohemia, um carro dourado puxado por dous cavallos de ouro. »

— « Então, dá-m'a » disse Christina. Ib deu-lh'a. A mulher amarrou-a á um nó do seu *fichu*.

— « E n'esta, continuou Ib, haverá um *fichu* tão bonito como o que Christina tem no pescoço? »

— « Ha dez mais bonitos, disse a mulher, ha além d'isso uma quantidade de vestidos, de sapatos bordados, um chapéu com véu de renda...

— « Então tambem a quero » exclamou Christina. Ib deu-lh'a generosamente.

Restava a terceira. Era toda preta.

« Deves guardar esta, disse Christina; tambem é bem bonita. »

— « Mas o que ha dentro d'ella? » perguntou Ib á bohemia.

— « O que ha de melhor nas trez », respondeu a mulher.

Ib guardou a avelã preciosamente. A mulher prometeu leval-os pelo caminho, que os guiaria á casa. Elles acompanháram-a, mas em direcção muito differente da que teriam tomado. Não se deve, todavia, suppôr que a bohemia quizesse roubar as creanças aos seus paes. Talvez ella mesma se enganasse.

No meio do caminho appareceu o guarda da floresta. Reconheceu Ib e levou-o com Christina para a casa de Jeppe Jaens, onde era grande a angustia por causa d'elles. Perdoáram-lhes o erro, depois de terem bem explicado quanto deviam ser severamente punidos, primeiramente por terem deixado cahir n'agua o porquinho e depois por terem fugido para o bosque.

Christina foi levada para a casa de seu pae. Ib ficou na casinha da entrada da floresta. A primeira cousa que fez, á noute, quando ficou só, foi tirar da sua algibeira a avelã que encerrava cousa de maior valor do que o carro dourado! Quebrou-a no vão da porta. Não tinha mais caroço; um bichinho o comêra. Havia um pó escuro que parecia rapé.

« Foi o que eu pensava, disse comsigo Ib. Como é que podia haver lugar em tão pequena avelã para cousas tão bonitas, para o que ha de melhor? Christina, como eu, não encontrará nem bellos vestuarios, nem carro dourado, puxado por cavallos de ouro. »

O inverno chegou e depois d'elle a primavera, e muitos annos se passáram. Ib devia fazer a sua primeira communhão e chrismar-se. Passou um inverno em casa do cura da aldêa mais proxima, afim de receber a instrucção religiosa. Nessa epoca o barqueiro foi ver os parentes de Ib e informou-lhes que Christina ia provisoriamente empregar-se. Era uma boa occasião que se offerecia; Christina entrava para casa de muito boa gente: os proprietarios da hospedaria de Herning, situada bem á oeste, a muitas leguas de distancia da floresta.

Entrava para essa casa para auxiliar os serviços leves. Ahi ficaria para fazer a sua primeira communhão. Se então ella se mostrasse boa e laboriosa, como era provavel, os patrões tinham intenção de guardal-a como se fosse sua propria filha.

Foram buscar Ib para que se despedisse de Christina, pois chamavam-os os pequenos noivos. Na occasião da partida Christina mostrou a Ib as duas avelãs, que lhe dera no bosque. Ella accrescentou que guardava tambem com cuidado em uma caixinha os bellos pequenos tamancos, que elle fizera quando creança e lhe déra de presente. Separaram-se emfim os dous. Ib

recebeu a chrisma. Voltou para perto de sua mãe; seu pae já não existia. Fez-se habil tamanqueiro.

No verão cultivava o campo, poupando á sua mãe a despeza de um cultivador.

Sómente de longe em longe, sabia-se de Christina por um carteiro ou por qualquer viajante. Estava muito feliz em casa do rico estalajadeiro. Quando recebeu a chrisma escreveu bella e longa carta a seu pae, na qual mandára lembranças para Ib e sua mãe. Contara n'essa missiva que sua patrôa lhe fizera presente de seis camisas novas e de um bello vestido, que ella pouco tinha usado. Eram noticias todas essas bem boas.

Sobreveiu a primavera e n'um bello dia bateram á porta da mãe de Ib; eram o barqueiro e Christina. A rapariga tivera um dia de folga para visitar seu pae e aproveitára-se de um carro que partira da hospedaria para lugar proximo da casa paterna. Estava linda como uma rapariga da cidade. Tinha um bello vestido que lhe ia muito bem, por ter sido feito sobre medida; não era um traste velho da patrôa.

Christina estava, pois, muito bem vestida. Ib tinha o vestuario de todos os dias. Não podia pronunciar uma palavra. Pegou, todavia, na mão da rapariga e guardou-a na sua. Sentia-se feliz, mas não podia pôr a lingua em movimento. Com Christina dava-se exactamente o contrario; não cessava de tagarellar e de contar, e beijou Ib sem o menor constrangimento.

« Não me reconheceste então logo — disse ella, quando ficáram a sós, — ficaste mudo como um peixe. »

Ib, com effeito, desconcertado, não sabia o que dizer e guardava na sua a mão de Christina.

Por fim conseguiu fallar. « É, disse elle, porque ficaste uma rapariga tão elegante, emquanto eu estou



mal amanhado como um pobre camponez. Mas se tu soubesses quanto tenho pensado frequentemente em ti e nos nossos verdes annos ! »

E os dous foram, de braço dado, passear no terraço detrás da casa. Admiravam os arredores, o rio, a floresta e as collinas cobertas de verdura. Ib pensava mais do que fallava; quando regressáram á casa parecia-lhe, porém, evidente que Christina devia ser sua mulher. Sempre os chamáram de pequenos noivos. Parecia haver reciproca promessa, muito embora nenhum d'elles se tivesse explicado a esse respeito.

Christina devia voltar n'essa noute para a aldêa, onde o carro devia tomal-a no dia seguinte bem cedo. Seu pae e Ib tornaram a acompanhá-la. A noute estava bella: a lua e as estrellas brilhavam no céu. Quando chegáram, Ib agarrou de novo na mão da moça e não sabia como separar-se d'ella. Os seus olhos não deixavam o rosto encantador de Christina. Disse, com algum esforço, mas do fundo do coração estas palavras:

— « Se não te habituares muito á elegancia, minha Christina, se puderes residir na casa de minha mãe como minha mulher, nos casaremos um dia... Mas podemos ainda esperar. »

— É isso, respondeu ella, apertando-lhe a mão. Não tenhamos muita pressa. Tenho confiança em ti e creio que te amo; mas quero ter plena certeza d'esse sentimento. »

Elle abraçou-a com ternura. Os dous se separáram. Na volta Ib disse ao barqueiro que d'esta vez estava noivo de verdade de Christina. O pae respondeu que não desejava outra cousa. Acompanhou Ib á casa de sua mãe, onde demorou-se até tarde, conversando sobre o futuro casamento.

Passou-se um anno, Duas cartas forão trocadas entre Ib e Christina.

« Fiel até á morte » : eis como ellas terminavam.

Um dia o barqueiro foi ver Ib e levar-lhe lembranças de Christina. Começou depois a contar muitas cousas, sem grande clareza e mesmo com certo embaraço. Eis o que Ib poude comprehender :

Christina estava cada vez mais linda. Todos a afagavam e a amavam. O filho do estalajadeiro, que tinha bella posição n' um grande estabelecimento de Copenhague, viera em visita a Herning. Achára a rapariga encantadora e conseguira agradar-lhe. Os paes estavam encantados com essa sympathia reciproca. Mas Christina não se esquecêra do amor de Ib. Por isso estava prompta a repellir a sua felicidade.

N'essa occasião o barqueiro calou-se, mais embaraçado do que no principio.

Ib ouvira tudo sem dizer palavra ; mas ficára mais branco do que a parêde. Porfim sacudiu a cabeça e balbuciou : « Não, Christina não deve repellir a sua felicidade. »

— Então, disse-lhe o barqueiro, é preciso que lhe escrevas algumas palavras.

Ib sentou-se e tomou penna e papel. Depois de ter bem reflectido, escreveu algumas palavras, que riscou. Traçou outras que [tambem riscou. Rasgou então a folha e escreveu em outra, que tambem rasgou. Só no dia seguinte conseguiu elle escrever sem emenda a carta seguinte, que entregou ao barqueiro e que foi ter ás mãos de Christina :

« Li a carta que escreveste a teu pae. N'ella vi que

tudo tem corrido até aqui na medida dos teus desejos e que podes ainda ser mais feliz. Interroga o teu coração Christina e reflecte bem na sorte que te espera, se te casares comigo. O que eu possuo é muito pouca cousa. Não penses, pois, em mim, nem no que eu possa vir a sentir; pensa só no teu bem-estar eterno. Não estás ligada a mim por promessa alguma, e, se no teu coração, pronunciaste alguma em meu favor, eu t'a restituo. Que a felicidade espalhe sobre ti, Christina, os seus dons mais preciosos!

Deus misericordioso saberá dar consolações a meu coração.

Teu amigo para sempre dedicado.

IB. »

Christina achou que era um procedimento digno de um bom rapaz. No mez de Novembro os banhos foram publicados e ella partiu para Copenhague com a sua futura sogra. O casamento devia realizar-se na capital, de onde o noivo não podia sahir, por causa dos seus negocios. Em caminho encontrou-se com seu pae. Informou-se do que era feito de Ib. O barqueiro não o tinha tornado a ver, mas soubera, por sua velha mãe, que elle andava taciturno e pensativo.

Nas suas reflexões, Ib lembráva-se das trez avelãs, que a bohemia lhe déra. Deu a Christina as duas, nas quaes deviam existir as carruagens douradas e os vestuarios ricos; e, com effeito, ella ia possuir tudo isso. Quanto a elle tambem era exacta a prophecia: cabia-lhe a terra preta. « Era o que havia de melhor! » dissera a bohemia.

» Como ella adivinhou! pensava Ib; não serão a terra mais preta e o tumulo mais triste as cousas que mais me convém? »

Alguns annos passaram-se; não muitos, todavia; mas, para Ib, pareciam seculos.

O velho estalajadeiro morrera, e depois d'elle a mulher. Deixaram milhares de moedas ao seu filho unico. Christina teve então bella carruagem e vestidos soberbos em profusão.

Dous annos se passáram ainda. O barqueiro quasi não tinha noticias de sua filha. Por fim recebeu longa carta d'ella. Tudo estava bem mudado. Nem ella nem seu marido sabiam gerir a fortuna. Parecia que a benção de Deus não os ajudava. Começavam a sentir-se constrangidos por falta de dinheiro.

A neve cahira abundantemente na floresta que protegia a casa de Ib contra a violencia do vento. A primavera trouxe depois de novo o sol. Ib trabalhava no campo; o seu arado encontrou de repente obstaculo muito resistente: escavou a terra e d'ella retirou dous objectos pretos, mas brilhando no lugar onde o ferro tinha batido. Era um bracelete de ouro massiço, que provinha de um tumulo de gigante. Cavando encontrou ainda outras peças do ornato de um heroe dos tempos antigos. Mostrou tudo ao cura, que mandou-o ao bailio com algumas palavras de recommendação.

« O que achaste na terra, lhe disse o bailio, é o que ha de mais raro e de melhor. »

— Elle pensa sem duvida que é o que ha de melhor para um homem como eu, pensou comsigo Ib. Se, porém,

esses objectos forem considerados como o que ha de melhor, a bohemia tinha dito a verdade. »

Por conselho do bailio, Ib partiu para levar o seu thezouro ao museu de Copenhague. Elle, que raramente passava para o outro lado do rio, que corria perto de sua casa, considerou essa viagem como uma travessia de além Oceano.

Chegou a Copenhague, onde recebeu forte somma, seiscentas moedas d'ouro. Esteve passeando na grande cidade, que pretendia deixar no dia seguinte pelo mesmo navio que o trouxera. Á noute perdeu-se n'uma multidão de ruas e foi parar no arrabalde Christianshavn. Entrou n'uma pequena rua de apparencia pobre. Não viu ninguem. Uma menina sahia, porém, de uma d'essas casas miseraveis. Elle pediu-lhe que lhe indicasse o caminho. A creança olhou para elle com ar timido e poz-se a chorar.

Condoído, perguntou á menina qual era a causa da sua dôr. A pequena murmurou algumas palavras que elle não comprehendeu. Deram juntos alguns passos até que chegáram debaixo de um lampeão de gaz. Ahi Ib sentiu-se perturbado. Olhando para a creança viu diante de si Christina, tal quel era na sua infancia. Não podia enganar-se : os seus traços estavam bem gravados na sua memoria.

Disse á creança que o conduzisse á sua casa; a menina, vendo-o com ares de bondade, cessou de chorar e entrou com elle na pobre choupana. Subiram uma escada feia e pouco segura. Penetráram n'um sotão, onde a atmospherá era pesada e insalubre. Quasi não havia luz. Ouvia-se alguem respirar com difficuldade n'um

canto e suspirar de dôr. Ib accendeu um phosporo e viu estendida n'um pobre leito, uma mulher, a mãe da creança.

« Posso ser-lhe util em alguma cousa? disse elle. —

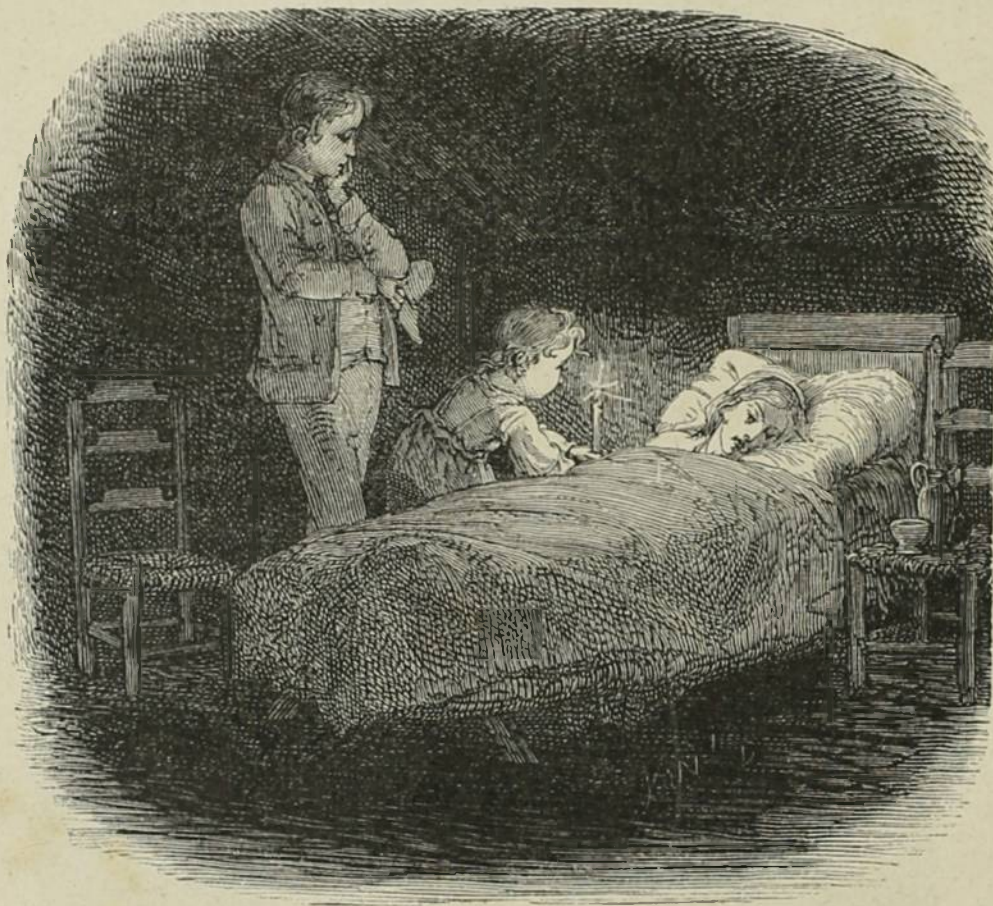


A pequena trouxe-me cá, mas sou estrangeiro n'esta cidade. Não conhece a senhora vizinhos, que eu possa chamar para a socorrerem? »

Ao mesmo tempo, vendo que a cabeça da doente es-
corregava do travesseiro, elle levantou-a e, examinando

então o rosto da infeliz, reconheceu o de Christina, outr'ora rainha do bosque.

Havia muio tempo não ouvira mais fallar d'ella.



Evitavam todos fallar d'ella na sua presença para não provocar lembranças dolorosas, tanto mais quanto as noticias eram desagradaveis. Seu marido perdêra a cabeça depois de ter herdado as riquezas deixadas por seus paes; elle as julgava inesgotaveis, renunciára ao emprego que tinha e puzera-se a correr mundo, com um luxo de nababo. De volta a Copenhague continuou nas suas despezas. Quando faltou-lhe o dinheiro, contrahiui dividas. Cavou cada vez mais a sua ruina. Os

seus amigos e companheiros, que tinham ajudado a comer o seu patrimonio, deram-lhe as costas, dizendo-lhe que merecera esse castigo por ser louco. Um dia o seu corpo foi encontrado no canal.

Havia muito tempo Christina tinha a morte na alma. Seu filho mais moço, nascido no meio da miseria, tinha fallecido. Restava-lhe uma filha, a pequena Christina, a que Ib havia encontrado. A mãe e a filha viviam n'aquelle casebre miseravel, abandonadas, soffrendo fome e frio. A doença viera ainda acabrunhar mais a infeliz Christina.

Ib ouviu-a murmurar : « Vou, pois, morrer e deixar essa pobre creança sem um real, sem protector. O que será d'ella? » Extenuada, calou-se. Ib accendeu um pedaço de vela que descubriu e o quarto ficou um pouco illuminado. Olhava para a menina e n'ella encontrava cada vez mais distinctos os traços de Christina n'aquella idade e comprehendeu logo que, pelo amor que tivera pela mãe, ia querer muito bem a essa creaturinha, que via pela primeira vez.

A moribunda olhou para elle : os seus olhos se escancararam. Teria elle sido reconhecido? Elle nunca o soube. Poucos momentos depois ella morria, sem proferir mais palavra.

Eis-nos de novo no bosque, junto do rio da Gudena. O matto está sem flôres. As tempestades do outomno arrastaram folhas seccas até á cabana do barqueiro, onde residem estrangeiros. Mas, ao abrigo de uma elevação de terreno e protegida por grandes arvores, a casa da Jeppe Jaens está toda rebocada e concertada. No interior está acceso bello fogo. Se o sol está

occulto pelas nuvens, em compensação a casa é alegrada pelos olhos brilhantes de uma linda creança. Quando ella faz vibrar os seus labios côr de rosa e sorridentes parece estar-se ouvindo o canto dos passaros. A vida e a alegria reinam com ella na casa. A pequena dorme n'este momento sobre os joelhos de Ib, que é para ella pae e mãe ao mesmo tempo. Sua mãe descança no cemiterio de Copenhague; a creança lembra-se apenas d'ella! Ib adquiriu certo bem-estar. O seu trabalho não foi esteril; elle soube fazer fructificar o ouro que retirou do seio da terra e tornou a encontrar a pequena Christina!





ELLA COMPORTA-SE MAL

O burgomestre estava á janella já de *toilette* feita, com fina camisa bordada, na qual brilhava um alfinete de diamante. Estava barbeado de fresco e dera ligeiro córte no rosto, onde, momentaneamente, pregára um pedacinho de papel, arrancado de um jornal.

« Olha, pequeno » — disse elle.

Esse pequeno, que passava, era o filho da pobre lava-deira. Passando diante da casa do burgomestre, tirára respeitosa e o seu barrete. A creança fez humilde reverencia, como se estivesse diante do rei. A sua roupinha era a do pobre, mas limpa e bem tratada. Calçava tamancos grossos.

« És um bom menino, disse o burgomestre, a tua urbanidade me agrada. Tua mãe está sem duvida ensaboando roupa na margem do rio. Naturalmente vaes



levar-lhe o que ahi está apparecendo fóra [do teu bolso. Quanto é o que tens ahi? »

— « Uma meia medida », respondeu o pequeno, com medo e com a voz abafada.

— « E esta manhã ella tomou a mesma quantidade? » continuou o digno homem.

— « Não, foi hontem, » respondeu a creança.

— Duas meias medidas fazem uma medida inteira. Na verdade ella comporta-se mal. É triste e ella deveria envergonhar-se. E tu, procura, meu filho, não ser beberrão ; mas tu o serás, é inevitavel. Pobre creança ; vae-te ; continua o teu caminho ».

O pequeno partiu. Na confusão em que se achava, guardou na mão o seu barrete ; o vento brincava com os seus cabellos louros, cujos anneis se desfraldavam.

Tomou a pequena rua que o levava ao rio. Alli estava sua mãe ajoelhada sobre um banco e batendo roupa. A corrente das aguas era rapida, as represas do moinho estavam abertas. A agua arrastava os lençóes e força era necessaria para contel-os.

« Pouco faltou, disse ella ao filho, para que eu fosse carregada pela corrente. Foi bom que chegasses. Preciso reconfortar-me um pouco. Faz frio perto d'agua e ha seis horas aqui me acho. Tens alguma cousa para mim ? »

A creança tirou do bolso a garrafa, que a mãe levou logo á boca, bebendo um bom gole.

« Como isto faz bem ! disse ella. Como esquento. Um trago faz tanto effeito quanto uma chicara de caldo e é menos caro. Bebe um pouco, meu filho. Estás bem pallido ; estás gelando, sem duvida, por causa da tua roupa tão leve. Estamos já no outomno. Mas como é fria aquella agua. Se eu cahisse doente ! Não, nada d'isso. Vou beber mais um gole. Bebe tambem, mas só uma gota. Não deves habituar-te a isso meu filho. »

Deixou o seu banco e subiu para a terra. O seu vestido estava alagado.

« Trabalho e esforço-me a ponto de ver o sangue querer jorrar das minhas unhas ; mas faço-o de bom grado, para educar-te honradamente, meu filho. »

N'esse momento, appareceu uma mulher um pouco mais idosa, vestida pobremente. Era cega de um olho e tinha uma perna meio paralyzada. Por cima do olho cego costumava deixar cahir um anel de cabellos para occultar a enfermidade. Esta, porem, ainda era mais notada. Era uma amiga da lavadeira. Os vizinhos chamavam-a Martha, a rapariga do anel.

« Faz dó ver-te assim trabalhar na agua gelada ?

Precisas de certo sustentar um pouco as forças e, no emtanto, ha ainda más linguas, que censuram as gottas que bebes. »

Ella repetiu então o discurso do burgomestre á creança. Ouvira-o, passando, e estava magoada por ver que elle lhe fallara assim de sua mãe ; « esse homem severo, que considera um crime alguns tragos de aguardente, que servem de sustentaculo n'um trabalho penoso — continuou ella — dava n'esse dia um grande jantar com especie variada de vinhos fortes e de licôres finos. Duas ou tres garrafas para cada conviva. É certamente mais do necessario para acalmar a sêde. Mas não chamam a isso beber, ao que parece ; é gente de boa conducta, e tú, só tú minha amiga é que te comportas mal ! »

« Ah ! elle fallou-te, meu filho » disse a lavadeira, e os seus labios tremiam de emoção dolorosa. « Tu tens uma mãe, que não se comporta bem... Talvez elle tenha razão, mas não deveria dizel-o á creança. Muitas tristezas já me vieram d' aquella casa.

— Alli trabalhaste antigamente, disse a outra mulher, quando viviam os parentes do burgomestre, ha já muitos annos. Depois disso já se tem, como se diz, comido muitos alqueires de sal e é natural que se tenha alguma sêde. O facto é, continuou Martha, rindo-se da caçoada, que o burgomestre convidára muita gente. A' ultima hora elle quiz contramandar o jantar; mas já era tarde, as iguarias estavam compradas e preparadas. Eis o que eu soube pelo creado: ha momentos recebeu uma carta em que lhe annunciavam que seu irmão mais moço tinha fallecido em Copenhague.

« — Morto! » exclamou a lavadeira e ficou pallida como um cadaver.

— « Sim, mas porque é que te causa tanta magua essa noticia? Ah! é verdade, conhecestes-o quando estavas a serviço do burgomestre.

— « Como! Morto! Elle tinha a alma tão nobre! era a bondade e a generosidade personificadas. Na gente da sua classe não ha muita como elle! »

Assim fallando, a lavadeira tinha o rosto banhado em lagrimas.

— « Oh! meu Deus, tudo dança em redor de mim! » exclamou ella: « Talvez por ter esvaziado a garrafa? Sem duvida bebi mais do que podia supportar. Sinto-me mal ».

Apoiou-se de encontro a uma taboa.

« Meu Deus! — disse a outra mulher — Estás doente.

Isso passa. Vamos. Mas... não! Estás seriamente doente. É melhor que eu te leve para casa.

— E a roupa que ainda ahi está por lavar.

Não te incommodes. Dá-me o teu braço, vamos. Teu filho tomará conta da roupa. Eu voltarei e lavarei o pouco que resta. »

A pobre lavadeira cambaleava.

« Fiquei muito tempo dentro da agua fria, disse ella. Desde esta manhã, não tenho nem o que beber nem o que comer. A febre entrou-me no corpo, Senhor soccorra-me para que eu volte para casa. Meu pobre filho! »

Ella chorava amargamente. O pequeno tambem chorou, quando ficou só, tomando conta da roupa na margem do rio. As duas mulheres caminhavam lentamente. A lavadeira arrastava-se, vacillando. Quando passou diante da casa do burgomestre, cahiu, sem forças, na calçada. Os transeuntes fizeram grupo em redor d'ella. Martha correu á casa de sua amiga pedir soccorro.

O burgomestre e os seus convidados chegaram á janella. « Ah! é a lavadeira, disse o amphitrião, ella bebeu mais do que lhe pedia a sêde. Ella se comporta mal. É pena para o seu filhinho que é tão interessante e de quem muito gosto... Mas a mãe é uma infeliz. »

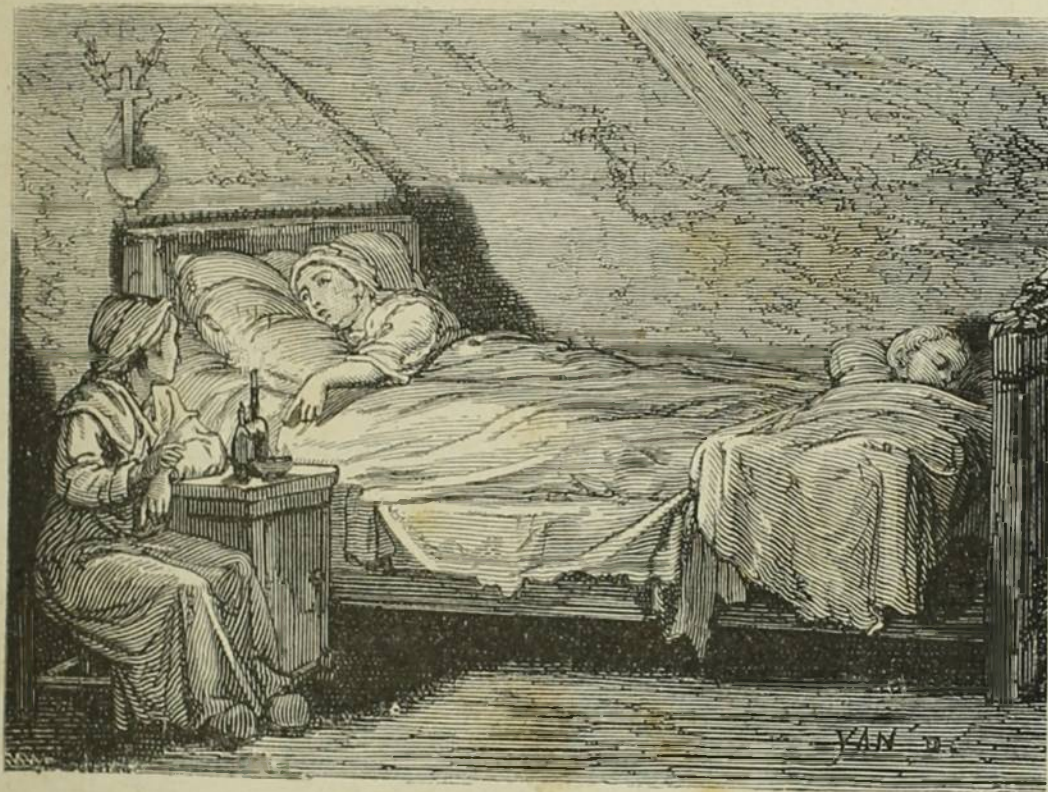
A pobre mulher voltou a si. Levaram-a para o seu quarto miseravel. Puzeram-a na cama. Martha preparou-lhe uma beberagem feita de cerveja quente, manteiga e assucar.

Era na sua opinião um remedio excellente. Voltou ao rio, lavou muito mal o resto da roupa; a sua intenção era boa, mas faltavam-lhe as forças.

A noute estava sentada perto do leito da lavadeira. A cozinheira do burgomestre dera-lhe para a doente

algumas batatas assadas e um bom pedaço de presunto. Martha e o pequeno regalaram-se. A doente apenas aspirava o cheiro, que dava-lhe conforto, dizia ella.

Martha deitou o menino na cama de sua mãe, e co-



briu-o com um velho tapete. A lavadeira ia melhor. O cheiro da comida fizera-lhe bem e a cerveja quente a fortificára.

« Es uma alma boa, Martha, disse ella. Como agradecer-te? Vou contar-te todo o passado, quando a creança estiver adormecida. Creio que ella já o está. Vê com que physionomia serena e innocente elle descança! Não sabe elle o que sua mãe soffreu e Deus queira que nunca o saiba!

Como sabes eu servia em casa do conselheiro da

côrte, pae do burgomestre. Um dia o mais moço dos filhos, que estudava em Copenhague, voltou á casa. Eu era então moça, cheia de vida, travessa, mas honesta, posso affirmal-o na presença de Deus.

O joven estudante era alegre, de bom humor, amavel, e bom rapaz. Não havia n'elle uma gotta de sangue que não fosse honra e lealdade. Era o filho da casa e eu não era senão uma creada; mas nós nos amavamos honradamente. Apenas trocámos um beijo e um beijo não é peccado quando o amor era tão verdadeiro. Elle fallou d'isso á sua mãe, que era para elle o Deus na terra. E era, com effeito, uma mãe cheia de bondade e de sabedoria.

Tornou a partir para Copenhague e poz-me no dedo um annel de ouro. Apenas se afastára, que minha ama mandou-me chamar. Estava seria, mas affectuosa. As suas palavras pareciam cahir do céu.

Ella fez-me comprehender toda a distancia que havia entre elle e eu. « Hoje, disse-me ella, elle não vê senão uma cousa : que és muito bonita. Mas a belleza passa. Não recebeste a mesma educação que elle; não sois iguaes n'esse ponto, o que é uma fatalidade. Estimo e honro os pobres, acrescentou ella ; perante Deus muitos d'elles occupam posição mais elevada do que os ricos. Mas n'este mundo não devemos andar por caminho falso. Cuidado! não se deixem vocês arrastar de modo a preparar a desgraça, quando julgam preparar a felicidade. Sei que um homem honrado, um operario, pediu a tua mão. Refiro-me a Eric o luveiro. É um viuvo sem filhos; vive folgadamente. Reflecte bem em tudo o que te disse. »

Cada palavra da minha ama atravessava-me a alma como uma faca afiada. Ella tinha razão; e era isso o que me acabrunhava, perturbando o meu coração.

Beijei-lhe a mão, chorando amargamente. Chorei muito mais ainda quando cheguei ao meu quarto, onde deixei-me cahir na cama.

Foi uma noute terrivel a que seguiu-se a esse dia. Deus só sabe o que soffri e a lucta que tive de sustentar.

No Domingo seguinte apresentei-me á meza do Senhor para que elle me illuminasse. Houve então uma sentença do céu. Ao sahir da igreja Eric apresentou-se na minha frente. Dissiparam-se todas as duvidas no meu espirito. Nós nos convinhamos perfeitamente.

A nossa condição era a mesma. Elle tinha uma pequena fortuna. Approximei-me d'elle e pegando-lhe na mão disse :

« Pensas tú sempre em mim? »

— Sim, respondeu elle, sempre e eternamente.

Queres casar-te com uma rapariga que te estima, mas não te ama? O amor poderá vir um dia.

— « Virá, estou certo, retorquiu elle. E resolvemos casarmo-nos.

Voltei á casa ; para não ser visto costumava a trazer escondido no meu coração o anel de ouro que o filho me havia dado ; só á noute, no meu quarto, punha-o no dedo. Tomei o anel, beijei-o tão forte que o sangue saltou dos meus labios. Fui restituil-o á minha ama e annunciei-lhe que os banhos seriam publicados na semana seguinte. Ella beijou-me e apertou-me de encontro ao seu coração. Não disse *que eu me comportava mal.*

Talvez, nessa epoca, fosse melhor do que hoje, embora não tivesse ainda sido perseguida pela desgraça.

O casamento realizou-se no dia da festa das candeias. No primeiro anno tudo correu muito bem. Tinhamos um companheiro e um aprendiz. Tu servias então na nossa casa, minha boa Martha.

Oh! foste para mim, disse esta, uma ama bondosa e amavel. Nunca me esquecerei do bem que tu e teu marido me fizeram n' aquelle tempo.

— Sim, foram bellos annos aquelles que passaste em nossa casa. Não tínhamos ainda filhos. Nunca mais tornei a ver o joven estudante : apenas avistei-o uma vez, mas elle não me viu. Tinha voltado para o enterro de sua mãe. Estava de pé, perto do tumulo, e entregue á grande dôr. Chorava pela perda de sua mãe.

Mais tarde quando seu pae morreu, viajava muito longe. Não tornou mais a voltar aqui. Sei que não se casou. Formou-se, penso eu, em advocacia. Quanto a mim, elle me esquecêra. Se me encontrasse, de certo, não me reconheceria : estou tão feia ! mas o que Deus faz está bem feito. »

Ella fallou em seguida dos seus dias de privações e contou como a desgraça se apoderára d'ella com tanta vontade :

« Nós tínhamos, disse ella, quinhentos dinheiros. Na Grande Rue estava para vender-se uma casa velha por duzentos. Compramol-a para edificar uma nova. O pedreiro e o carpinteiro avaliaram a despeza em mil e vinte. Eric tinha credito. Tomou essa somma emprestada em Copenhague. O navio que a trazia naufragou e o dinheiro foi para o fundo do mar. Foi nessa epoca

que nasceu meu caro filhinho, que está dormindo alli tão gentilmente. Meu marido foi accommettido de uma doença grave e longa.

Durante nove mezes era preciso vestil-o e despil-o, tão poucas eram as suas forças. Os nossos negocios iam de mal a peor. Nos endividámos. Foi-se tudo o que tinhamos posto de lado, até os moveis. Eric morreu. Eu tinha lutado, trabalhado, soffrido para a creança; continuei; fazia todo o serviço. Esfregava escadas e lavava roupa fina e grossa. A desgraça foi, porém, perseguindo-me até hoje. — É a vontade de Deus, que acabará por me chamar junto delle; e estou certa [que elle não abandonará meu filhinho »].

E ella adormeceu. No dia seguinte pela manhã sentia-se melhor. Julgou que as suas forças tinham voltado e foi para o seu trabalho. Apenas entrou na agua fria que sentiu um calafrio e depois uma fraqueza.

Convulsivamente estendeu a mão para sustentar-se, mas deu um grito e cahiu. Cahiu com a cabeça do lado da margem do rio e os pés do lado da agua. A corrente levou os seus tamancos. Foi assim que Martha a encontrou, quando foi levar-lhe café.

Nesse interim o burgomestre tinha mandado uma carta a sua casa chamando-a com urgencia, pois tinha uma communição importante a fazer-lhe! Já era muito tarde. Martha em vão procurou chamal-a vida: a pobre lavadeira estava morta.

« Morreu a força de beber », disse o burgomestre.

Eis o que elle tinha a dizer-lhe: Na carta, em que lhe era annunciada a morte de seu irmão, havia um extracto do testamento do mesmo. Seis centos dinheiros

eram legados á viuva do lueiro, que outr' ora servira em casa de seus paes : esse dinheiro devia ser dado a ella ou a seu filho, em sommas mais ou menos consideraveis segundo as suas necessidades.

« Sim, lembro-me, pensou o burgomestre, houve



outr'ora certas historias entre ella e meu irmão. Tanto melhor se ella foi-se deste mundo, a creança será tudo. Vou collocal-a em casa de gente boa e mais tarde será um artista habil e honrado. »

E com effeito quiz Deus que essas palavras fossem cumpridas.

O burgomestre mandou buscar o pequeno. Prometteu

encarregar-se delle e accrescentou que não devia ficar assim tão triste. Sem duvida era sua mãe que elle perdeu, mas ella comportava-se muito mal.



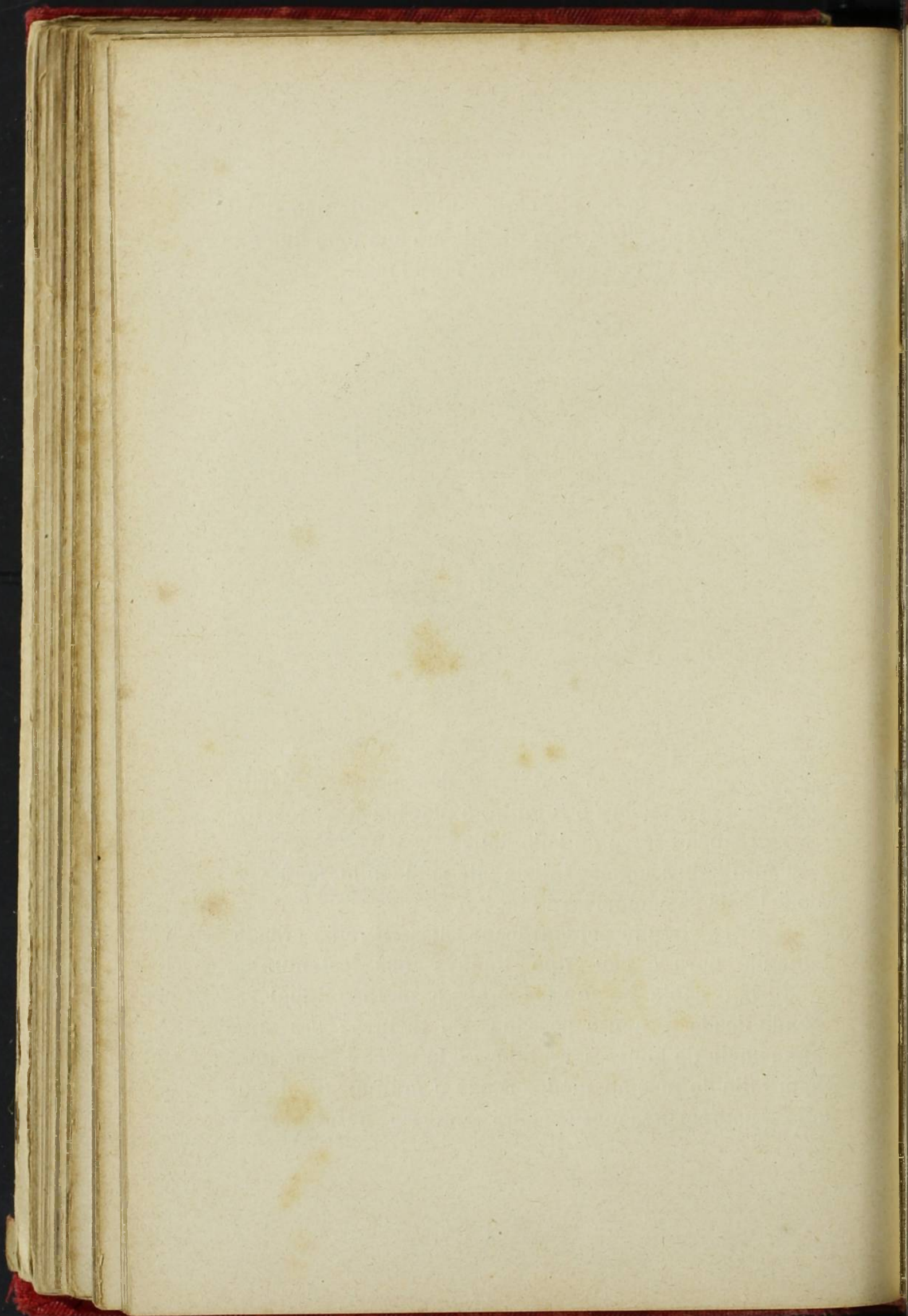
Levaram-a para o cemiterio dos pobres. Martha espalhou areia sobre o tumulo, e plantou uma roseira.

A creança estava ao lado della :

« Minha boa mamãe ! dizia elle soluçando, será verdade ! Ella se comportava mal ? »

— Era a virtude personificada, disse a velha creada, olhando para o céu, que tomava por testemunha.

Eu já o sabia ha muitos annos e melhor fiquei sabendo desde a noute passada. Eu te juro : era uma alma cheia de honra e rectidão ; e lá no céu Deus tambem falla do mesmo modo. Deixa o mundo dizer que ella se comportava mal e venera sempre a sua memoria. »





UM DESGOSTO

I

Esta historia compõe-se de duas partes. A primeira podia ser dispensada. Eil-a todavia : ella dará a conhecer um pouco os personagens.

Estavamos em um palacete no campo. Os donos da casa ausentáram-se por alguns dias. Uma mulher, viuva de um tanoeiro, habitante de pequena cidade vizinha, apresentou-se. Estava escoltada de um cão pequeno, um « doguezinho. »

Acabava de contrahir um emprestimo sobre hypotheca e trazia comsigo papeis assignados pelo tabellião. Aconselhámos-lhe que puzesse tudo sob capa ao endereço do proprietario do castello: « Snr. commissario geral de guerra, cavalleiro...

Ella ouviu com attenção, tomou a penna, reflectiu um pouco e pediu-nos que repetisse o endereço lentamente. Repetimos e ella começou a escrever: « Snr. Commis... » Não poude continuar e parou, não sabendo se devia escrever commissario com dous ss. Suspirou e disse: « Sou uma simples mulher! Como poderei escrever tantos nomes! »

O cãesinho estava deitado no chão. Resmungava e não parecia muito satisfeito. Com effeito estava viajando, por motivos de saúde e de distracção e ninguem lhe offerecia o mais insignificante tapete para descançar.

Não era de bonito aspecto com o seu focinho chato e a sua giba de gordura; continuava a resmungar surdamente.

« Não façam caso, disse a mulher; elle não morde, porque não tem dentes e porque é bom animal; está comnosco ha tanto tempo que já faz parte da familia. Meus netos estragam um pouco o seu character. Representam com as suas bonecas uma peça onde figura um casamento e querem que o pobre cão faça o papel de baillio. Isso cança o animalzinho, que fica de máu humor. »

Acabou escrevendo o endereço e foi-se embora com o cãesinho debaixo do braço.

É'essa a primeira parte de historia que podia ter sido posta de lado.

O « doguesinho » morreu. Aqui começa a segunda parte.

Tinhamos ido para a cidade e moravamos n'um hotel, em frente da casa da tal mulher. As nossas janellas davam para o pateo dessa casa, que era dividida em duas partes por um taboado. De um lado viam-se pelles, material para a tanoaria; do outro, havia um pequeno jardim onde crianças brincavam. Eram os netos e netas da dama.

Acabavam de enterrar o pobre « doguezinho »; tinham-lhe levantado um bello mausoléu, digno da sua bella raça. Em redor construíram uma especie de fortificação com cacos de garrafa e de pratos. No meio uma garrafa rachada mostrava ao céu o seu gargalo!

Depois de terem celebrado gravemente uma cerimonia funebre, as crianças dançaram em volta do tumulo. Uma dellas — um menino de sete annos — espirito pratico, propoz que se fizesse uma exposição, consentindo que as crianças da vizinhança a vissem. O preço da entrada era um botão de calça. Os botões não faltariam e a receita seria abundante.

O projecto foi adoptado a unanimidade e foram annunciar a resolução.

As crianças acudiram de todas as ruas e beccos da vizinhança. Cada uma dava o botão exigido. Nesse dia muitas dellas foram para suas casas, com as calças segu-



ras apenas por um suspensorio, mas tinham... visto o tumulto do « doguezinho ».

Na entrada do pateo, encostada á porta estava uma menina, pobremente vestida, coitadinha. Era bonita,

com os seus bellos cabellos annellados e os seus olhos do mais puro azul.

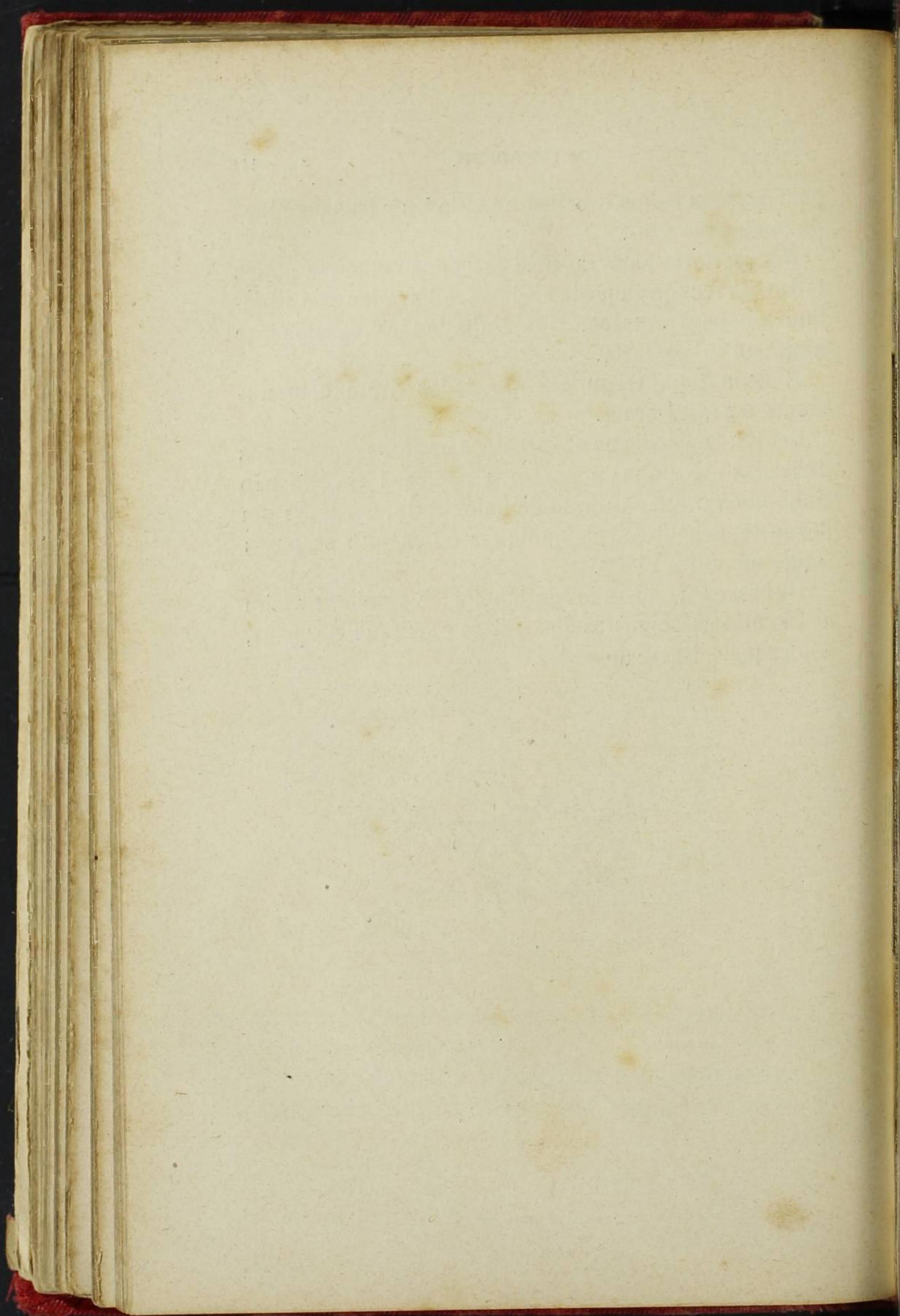
Não proferia palavra, nem tão pouco chorava : mas todas as vezes que a porta abria-se, olhava longa e attentamente para o pateo. Não tinha botões e sabia que ninguem lh' os daria.

E ficou toda triste até que todos viram o monumento e se retiraram.

Sentou-se depois no chão, cobriu os olhos com as suas delicadas mãosinhas e poz-se a soluçar ! Só ella não tinha podido ver o tumulo do « doguezinho » E era um desgosto grande como qualquer outro que se possa sentir em outra idade.

Tinhamos visto tudo da janella ; e vendo-se assim de tão alto os desgostos dos outros e os seus proprios, não se póde deixar de sorrir.







UM CASAL DE NAMORADOS



Um pião e uma bola estavam um ao lado da outra n'uma caixa de brinquedos.

« Porque, disse o pião, não seremos noivos, uma vez que devemos passara nossa vida juntos? »

A bola, porém, que estava guarneçada de bello marroquim e mostrava-se altiva com uma grande senhora, nem sequer respondeu.

No dia immediato o menino, a quem os brinquedos pertenciam, lembrou-se de pintar o pião de encarnado e amarello e de collocar-lhe no meio um prego de latão. Quando o pião gyrava, era um brilho de côres magnificas.

« Olhe para mim disse elle á bola. O que diz de mim agora? Não quer casar-se commigo? Fomos

feitos um para o outro : Você pula e eu danço. Quem poderá ser mais feliz do que nós ? »

— Julga isso ? respondeu a bola.

Não sabe você que meu pae e minha mãe eram soberbos chinellos de marroquim e que o meu corpo é de hespanhol ?

— Muito bem, replicou o pião ; mas olha bem para mim e veja que sou todo de acajú. O autor dos meus dias é o burgomestre da cidade em pessoa. Nas suas horas de recreio, diverte-se em fazer cousas lindissimas e eu sou a sua obra-prima.

— Será bem verdade o que me está dizendo, retorquiu a bola um pouco mais branda.

— Que não me applichem mais chicotadas, se minto ! respondeu o pião.

— Você sabe fazer-se valer com habilidade, disse a bola. Mas a cousa é impossivel. Dei a minha palavra a uma andorinha. Todas as vezes que salto pelos ares, ella põe a cabeça fóra do ninho e faz-me uma declaração de amor. Ja dei ha muito tempo o meu consentimento e já somos meio noivos. Por isso não posso attender ao seu pedido, mas ligo a maior importancia aos seus sentimentos e, prometto-lhe, nunca me esquecerei de você.

« Já é alguma cousa, suspirou o pião todo afflicto, mas isso não basta para me consolar. »

Foram as ultimas palavras que elles trocaram. No dia seguinte a creança pegou na bola e fel-a saltar pelos ares : esta voava como um passaro. O pião perdeu-a de vista um momento.

A bola voltou para ser de novo lançada. De cada

vez era um salto surprehendente, ou porque quizesse ir até ao ninho da andorinha ou talvez por simples effeito do hespanbol.

Na nona vez ficou em caminho, não voltou mais. O menino procurou, procurou e não descobriu o menor vestigio; tinha desaparecido.

« Eu sei onde ella está, disse o pião suspirando; está no ninho da andorinha, e estão casados. »

E mais elle pensava nisso mais pezar sentia. Nunca tivera pela bola tanto amor como depois que não podia tornar a vel-a.

A sua maior tristeza era pensar que ella ia ser a esposa de um outro.

O pião continuou todavia a dançar e a fazer *ron-ron*. Mas pensava sempre na bola que, na sua imaginação, parecia-lhe cada dia mais encantadora.

E isso transformou-se no que se chama uma paixão antiga.

O pião já não era novo. N' um bello dia doraram-o, para dal-o de presente á outra creança. Nunca estivera tão bonito. Era um prazer vel-o gyrar e brilhar como o sol. Como fazia bem o *ron-ron*! Ah! se a bola pudes-se então vel-o!

De repente encontrou uma pedra e saltou para longe. Desapparecêra. Em vão procuraram-o.

Onde estava elle? Na caixa do cisco, no meio das cascas de couve e de outros residuos.

« Sim senhor, estou arranjado, pensou elle. — O que vae ser agora dos meus dourados! Que rebotalho o que me cerca! »

Olhou em redor de si e viu um resto de salada e um

objecto redondo, parecido com uma maçã; era uma bola, qui tinha passado muitos annos na goteira e e ainda estava toda molhada da agua da chuva.



« Deus seja louvado, disse ella, vendo o pião dourado, tenho um companheiro de sorte, com quem posso conversar. Ninguem dirá hoje que sou de cortiça da Hespanha, toda coberta de marroquim!! Ia casar-me com uma andorinha, quando atiraram-me nesta goteira, onde fiquei cinco annos. Como a agua da chuva me inchou! Como estou feia! Garanto-lhe que é um sacrificio cruel para uma rapariga de boa origem, como sou eu! »

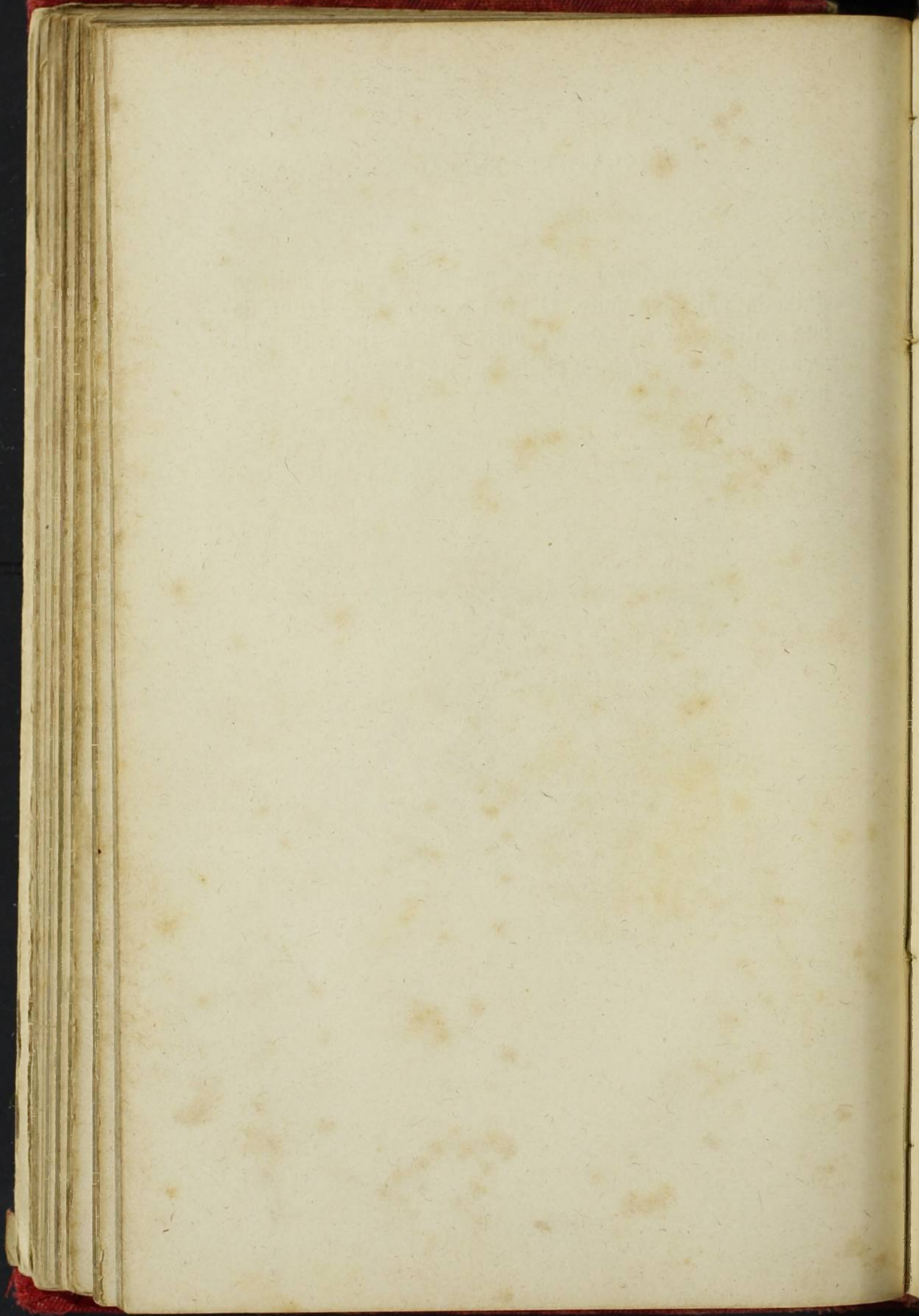
O pião nada dizia. Pensava no seu amor antigo e sabia que era aquelle o objecto da paixão da sua mocidade.

Chegou nessa occasião uma creada. Ia atirar fóra o

eisco quando viu o pião dourado. Apanhou-o e deu-o às creanças.

O pião readquiriu a sua gloria antiga. A bola foi deixada em abandono. O pião nunca mais fallou da sua antiga paixão. Tendo visto a bola inchada pela agua de chuva, feia e cheia de rugas, evitára reconhecê-la.







UMA HISTORIA NAS DUNAS

I

Esta historia passou-se nas regiões arenosas da Jutlandia, mas não começou no norte; teve, pelo contrario, o seu inicio, bem no sul.

Transporta-te, leitor, pelo pensamento, á bella Hespanha, inundada de sol. Que ar quente e que paiz so-

berbo ! Por toda a parterica vegetação, folhagem leve e flôres vermelhas da romeira destacando-se no fundo sombrio das mattas de louro. Um vento fresco, reconfortante, sopra a travez das montanhas e passa pelos bosques de laranjeiras e pelos palacios mourescos de cupolas douradas.

Pelas ruas desfilam, em procissão, creanças com tochas accesas e bandeiras desfraldadas pelo vento. O céu, de um azul limpido, está devéras resplandescente. Mais longe, ouvem-se as cançonetas e o barulho das castanholas : raparigas e rapazes dançam e pulam debaixo das esponjeiras floridas. Um mendigo, encostado a um marmore antigo, olha para essa mocidade alegre, comendo uma trancha de melancia, feliz a seu modo, gozando da vida e parecendo fazer um sonho.

A vida parece, na realidade, um bello sonho nessa terra encantada. Basta abandonar-se a ella. É' o que faziam os dous recém-casados, que possuíam todos os bens deste mundo : saúde e alegria, riqueza e honras.

« Quem teria sido mais feliz do que nós o somos ? » diziam elles do fundo do coração. Pensavam, todavia, que havia ainda um maior gráu de felicidade : podiam ter um filho, um filho semelhante a elles no corpo e na alma. Com que transportes de alegria não seria recebida essa creança privilegiada ! Quantos cuidados, quanto amor, quanta opulencia e quanta alegria o cercariam !

Os mezes se passavam para elles como se fossem um dia continuo de festa.

« A existencia é, só ella, — dizia um dia a mulher — um dom da graça divina, um dom maravilhoso e

inestimavel ; e não basta a existencia. O homem quer ainda que sua felicidade augmente continuamente, tanto nesta terra como em outra.

— O orgulho humano nunca está satisfeito, respondeu o marido. É puro orgulho acreditar-se que se vaee viver eternamente; é o que prometia a serpente e ella é autora da mentira.

— « Não tens porém duvidas sobre a vida futura ? » retorquiui a mulher, e parecia-lhe que, pela primeira vez, uma sombra atravessava o seu espirito, todo illuminado por um sol de alegria.

— A Fé a annuncia e a Igreja o affirma, — respondeu o rapaz. — Mas é justamente a grandeza da minha felicidade, que me obriga a reconhecer que semelhante esperanza é presumpção. É temerario reclamar fóra desta vida uma felicidade sem limite. Não devemos nos darmos por satisfeitos com o que recebemos nesta terra ?

— Sim, respondeu a mulher. Mas ha milhares de sêres humanos, para os quaes a existencia é uma dura provação ; são creaturas destinadas á pobreza, á doença, ás desgraças. Se nada houvesse alem do tumulto, os bens deste mundo seriam muito desigualmente repartidos e Deos não seria o que é : a justiça.

— Nós julgamos talvez as cousas sob um ponto de vista muito pessoal, replicou o marido. Aquelle mendigo, que vês acolá, tem prazeres a que dá o mesmo valor que áquelles de que goza um rei no seu throno. E além disso, diante do teu raciocinio, a besta de carga, que é surrada, que soffre os rigores da fome não terá tambem o direito de reclamar compensações em outra

terra? Embora collocada tão baixo na criação, não se poderá também dizer que é uma injustiça?

— O Christo disse: « Na casa de meu pae, ha muitos domicilios. » O céu é o infinito como o amor divino é o infinito. O animal é, como o homem, uma criação de Deus e, penso com firmeza, não ha vida perdida. Cada creatura gozará de toda a felicidade de que é susceptivel de receber.

Quanto á mim, disse o moço, este mundo me basta. »

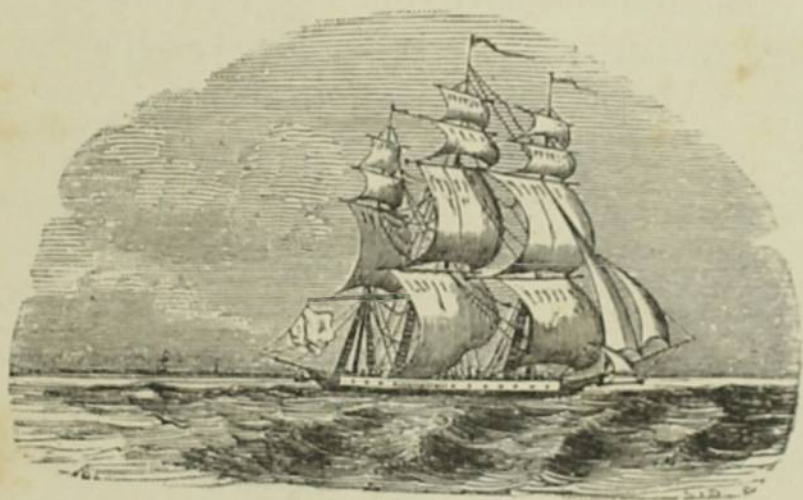
E fallando assim, olhava com ternura para sua mulher, tão linda e tão carinhosa. Levou-a para o terraço da casa. A fumaça do seu cigarro levantava-se em espiraes no ar fresco, perfumado pelo cheiro dos cravos e das flôres de laranja. Na rua ouviam-se as guitarras e as castanholas. As estrellas resplandesciam no azul do céu. Dous olhos mais brilhantes do que as estrellas, dous olhos cheios de ternura, contemplavam o feliz rapaz.

— « Para semelhantes momentos vale bem a pena — disse elle — nascer, gozar e desaparecer para sempre. » E sorria; a moça deu um grito de branda censura. Mas a sombra que tinha escurecido a sua felicidade já estava longe: ambos eram muitissimo felizes.

Tudo parecia combinar para que tivessem cada vez mais honras, mais satisfações, mais riquezas. O rapaz foi enviado pelo seu rei na qualidade de embaixador junto do Czar da Russia. Pelo nascimento e pelo saber era digno dessa missão e dispoz-se a preencher-a com brilhantismo: a sua grande fortuna, alliada á de sua mulher, filha de um dos principaes armadores da pe-

ninsula, dava-lhe os meios de representar nobremente o seu paiz em S. Petersburgo.

Um dos mais bellos navios do armador estava justamente para partir para Stockolmo. O armador destinou-o para o transporte de seu genro e de sua filha para a Russia. Mandou preparar tudo a bordo como se fosse para um rei : por toda a parte ricos tapetes, ouro e seda, e tudo o que havia de mais luxuoso.



N'uma antiga ballada, um principe da Inglaterra embarcou n'um navio, em que os cordaimes eram de seda, em que a ancora era de ouro e o resto em proporção. Com esse navio parecia-se aquelle em que embarcaram os Hespanhóes.

Na partida disseram como na ballada :

Que Deus nos deixe alegres
Nos tornarmos a ver um dia.

A viagem não devia ser longa. O vento estava favoravel. Mas em alto mar cessou de soprar. O Oceano

estava immovel e as ondas adormecidas. O tempo continuava soberbo. No bello navio só havia festa e alegria.

Finalmente voltou a brisa, que guiou-os para a boa direcção. O navio avançava entre a Escocia e a Jutlandia. O vento tornava-se cada vez mais forte e como sempre na ballada :

A tempestade soprou, as nuvens derramáram toda a agua, e não tendo o navio mais abrigo, elles atiraram a ancora de ouro: mas o tufão levou-os para a Dinamarca.



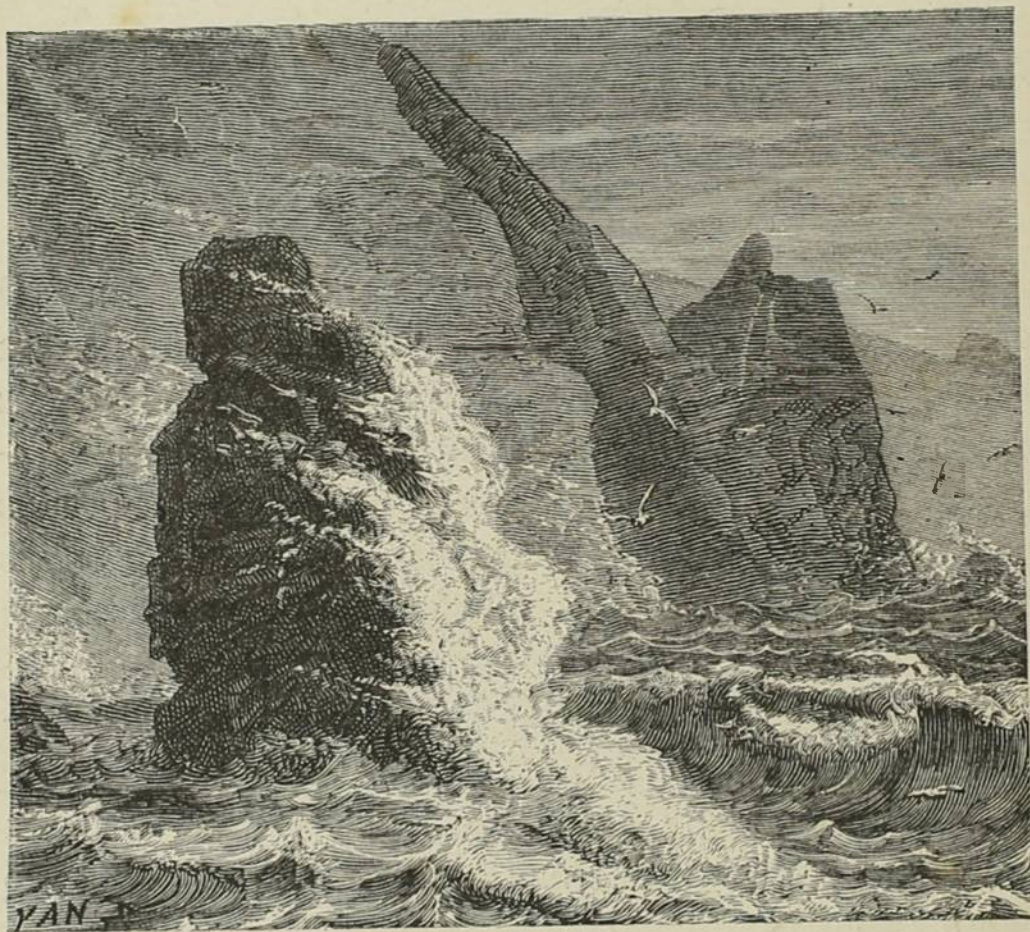
II

O facto data de muito tempo. O rei Christian VII estava então no throno da Dinamarca e ainda era moço. Quantos acontecimentos deram-se depois dessa epoca! Só no sólo da Jutlandia quanta mudança! os brejos e os lagos foram convertidos em prados verdejantes; mattos e charneças tornaram-se terras fecundas. Ao abrigo das cabanas plantáram-se pés de maçã, roseiras. Para vel-os é preciso procurar um pouco, pois estão cerrados pelas rajadas terriveis dos ventos de oeste.

Mas, na ponta da Jutlandia, nada mudou. Em uma extensão de leguas e leguas acha-se o terreno inculto com os seus tumulos dos gigantes, com os seus caminhos, onde o transeunte enterra-se na areia até aos joelhos.

A oeste, onde os rios desembocam no mar, notam-se charcos, turfeiras, cercadas de dunas muito altas, desiguaes e cheias de dentes na parte superior, formando como que uma cadeia de pequenos Alpes. Mais longe veem-se rochas escarpadas, roidas pelas ondas enfurecidas. Era para esses lados que se dirigia o navio em que iam os felizes recém-casados.

Estava-se em fins de setembro e era n'um domingo. O sol brilhava; o ar estava puro. De todos os lados ouvia-se o som dos sinos das igrejas, situadas nas mar-



gens da bahia de Nissoum. Todas essas igrejas são de cantaria, para poderem resistir ao mar. Não teem, porém, campanario. O sino está pendurado ao lado do templo entre duas vigas.

Terminado o serviço divino, os fieis sahiram da igreja, dirigindo-se a maior parte para o cemiterio. Como hoje, não se via alli então [nem arvore, nem arbusto, nem uma só flôr, nenhuma corõa sobre os

tumulos ; só montões de areia, cobertos de terras compridas que, batidas sempre pelo vento, cortam como lanças. Na falta de monumentos, aqui e acolá, destaca-se um ou outro pedaço de madeira, atirado pelo mar e cortado em forma de esquife. Depressa essa mesma peça de madeira é destruída pelo tufão e pela nevoa humida.

Um desses pedaços de madeira já todo bolorento e coberto de areia fôra collocado sobre o tumulo de uma creança. Uma mulher dirigiu-se para aquelle lado e sem procurar foi ter ao tumulo, que contemplou em silencio, com os olhos cheios de lagrimas. Alguns momentos depois chegou o marido ; não se fallaram. Elle pegou-a pela mão e levou-a devagar para as dunas. Caminháram muito tempo silenciosos.

« Como o cura pregou bem hoje ! disse afinal o marido ; na verdade, se Deus não existisse, estaríamos bem abandonados.

— Sim, disse a mulher. Mas o Senhor dá a alegria e depois o pezar. Está no seu direito. Amanhã nosso filhinho teria cinco annos, se tivéssemos podido conservá-lo.

Porque pensas sempre na tua dôr ? disse o marido. Não está a creança tão bem lá onde pedimos a Deus que nos deixe chegar um dia ? »

Calaram-se de novo e caminharam para a sua casinha, occulta nas dunas. De repente, de uma dessas collinas, onde a herva não pode com as suas raizes reter a areia, viu-se como que uma nuvem de fumaça espessa. Era a areia que o vento carregava pelos ares. Uma segunda rajada carregou com os peixes que seccavam em cordas

junto da casa, atirando-os de encontro ás janellas. Voltou depois a tranquillidade. O sol brilhava como anteriormente.

Mas o signal tinha sido comprehendido. O marido e a mulher apressaram-se em voltar para a casa. Vestiram as roupas de todos os dias e correram para a praia. Ahi encontraram os vizinhos. Auxiliáram-se mutuamente para puxar os botes mais para o lado da praia. O vento soprava de novo, mais forte, aspero e frio. Na volta para casa receberam areia e pequenas pedras no rosto, tal era a força do tufão. As ondas engrossavam; o vento cortava-lhes a crista de escuma, espalhando-a sobre o mar, que ficava todo branco.

Sobreveiu a noute trazendo comsigo a tempestade. Foi um *crescendo* de assobios, de clamores lamurientos. Parecia o grito de milhares de demonios sahidos do inferno. Esse barulho terrivel dominava o estrondo da maré; as ondas rebentavam quasi na altura das dunas. Rajadas de vento eram tão fortes que ás vezes faziam a casinha tremer.

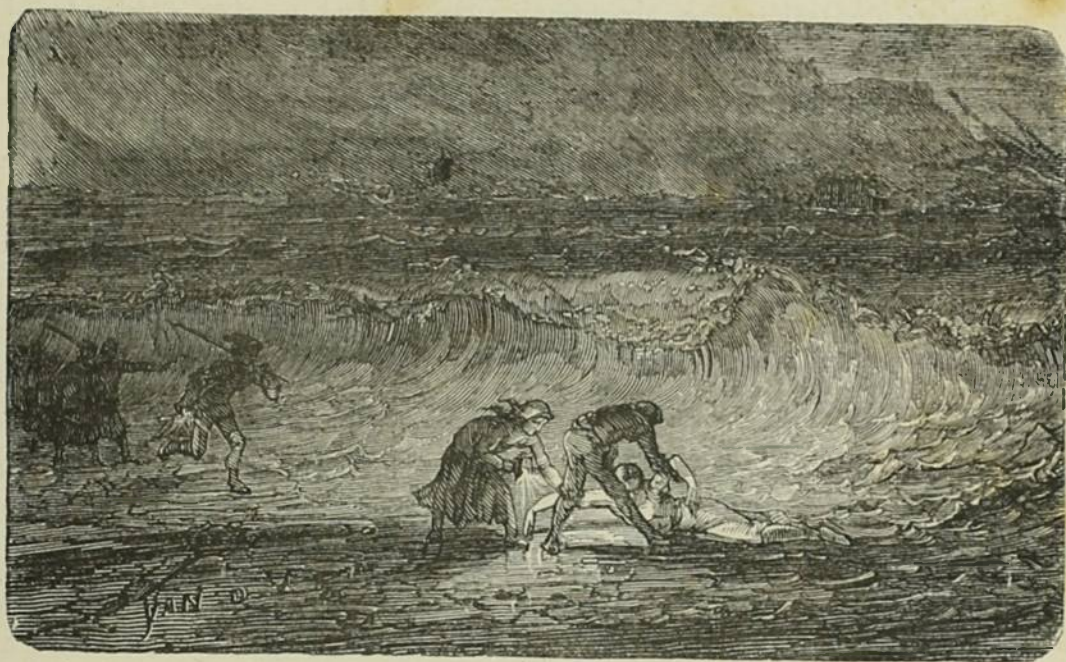
Durante as primeiras horas houve escuridão completa. Á meianoute a atmospherá limpou-se e a lua appareceu. A tempestade continuava, todavia, a agitar as profundidades do Oceano.

Ninguem podia dormir com semelhante tempo. Bateram de repente á janella do casal gritando: « Um grande navio foi de encontro a um rochedo. »

Saltáram da cama, vestiram-se ás pressas e correram ao mar.

Estava sufficientemente claro para ver-se o que se passava, quando o vento não obrigava a fechar os olhos. Só

de rastos atravez das dunas, aproveitando-se dos momentos de tregua entre duas rajadas de vento, foi que os pescadores conseguiram chegar á praia. Via-se então esvoaçar pelos ares a espuma das ondas como pennas



de cysnes. Os vagalhões rolavam para o lado da costa como immensas cataractas a ferver. Era necessario a vista pratica do marinheiro para distinguir a embarcação. Era um grande navio de trez mastros. De repente o mar atirou-o para o lado de terra, a bem pouca distancia do bom caminho. Foi de encontro a um segundo rochedo e não moveu-se mais. Era impossivel soccorrel-o. Ondas enormes cobriam-o quasi inteiramente. Ao longe percebia-se os esforços desesperados da tripolação; julgava-se ouvir gritos de augustia dos naufragos. Um vagalhão enorme, rebentando com o estrondo de um rochedo gigantesco, abateu a pôpa do

navio ; a prôa levantou-se para o ar. Poude-se ver nessa occasião duas pessoas, uma nos braços da outra, atirarem-se ao mar. Uns minutos depois o mar atirou á praia um unico corpo : era o de uma mulher.

Os marinheiros dinamarquezes davam-a por morta. Algumas mulheres, levantando-a, julgáram perceber signaes de vida e levaram-a para a casa do pescador. Como era bella ! Que rico vestuario ! Devia ser uma grande dama.

Estenderam-a na cama pobre do pescador. O calor animou-a um pouco, mas uma febre ardente a devorava. Não sabia o que se passára e não percebia onde se achava. Era uma felicidade para ella, pois o que ella mais estremezia estava no fundo do oceano.

Era sempre como na antiga ballada :

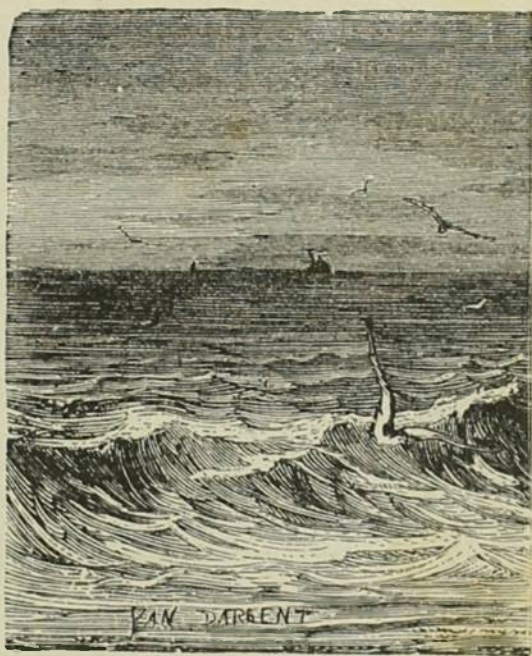
*O navio estava reduzido a pedaços
Horrivel de ver-se.*

Pedaços de madeira eram atirados á praia. Nenhum dos naufragos, porém, apparecia.

Alguns momentos depois a mulher deu um grito de dôr e abriu os seus bellos olhos. Disse algumas palavras, mas ninguem comprehendeu a sua linguagem. Deu a luz á uma creança. Era um menino, que deveria descançar em berço dourado, com cortinado de seda, em magnifico palacio.

Todos os bens da terra lhe estavam destinados ; o seu nascimento devia ser saudado por gritos de alegria de uma cidade inteira, mas Deus determinou que elle viesse ao mundo n'aquelle pobre retiro !

Não recebeu sequer um beijo de sua mãe. Collocaram-o é verdade de encontro ao seu seio, de encontro ao seu coração : mas esse coração não batia mais. A pobre naufraga estava morta.



III

A creança, de quem deviam ser amas a Riqueza e a Felicidade, estava atirada nessa terra grosseira, no meio das dunas desoladas, e devia participar da sorte dos povos.

Havia muito tempo, o uso barbaro de saquear os naufragos não existia mais nas costas da Jutlandia. Em qualquer ponto do paiz a infeliz creança teria encontrado agazalho, mas em nenhum tantos desvelos quantos em casa da pobre pescadora, que na vespera chorava á beira do tumulo de seu filho, que teria cinco annos n'aquelle dia. Foi ella quem o adoptou.

Ninguem soube quem era a dama estrangeira. Nenhum dos restos atirados á praia pelo mar denunciou nem o nome nem a procedencia do navio.

Na Hespanha, no palacio sumptuoso, nunca houve carta nem noticia, que indicassem a sorte que tiveram a filha da casa e seu marido. O que se sabia apenas era que não tinham chegado ao seu destino e que a viagem fôra abalada por violentas tempestades. Finalmente, depois de mezes de incerteza, chegou do norte a dolorosa noticia : o navio tinha naufragado, perecendo passageiros e tripolação.

Nas dunas junto de Hunsby, a cabana do pescador deu abrigo ao descendente desconhecido da rica familia hespanhola. Jorge — em dinamarquez Joergen — foi o nome, que lhe deram.



« Como tem a tez morena, — dizia a gente da aldeia — é com certeza filho da Judea. »

« Ou então um Italiano ou um Hespanhol » retorquia o cura.

A mulher do pescador não se preocupára em saber a que raça podia pertencer o seu protegido; gostava muito d'elle.

O menino cresceu; o seu sangue nobre continuou quente debaixo do céu frio da Jutlandia; e, apesar do alimento do pobre, ganhou robustez. Fallava o dialecto

dinamarquez do paiz. Era a pevide da romã de Hespanha transformada em grão de aveia das costas do mar do Norte : eis o que póde succeder a seres humanos.

Em tudo e por tudo tomou raiz no sólo onde nascêra. Conheceu a fome, o frio, as maguas e as miserias da pobre gente ; mas gozou tambem das suas alegrias

Como brinquedo e diversões tinha a costa cheia de teteias diversas : seixinhos vermelhos como o coral, amarellos como o ambar, brancos como as bolas de neve, redondos e brunidos como ovos de passaro. Alli encontrava esqueletos de peixe, longos fios brancos de hervas marinhas seccas pelo vento, mil cousas, que attrahem o olhar e provocam a reflexão. O menino tinha o espirito vivo, maravilhosamente dotado pela natureza.

Facilmente decorava as historias dos tempos antigos e as velhas canções e como sabia recital-as ! Com os seixinhos e conchinhas fazia pequenos navios e outros objectos lindissimos, que dava á sua mãe adoptiva para ornar a casa. Desenhava figuras originaes na madeira.

Qualquer pedaço de musica que ouvia, repetia-o com voz sonora e vibrante. Possuia os dons mais ricos, que teriam ecoado atravez do mundo, se não estivesse desterrado n'aquella cabana, ás margens do mar do Norte.

Um dia, outro navio naufragou n'aquellas alturas. Uma caixa cheia dos mais raros grãos de tulipa foi atirada á praia. A gente do lugar, não sabendo o que era, mândou cozinhar alguns d'aquelles grãos ; acharam-os detestaveis. O resto ficou na areia e apodreceu :

não chegáram a abrir nem a mostrar as suas côres magnificas. Dar-se-ia o mesmo com Jorge? Estaria elle destinado a estiolar-se longe do clima onde poderia desenvolver-se completamente?

O que é facto, porém, é que vivia sempre alegre e cheio de boa vontade. Não percebia a monotonia da vida n'aquelle recanto esquecido do universo. Tanto quanto podia trabalhava para ajudar os seus paes adoptivos. Se queria descansar não tinha, para distrahir-se, senão olhar para o mar, sempre variavel, passando da calmaria para o tufão. De vez em quando appareciam naufragos, dos quaes se fallava durante muitos mezes. Além disso Jorge era muito religioso; ir á igreja era uma festa para elle. Algumas vezes chegavam visitas. De todas a mais agradavel era a do irmão de sua mãe adoptiva, o pescador de enguias, que residia em Fjultring. Ia duas vezes por anno no seu carro pintado de vermelho, com flôres azues e brancas; fechado como uma caixa e todo cheio de enguias. Dous bois russos puxavam-o e Jorge guiava-os até certa distancia.

O pescador de enguias era um companheiro alegre. Trazia sempre comsigo pequeno barril de aguardente. Adultos e velhos tomavam um bom calice; Jorge bebia a sua dóse n' um dequeno dedal.

« Isso ajuda a digestão da enguia gorda », dizia o pescador, que depois contava uma historia, sempre a mesma, e, quando parecia-lhe ter agradado ao auditorio, repetia-a logo! Esse conto foi para Jorge um Evangelho. Applicava-o ás vezes aos acontecimentos de sua vida. E por isso, leitores, deveis tambem ouvi-lo :

« As enguias passeavam na bahia ; pediram á mãe permissão para subir um pouco o rio. Está bem, disse ella ; mas nada de ir muito longo. O máu pescador póde apparecer e agarrar-vos todas. »

« Ellas foram, com effeito, longe de mais, e de oito que eram, não voltaram senão trez.

« Minha mãe, diziam ellas lamentando-se, não fomos, no entanto muito além de nossa porta, mas o pescador terrivel appareceu e feriu de morte nossas cinco irmãs.

— « Ellas voltarão », disse a mãe.

— « Como voltarão ? Elle tirou-lhes apelle, cortou-as em dous pedaços para cozinhal-as. »

— « Ellas voltarão, repito. »

— « Mas elle as comeu. »

— « Não importa, ainda assim voltarão. »

— « Mas elle bebeu depois aguardente.

— « Ah ! então, disse a mãe, não as veremos mais ; a aguardente é o tumulto da enguia.

— « Eis porque, concluia o pescador, é preciso beber sempre um góle depois de ter comido a enguia. »

Jorge bem desejaria, como as enguias, afastar-se um pouco da bahia, ir a qualquer parte, e, de preferencia tomar um navio e percorrer os mares.

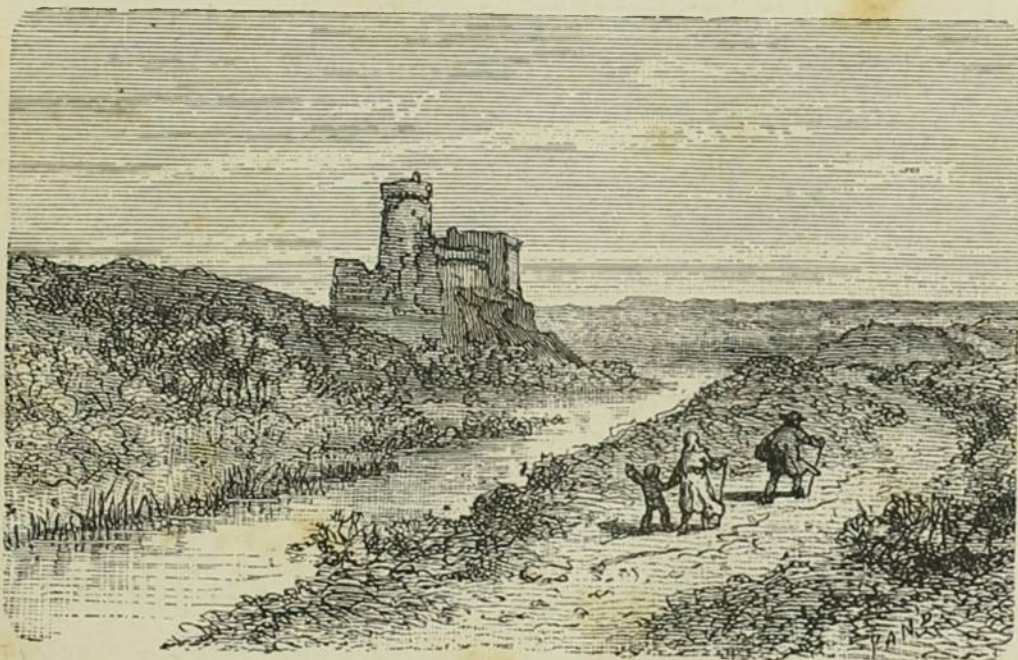
Mas sua mãe adoptiva e o pescador lhe diziam : « Fica junto de nós : se soubesses como os homens são máus ! »

Não podia elle ao menos ir um pouco além das dunas, ver um pouco de terra vizinha ? Os seus desejos realizáram-se afinal.

Teve quatro dias de alegria continua, os mais bellos

da sua infancia. Um rico parente de seu pae adoptivo tinha fallecido e nos paizes do Norte persiste o costume, como nos tempos do paganismo, de acabarem os enterros com grandes festins.

A familia foi com Jorge á residencia do finado, si-



tuada a muitas leguas de distancia, para o lado de leste. Ao sahir das dunas, atravessáram charnecas e pantanos até chegarem ás margens verdejantes, onde corre o Skjalrumaa, rio das enguias, que os homens apanham e cortam em dous pedaços. Nada ha que admirar, pois entre elles não procedem ás vezes menos cruelmente.

Havia alli, nas margens do rio, as ruinas do castello que o cavalleiro Bugger mandára edificar, mais de quinhentos annos antes. Foi assassinado por salteadores e elle mesmo, a quem davam o nome de bom

senhor, quiz mandar matar o architecto, que lhe construiu o castello e a torre elevada, de paredes grossas.

Quando o castello ficou prompto e retirava-se o ar-



chitecto, depois de ter sido pago, o cavalleiro disse ao seu escudeiro : « Corre atrás d'elle e diz-lhe que a torre está vacillando ; se elle voltar-se é porque não está certo do seu trabalho ; mata-o então e traze-me o dinheiro, que elle ganhou mal. Se elle proseguir no seu caminho, deixa-o ir em paz. »

O escudeiro fez o que lhe ordenou o patrão.

O architecto não voltou-se; respondeu, continuando o seu caminho: « Não é verdade, a torre está tão firme quanto um rochedo; mas dia virá em que de Oeste chegará alguém com um manto azul, que talvez a derrube. »

E, com effeito, no fim de cem annos, o mar invadiu as terras e a torre cahiu.

O castello foi reconstruido um pouco mais alto. Chama-se o Noerre-Vosborg. Os viajantes passaram ao lado e Jorge, que tinha ouvido contar sobre elle tantas maravilhas, admirou longamente o palacio com os seus torreões e o seu parque. Havia alli arvores como nunca vira, altas tilias, em flôr, que perfumavam a atmosphera e n'um canto um ramo de sabugas, tambem em flôr. Jorge pensava que era neve que estava alli entre as folhas. Nunca se esqueceu d'aquelle espectaculo, que pareceu magico á sua alma infantil.

Foi necessario deixar essa perspectiva encantadora. O caminho tornou-se mais facil. Encontráram-se com outros convidados para o enterro; iam de carro. Jorge e seus paes adoptivos tomaram lugar na trazeira. O pequeno sentia-se feliz como um rei no carro puxado por seis bois.

Atravessáram o matto. Os bois paravam de vez em quando, logo que avistavam alguma herba no meio da charneca. Deixavam os animaes comer. O sol estava radiante e ao longe viam-se como que nuvens de fumaça transparente, onde a luz do sol reflectia de modo curioso.

« É Lo ki que está tomando conta dos seus carneiros » diziam a Jorge, que se julgava transportado ás regiões fantasticas dos velhos deuzes scandinavos.

Que tranquillidade reinava alli! De todos os lados, tão longe quanto a vista podia alcançar, a região estendia-se como bello tapete, cheio de flôres côr de rosa, zimbros de um verde escuro e de renovos de carvalho. Jorge desejava correr por alli á sua vontade. Mas eram muitas as cobras venenosas, que pairavam n'aquelle lugar. Falláram-lhe tambem de lobos, que out'ora infestavam a região. O velho, que guiava os bois, contou que, no tempo de seu pae, os cavallo soffriam muito por causa desses animaes ferozes. Um dia encontrára um cavallo tendo debaixo das patas um enorme lobo, que acabava de matar; mas no combate ficára com a pelle das pernas toda despedaçada.

Deixáram afinal o matto, com grande pezar de Jorge e chegáram ao termo de viagem. A casa estava cheia de convidados. Fóra, parecia um verdadeiro acampamento de carros. Os cavallo, os bois formavam verdadeiro rebanho. Detraz da casa elevavam-se dunas de areia, semelhantes ás da praia. Estendiam-se ao longe. Como puderam ellas penetrar tão no interior das terras? Foram ellas levadas pelo vento? Tambem teem a sua historia.

Realizou-se o serviço funebre; foram cantados psalmos. Todos estavam silenciosos e recolhidos; apenas alguns velhos choravam. Muitos dos assistentes tinham apenas conhecido o finado. Uma vez fóra da Igreja, todos ficáram alegres, com excepção dos velhos, mais susceptiveis de tristeza. As mesas estavam cheias de comidas diversas; nada faltava para que todos comessem bem; carnes, peixes, doces, aguardente para fazer digerir a enguia, etc, etc.

Jorge andava para aqui e para acolá, saltando, admirando tudo, colhendo flôres, atirando-as fóra, apanhando morangos bravos e dançando de alegria, quando enrubescia as mãos com o succo dessa planta.

Ficou de bocca aberta contemplando os tumulos dos Gigantes, de que lhe haviam contado tantas historias terriveis.

Via-se, á noute, surgir, como columnas de fumaça, o nevoeiro secco a que o sol poente dava as mais bellas côres.

Assim passáram-se trez dias de pleno prazer. No quarto, foi necessaria a despedida e cada um voltou para sua casa.

Quando Jorge e seus paes tornaram a ver as dunas de beira-mar o velho pescador exclamou: « São essas as verdadeiras dunas; só ellas pôdem resistir ao vento! » E contou a Jorge como as outras dunas eram feitas no interior das terras.

Um dia, camponezes encontraram um cadaver e enterraram-o n'um cemiterio. O mar começou então a invadir a terra, arrastando consigo montanhas de areia.

O terror era grande por toda a parte. Foi então que um velho prudente aconselhou que se desenterrasse o morto.

« Se estiver chupando o dedo pollegar é um homem do mar e este só se acalmará quando lh'o entregarem. » E com effeito o morto tinha o dedo pollegar na boca. Os camponezes depressa atiráram-o ao mar. Este acalmou-se logo e voltou ao natural; mas as dunas que trouxe ficaram no mesmo lugar.

A historia agradou muito a Jorge; não duvidava da sua veracidade, aliás tanto quanto o pescador, que lh'a havia contado.

IV

Depois de tudo o que vira de bello, Jorge, mais do que nunca, desejava percorrer o mundo. Aos quatorze annos fez-se grumete de um navio. Mas, desta vez, o que encontrou elle? máu tempo, mar cavado, homens severos e máus, pão secco, noutes frias e... soccos. Quando pela primeira vez lhe deram pancada, o sangue da nobre Hespanha, que corria nas suas veias, revoltou-se. Sentiu esse sangue ferver e palavras amargas vieram-lhe aos labios; poudo, todavia, re-tel-as. O bom senso teve a primazia. Compreendeu que, zangando-se, ia expor-se a peiores tratamentos. Na sua colera contida sentiu o que deve sentir a enguia quando lhe arrancam a pelle e cortam-a em dous pedaços, para atiral-a ao fogo. « Não faz mal — disse elle por fim — como a enguia, saberei voltar. »

Chegáram ás costas da Hespanha. Por um capricho da fortuna, o navio atirou ancora no porto, onde os paes de Jorge tinham vivido, no meio das maiores riquezas. O pobre grumete estava sempre de guarda a bordo. Todavia, no ultimo dia, mandáram-o á terra fazer compras.

Pela primeira vez via uma grande cidade. Como

as casas lhe pareciam altas ! As ruas estavam cheias de gente apressada ; habitantes da cidade, camponezes, soldados, padres passavam conversando, e que barulho ! Ouviam-se o som das campainhas das mulas, canticos, sons de instrumentos e para arrematar o barulho dos martellos nas officinas. O sol queimava, o ar estava pesado.

Parecia-se estar n'um forno cheio de moscas zuniadoras, de abelhas e de bezoiros.

Jorge, atordoado, não sabia para onde ir. As vezes olhava para a sua pobre roupa, que parecia ter sido lavada na lama e secca n'uma chaminé. E isso tornava-o ainda mais embaraçado e timido.

De repente viu diante de si uma grande cathedral com as portas abertas. Centenas de luzes brilhavam debaixo d'aquella abobada sombria e de longe respirava-se o cheiro do incenso. Os mendigos mais esfarrapados entravam no sanctuario. Jorge'pediu ao marinheiro que o acompanhava que o deixasse penetrar na igreja. Viu os soberbos quadros pintados sobre fundo de ouro. Por cima do altar a Madona com o menino Jesus, cercada de flôres, illuminada pela luz das velas.

Os padres, vestidos de ouro e de seda, cantavam, em quanto que os meninos do côro embalançavam os incensorios de prata. Que brilho ! Que magnificencia ! Jorge sentiu sua alma penetrada, abatida. A fé dos seus parentes parecia despertar nelle e prorompeu empranto.

Foi necessario partir e ir ao mercado buscar generos. Tomáram de novo o caminho do porto. Jorge, carregado de embrulhos, abatido por longa marcha, tinha o corpo e a alma cançados.

Todas essas impressões novas e variadas acabru-
nhavam-o. Viu um palacio magnifico, ornado de estatuas
e de columnas de marmore, com grande escadaria.
Jorge sentou-se na escada para descansar um pouco.
Mas o porteiro, todo agalado, acudiu, agitando uma



bengala com pomo de prata e expulsou-o, injuriando-o, elle, o filho da casa, o herdeiro do palacio e de todas as suas riquezas. Era, com effeito, a residencia de seu avô que, no meio d'aquelle luxo, consumia-se de tristeza, por ter perdido sua filha unica.

O navio tomou de novo o mar e Jorge tornou a encontrar as palavras duras, pouco somno e muito trabalho. Sabia então o que custa ver o mundo. Diz-se, é

verdade, que é bom penar na mocidade; sim, talvez, comtanto que appareça a bonança na velhice.

O navio regressou a Ruizkjoebing na Jutlandia. Acabado o seu tempo de serviço Jorge voltou a Punsby para tornar a ver os seus paes e as suas caras dunas. Mas, durante a sua ausencia, sua mãe adoptiva tinha fallecido e essa noticia estragou todo o prazer da volta.

Passou-se o verão. Sobreveiu um inverno dos mais rigorosos, com tempestades terriveis de neve, que varriam tudo no mar e em terra. Jorge admirou-se de ver as cousas tão desigualmente repartidas neste mundo. Aqui o frio e o furacão, na Hespanha o sol radiante, o ar calmo e fervente. Havia momentos em que dava preferencia ao sul, mas quando vinha a bella geada e quando olhava para os rebanhos brancos de cysnes, que nadavam nos rios, gostava mais do Norte. Jorge lembrou-se do castello de Vosborg, das tilias, dos sabugueiros e das folhas de murta e preferia tudo isso aos esplendores das regiões meridionaes.

Voltou a primavera e a pesca começou. Jorge tinha crescido muito; era forte, cheio de vida e de vigor, sempre prompto para o trabalho e ajudava com todo o zelo seu velho pae adoptivo. Era habil nadador, brincava com as ondas como se fosse um peixe. Quando demorava-se um pouco mais o velho pescador avisava-o que tomasse cuidado com os bancos de « cavallas », que perdem o melhor nadador, prendem-o, devoram-o. Mas não era destino de Jorge ser preza delles.

Um vizinho tinha um filho chamado Martinho. Jorge e Martinho foram sempre bons camaradas. Contractaram-se como marinheiros n'um navio, que partiu para a

Noruega e para a Hollanda. Nunca tinham brigado : mas, de repente, surgiu uma questão. Jorge era violento, facil, pela sua raça, de encolerizar-se.

Por uma bagatella houve um dia entre elles uma discussão á bordo. Jorge empallideceu; uma nuvem de ferocidade cobriu os seus olhos. Puxou pela faca. Martinho disse tranquillamente :

« Ah! tu és do numero d'aquelles que brincam com faca! » Jorge não repondeu; baixou a mão, como que por encanto e foi para o seu trabalho. Foi depois ter com Martinho e disse-lhe. « Marecia que me esbofe teasses. Sinto que ás vezes o meu sangue ferve e exalto-me demais. »

« Não fallemos mais nisso », respondeu Martinho. Depois dessa altercação ficaram mais amigos do que pelo passado. Quando Jorge contava o caso, Martinho acrescentava sempre que seu camarada era exaltado, mas tinha bom coração.

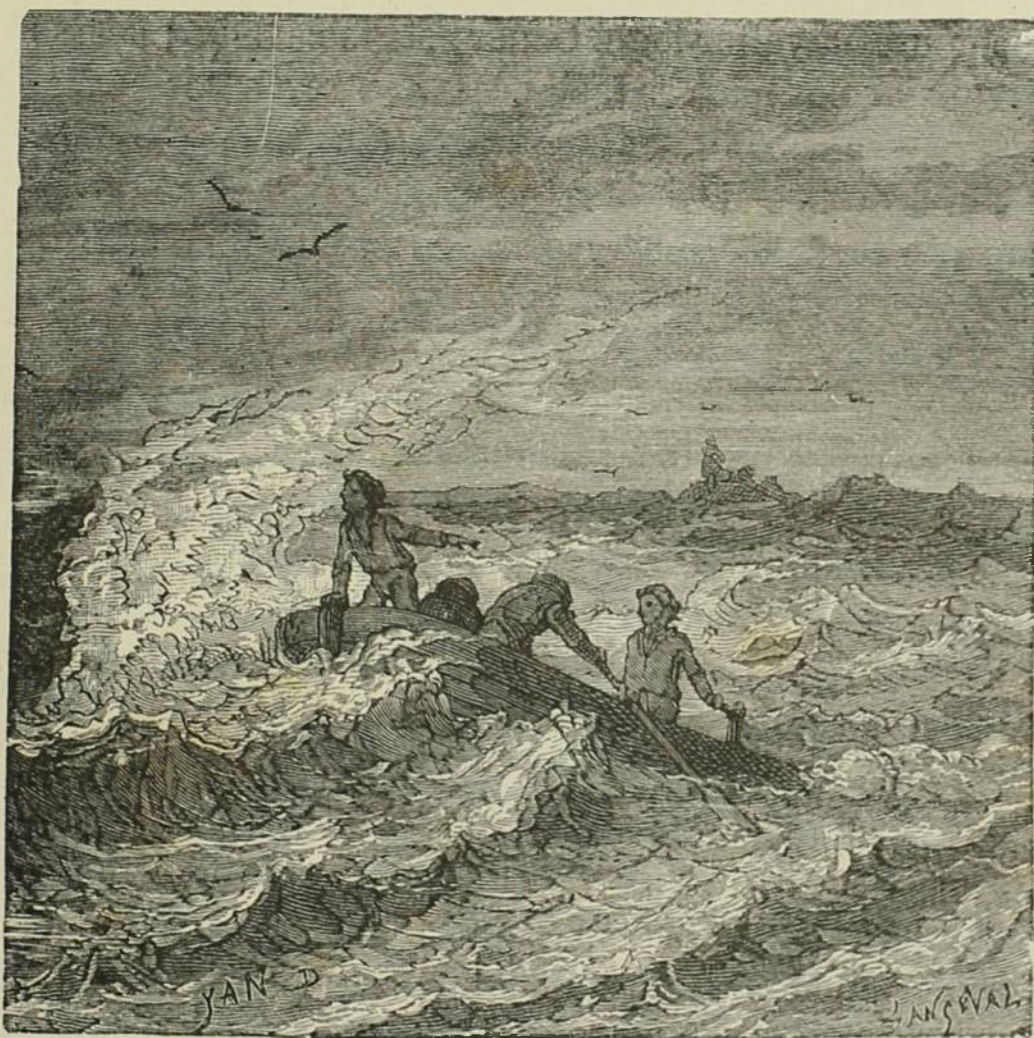
Entre as raparigas da aldêa havia uma, com a qual Jorge preferia conversar.

Chamava-se Elisa. Era tão loura quanto elle era moreno. Os seus cabellos pareciam de linho e os seus olhos azues como o mar quando brilha ao sol. Um dia foram passear juntos e de mãos dadas. Ella disse a Jorge :

« Jorge, tenho um pedido a fazer-te. Tua criada foi-se embora, dá-me o seu lugar. Sou forte e agil e verás como sei preparar a cerveja quente, que vocês costumam beber quando voltam cançados da pesca; verás como eu limpo e preparo bem os peixes! Muito desejaria ir para tua casa. Amo-te como a um irmão. Mar-

tinho quer que eu vá para a casa dos seus paes. Mas isso não é possível, pois somos noivos. »

Ouvindo essas palavras, Jorge sentiu suas pernas bambalearem, a terra parecia desaparecer debaixo dos



seus pés. Não pôde proferir uma palavra, inclinou sómente a cabeça com um gesto affirmativo. Sentiu no seu coração que não podia mais supportar Martinho; só levou a pensar nelle e em Elisa, em quem antes não pensava tão seguidamente. Mais elle pensava e mais

elle se amofinava, mais se tornava evidente para elle que Martinho lhe usurpára a unica cousa, que mais desejava neste mundo : O amor de Elisa.

No dia seguinte foi á pesca com seu pae adoptivo e Martinho. O velho foi accommettido de febre, o que obrigou-os a voltar logo. O mar estava cavado ; nessas circumstancias não era facil passar entre os tres rochedos, que se acham á entrada da bahia.

Um dos tripolantes fica de pé, quando se approximam do rochedo e observa as ondas. Os outros remam como se quizessem ir para o largo até que o companheiro dê o signal que a grande onda aproxima-se e vae levantar o barco por cima do rochedo. Remam então para terra, o navio é levantado pela onda e torna a cahir com ella ; desaparece momentaneamente, de modo que da praia não se vê sequer o mastro e que se pensa que o barco sossobrou. Momentos depois reaparece levantado pela onda ; a apparencia é então a de um carangueijo monstruoso, cujas patas seriam os remos, erguendo-se no mar. A manobra é recomeçada diante do segundo e do terceiro rochedo. Depois disso o perigo está passado. Mas diante dos rochedos, não deve haver a menor demora ; a menor hesitação da parte de quem dirige a manobra bastaria para expor o barco a quebrar-se em mil pedaços.

Elles approximaram-se do rochedo, quanto Jorge levantou-se precipitadamente e disse.

« Meu pae, deixe-me passar para a frente e ficar de pé!

Um pensamento do inferno mordia-lhe o coração :
« só depende de mim — dizia elle comsigo — que Mar-

tinho e eu morramos aqui ! E o seu olhar ia de Martinho para o rochedo. A onda chegou. Jorge fitou, porém, o rosto pallido e doentio de seu pae adoptivo : com um vigoroso esforço de vontade, afastou de si a tentação, dirigiu como devia a manobra, chegando o barco á praia sem novidade.

Pensamentos sinistros continuaram a atormentar Jorge. Procurou lembrar-se com interesse se Martinho jamais lhe dera motivo para suspeitar da sua amizade. Não encontrava motivos sufficientes para querer-lhe mal. Havia, porém, sempre uma circumstancia : Martinho privára-o do bem mais precioso : bastava isso para ter-lhe odio de morte. Alguns pescadores notáram certa mudança no modo pelo qual Jorge tratava o seu camarada. Martinho nada notava ; era, como sempre, affavel, condescendente.

O velho pescador adoeceu, foi para a cama e morreu, deixando a Jorge a sua casinha por herança. Não era muito, mas Martinho não tinha tanto.

« Agora não te contractarás mais como marinheiro, — disse um vizinho de Jorge — ficarás comnosco. »

Não era essa a intenção de Jorge. O que elle queria era correr de novo o mundo. O pescador de enguias tinha um primo no velho Skagen. Era um rico negociante, um armador, um excellente homem. Foi em casa d'elle que Jorge pensou em entrar para o serviço marítimo. Skagen está situado a grande distancia de Hunsby ; era precisamente o que mais agradava a Jorge.

Resolveu partir antes do casamento de Martinho com Elisa, que devia realizar-se dentro de algumas semanas.

« Mas, retorquiu o vizinho, porque te retiras? Fazes uma tolice. Tens hoje uma casa; Elisa te preferirá como marido a Martinho. »

Jorge apenas respondeu com algumas palavras incoherentes. O vizinho foi buscar Elisa. Lutou para convencel-a. A moça disse por fim a Jorge: « Tens uma casinha; isso merece reflexão. »

Jorge também reflectiu muito do seu lado. As ondas do mar são tumultuosas, mas não tanto quanto os pensamentos do homem, não tanto quanto os que atravessavam o espirito de Jorge, fazendo-o andar de Herodes para Pilatos.

Por fim elle disse a Elisa:

« Vejamos uma cousa; se Martinho tivesse como eu uma casinha, qual de nós prefererias tu? »

— Mas elle não tem, respondeu ella, nunca terá uma semelhante.

— Mas supponhamos que elle venha a encontrar uma.

— Oh! então eu escolheria Martinho. Meu coração pertence-lhe. Mas não se vive só de amor. »

Separáram-se. Durante toda a noute Jorge não poudo dormir. Sua alma estava violentamente agitada. Uma ideia germinou na sua cabeça, cresceu pouco a pouco e ganhou mais força do que o seu amor por Elisa. No dia immediato o seu coração tinha readquirido toda a serenidade. Foi ter com Martinho; cedeu-lhe a casa por uma bagatella, allegando que só tinha um desejo, o de andar de novo embarcado.

Era uma resolução definitiva. Quando Elisa soube da noticia abraçou Jorge com toda a sinceridade, pois elle

deixava-a casar-se com Martinho, que era o seu preferido.

Jorge quiz partir no dia immediato pela manhã. Á noute teve a ideia de tornar a ver de novo Martinho, porquem sentia a mesma amizade de outr' ora. Atravessando as dunas, encontrou-se com o vizinho officioso, que fallou-lhe ainda a respeito de Martinho e fez-lhe observar quanto era extraordinario que esse rapaz fosse tão querido das raparigas. Jorge rompeu bruscamente a conversa e dirigiu-se para a casa, onde residia o seu camarada. Chegando perto da porta ouviu vozeria e risadas. Distinguiu a voz de Elisa, que não desejava mais tornar a ver. Voltou para sua casa, satisfeito, em summa, por não ter ouvido os agradecimentos de Martinho e principalmente por não ter assistido ao quadro da sua felicidade.



De manhã, ao romper do dia, Jorge fechou o seu sacco de viagem e partiu. Tomou o caminho da praia, com direcção a Fjulthring, onde tencionava visitar o pescador de enguias.

O mar estava bello, de um azul puro. Na areia estavam espalhadas conchinhas de especies variadas. Faziam lembrar a Jorge os dias da sua infancia: eram esses os seus brinquedos favoritos. Apanhava algumas, atirava-as fóra, apanhava depois outras. A força de abaixar-se começou a deitar sangue pelo nariz. A agitação da vespera tinha feito o seu sangue subir á cabeça. Sentiu depois o cerebro mais livre; algumas gotas de sangue cahiram na manga da sua camisa.

Continuou de novo o seu caminho. Sentia-se livre e contente. Apanhava as flôres que encontrava aqui e acolá e pregava-as no chapéu. Via diante de si o vasto universo e, como as enguias do velho pescador, ia recrear-se nelle. Muitas vezes pensava nas palavras prudentes da enguia mãe: « Meus filhos, cuidado com os homens que são tão máus e tão crueis. » « Mas — pensava elle — o que devo eu temer? Tenho coragem e nunca fiz mal a ninguem.

O sol já estava em meio caminho quando Jorge aproximou-se da bahia de Nissoum. Lançou um ultimo olhar sobre Hunsby e viu, a pouca distancia, dous cavalleiros, que se dirigiam do seu lado, acompanhados de longe por individuos que corriam a pé.



Não se importou com isso e continuou o seu caminho. Na embocadura do rio, chamou o barqueiro para atravessal-o. Estava em meio caminho quando os dous cavalleiros chegaram á margem do rio e ordenáram ao barqueiro que voltasse em nome do rei. Jorge não podia comprehender semelhante tom ameaçador, mas julgou mais acertado obedecer; tomou um remo e ajudou o barqueiro a voltar.

Quando o barco chegou á terra os dous homens, atirando se sobre Jorge, ligáram-lhe as mãos com uma corda: « Teu crime vae custar-te a vida, disseram-lhe elles, somos felizes por ter-te agarrado! »

O pobre Jorge não podia proferir uma palavra : estava estupefacto. Soube finalmente que o accusavam de ter assassinado Martinho, que fôra encontrado morto por uma facada no pescoço. Lembráram-lhe que no dia anterior, á noute, fôra encontrado pelo vizinho, indo na direcção da casa de Martinho; que, já n'uma occasião, ameaçára Martinho com uma faca. E quando descobriram as manchas de sangue na manga da sua camisa, ninguem duvidou mais que fosse elle o assassino. Tudo o que elle poude allegar para provar a sua innocencia foi inutil. Como devia-se ir por mar a Rinkjoebing, onde habitava o bailio, e o vento era contrario, um dos cavalleiros propoz levar Jorge ao castello de Vosborg. Havia ahi uma prisão onde a bohemia, a grande Margarida, fôra encerrada, durante os ultimos dias que precederam a sua decapitação.

Jorge, sentindo-se forte porque era innocente, resignára-se com a sua sorte. Passáram diante das ruinas que vira quando fôra com seus paes adoptivos a esse memoravel enterro, que lhe fazia lembrar os dias mais felizes da sua vida. Como n'aquella epoca, elle encontrou no parque de Vosborg as mesmas tilias perfumosas e os sabugueiros em flôr.

Desta vez elle penetrou no castello, não todavia como desejára outr'ora para contemplar as suas maravilhas.

Fizeram-o descer a um subterraneo situado detraz de uma das naves do velho edificio e que servira de reclusão á bohemia.

Essa mulher tinha assassinado cinco filhos para comer os seus corações. Estava persuadida, que se

tivesse podido ainda devorar dous, teria conquistado o poder de se tornar invisivel e de voar pelos ares. Havia alli apenas uma cama, pobre e dura.



Jorge, sustentado pela sua consciencia, teria dormido tranquillamente se o seu espirito não se visse perturbado pela lembrança da feiticeira. As historias de sabbat, de demonios, que ouvira contar, acudiram-lhe ao

espírito e o menor barulho o fazia estremecer. Acalmava-se um pouco, lembrando-se das tilias e dos sabugueiros floridos, da sua infancia pacifica e de seus bons e honrados paes, cujo exemplo sempre imitára.

No dia seguinte foi levado para a cidade e encerrado n'uma prisão, que não era melhor do que a de Vosborg.

Nessa epoca a justiça era cruel para a pobre gente. Pelo menor delicto um pobre diabo era ás vezes barbaramente espancado e exageradamente multado.

Felizmente o bailio, que dirigiu o processo de Jorge, não o fez passar logo a julgamento apesar das apparencias, que eram tão acabrunhadoras. A' espera, o infeliz permanecia no seu cubiculo frio e escuro. Tinha todo o tempo para reflectir e para perguntar porque motivo semelhante sorte lhe fôra reservada, uma vez que não tinha commettido sequer a menor falta. Acabou concluindo que esse enigma lhe seria explicado na outra vida e essa ideia tranquilizou-o um pouco. A fé na immortalidade, adquirida na pobre cabana de pescadores jutlandezes e repellida por seu pae, o grande senhor hespanhol, serviu-lhe, no meio das trevas, da tristeza, do desanimo e do desespero, de consolação e de força; foi a graça de Deus Omnipotente, que nunca engana.

Tinha, todavia, horas de pungente angustia. Escutava então no silencio lugubre, que o cercava, interrompido pelo ronco do mar, causado pelas tempestades da primavera. Era uma especie de rufo, um estrondo, como se milhares de carroças tivessem passado por

cima de uma abobada. Esse barulho era uma doce melodia para Jorge : lembrava-lhe o tempo que navegava livremente no Oceano.

« Oh! ser livre — dizia elle consigo — mesmo descalço, mesmo em andrajos !

Seu coração pulava com esse pensamento; dava soccos de desespero na porta da sua prisão.

O seu infortunio teve por fim um termo, depois de ter passado muitos mezes, cerca de um anno, na prisão. Um vagabundo, um alcoviteiro, conhecido pelo nome de Nilo o ladrão, foi preso por pequeno delicto. No correr do processo descobriu-se que esse Nilo fôra o assassino de Martinho.

Na noute em que o crime foi perpetrado Martinho tinha ido dar uma volta até a taverna, para communicar a sua felicidade aos seus camaradas. Offereceu-lhes aguardente e bebeu mais do que de costume. Um pouco exaltado pela bebida, começou a fallar de mais. Annunciou que tinha uma casa que era propriedade sua.

— « Como a obtiveste », disse Nilo que estava presente.

— « Com o meu dinheiro », disse Martinho, tomando ares de um rico e batendo na algibeira.

Esse movimento de vaidade decidiu a sua perda. Ao regressar para casa, Nilo acompanhou-o, atirou-se sobre elle e feriu-o no pescoço com uma faca. Revisitou-lhe os bolsos e apenas encontrou algumas moedas de cobre.

Todos esses factos foram restabelecidos perante a justiça. Jorge foi posto em liberdade. O bailio pediu-

lhe desculpas. Jorge queixou-se de ter tido, innocente, longos mezes de captiveiro e de soffrimento. O bailio zangou-se e disse-lhe que elle podia considerar-se feliz de safar-se desse modo, pois poderia ter sido julgado anteriormente e condemnado á morte, diante das presumpções singulares que recahiam sobre elle.

Jorge recebeu provas de sympathia. O burgomestre deu-lhe dous escudos para partir em viagem e um bravo burguez convidou-o para jantar em sua casa.

No mesmo dia chegou á cidade o negociante de Skagen, ao qual Jorge tinha a intenção de ir apresentar-se na occasião em que foi preso. Esse negociante chamava-se Broenne. Soubedo que se passára e condoeu-se da sorte do pobre rapaz. Decidiu-se a fazel-o esquecer tão crueis provações e a mostrar-lhe que ha gente boa no mundo.

« Esquece-te, enterra as tuas tristezas — lhe disse elle, risquemos este anno máu, ou antes, atiremos o almanack ao fogo. Vaes partir commigo para minha casa na bella cidade de Skagen. »



VI

Puzeram-se a caminho. O sol e o ar livre depressa contribuíram para que Jorge se esquecesse do cubiculo humido e tetrico, onde esteve recolhido. Nesse paiz o matto estava coberto de giestas em flôr. Sentado no alto de um « tumulo de Gigante », um joven pastor tocava arias agrestes em uma flauta, feita com um osso de carneiro. De vez em quando das florestas sahiam bellissimos effeitos do reflexo especular, verdadeiros jardins suspensos.

Atravessáram a região que foi habitada pelos Longobardos na epoca em que, sendo o povo demasiadamente numeroso para viver nesse espaço estreito, o rei Snio resolvêra mandar matar os velhos e as creanças até á idade de 18 annos. Mas a boa rainha Gambasouck aconselhou-lhe que deixasse emigrar toda a mocidade. Elles partiram com effeito e os seus descendentes passaram os Alpes e fundáram o poderoso reino dos Lombardos.

Quando contáram a Jorge essa historia não lhe foi difficil fazer uma ideia do que devia ser esse paiz do sul, onde se implantáram os dinamarquezes. Não vira elle a Hespanha, esse paiz semelhante a um cortiço

de abelhas, onde a população se agita, com os seus monumentos soberbos, os seus laranjaes, as suasromeiras, as suas arvores desconhecidas e todas as riquezas e magnificencias do sul ! Mas todos esses esplendores não lhe provocavam saudades. Estava melhor na Dinamarca : não era essa a sua verdadeira patria?

Os viajantes chegaram finalmente a Vendilskaga, nome dado a Skagen nos « sagas » irlandezes. Começa no pharol, que está situado na ponta da Jutlandia, lugar tão temido pelos marinheiros. Nessa extremidade, as casas são dispersadas nas dunas, que desapparecem e tornam-se a formar, conforme o capricho do vento. A um quarto de legua de distancia está o Velho-Skagen, onde residia o rico negociante, em cuja casa Jorge ia morar.

A grande casa era toda de madeira alcatroada. As suas dependencias tinham por tectos velhos botes virados. Não havia paredão, nem jardins, nem bosque por causa da areia. Em redor da casa estavam estendidas cordas, de onde pendiam milhares de peixes, que secavam ao vento.

A pesca era muito mais abundante do que em Hunsby. Apenas atirada a rêde, vinha o arenque por toneladas. A mulher, a filha do negociante, todos correram ao encontro dos recém chegados. Não acabavam mais os abraços, os apertos de mão, as perguntas, e as historias. Que bello rosto tinha a rapariga e como eram meigos os seus olhos !

Jorge passava de surpresa a surpresa. Nunca vira semelhante modo de vida. Todos os dias pareciam-se

com o do famoso banquete do enterro, que nunca sahira da sua memoria e eram ainda mais ricos.

O peixe era servido como se fosse em uma mesa real e bebia-se o vinho das mais celebres vinhas de França.

Jorge recebeu o acolhimento o mais cordial. Quando souberam que tinha soffrido injustamente, a mulher do negociante apertou-lhe a mão com ternura. Nos bellos olhos de Clara, a moça, viram-se brilhar algumas lagrimas. Jorge sentiu desapparecer o resto de amargura, que tinha no seu coração. O amor contrariado endurece ou amollece o coração, conforme as circunstancias e os individuos: o de Jorge era ainda novo e sensivel. Para sua tranquillidade sentiu-se feliz, quando, no fim de trez semanas, Clara partiu com seu pae para ir a Christiansand, na Noruega, passar alguns mezes perto de uma tia.

No domingo antes da partida foram todos á igreja para commungar. O templo era bello, e o maior de toda a região. Um architecto hollandez construiu-o na idade media. Era distante da cidade a para lá ir o caminho, coberto de areia profunda, era penoso. Mas n'aquella idade não se olha a canção.

Por cima do altar estava uma estatua da virgem, com uma corôa de ouro na cabeça, e o menino Jesus nos seus braços. Em volta do côro viam-se as estatuas dos doze Apostoles. Nas paredes estavam pregados os retratos dos antigos burgomestres da cidade. O sol atirava os seus raios sobre o sanctuario e fazia brilhar os castiçoes de prata. Jorge sentiu-se profundamente commovido, tanto quanto no dia em que entrou na esplendida cathedral da grande cidade hespanhola. Quando rece-

beu a communhão, estava ajoelhado ao lado de Clara, mas estava tão absorvido no pensamento de Deus, que não viu a rapariga senão quando ambos se levantaram. Notou então que lagrimas de fervor cahiam dos seus olhos.

Dous dias depois ella partiu para a Noruega. Elle ficou e tornou-se util em casa, dedicando-se aos trabalhos da pesca. Quantos peixes havia n'aquelle lugar! Encontravam-se bancos de cavallas, que, á noute, brilhavam como phosphoros; tambem era abundante o peixe ralhador, que rosna quando o pescam. O proverbio « mudo como um peixe » nem sempre é exacto. Podia, todavia, applicar-se a Jorge e ao silencio que impunha a tudo o que se passava no seu coração.

Todos os domingos, na igreja, o seu olhar fitava longamente o lugar onde Clara se ajoelhava ao seu lado e lembrava-se quanto a rapariga fôra bondosa e amavel para elle.

Sobreveiu o inverno com as suas chuvas, as suas neves, as suas tempestades, que amontoavam a areia em redor das casas a uma altura tal que os seus habitantes eram ás vezes obrigados a fugir pelas chaminés. Em casa do rico negociante pouco se soffria dos rigores da má estação. Havia sempre bom fogo. A'noute o negociante lia a « velha chronica ». Tratava-se ahi do principe Hamleto, que viera da Inglaterra com uma esquadra e um exercito sobre as costas da Jutlandia e ahi dera grande batalha. O seu tumulo estava perto de Ramme, dizia o livro, no meio dos tumulos de gigantes, que alli vão ás centenas. O negociante bem o sabia e viu o lugar.

Jorge cantava de preferencia a ballada do filho do rei da Inglaterra, que embarcou n'um navio todo dourado, em cuja prôa via-se esculpido o principe, segurando nos braços a sua noiva. Nesse topico, a voz do cantor ficou mais penetrante, e os seus grandes olhos pretos pareciam illuminar-se.

Deixaram o furacão soprar e banquetearam-se no meio da maior fartura. A casa regorgitava de provisões: presuntos e salchichas estavam pendurados no tecto e havia pilhas de salmão de fumeiro. A alegria augmentava a medida que chegavam as visitas.

Hoje ainda ha muita hospitalidade nas costas da Jutlandia.

Nunca Jorge passára dias tão alegres; mas isso não lhe fazia esquecer-se de Clara. E foi grande a sua alegria quando, em Abril, foi encarregado de ir buscal-a a bordo de um navio do negociante. Já era então um homem, alto e robusto.

« Dá prazer ver-se tão bello rapaz! » dizia a mulher do negociante.

« Jorge trouxe a vida e a alegria nas nossas soirées de inverno », dizia o negociante. Todos estavam contentes com a presença do rapaz.

Jorge embarcou para ir buscar Clara na Noruega. Vento favoravel levou-o depressa a Christiansand.

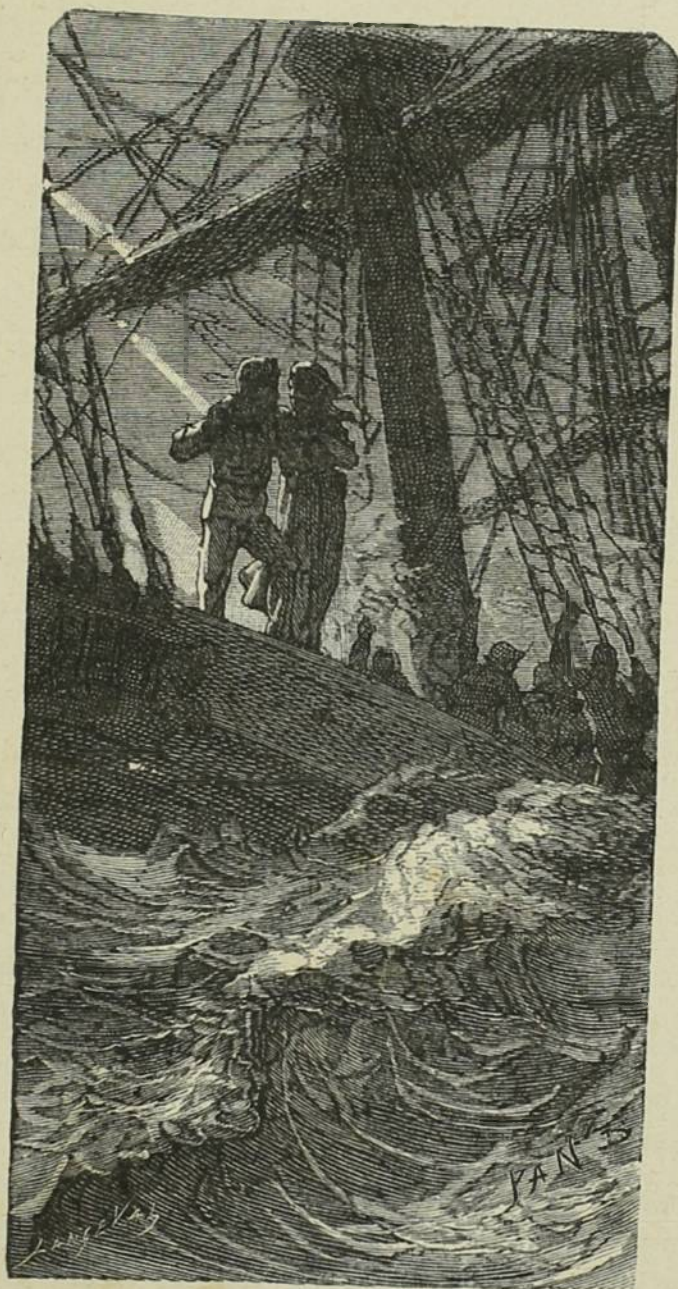
VII

N'uma manhã o negociante subiu ao pharol situado na ponta extrema da Jutlandia. No mar, a uma milha de distancia, achavam-se os rochedos e os bancos de areia tão temidos dos navegantes. Nesse dia muitos navios passaram diante dos rochedos. Entre elles o negociante julgou reconhecer o seu, que esperava. Olhou com o seu binoculo : reconheceu com effeito a sua embarcação.

Jorge e Clara estavam no tombadilho. O pharol e a igreja pareciam-lhes erguer-se do mar, um semelhante a uma garça real e a outra a um cysne. Dentro de uma hora podiam chegar a terra; o coração batia-lhes na mais alegre expectativa.

De repente o navio foi de encontro a um rochedo. A agua entrava abundantemente no porão. A tripolação preparou depressa as bombas e procurou tapar o buraco, mas todos os esforços foram vãos. Içaram-se as velas e deu-se o signal de soccorro. O vento soprava para terra; a corrente carregava o navio, mas muito devagar. Na costa não havia senão barcos de pescadores, muito vagarosos para acudir a tempo. O navio foi a pique. Jorge tomou Clara no seu braço direito e

apertando-a de encontro ao peito, atirou-se ao mar.



Nessa occasião, ella lançou-lhe um olhar, dando-lhe a perceber que o amava. No olhar que elle lhe retribuiu

ella leu que elle não a largaria e a salvaria se não fosse para o fundo.

Como o principe da ballada, tinha nos braços a sua noiva. Apesar do precioso fardo, nadava como um peixe. Poupava as suas forças para não esgotal-as antes de chegar á terra. As ondas cobriam-os ás vezes; n'outras, atiravam-os pelos ares. Elle, que ordinariamente nada lemia e era tão intrepido, não tinha todo o sangue-frio; via diante de si phantasmas; julgou avistar um monstro marinho, que ia devoral-os. De vez em quando era atirado no meio de patos do mar, que dormiam em cima d'agua e voavam espavoridos: os seus gritos e o barulho das suas azas apertavam-lhe o coração.

Houve um momento, em que ouviu Clara suspirar e agitar-se com um tremor convulsivo.

Apertou-a mais fortemente de encontro a seu peito; mas o seu braço entorpecia-se, as suas forças diminuiam de minuto em minuto. Estavam, todavia, bem perto da terra. Um barco approximava-se.

Viu de repente n'agua uma figura branca, que olhava para elle fixamente, com ar ameaçador. A onda levantou-o e elle viu de novo a figura com os olhos immoveis. Sentiu um choque. As trevas apoderáram-se do seu espirito. Tudo desappareceu diante dos seus olhos. Mas o seu braço não abandonou a moça. A figura branca não era um phantasma creado pela sua imaginação. Era uma esculptura, ornamento de um navio encalhado, de encontro á qual Jorge fôra violentamente arremessado pela onda.

Com o choque, perdêra os sentidos. Alguns pescadores chegaram nessa occasião e conseguiram passal-

os para o seu bote. O sangue corria a jorros do seu rosto. Julgavam-o morto. Mas apertava a moça com tanta força, que foi difficil arrancar-a do seu braço.

Chegáram afinal á terra, Foram vãos todos os esforços empregados para chamar Clara á vida; ella succumbira na occasião em que dera o suspiro, que tanto espantou Jorge, que fizera esforços desesperados para salvar uma morta!

Elle respirava ainda mas o seu cerebro estava muito abalado. Foi accommettido de um delirio furioso, e dava gritos medonhos e surdos.

No terceiro dia entrou n'uma grande prostração e a sua vida esteve em perigo.

« Melhor seria, disse o medico, se elle morresse. Vivo, não será mais o Jorge que todos conheciam. »

Não morreu, mas perdeu a memoria e a intelligencia. Era uma lastima o aspecto de um rapaz tão bello e tão vigoroso, transformado em espectro mudo, fugindo dos homens.

O rico negociante deu-lhe hospitalidade e todo o carinho :

« Elle estaria talvez salvo e perfeito se não tivesse querido salvar nossa filha, — disse o pobre pae á sua mulher; — hoje é nosso filho. »

Todos tratavam Jorge de idiota, mas elle não o era. Parecia apenas um instrumento, cujas cordas afrouxadas não soam mais. As vezes pareciam entesar-se, faziam echoar alguns compassos de uma melodia antiga. Jorge lembrava-se então de alguns dos incidentes da sua vida passada. Mas quando a sua memoria parecia querer sahir do nevoeiro, em que estava

envolvida, o véu tornava a cahir, mais espesso do que nunca ; voltava ao seu estado de aniquilação olhando fitamente para tudo e para todos sem a menor chamma nos seus olhos ontr' ora tão brilhantes.

E era elle quem, no seio materno, parecia destinado a uma sorte tão feliz, a uma felicidade tal neste mundo, que seu pae julgava temerario desejar uma existencia de além-tumulo!

As bellas faculdades que mostrára ao nascer estavam para sempre aniquiladas. Como recompensa á sua coragem e á sua dedicação, sentia-se ferido por uma grande desgraça.

Tudo estará, pois, neste mundo, entregue a um acaso cego ?

« Não ! — dissa a piedosa mãe de Clara, repetindo as palavras do psalterio. — O Senhor é bom para todos e a misericordia está em todas as suas obras.

Não, Jorge encontrará lá em cima a compensação dos soffrimentos que supporta ! »

E ella pedia a Deus que o chamasse depressa a si.

Clara descança no cemiterio de Skagen, cercado por uma parede enorme, que a areia não pode invadir. Jorge é alli conduzido ás vezes e quando dizem-lhe que é a ultima morada da pobre moça, elle não comprehende. As poucas lembranças, que, raramente atravessam o seu espirito sóbem a epoca mais remota.

Todos os domingos vae com os velhos á igreja. Senta-se com o olhar fixo. Um dia, quando se cantavam os psalmos, olhou para o lugar onde se ajoelhára ao lado de Clara. Deu grande suspiro. Os seus olhos se dilataram ; empallideceu e pronunciou bem alto o nome da

moça, prorompendo em copioso pranto. Leváram-o para fóra da igreja. Disse ás pessoas que o cercavam que o deixassem, que elle sentia-se bem e que não fizessem caso delle. A noute apagára de novo a sua intelligencia.

E durante esse tempo, na Hespanha, no palacio sumptuoso, um velho consumia-se de tristeza, no meio das suas riquezas, no meio de todos os esplendores da natureza. O que lhe importava a atmospherá perfumada pelo cheiro da laranjeira? Que prazer podia elle achar nos bellos arvoredos floridos? Que satisfação podia dar-lhe todo o seu ouro? Daria tudo isso para apertar no seu seio a creança de sua filha adorada.

O que teria elle pensado se tivesse podido vel-a? Teria realmente encontrado uma creança, uma verdadeira creança, muito embora Jorge já tivesse trinta annos.

O velho negociante e sua mulher morreram e foram descansar junto da sua filha. Os seus herdeiros continuáram a tomar conta do « innocente. »

VIII

A primavera voltou com todas as suas tempestades. O mar enfurecia-se e os naufragios se succediam no cabo de Skagen. A areia subia aos ares em redomoinhos immensos. Bandos de passaros aquaticos appareciam no alto das dunas, dando gritos horrorosos.

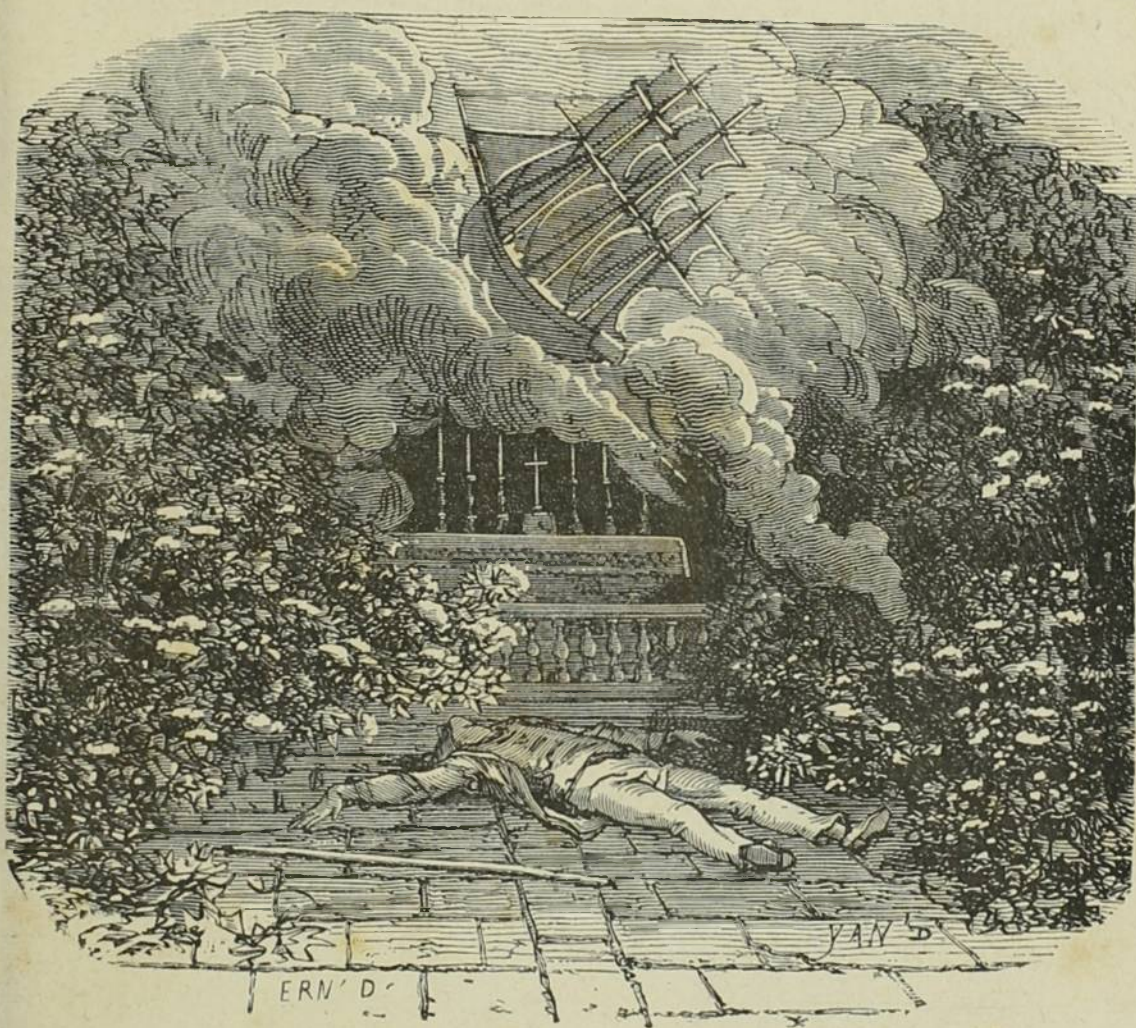
N'um desses dias tenebrosos, Jorge estava só no seu quarto. O tumulto dos elementos parecia despertar o do seu torpor. Um clarão penetrou no seu espirito. Sentiu-se dominado per esse sentimento inquieto, por essa necessidade de movimento, que o tinham feito sahir de Hunsby e das suas dunas nativas :

« Vou para meu paiz, exclamou elle, para meu paiz. »

Ninguem o viu. Sahiu, tomando o caminho das dunas. O vento atirava-lhe ao rosto areia e pedras. Continuou sem hesitação o seu caminho na direcção da igreja. Parou ahi e entrou depois no sanctuario. A tempestade estava cada vez mais forte e o mar mais furioso. Era um furacão como poucas vezes se tinha visto. A escuridão reinava em pleno dia. Mas na alma de Jorge havia como que uma luz. Sentou-se no seu banco. A igreja illuminou-se como a cathedral, que vira na Hespanha. Os velhos burgometres desceram dos seus quadros. O orgão executou melodias subli-

mes. Os mortos acudiram com os seus vestuarios de festa.

Estavam alli reunidos os velhos pescadores de Hunsby, os seus paes adoptivos, o rico negociante, sua mulher e



sua filha Clara. A moça estendeu a mão a Jorge; ajoelharam-se diante do altar, como outr'ora, e o padre abençoou-os. Recomeçou então a musica, com melodias novas e ternas, extasiando a alma, e ao mesmo tempo sonora e retumbante.

Um pequeno navio, suspenso em *er-voto* no côro da

igreja, desceu, collocando-se entre os recém-casados. Cresceu, cresceu muito. As suas velas eram de seda, as suas cordas de ouro trançado ; a sua ancora de ouro massiço. Jorge e Clara embarcaram com os assistentes, todos alegres. As paredes da igreja transformáram-se em tilias e em sabugos floridos, que perfumavam a atmosphera e o navio ergueu-se, navegando atravez dos espaços, enquanto os ventos tocavam a musica do psalmo, que todos os fieis entoavam em côro ; « Nem-huma vida se perderá e o céu se encherá de alegria ! »

Jorge cantava essas palavras divinas. Ao mesmo tempo o laço que retinha captiva a sua alma immortal rebentou. Na igreja, que a tempestade cobrira de areia, estava um homem morto.

O dia seguinte era um domingo. O padre foi á igreja com as suas ovelhas. Com difficuldade puderão fazer um caminho atravez dos montes de areia. Quando chegaram diante do edificio, viram-o quasi enterrado. A porta e as janellas estavam inteiramente obstruidas. Apenas via-se o tecto e a torre. Os fieis cantáram um psalmo em pleno ar livre e voltáram para a cidade. Ficou resolvido que uma outra igreja seria construida, mais ao abrigo do vento.

Deus — disse o padre — quiz elle-mesmo fechar o seu templo. »

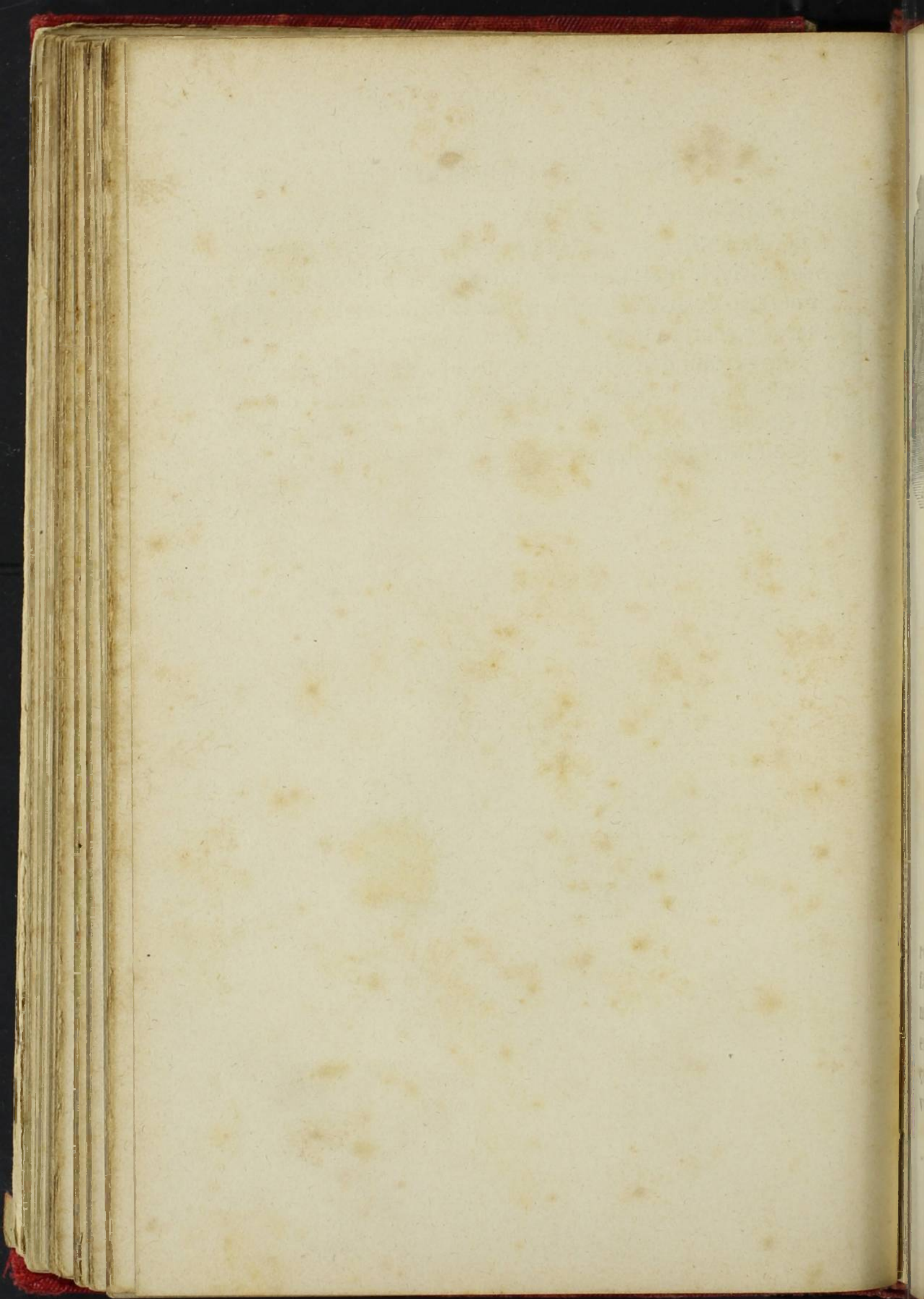
Não tentaram abril-o. Jorge foi procurado por toda a parte. Suppuzeram que elle se tivesse desviado no meio da tempestade e tivesse sido carregado pelas ondas.

O seu corpo estava n'um vasto e bello sepulchro. Deus atirára a terra sobre o seu esquife. Alli descança

elle ainda hoje. A areia amontoou-se cada vez mais em redor da antiga igreja. O tecto desapareceu, só a torre ficou visivel. Distinguem-a ao longe : é o monumento funerario de Jorge. Terão os reis tumulos mais sump-
tuosos e sobretudo mais inviolaveis ?

Não sabiam de onde elle viera ; não se soube como nem para onde partiu. Se eu tive conhecimento disso foi porque ouvi o que diz o furacão, quando elle sopra atravez das dunas.







PALAVRORIO DE CREENÇAS

I

Em casa do mais rico negociante da cidade estava reunida uma verdadeira tropa de creanças, creanças de familias opulentas, creanças de origem distincta. O negociante recebêra instrucção; tinha feito os seus exames. Assim o quizera seu honrado pae, que começára por ser negociante de animaes. Ambos eram activos e honestos e ambos tinham prosperado.

O negociante, que era ao mesmo tempo habil e intelligente, tinha muito bom coração. Mas fallava-se muito mais da sua fortuna do que do seu coração. Em sua casa iam pessoas respeitaveis, pessoas de origem nobre, e distinctas pelo seu espirito e cultura intellectual. Algumas tinham ao mesmo tempo cultura e boa origem; outras não tinham nem uma nem outra cousa.

Nessa noute houve pois uma reunião de creanças em casa dos negociantes. Essas creaturinhas tagarellavam a valer e diziam francamente o que pensavam.

Entre ellas destacava-se uma menina, adoravelmente bella. Mas como era orgulhosa! A culpa era dos creados que a lisongeavam e faziam-lhe todas as vontades. Os seus paes tinham, pelo contrario, muito bom senso, e não eram mais orgulhosos da sua nobreza do que deviam sel-o. O pae era camarista. Sem duvida é uma posição elevada. A pequena bem o sabia.

« Eu sou uma creança da camara do rei » dizia ella ás suas camaradas. Teria tambem podido ser uma creança da adega. O que podia ella ser por si só? Repe- tia constantemente ás outras creanças que era da boa origem.

« Se não se tem boa origem, accrescentava ella, a desgraça é irremediavel. Nada se póde conseguir. Muito embora se saiba ler e escrever, se aprenda bem as suas lições, é trabalho perdido: nada ha que fazer. E quanto aos que tem um *sen* (1) no seu nome, esses nunca chegarão a qualquer cousa. Quando se está

(1) *Sen*, em dinamarquez, quer dizer filho; é uma das termina- ções mais frequentes dos nomes plebeus.

perto delles é preciso tomar posição para afasta-los ».

E ella apoiava as suas lindas mãosinhas nas cadeiras, cerrando os punhos, para mostrar como se devia afastar os plebeus. Como eram lindos os seus bracinhos! que creança interessante!

A filha do negociante não gostou de ouvir aquellas palavras. Seu pae chamava-se Petersen; ella não queria que se tratasse assim os *sen*, e, tomando o tom mais altivo que podia, disse:

« Saberás tu que meu pae é rico bastante para comprar muitos *bonbons* e atiral-os ás creanças da rua? Poderá o teu fazer o mesmo? »

— Mas, retorquiu a filha de um homem de letras; o meu papa póde fallar do teu e de todos os mais no seu jornal. Todos o temem, elle e o seu jornal; mamãe diz que elle é uma força. »

A pequena, empertigando-se toda, tomava uns ares altivos, olhando de alto a baixo e tomando uma attitude de princeza.

Fóra do salão, um pobre menino admirava, pela porta entreaberta, as maravilhas da festa. Era tão pouca cousa nesse mundo que não lhe era permittido entrar. Tinha ajudado a cozinheira e como recompensa tinham-o deixado ir ver a assembléa dessas bellas creanças vestidas com tanta elegancia. Já era uma grande felicidade para elle.

« Se eu pudesse ser como elles? » pensava elle. Ouviu o que diziam as meninas e sentiu-se profundamente magoado. Os seus pobres paes não tinham nem titulo, nem thezouro, nem jornal, nada; e o que ainda era peor, o nome de seu pae e o seu acabavam em *sen*.

Não havia mais esperança; nada conseguiria neste mundo. Todavia parecia-lhe impossível que não fosse *bem nascido*, pois lembrava-se de que lhe tinham dito o dia do seu nascimento; mas, ao que parece, isso não bastava.

Eis o que se passou nessa noite.



II

Muitos annos decorreram. Todas essas creanças cresceram. Na cidade foi construida uma casa magnifica, ou antes um palacio, cheio de maravilhosos objectos de arte e de verdadeiros thezouros. Todos os habitantes queriam visital-o e felizes os que obtinham essa permissão.

Esse palacio é a residencia de uma dessas creanças, de que nos occupámos. A' qual dellas pertence elle?

Pertence ao pobre menino que outr'ora espiava e ouvia detraz da porta. Essa creança fez-se alguma cousa, muito embora o seu nome acabasse por *sen*. Chama-se Thorwaldsen e é um esculptor celebre.

E as trez outras, essas meninas que eram tão orgulhosas pelo nascimento, pela riqueza e pela influencia dos seus paes, o que foi feito dellas?

Não sei. Vivem desconhecidas na multidão. Não tomáram máu caminho, sem duvida, porque eram bem dotadas pela natureza, mas podem ver que tudo o que disseram n'aquella noute nada mais era do que palavrório de creanças.





UMA FOLHA DO CÉU

No alto do céu, em puríssima atmosphaera, um anjo fugiu do jardim do paraizo com uma flôr. Dando-lhe um beijo deixou cahir uma folha. Esta foi ter á terra, no meio de um bosque. Creou logo raiz e cresceu no meio de outras plantas.

Estas não quizeram reconhecer-a por companheira.

« Que pimpolho original! » diziam todas. Os cardos e as ortigas eram os primeiros a rirem-se della.

« De onde sahio isso? É talvez algum grão de hortaliça, » diziam os cardos com desdem. Já se viu crescer tão depressa! que inconveniencia! acredita ella que estamos dispostos a amparal-a quando começar a curvar? »

Sobreveiu o inverno, a neve cobriu o solo; a planta celeste deu á neve um brilho maravilhoso, como se um raio de sol a tivesse illuminado por baixo. Na primavera deu uma flôr, com nunca se vira tão bella.

O professor de botanica mais afamado do paiz teve conhecimento do caso. Compareceu com o seu diploma, attestando o seu saber. Examinou a planta, analysou, provou uma das suas folhas. Não se parecia com nenhuma das que tinha até então visto. Não sabia em que genero, em que familia classificar a.

« É algum mestiço, exclamou elle enfim; é um monstro; não faz parte de systema algum. »

— « Não faz parte de systema algum! » repetiram os cardos e as ortigas. As arvores altas e volumosas viram e ouviram o que se passava; nada disseram, nem de bem nem de mal, o que é mais prudente quando se é tolo.

Chegou ao bosque uma pobre menina, a innocencia em pessoa; o seu coração era puro, a sua intelligencia vasta pela fé. Não possuia no mundo senão uma Biblia velha pela qual Deus parecia fallar-lhe. Soube nesse livro quanto os homens são máus; mas ella sabia tambem que quando elles nos fazem soffrer uma injustiça, quando elles nos maltratam e riem-se de nós, devemos nos lembrar do exemplo do melhor e do mais puro dos filhos de Deus, que amarráram á cruz e dizer com elle:

« Meu pae, perdoae-os; elles não sabem o que fazem. »

A menina parou diante da planta milagrosa, cuja flôr perfumava deliciosamente a atmospherá e brilhava ao sol como um « bouquet » de fogo de artificio. Quando o vento agitava as suas folhas, parecia ouvir-

se melodias celestes. A creança ficava em extase diante dessa maravilha. Inclinou se para a planta para admirar-a mais de perto e para respirar o seu perfume. Sentiu o seu coração fortificado e o seu espirito foi illuminado pela sabedoria divina. De bom grado teria colhido a flôr, mas pensou que seria proceder mal e que a flôr murcharia. Apenas arrancou uma pequenina folha verde, que collocou na sua Biblia, onde ficou fresca e do mais bello verde.

Algumas semanas mais tarde a Biblia foi posta com a folha debaixo da cabecinha da menina, no seu esquite. Alli descansava ella pacificamente e no seu rosto sereno e grave reflectia-se a felicidade de estar livre do pó terrestre e de ser chamada para junto do seu creador.

Durante esse tempo a planta crescia, florescia.

Os passaros, de passagem, inclinavam-se respeitosa-mente diante della.

« Bem mostram que são estrangeiros! » resmungavam os cardos e os espinheiros.

Saberão elles porque prodigalizam assim as suas homenagens? Nós não procederíamos tão tolamente. » E as lesmas hediondas da floresta cuspiam diante da planta, cahida do céu.

Um porqueiro, que fazia provisão de lenha para accender o fogo, arrancou espinheiros, cardos, ortigas e tambem a bella planta com todas as suas raizes.

« Tudo isso — disse elle — só serve para cozinhar minha comida. »

O rei do paiz soffria, havia muito tempo, de uma grande melancolia, que nada podia curar. Para distrahir-se começou a occupar-se com os negocios do

seu povo. Ouvia a leitura dos bons autores e a dos escriptores frivolos e lestos. Nada o curava.

Dirijiram-se então ao homem mais sabio do universo. Esse sabio respondeu que havia um meio de curar o rei : era administrar-lhe uma folha de uma flôr celeste, que se achava n'um bosque do seu reino. Deu a descripção dessa flôr. Reconheceram a planta, que tanto abalára a curiosidade.

« Não sabia e arranquei-a — disse com seus botões o porqueiro — e ha muito tempo que não existem della senão cinzas. Eis o que faz a ignorancia. » O porqueiro estava envergonhado comsigo mesmo e absteve-se de revelar o seu acto. Mas porque ficaria elle tão aborrecido, se os proprios sabios não se mostráram mais sagazes do que elle ?

A planta desaparecêra. Della não havia senão uma unica folha que estava no tumulto da creança. Mas ninguem o sabia.

O rei foi em pessoa ao bosque certificar se do desaparecimento da planta.

« Era alli que ella estava, disse elle ; esse lugar será sagrado para o futuro. » Mandou rodeal-o de uma grade de ouro e postar sentinellas para guardal-o.

O famoso professor de botanica escreveu uma longa dissertação, cheia de sciencia, sobre as qualidades da planta divina ; demonstrou tudo o que se perdêra, perdendo-a. O rei, que cobrira de ouro cada pagina dessa obra, não ficou bom da molestia que o minava e as pobres sentinellas aborreciam-se a valer no bosque.





O QUE O VELHO FAZ

ESTÁ BEM FEITO

Vou contar-te uma historia que ouvi, quando ainda era pequenino. Todas as vezes que me lembro della, acho-a mais bonita. Com effeito, dá-se com os contos o

que se dá com os homens : alguns ha que embellezam com a idade.

Sem duvida já foste ao campo; viste aqui e acolá uma casa de camponio, velha, muito velha, com o tecto de colmo? onde crescem o capim e o musgo; na cumieira encontra-se sempre o inevitavel ninho de cigonha. As paredes estão inclinadas para a direita ou para a esquerda. Só ha duas ou tres janellas baixas, e só uma dellas abre-se. O forno sae da parede como um abdomen proeminente. Debaixo dos galhos de um sabugo vê-se um charco, onde banham-se os patos. Um cachorro atado á sua casinhola, ladra, quando vê ou ouve alguém.

Em uma dessas vivendas rusticas morava um casal de velhos, um camponez e uma camponeza. Quasi nada possuiam neste mundo e tinham todavia uma cousa que lhes era superflua : um cavallo que se alimentava com o capim da estrada. Quando o camponez ia á cidade, montava á cavallo; ás vezes os vizinhos lhe pediam emprestado o animal; como recompensa, prestavam alguns serviços ao bondoso velho. Todavia elle era de opinião que o mais prudente era passar a outrem o animal, vendel-o ou trocal-o por objecto mais util.

Mas o que havia de ser ?

« O que mais do que ninguem julgaras mais apropriado, — disse-lhe a mulher; — hoje é dia de feira na cidade. Deves lá ir com o teu cavallo, o venderás por qualquer somma ou farás uma boa troca. Como entenderes, e a caminho ! »

Ella amarrou-lhe ao pescoço um bello lenço de seda, dando-lhe um nó muito « coquet »; alizou o seu cha-

péu com a palma da mão e deu-lhe um beijo. O camponez montou a cavallo e partiu.

« Não ha que ver, meu marido entende do negocio e o realizará do melhor modo. »

O sol queimava ; no céu não havia uma nuvem. O vento levantava a poeira na estrada, cheia de individuos de ambos os sexos, que iam á cidade, de carro, a cavallo ou a pé.

Estavam todos com calor. Não se encontrava uma taverna.

No meio d'aquelle povo um homem conduzia uma vacca ao mercado. Estava tão bella quão bella póde ser uma vacca. « Que bom leite ella deve dar ! disse consigo o camponez ! Que boa troca faria eu com o meu cavallo ! Olá ! oh homem da vacca ! Sabes o que quero propôr-te ? Um cavallo, bem o sei, custa mais caro do que uma vacca ; mas isso não importa. Uma vacca me é mais proveitosa do que um cavallo. Queres fazer a troca ? »

— « Certamente » ! respondeu o homem ; e trocaram os animaes.

Feito o negocio, o velho camponio podia muito bem voltar para casa. Mas havia a festa da feira e deliberrára ir vel-a. Tomou, com a sua vacca, o caminho da cidade. Ia depressa e não tardou em approximar-se de um individuo, que guiava uma borrega, bellissimo animal, com espessa lã.

« É um bello animal, que eu bem desejaria possuir ! disse o velho camponio consigo. Uma borrega encontraria facilmente o seu alimento perto da nossa choupana ; eu não teria necessidade de ir buscar comida

mais longe. Durante o inverno ficaria comnosco no quarto. Seria uma distracção para a minha velha companheira. Uma borrega convem-nos mais do que uma vacca. — Oh! amigo! disse elle ao dono da ovelha, queres trocar o teu animal pela minha vacca? »

O outro, já se vê, não se fez de rogado. Depressa carregou com a vacca e deixou a borrega.

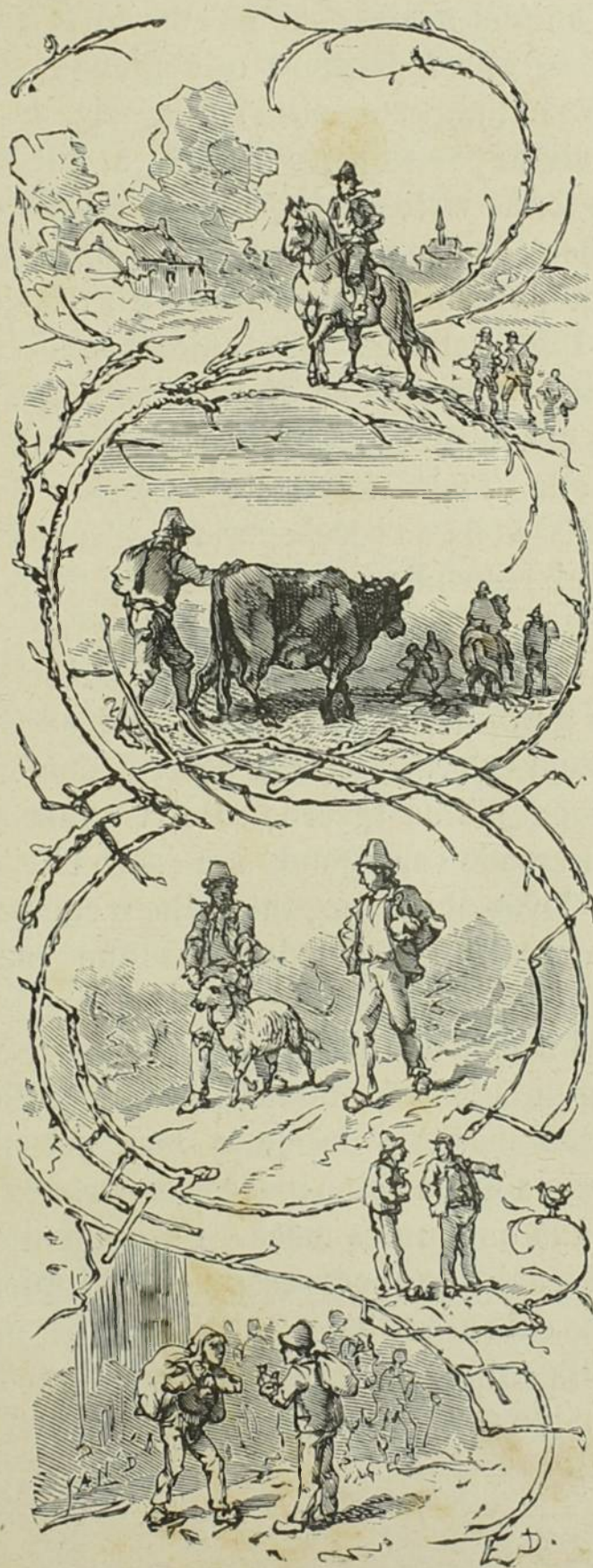
O velho camponio continuou o seu caminho com a ovelha. Viu n'uma esquina de rua um homem carregando um pato, vivo e gordo, um pato como se vê poucos. O velho extasiou-se.

« Vaes carregado ; — disse elle ao recém-chegado — esse animal é extraordinario, que gordura! que plumagem! » E pensou comsigo :

« Se nós o tivéssemos em casa, estou certo de que a minha boa velha ainda acharia meio de fazel-o engordar. Comeriam todos os nossos restos e como cresceriam! Lembro-me que minha mulher muitas vezes me disse : Ah! se tivéssemos um pato, elle faria boa figura entre os marrecos! Eis que temos agora o meio de ter um, e um que vale por dous! — Oh! camarada — disse elle alto — queres trocar commigo? dá-me o teu pato e eu dou-te a minha borrega. Façamos a transacção, que grato ainda te ficarei. »

O outro bem depressa aceitou a proposta e o velho camponio carregou com o pato. Estava então muito perto da cidade. A multidão augmentava; homens e animaes enchiam a estrada : havia povo até nos fossos. Na porta da cidade houve atropello.

O recebedor dos direitos de entrada tinha uma galinha, que amarrou com um barbante para que não



fugisse. O animal mexia com a cauda e piscava maliciosamente os olhos, fazendo o « glouck, glouck ». Pensava ella em alguma cousa? Não sei; desde que o camponio viu a poz-se a rir: « É a gallinha mais bonita que tenho visto até hoje; é mais bella do que a gallinha choca do cura. E como tem o aspecto alegre! Basta olhar para ella para rir-se! Eu desejaria bem possuil-a. Uma gallinha é o animal mais commodo para crear-se. Alimenta-se sósinha com grãos e migalhas que encontra. Julgo que se pudesse trocar este pato por ella, faria excellente negocio. Se trocassemos? » disse elle ao recebedor, mostrando-lhe o pato.

— Trocar! respondeu o recebedor; não peço outra cousa.

O nosso homem tomou o pato e o velho camponio carregou a gallinha. Tinha muito que andar, estava cansado e com calor. Precisava beber e comer alguma cousa. Entrou n'uma taverna. Della sahia n'aquella ocasião um creado carregando um sacco cheio.

— O que levas ahí? perguntou-lhe o camponio?

— Um sacco de maçãs definhadas que vou dar aos porcos.

— Como! maçãs definhadas para os porcos! isso é uma prodigalidade extravagante. Minha mulher gosta muito dessas maçãs e desejaria bem possuil-as! No anno passado a nossa velha maceeira, perto da cocheira, não deu senão uma unica maçã. Puzera-a no armario e guardara-a até que apodrecesse. « Isto quer sempre dizer que se está á vontade » dizia minha mulher. O que diria ella então se tivesse um sacco cheio? Gostaria bem de dar-lhe esse prazer.

— Pois bem ! o que quer o Snr. dar por este sacco ?

— « O que eu quero dar ! Esta gallinha. Não basta ? »

Fizeram logo a troca e o camponio entrou na sala da taverna, com o seu sacco, que collocou cuidadosamente perto da chaminé. Foi depois ao botequim. O fogão estava acceso e o velho não tinha notado.

Havia alli muita gente, contratadores de animaes, boieiros e dous viajantes inglezes. Esses inglezes eram tão ricos que as suas algibeiras estavam repletas de ouro. E como gostavam de apostar.

« Ss ss. », que barulho fazia o fogareiro ? Eram as maçãs, que começavam a ficar cozidas.

— Mas o que é isso ? perguntou um dos Inglezes.

— Ah ! minhas maçãs ! disse o camponio ; e contou ao Inglez a historia do cavallo, que tinha trocado por uma vacca e todos as trocas que fizera até as maçãs.

— « Tu vaes ter um bom acolhimento da tua velha, quando voltares para casa » — disseram os Inglezes. « Que descompostura vaes levar ? »

— « Qual descompostura ? disse o camponio — Ella me dará um abraço e me dirá : O que faz o velho está bem feito. »

— « Quer apostar que não ? » disseram os Inglezes. « Apostaremos todo o ouro que quizeres, cem libras ou um quintal. »

— « Basta um alqueire — respondeu o velho. — Não posso apostar senão o meu alqueire de maçãs, e com elle eu e a minha velha. Penso que é uma boa medida ; o que pensaes, milords ? »

— « Aceitamos. » E a aposta foi feita.

Fizeram approximar o carro do taverneiro, onde entraram os milords e o camponio. « Hop ! para a frente ! » E depressa chegaram á casinha rustica.

— « Boa noute, minha velha »

— « Boa noute, meu velho.

— « A troca está feita.

— « Ah ! tu entendes de negocios », disse a mulher e deu-lhe um beijo, sem notar a presença do sacco, nem a dos estrangeiros.

— « Troquei o cavallo por uma vacca retorquiu o camponio.

— Graças a Deus. Que bom leite vamos ter, que manteiga ! que queijo ! É uma bella troca.

— Sim, mas troquei depois a vacca por uma borrega.

— Ainda melhor, com effeito. Temos justamente o capim necessario para nutrir uma borrega. E ella nos dará tambem leite. Gosto muito de leite de borrega. E teremos tambem lã para fazer meias e roupões bem quentes. Não teriamos tudo isso com uma vacca. Como pensas em tudo !

— Não está acabado, minha boa amiga : troquei essa borrega por um pato.

— Teremos pois este anno, no Natal, um bello pato assado ! Tu pensas sempre, meu bom amigo, no que pode dar-me maior prazer. Sim Senhor ! Até Natal teremos tempo de engordal-o.

— Não tenho mais esse pato ; troquei-o por uma gallinha.

— Uma gallinha tem o seu valor, disse a mulher.

Uma gallinha põe ovos, choca-os; nascem delles pintos que crescem e povoam um gallinheiro. Mas um gallinheiro sempre foi o sonho da minha vida.

— E não é tudo, minha velha amiga. Troquei a gallinha por um sacco de maçãs, que não medraram.



— Será possível! Deixa que te abrace, meu amigo! Queres tu que eu te conte o que me succedeu? Apenas partiste esta manhã que puz-me a pensar no quietude que poderia fazer para quando voltasses. Tinha imaginado uma chalotinha com ovos e toucinho; mas não tinha chalotinha. Fui então defronte, em casa do mestre escola que cultivava essa planta e dirigi-me á

sua mulher: tu sabes como ella é avarenta, apesar de sua cara de bondade. Pedi-lhe que me emprestasse um punhado de chalotinha. « Emprestar! — disse ella — mas nada temos no nosso jardim nem mesmo uma maçã que não medrasse. Sinto muito, minha vizinha. » E retirei-me: amanhã irei offerecer-lhe maçãs, já que ella não as tem. Vou offerecer-lhe todo o sacco, se ella quizer. Dou-lhe assim o troco! E como ella vae ficar envergonhada! Alegro-me d' antemão.

Ella atirou-se nos braços de seu marido e deu-lhe beijos estalados como beijos de ama de leite.

— « Sim Senhor, agrada-nos isso, disseram ao mesmo tempo os dous Inglezes. A combalhota do marido não alterou o bom humor da velha. Isso vale, com effeito, bom cobre! »

Deram um quintal de ouro ao camponio, que tão bom acolhimento tivera de sua mulher depois de semelhantes negociatas e o nosso homem ficou mais rico do que se tivesse vendido dez vezes o seu cavallo.

Eis a historia que ouvi contar quando era creança e que pareceu cheia de bom senso. Agora tu a conheces; e não te esqueças nunca de que: « O que faz o velho está bem feito. »





O SYLPHO

No meio de um jardim cresceu uma roseira; estava cheia de rosas. N'uma dellas, na mais bella de todas, residia um sylpho. Era tão pequenino, tão catita, que não havia olhos humanos que pudessem descobri-lo. Era todavia bem proporcionado, bello e encantador, como o mais lindo amor de creança e tinha, além disso, azas que iam dos hombros aos pés. E que palacio o da sua residencia! Detraz de cada folha de rosa elle tinha um quartinho de dormir. As paredes, feitas de folhas da flôr, pareciam de setim transparente, da côr mais delicada; e que bom cheiro espalhava-se nos seus aposentos!

Durante todo o dia recreava-se alegremente nos raios quentes do sol. Adejava de flôr em flôr e deixava-se aninar na aza de qualquer borboleta que dançasse pelos ares. Um dia, divertiu-se em medir quantos passos precisava dar para percorrer todo o labyrintho de caminhos e de atalhos, que constituem as veias de uma folha de tilia. O caminho era longo. Era tão alerta no vôo quão agil nos pequeninos passos que dava quando caminhava. O sol deitou-se antes que elle tivesse acabado de percorrer esses meandros complicados.

Cahiú orvalho, o vento começou a soprar, trazendo subita frescura. Era necessario voltar para sua casa o mais depressa possivel. Apressou-se tanto quanto poudes. Chegando á roseira encontrou a sua casa fechada; não sómente a que habitava, mas todas as outras rosas estavam fechadas.

O pobre sylpho teve medo. Nunca tinha dormido ao relento. Sempre adormecêra detraz das folhas de rosas bem quentinhas. « Oh! — disse elle comsigo — esta noute vae ser a da minha morte! »

Lembrou-se de que na outra extremidade do jardim havia um caramanchel todo cercado de bellos amores perfeitos, que pareciam com borboletas. « Vou acocorar-me n'uma dessas flôres, pensou elle, parece-me que assim dormirei á vontade. » Deu um vôo para alli, Chut! duas pessoas, estavam debaixo do caramanchel: um bello rapaz e uma linda rapariga. Faziam os seus adeuzes, sentados um ao lado do outro. Desejariam nunca mais se separarem, tanto amavam-se.

« E todavia devemos nos separar, dizia o rapaz. — Teu irmão nos detesta. Elle mandou-me levar uma

carta bem longe d'aqui, além montes, e eu devo obedecer-lhe. Adeus, pois, minha querida; és minha noiva, aconteça o que acontecer.»

Abraçaram-se. A rapariga chorava; deu ao rapaz uma rosa. Antes de dar-lh'a, beijou-a com tanta ternura que a flôr abriu-se. O pequeno sylpho entrou precipitadamente nella, apoiando a sua cabecinha sobre as petalas finas e perfumadas. D'ahi ainda ouviu os noivos se despedirem.

O rapaz poz a rosa no peito, perto do coração. Oh! como palpitava esse coração! O pequeno sylpho não podia adormecer, tão fortes eram as palpitações!

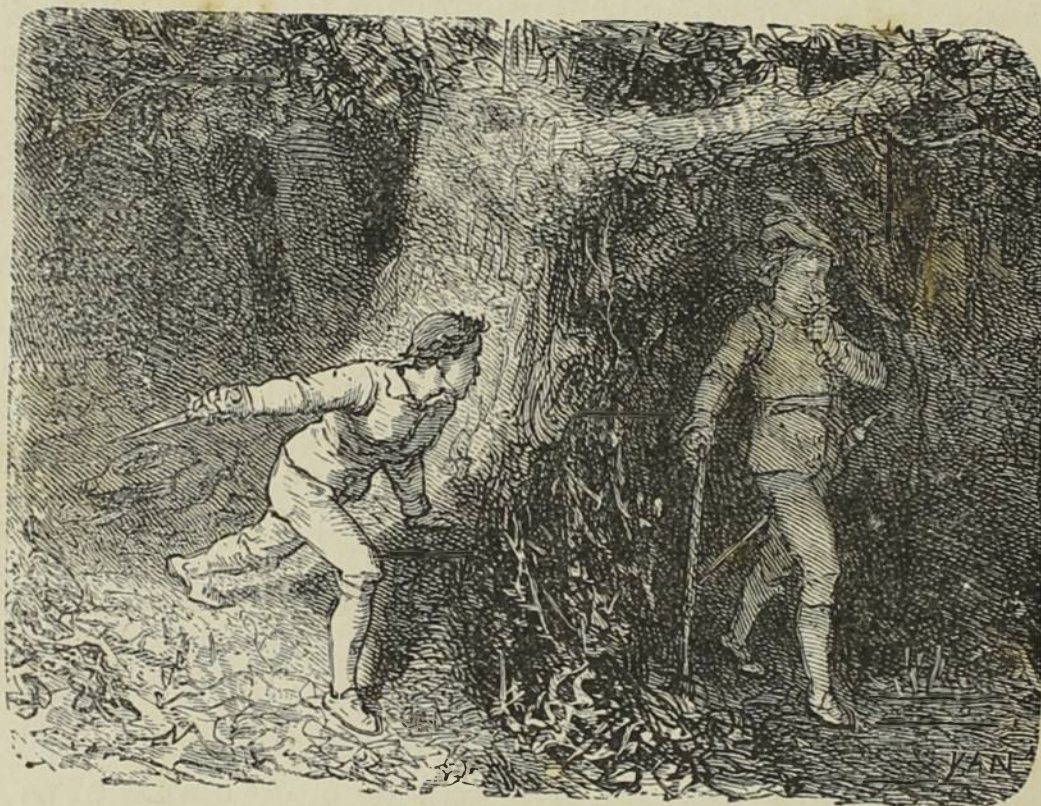
O moço chegou a um bosque escuro e deserto. Parou, tirou a rosa do seu peito e beijou-a tanto e com tanta paixão que quasi esmagou o pequeno sylpho, que, atravez das folhas machucadas da flôr, sentia quanto os labios do moço estavam ardentes. Com esse contacto a rosa abriu-se completamente, como se fosse pelo calor do sol de meio-dia.

Sobreveiu um outro homem, um perverso, um scelerado: era o irmão da bella rapariga. Acompanhava o outro a passo de lobo. Em quanto o rapaz beijava a rosa aproximou-se d'elle por detrás, tirou do bolso uma faca, e, de um só golpe, matou o noivo de sua irmã. Para certificar-se bem da sua morte cortou-lhe a cabeça com outro golpe. Enterrou-a depois, com o corpo, debaixo de um grande pé de tilia.

« Agora, disse consigo o miseravel, eil-o que partiu para sempre. Devia fazer longa viagem atravez montes e lagos; vendo que não volta todos pensarão que elle morreu no trajecto.

Quanto a minha irmã, ella nunca ousará fallar-me nelle. »

Com os seus pés empilhou folhas seccas no buraco, que fizera. Mas não estava só como pensava. O pequeno



sylpho acompanhava-o. Introduzira-se n'uma folha de tilia secca e encarquilhada, que cahira nos cabellos do assassino, quando se abaixára para abrir o tumulo do pobre rapaz.

Puzera por cima o seu chapéo. Como estava escuro debaixo desse chapéu! O sylpho tremia ao mesmo tempo de medo e de colera por não ter podido impedir esse crime medonho.

¶ Chegando, pela manhã, á sua casa, o assassino

tirou o chapéu e entrou no quarto onde dormia sua irmã.

A bella rapariga descansava, cheia de mocidade, e sonhava com o escolhido do seu coração; via-o, já de volta, de sua longa viagem de além lagos e montes. O máu irmão inclinou-se para olhá-la bem de perto com um sorriso diabolico. A folha secca cahiu dos seus cabellos sobre a cama. Elle não percebeu. Foi deitar-se para descansar nessa noute que passára no crime.

O Sylpho sahiu do seu escondrijo e deixou-se escorregar até ao ouvido da rapariga. Contou-lhe como se fosse um sonho, o horrivel crime. Descreveu-lhe o lugar onde seu irmão matára o seu noivo, e enterrára o corpo. Fallou-lhe da grande tilia em flôr, que se achava ao lado e accrescentou:

« Para que não julgues que o que te digo não passa de um sonho, encontrarás na tua cama uma folha secca de tilia. »

Com effeito, quando acordou, viu a folha. Oh! quantas lagrimas de desespero derramou!

A janella esteve aberta todo o dia. O pequeno sylpho teria podido, se quizesse, voar para o jardim e voltar para as suas rosas queridas, mas não teve coragem de abandonar a infeliz em pranto. Na janella estava uma roseira de maio, acocorou-se n'uma das rosas e observou a infeliz creança. O irmão appareceu muitas vezes durante o dia, alegre e pimpão apezar do seu crime. A rapariga não ousou proferir palavra.

Quando anouteceu, ella sahiu e foi para a floresta até ao pé de tilia que ella bem conhecia. Ahi viu a pilha de folhas seccas; apartou-as, cavou a terra, que

fôra mexida de fresco e encontrou a cabeça e o corpo d'aquelle a quem amava.

Alli ficou muito tempo, inclinada pela dôr, soluçando e pedindo a Deus que lhe concedesse tambem a graça de morrer bem depressa.



Agarrou na cabeça do amante, pallida, e com os olhos cerrados; beijou os seus labios frios; tirou a terra que se prendêra aos anneis dos cabellos.

« Vou leval-a commigo e guardal-a! » disse ella comsigo.

Tornando a collocar a terra e as folhas sobre o corpo retirou-se, levando comsigo a cabeça e um ramo de jasmim selvagem, que crescera ao lado da tilia.

De volta ao seu quarto, collocou a cabeça do morto, toda cercada de terra, n'um vaso de flôres, e por cima plantou o ramo de jasmim.

O pequeno sylpho não poudo supportar esse spectaculo de desolação. Voltou para a sua roseira, que encontrou curvada, tendo apenas algumas flôres, já murchas.

« Como tudo o que é bello e bom passa depressa neste mundo ! » disse elle, suspirando. Afinal encontrou uma roseira em flôr, onde hospedou-se, descansando todas as noutes entre as folhas suaves e odoríferas das rosas.

De manhã, voava para a janella da pobre rapariga, que estava sempre ao lado do vaso de flôres, que continha o que o sylpho bem sabia. Chorava e as lagrimas cahiam sobre o ramo de jasmim ; de dia para dia a infeliz empallidecia cada vez mais ; e mais ella empallidecia, mais a planta crescia. Vieram depois botões de flôres, que ella beijava com ternura. O máu irmão ralhava com ella, chamava-a de louca por estar continuamente chorando e por não querer sahir do seu quarto.

Um dia, depois de uma dessas scenas, a rapariga adormeceu com a cabeça inclinada sobre o jasmim. O pequeno sylpho acudiu e, approximando-se do seu ouvido, lembrou-lhe a noute do caramanchel e entreteve-a com os amores dos sylphides. Ella fez um sonho delicioso. No meio do seu extase, sua alma fugia suavemente para o céu onde unia-se a do seu noivo. O jasmim abriu todas as suas flôres e cobriu-se de sinos brancos, que espalhavam um cheiro inebriante : era o incenso que o arbusto dava á morta.

O máu irmão voltou e não se affligiu com a morte de sua irmã. Levou para o seu quarto a bella planta, cujo cheiro era delicioso, e pol-a junto do seu leito.

O pequeno sylpho acompanhou-a ; voava de flôr em flôr e em cada uma dellas encontrava uma amiguinha. Contou-lhes o assassinato do rapaz e a historia do máu irmão e da pobre irmã.

« Sabemos de tudo, responderam ellas, não foi a sua carne o terreno que nos alimentou? Sabemos de tudo. »

Agitáram as suas campainhas e depois calaram-se. O sylpho não podia comprehender que ellas não estivessem mais commovidas. Foi ter com as abelhas que colhiam o succo das flôres e fez-lhes a narração do crime. As abelhas contáram o caso á sua rainha : esta deu ordem que no dia seguinte todas iriam matar o assassino.

Mas, durante a noute, em quanto o irmão dormia ao lado do jardim em flôr, todas as corolas abriram-se, as almas das flôres sahiram dellas, invisiveis, armadas de agulhões envenenadas. Entráram nos ouvidos do scelerado, lembráram-lhe o seu crime, penetraram nas suas narinas, voáram sobre os seus labios e, emquanto elle blasphemava alto, sonhando, picáram-lhe a lingua com os agulhões.

« Agora, disseram ellas, vingamos a victima. »

E voltáram para as suas campainhas brancas.

De manhã foram abrir a janella do quarto ; o sylpho, a rainha das abelhas e todo o enxame precipitaram-se para matar o assassino.

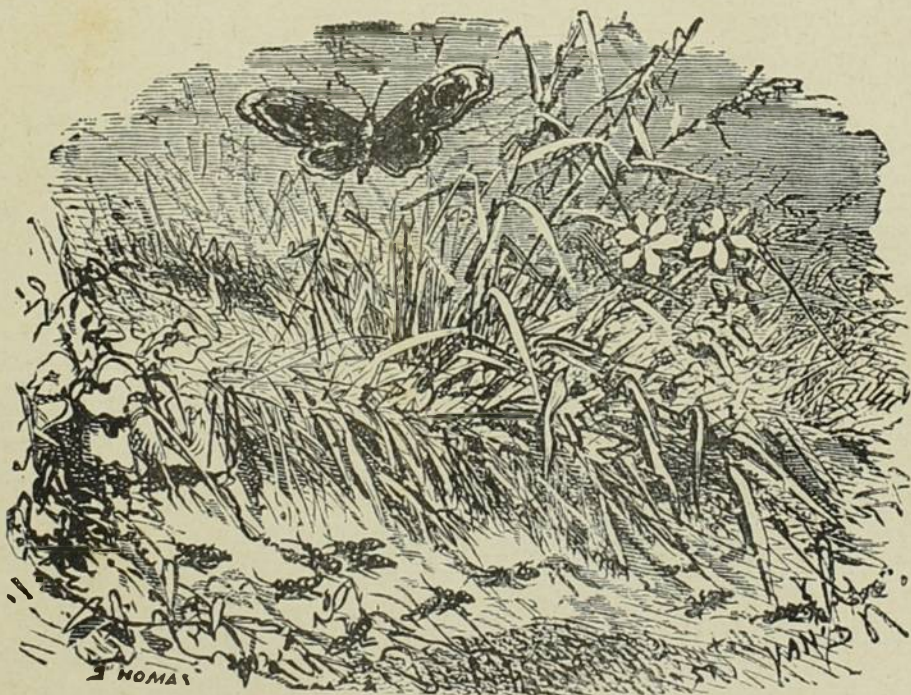
Já estava morto. Muitas pessoas, que rodeavam a sua cama, diziam :

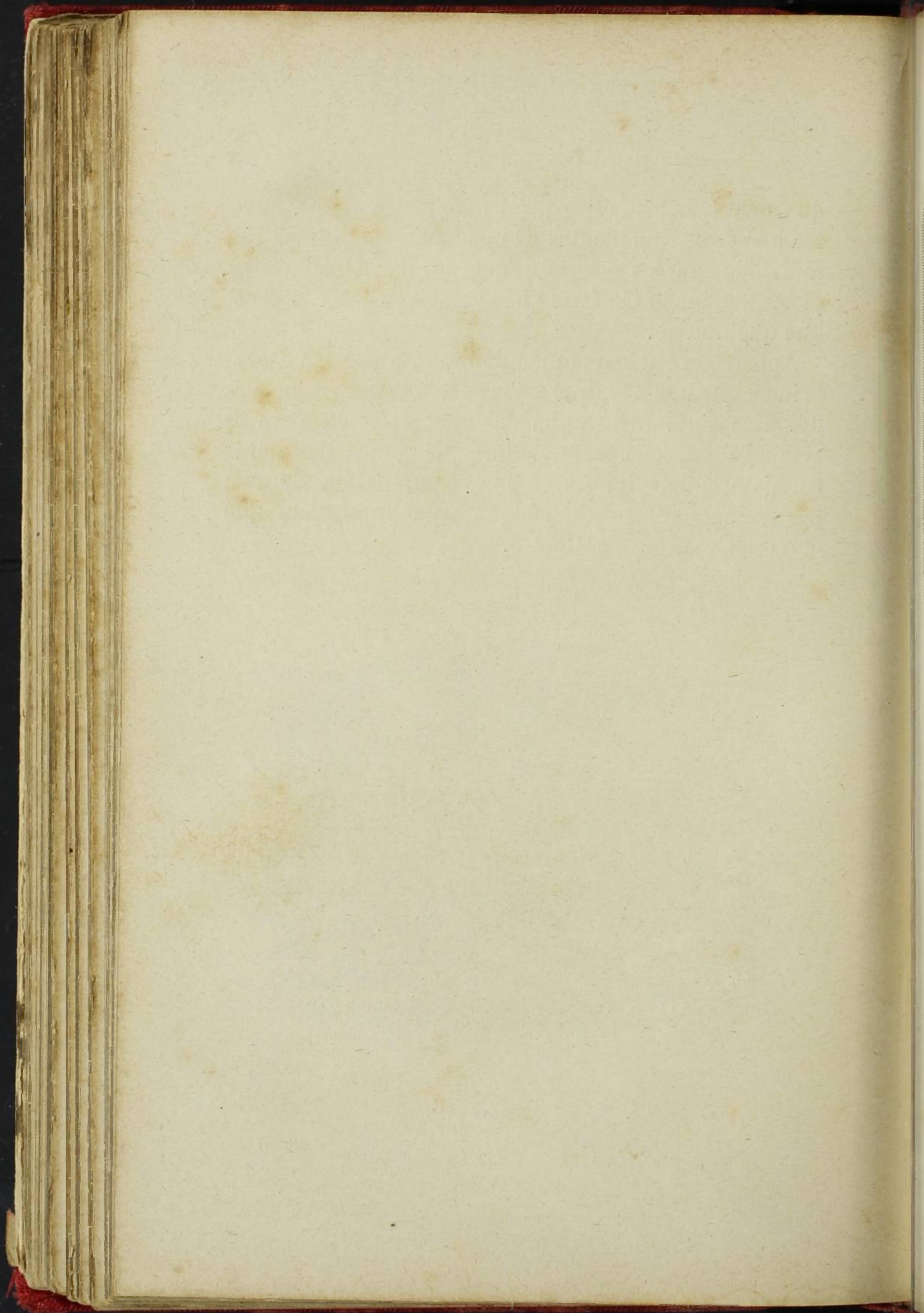
« Foi o cheiro do jasmim que asphyxiou-o ! »

O sylpho comprehendeu logo o que tinham feito as boas alminhas e explicou o facto á rainha das abelhas,

que, com toda a sua tropa, foi felicitar as flôres. Zumbiam em redor da planta; não podiam expulsal-as. Um individuo agarrou o vaso e quiz leval-o. Uma abelha picou-lhe a mão tão forte que elle deixou cahir o vaso, que quebrou-se.

Appareceu então o craneo do rapaz, e por ahi descobriu-se que o morto, que estava estendido na cama, era um assassino. E a rainha das abelhas voou para os ares e foi por toda parte contar a vingança das flôres e a historia do sylpho e contar como, detráz de uma pequenina folha secca, póde occultar-se alguém que denuncia o crime e castiga-o.







A RAINHA DA NEVE

EM SETE HISTORIAS

PRIMEIRA HISTORIA

QUE TRATA DO ESPELHO E DOS SEUS PEDAÇOS

Atenção, vamos começar. Quando estivermos no fim do nosso conto, muita coisa teremos aprendido, pois

temos entre os nossos personagens um refinado perverso, o mais perverso de todos, o Diabo.

Um dia elle estava de bom humor : tinha feito um espelho, que dotou de propriedade maravilhosa : o bello e o bem, reflectindo-se nelle, desappareciam quasi completamente ; o que era máu e desagradavel destacava-se, pelo contrario, e tomava proporções excessivas. Por esse processo as paysagens mais admiraveis pareciam-se com espinafres cozidos. Os homens melhores e mais honrados pareciam monstros ; os mais bellos pareciam defeituosos : tinham a cabeça para baixo e quasi corpo nenhum, tanto estavam rachiticos ; o rosto era torto, careteiro, horrivel de ver-se ; a menor mancha ficava enorme e cobria o nariz e as bochechas.

« Como é divertido ! » dizia o Diabo, contemplando a sua obra. Quando um pensamento de sabedoria ou de piedade atravessava o espirito de um homem, o espelho parecia enrugar-se e estremecer. O Diabo satisfeito ria-se cada vez mais da sua grande invenção. Os diabinhos, que iam aprender em sua casa — pois elle era professor de diabrura — foram contar por toda a parte que apparecêra enfim um progresso enorme, incalculavel : sómente a partir de então podia-se saber o que eram realmente o mundo e os humanos. Correram por todo o universo com o famoso espelho, e depressa não houve um só paiz, um só homem que não se reflectissem nelle com formas de caricatura.

Mais tarde, mais ousados, começavam a voar pelos ares na direcção do céu, para se rirem dos anjos e do Deus bondoso. Mais subiam e mais approximavam-se das habitações celestes, mais o espelho se desviava e

estremecia, por causa dos objectos divinos, que se reflectiam nelle. Mal podia ser contido, tal era o seu terror. Continuaram a voar cada vez mais alto, cada vez mais perto dos anjos e de Deus. De repente o espelho estremeceu por tal forma que cahiu das mãos dos diabinhos impudentes : tornou a cair na terra, onde quebrou-se em milhões de bilhões de pedaços.

Causou então muito maior numero de desgraças do que anteriormente. Os seus pedaços não eram maiores do que grãos de areia. O vento espalhou-os pelo vasto mundo. Muita gente recebeu no rosto esse pó funesto e então via mal e tudo de travez. Só via o vicio de cada creatura e os defeitos de todos os objectos : pois, cada um dos fragmentos imperceptiveis tinha a mesma propriedade do espelho inteiro. E mais ainda : houve pedaços, que desceram até ao coração de certas creaturas. A cousa era então horrivel : o coração dessas pessoas parecia transformado em pedaço de gelo, tão frio e insensivel, quanto o gelo.

Além desses pequenos pedaços numerosos ficaram alguns fragmentos mais consideraveis do espelho : alguns grandes como quadradinhos de vidro. Não era bom considerar os seus amigos atravez taes fragmentos.

Outros serviram de vidros para oculos : os máus usavam-os para parecerem distinguir as cousas bem e com justiça exacta.

Quando punham esses oculos, riam-se e chacoteavam como o diabo quando olhava para o seu espelho : os horrores que descobriam por toda a parte lisonjeavam-

os e agradavam particularmente aos seus espiritos perversos.

Era um espelho gigantesco : o vento continuou a atirar os seus fragmentos pelos ares.

Agora ouçam bem.



SEGUNDA HISTORIA

UM MENINO E UMA MENINA

Na grande cidade ha tantas casas, tantas familias, tanta gente, que nem todos pódem ter um jardim. Devem contentar-se na maior parte com alguns vasos de flôres. Duas creanças de paes pobres tinham achado um meio de possuir mais do que um vaso de flôres e quasi um jardim.

Os seus paes moravam n'uma rua estreitinha, occupavam duas aguas-furtadas, uma perto da outra. Os tectos das duas casas quasi se tocavam : podia-se sem perigo passar de uma para a outra e fazer-se reciproca visita.

As creanças tinham cada uma diante da sua janella uma grande caixa de madeira cheia de terra, onde cresciam hortaliças para a casa e em cada caixa tambem havia uma roseira. Os paes tiveram a ideia de collocar as caixas de travez, na pequena rua, de uma janella a outra ; foi um grande embellezamento : as trepadeiras e as roseiras unindo-se em flôr formavam como que magnifico arco de triumpho. As creanças

sentavam-se em banquinhos entre as roseiras. Que prazer quando deixavam-os brincar juntos nesse tabo-



leiro aereo! não eram irmãos mas amavam-se muito.
No inverno os seus prazeres eram interrompidos. As

janellas ficavam muitas vezes geladas e os vidros cobertos de uma camada de gelo. As creanças faziam esquentar um « schelling » de cobre no fogão; applicavam-o no vidro, fazendo uma pequena fresta, detraz da qual brilhava de cada lado um olhinho bondoso e risonho: eram o menino e a menina. Elle chamava-se Kay, e ella Gerda.

No verão podiam ir de um pulo, um á casa do outro. No inverno era preciso descer e subir muitas escadas.

Era então inverno. Fóra, a neve cahia em milhares de flocos.

« São abelhas brancas », disse a avó.

— « Terão ellas tambem uma rainha? » perguntou o menino, que sabia que as abelhas tinham uma.

— Certamente, disse a avó. Eil-a voando no meio dellas. É a maior de todas. Nunca está no mesmo lugar. Se está na terra parte depressa e vae occultar-se nas nuvens pretas. Nas noutes de inverno é ella que atravessa as ruas da cidade e olha pelas janellas que gelam e cobrem-se de flôres bizarras.

— « Sim, sim foi o que eu vi! » disseram ao mesmo tempo as duas creanças; e então ficaram sabendo que era verdade o que dissera a vósinha.

— « A Rainha da Neve poderá entrar aqui? » perguntou a menina.

— « Se ella vier, disse Kay, atiro-a ao fogão e ella derreterá.

Nesse interim a vósinha começou a arranjar os seus cabellos e contou outras historias.

Nessa noute o pequeno Kay estava em sua casa, meio

despido, prompto para deitar-se. Poz uma cadeira de encontro a uma janella, onde trepou para olhar pelo buraquinho redondo feito com o « scheling » esquentado. Cahiam devagarinho alguns flocos de neve. O maior fixou-se á beira de uma das caixas de flôres. Cresceu, cresceu e acabou por ficar uma menina, mais alta do que Gerda, vestida de gaze branca a de filó bordado de flocos estrellados.

Vivia no entretanto; os seos olhos brilhavam como estrellas n'um céu de inverno, e estavam em movimento constante. A figura virou para o lado da janella e fez um signal com a mão. O menino teve medo e saltou da cadeira. Ouviu-se então um barulho como se um grande passaro tivesse passado diante da janella e tivesse rogado o vidro com a sua aza.

No dia immediato houve bella geada. Sobreveiu depois a primavera; o sol appareceu, a verdura cresceu, as andorinhas construíram os seus ninhos, as janellas abriram-se e as duas creanças tornáram a sentar-se, uma ao lado da outra, no jardimzinho do telhado.

Que bellas rosas trouxe o verão! e como o jardim estava bem adornado! A menina tinha aprendido de cór um cantico em que se fallava de rosas; quando o cantava pensava nas do seu jardim.

Cantou-o para o menino ouvir, ensinou-lh'o e não tardou que, em côro, dissessem em voz alta :

As rozas passam e murcham. Mas depressa
Tornaremos a ver o Natal e o menino Jesus.

Os dous pequenos beijavam as flôres como que para dizer-lhes adeus. Olhavam para a claridade do sol e

quasi desejavam que elle apressasse a sua marcha para tornarem a ver mais depressa o menino Jesus. Nesse interim quantos dias bellos se passavam, enquanto brincavam á sombra das roseiras, cobertas de flôres!

Um dia Kay e Gerda achavam-se alli, distrahidos, olhando para um livro de imagens, passaros e borboletas. O relógio bateu cinco horas na grande igreja. Kay exclamou : « Ai, entrou-me alguma cousa nos olhos ! Ai, alguma cousa picou-me o coração ! »

A menina tomou o rosto de Kay nas suas mãosinhas e olhou bem nos seus olhos, que piscavam ; nada viu absolutamente.

« Eu creio que passou », disse elle. Mas não tinha passado. Era um dos pedaços d'aquelle terrivel espelho de que fallamos, d'aquelle espelho, que, como vos lembrareis, faz parecer pequeno e feio o que é grande e bello, que põe em relevo o lado máu dos entes humanos e das cousas, fazendo sobresahir os defeitos em prejuizo das qualidades.

O infeliz Kay recebeu nos olhos um desses muitos fragmentos ; o atoma funesto penetrou até ao coração, que começou a encoscorar e a transformar-se em pedaço de gelo. Kay não sentia mais o menor mal, mas o producto do inferno estava no seu corpo.

« Porque choras ? disse elle a menina, cujo grito de dôr o havia abalado ; limpa essas lagrimas que te fazem feia. Nada mais sintas.

« Fóra d'aqui ! — exclamou elle olhando em redor de si. — Esta rosa está furada pelos bichos ; aquella é mal feita ; todas são communs e sem graça, com a caixa pe-

sadona, onde crescem! » Deu um pontapé de desprezo na caixa e arrancou as duas flôres que lhe tinham desagradado.

« Kay! o que fazes tu? » exclamou a menina, como se elle tivesse commettido um sacrilegio.

Vendo-a assim espantada, Kay arrancou, ainda uma rosa e correu para a sua choupana, sem dizer adeus á sua gentil e querida companheira. O que quereis? Era o effeito do grão de vidro magico.

No dia immediato começaram a olhar de novo o livro de imagens. Kay não via nelle senão grupos horrendos, entes ridiculos e mal feitos, monstros grotescos. Quando a vóvó contava historias, estragava todo esse prazer com um *mas*, ou então collacava-se detraz da velha, punha os seus oculos e fazia caretas. Não, tinha medo de arremedar a vóvó, de imitar o seu modo de fallar, e de fazer todos rirem-se á custa da veneranda senhora. Esse gosto de macaquear as pessoas que via, de reproduzir comicamente os seus gestos ridiculos, desenvolvêra-se nelle de repente.

Riam-se muito de vel-o. Diziam « Este menino é um finorio, tem espirito. » Chegava até a amofinar a pequena Gerda, que lhe era tão dedicada. Tudo isso não procedia senão d'aquelle fatal pedacinho de vidro, que lhe entrára no coração.

Desde então, não brincou mais com os mesmos brinquedos anteriores; interessava-se pelos jogos de calculo. Um dia, em que cahia neve, (tinha voltado o inverno), elle tomou uma lente que lhe deram, e, estendendo fóra da janella a ponta do seu paletot azul, deixou cahir e agglomerar-se alli alguns flocos.

« Vem olhar atravez do vidro, Gerda », disse Kay.

Os flocos atravez da lente pareciam muito mais grossos ; formavam hexagonos, octogonos e outras figuras geometricas. « Olha ! retorqui Kay, como isto está arranjado com arte e regularidade ; não achas mais interessante do que as flôres ? Vê só, não ha uma ponta da estrella que seja maior do que a outra, tudo é symetrico ; é pena que se derreta tão depressa. Se não derretesse, nada haveria de mais bello do que um floco de neve. » .

No dia seguinte, Kay appareceu com as suas luvas forradas e o seu trenó ás costas. Gritou nos ouvidos de Gerda, parecendo satisfeito por deixal-a só. « Deram-me licença de ir á grande praça onde brincam os outros meninos ! » E desapareceu logo.

Na grande praça os meninos ousados amarravam os seus trenós ás carroças dos camponezes e deixavam-se arrastar até certo ponto. Era uma maneira excellente de viajar. Kay e os outros divertiam-se quando chegou um grande trenó, pintado de branco. Dentro estava sentado um personagem coberto com espessa capa branca, e com volumoso chapéu. O trenó deu duas vezes a volta da praça. Kay amarrou o seu áquelle e tambem deu o seu passeio.

O grande trenó ia mais depressa, cada vez mais depressa ; deixou a praça e tomou a grande rua. O personagem que o conduzia voltou-se e fez a Kay um signal de cabeça, amistoso, como se se conhecessem ha muito tempo. Todas as vezes que Kay queria desprender o seu trenó, o personagem olhava para elle, fazia-lhe mu signal de cabeça : Kay, subjugado deixava-se ficar.

Deixáram as portas da cidade. A neve começou a cair com força.

O pobre menino não via a dous passos na sua frente, e iam cada vez com maior rapidez.

Ficou com medo. Desatou a corda que prendia o seu trenó ao outro. Nada houve de mudado : o seu pequeno vehiculo parecia collado ao grande trenó, que corria como o vento. Kay começou a gritar por soccorro ; ninguém o ouvia ; a neve cahia cada vez mais forte ; o trenó voava com marcha vertiginosa ; ás vezes havia um choque, como se se passasse por cima de uma valla ; mas não havia tempo para vel-a. Kay estava horrorizado.

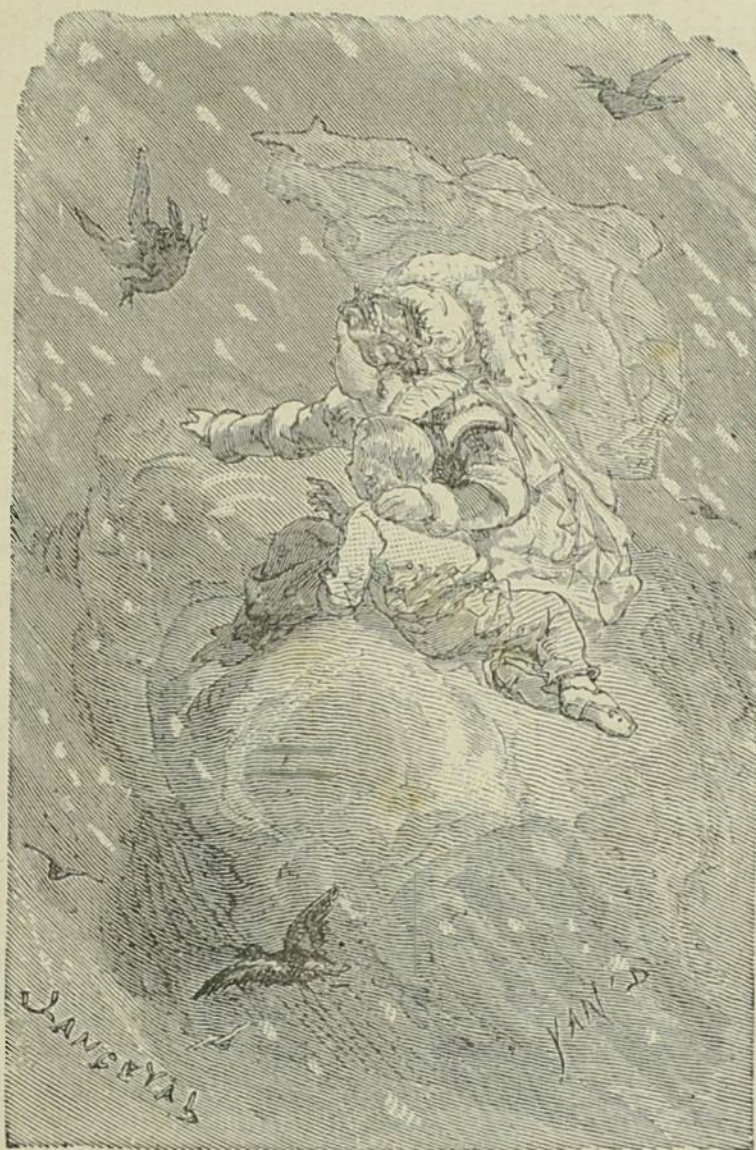
Quiz rezar, dizer o seu *Pater* ; não poudo achar as palavras. Em vez de recitar o *Pater*, recitava a taboa de multiplicação, e a infeliz creança ficava desolada. Os flocos cahiam cada vez mais solidos ; cada vez mais espessos, parecendo gallinhas brancas com as pennas arripiadas. De repente o trenó tomou outra direcção e parou. O personagem, que o conduzia, levantou-se. As espessas capas que o cobriam eram todas de neve de uma alvura resplandescente. Essa pessoa era uma grande dama : era a Rainha da Neve.

« Andamos depressa, disse ella. Apezar disso, vejo que vaes gelar, meu amigo Kay. Vem para aqui debaixo das minhas capas de pelle de urso.

Ella collocou-o debaixo de suas capas. Embora fallasse da sua pelle de urso, Kay parecia mergulhado n'uma massa de neve.

« Tens-tu ainda frio ? » disse ella. Beijou-o na testa. O beijo era mais frio do que o gelo, e penetrou-lhe até

ao coração que já estava meio gelado. Parecia-lhe que ia morrer. Mas foi a sensação de um instante. Pouco



depois estava reconfortado e não sentiu mais tremor.

« O meu trenó! — disse elle — não se esqueça do meu trenó. »

Foi no que elle pensára, quando voltou a si. Uma das gallinhas brancas que faziam as suas evoluções

pelos ares foi posta no trenó da creança. Acompanhou sem difficuldade o grande trenó que continuou a sua marcha.

A Rainha da Neve deu a Kay um segundo beijo. Elle não se lembrava mais nem da pequena Gerda, nem da vósinha, nem dos seus.

« Não te beijarei mais, — disse-lhe a Rainha; — um novo beijo seria a tua morte ».

Kay olhou-a de frente. Estava bella a soberana poderosa ! Ninguém poderia imaginar rosto tão gracioso, tão seductor ! Não-lhe pareceu mais formada de gelo como na primeira vez, que a vira diante da janella da choupana e lhe fizera signal amistoso. Ella não-lhe inspirava o menor receio. Contou-lhe que conhecia de cabeça o calculo, mesmo por fraccões, que sabia o numero justo dos habitantes e das leguas quadradas do paiz.

A Rainha sorria ouvindo-o. Kay pensou que não eram então sufficientes esses conhecimentos, que tanto o enchiam de orgulho.

Olhou para o vasto espaço nos ares e viu-se carregado com ella na direcção de nuvens pretas. A tempestade assobiava, hurlava : era uma melodia selvagem, como a dos antigos cantos de combate. Passáram por cima dos bosques, dos lagos, do mar e dos continentes. Ouviram os lobos uivar debaixo delles, ouviram os furacões soprar, e as massas de neve se desmoronarem. Por cima voavam gralhas com gritos discordantes. Mais longe brilhava a lua no seu esplendido clarão. Kay admirava as bellezas da longa noute de inverno. Despontando o dia adormeceu aos pés da Rainha da Neve.

TERCEIRA HISTORIA

O JARDIM DA MULHER QUE SABIA FAZER FEITICOS

Qual a sorte, da pequena Gerda quando viu que seu camarada Kay não voltava ? onde teria elle ficado ? Ninguem o sabia ; ninguem tinha visto por onde elle passara. Um menino apenas contou que o vira amarrar o seu trenó a um cutro, muito grande, que sahira da cidade. Depois ninguem mais o tornára a ver. Muitas lagrimas foram derramadas por causa delle. A pequena Gerda chorou mais do que ninguem.

Elle morreu, dizia ella, talvez se afogasse no rio que corre junto da escola ».

E recomeçava a soluçar. Oh ! como lhe pareceram longos e tristes os dias de inverno !

Enfim sobreveiu a primavera, trazendo comsigo o sol e a alegria ; mas Gerda não se consolava.

« Kay morreu, dizia ella ainda, partiu para sempre ».

— Creio que não, respondeu o raio de sol.

— Morreu ; não o verei mais ! dizia ella ás andorinhas.

— « Em tal não acreditamos », replicaram estas ultimas.

Por fim a propria Gerda tambem não acreditava.
« Vou calçar os meus sapatos vermelhos novos,



disse ella um dia, os que Kay nunca viu, e irei ter com
o rio e perguntar-lhe se sabe o que é feito d'elle. »

Era muito cedo. Gerda deu um beijo á vósinha, que ainda dormia e calçou os seus sapatos vermelhos. Partiu depois sósinha, passou pela porta da cidade e chegou ás margens do rio.

« Será verdade, disse-lhe ella, que me roubaste meu amigo Kay? Dou-te os meus bellos sapatinhos de marroquim vermelhos, se tu quizeres m'o restituir. »

Pareceu-lhe que as ondas lhes respondiam por um movimento singular. Tomou os seus bellos sapatinhos, de que tanto gostava e atirou-os á agua. Mas ella não era muito forte, a pequena Gerda. Os sapatinhos cahiram perto de margem e as pequenas ondas repelliram-os para terra. Por alli poderia ver que o rio não queria guardar o presente, porque não tinha o pequeno Kay para fazer a troca. Mas Gerda julgou não ter atirado os sapatos bastante longe; trepou n'um barco que estava atracado no meio dos bambús. Foi até á extremidade do barco e d'ahi atirou de novo os seus sapatinhos á agua.

O barco não estava amarrado. Com o movimento que imprimiu-lhe Gerda, apartou-se da margem. A menina percebeu e correu para pular fóra; mas quando chegou á outra extremidade, já havia a distancia de trez pés entre a terra e a embarcação.

Esta começou a descer o rio. Gerda, afflicta, desatou a chorar.

Ninguem a ouvia, a não serem os pardaes; e estes não podiam leval-a para terra. Todavia, como que para consolal-a, voavam na extensão do rio e gritavam: « Her ere vi! her ere vi! » (1).

(1) Estas palavras, que formam uma onomatopéa, tem. o sentido de: « Sim, eis-nos; sim, eis-nos aqui. »

O barco continuava a ser arrastado pela corrente. Gerda tinha cessado de chorar e estava socegada. Não tinha nos pés senão as suas meias. Os sapatinhos ver-



melhos fluctuavam no rio, mas não podiam attingir a embarcação que andava mais depressa do que elles.

Nas duas margens existiam arvores velhas, bellas flôres, capim grosso onde carneiros pastavam. Era um bello espectaculo. Mas não se via alma humana. « Talvez, pensou Gerda, o rio me leve para perto do pequenino Kay ». Este pensamento dissipou a sua tristeza. Ella levantou-se e olhou durante muito tempo para a bella paysagem verdejante.

Chegou finalmente diante de um grande pomar todo plantado de cerejeiras. Havia alli uma casinha singular, cujas janellas tinham vidros vermelhos, azues e amarellos e cujo tecto era de palha.

A' porta estavam dous soldados de páo, que apresentavam armas á gente que passava.

Gerda chamou por elles e pediu-lhes soccorro, julgando que estivessem vivos. Naturalmente elles não se moveram. Todavia o barco approximava-se de terra. Gerda gritou mais forte. Sahiu então da casinha uma velha, apoiando-se em um bastão; tinha na cabeça um grande chapéu de palha, ornado das mais bellas flôres.

« Pobre pequena, disse ella, como vieste parar assim no rio? Como foste arrastada tão longe atravez do mundo? »

E a velhinha entrou n'agua. Com o seu bastão conseguiu puxar o barco para terra e recebeu nos seus braços a pequena Gerda.

A creança, tomando pé em terra, sentiu-se mais alegre; todavia, o aspecto da velha inspirava-lhe algum terror.

« Conta-me, disse esta, quem tu és e de onde vens. »

Gerda contou-lhe tudo o que lhe tinha succedido. A velha abanava a cabeça e dizia: « Hum! hum! » A menina, acabando a sua narração, perguntou-lhe se não tinha visto o pequenino Kay. A velha respondeu que elle não tinha passado diante da sua casa, mas não tardaria sem duvida a vir. Pediu a Gerda que não se amofinasse mais e convidou-a a provar as suas cerejas e a admirar as suas flôres.

« São mais bellas, accrescentou ella, do que todas

as que estão nos livros de imagens ; e, além disso, ensinei a cada uma dellas a contar uma historia. »

Tomou a creança pela mão e levou-a para a casinha, cuja porta fechou.

As janellas eram muito altas acima do solo ; os vidros eram, ja dissemos, vermelhos, azues e amarellos. A luz do dia, passando atravez desses vidros, dava singular colorido a todos os objectos. Na meza estavam cerejas magnificas. Gerda comeu tantas quantas quiz ; a velha lhe dera permissão.

Emquanto comia as cerejas, a velha arranjava os seus cabellos com um pente de ouro, fazendo bellos anneis que cercavam, como uma aureola, o lindo rosto da menina, tão fresco e tão redondinho como um botão de rosa.

« Ha muito tempo desejava ter perto de mim uma creança boa como tu. Verás como viveremos bem juntas. »

Emquanto ella penteava assim os cabellos de Gerda, esta esquecia-se cada vez mais do seu pequeno amigo Kay. A velha era uma feiticeira, mas não era má feiticeira ; só fazia brucharia para distrahir-se um pouco. Gostava de Gerda e queria guardal-a junto de si.

E por isso foi ao jardim e tocou com a sua vara todas as roseiras ; e todas, mesmo as que estavam mais cheias de vida, cobertas das flôres mais bellas, desappareceram. Não ficou o menor vestigio dellas. A velha receiava que se Gerda visse rosas, se lembrasse d'aquellas que estavam na caixa da sua choupana. Então a creança tambem se lembraria de Kay, seu amigo, e fugiria á sua procura.

Tomada essa precaução levou a menina para o jardim, que era esplendido. Que perfumes deliciosos respirava-se alli ! As flôres de todas as estações tinham o melhor brilho. Nunca, com effeito, em livro de imagens, vira-se semelhantes. Gerda pulava de alegria. Corria pelos taboleiros de relva até que o sol se deitasse detrás das cerejeiras. A velha levou-a então para a casinha ; deitou-a n'uma linda cama com travesseiros de seda vermelha, bordados de violetas. Gerda adormeceu e fez sonhos tão bellos quanto os de uma rainha no dia do seu casamento.

No dia seguinte foi de novo brincar no meio das suas flôres, nas raios quentes do sol. Assim se passaram muitos dias. Gerda ficou conhecendo todas as flôres do jardim ; havia centenas dellas ; parecia-lhe, todavia, que lhe faltava uma especie : Qual ? não sabia.

Um dia olhou bem para o grande chapéu da velha, que tinha uma grinalda de flôres. A mais bella entre ellas era uma rosa. A velha esquecêra-se de arrancar-a. Nem sempre se póde pensar em tudo.

« O que ? Pois não haverá rosa aqui — exclamou Gerda. — Procuremos. »

Começou a percorrer todos os canteiros ; em vão procurava, nada encontrava. Atirou-se ao chão, chorando. Essas lagrimas cahiram justamente n'um lugar onde se achava uma das roseiras, que a velha tinha feito desaparecer. Regada a terra com esse pranto, de repente appareceu o arbusto desejado, tão florido quanto no momento em que desaparecêra.

Ao vel-o Gerda não pode conter a sua alegria. Beijava as rosas, umas após as outras. E depois pensava

n'aquellas que tinha deixado diante dajanela da chou-



pana ; e lembrou-se então do pequeno Kay.

« Meu Deus ! disse ella — quanto tempo me fizeram

perder aqui! Eu que tinha partido para procurar Kay, meu companheiro! Não sabeis por onde elle andar? — perguntou ella ás rosas. — Acreditaes que elle esteja morto? »

— Não, elle não morreu, responderam ellas. Habitamos debaixo da terra, onde estão todos os mortos e não o vimos lá.

— « Obrigado! Muito obrigado! » disse Gerda.

Correu ás outras flôres, parando perto de cada uma, tomando nas suas pequeninas mãos o seu involtorio e perguntando-lhes :

« Não saberão vocês o que é feito do pequenino Kay? »

As flôres lhe responderam. Gerda ouviu as historias que ellas sabiam contar, mas que eram sonhos. Nenhuma dellas conhecia o pequenino Kay.

O que dizia a açucena vermelha? « Ouves tu o tambor? Boum, boum! Sempre estes dous sons : boum! boum! Ouves o canto choroso das mulheres, os padres que dão as suas ordens? Vestida com o seu grande manto vermelho, a viuva do Indou está sobre a fogueira. As chammas começam a levantar-se em redor della e do corpo do seu marido. A viuva não pensa nisso; o seu pensamento está todo elle dirigido áquelle, cujos olhos atiravam uma luz mais intensa do que a d'aquellas chammas; áquelle cujo olhar tinha provocado no seu coração um incendio mais violento do que o que vae reduzir o seu corpo a cinzas. Julgas tu que as chammas da alma possam desapparecer nas chammas da fogueira? »

— Como queres que eu saiba? — disse a pequena Gerda.

— « A minha historia está acabada », disse a açucena.

O que contou a trepadeira ?

« No declive da montanha está suspensa uma velha torre ; a hera cresce em ramos espessos em redor das paredes e trepa até a janella. Ahi acha-se de pé uma moça ; inclina-se sobre a balaustrada e olha na extensão da rua estreita. Que flôr n'aquellas ruinas ! A rosa não é mais fresca e não mais graciosa no seu pé ; nem tão pouco é mais leve, mais aerea a flôr da macieira. Que *frou-frou* suave o dos seus vestidos de seda !

« Não virá elle ? » murmura ella.

— « E' de Kay que estás fallando ? » perguntou a pequena Gerda.

— « Não, elle não figura no meu conto » respondeu a trepadeira.

O que disse a flôr branca do inverno ?

« No meio dos galhos está uma taboa suspensa por cordas ; é uma redouça de se balançar. Duas lindas meninas balanceiam-se ; estão vestidas de branco como a neve ; nos seus chapéos voam fitas verdes. O irmão, que é mais velho, faz andar a redouça. Tem as cordas envoltas nos braços para se segurar. Com um tijelinha n'uma das mãos e um canudinho na outra, diverte-se em fazer bolhas de sabão ; e enquanto vò a redouça, as bolhas de côres variadas sobem aos ares. Uma dellas ficou segura na ponta do canudinho, agitando-se á vontade do vento. Um cãosinho acode levantando-se sobre as patas de detrás. Tambem queria ir na redouça ; mas ella não para.

O animalzinho zanga-se e ladra.

As creanças o impacientam e nesse interim as lindas bolhas arrebetam e desaparecem.

— É bonito o que contas — disse Gerda — mas porque fallas tão triste? E do pequeno Kay? Nada sabes delle? »

A flôrzinha ficou silenciosa.

O que contam os jacinthos?

« Eram trez irmãs todas ellas lindas e vestidas de gaze, uma de vermelho, a outra de azul e a terceira, de branco. Dançavam em roda na margem do lago e ao luar magnifico. Não eram creaturas fóra do natural. Eram filhas dos homens. O ar estava saturado de perfume inebriante. As raparigas desapareceram no bosque. O que aconteceria? Que desgraça? Vêde aquella barquinha que desliza sobre o lago; leva trez esquifes onde estão encerrados os corpos das raparigas. Estão mortas. O sino da noute dá o signal da morte. »

— Tetricos jacinthos, interrompeu Gerda, que historia lugubre! Veiu entristecer-me ainda mais. Digam-me uma cousa. Terá meu amigo Kay morrido, como as raparigas? As rozas dizem que não; o que dizem vocês?

— Kling, Klang, responderam os jacinthos. O sino não dobra pelo pequenino Kay. Não o conhecemos. Cantamos a nossa canção: não conhecemos outra. »

Gerda interrogou o taraxaco, que estava desabrochando no meio da herva.

« Brilhas como um pequeno sol, disse-lhe ella; saberás tú onde poderei encontrar o meu camarada de brinquedo? »

O taraxaco brilhava, com effeito, na relva; entoou uma canção, mas não tratou de Kay.

« Em um pequeno pateo, disse elle, no principio da primavera, o sol do bom Nosso Senhor dardejava os seus raios beneficos nas paredes brancas, perto das quaes florescia a primeira flôr amarella do anno, reluzindo como uma moeda de ouro. A velha vóvó estava sentada n'uma poltrona; sua neta approximou-se della e abraçou-a; era uma pobre criadinha apenas, mas o seu beijo valia mais do que todos os thezouros do mundo, com tanta vontade o tinha dado. Acabou-se a minha historia; não sei outra cousa. »

— Pobre vóvó! — suspirou Gerda; — ella procura-me, está afflicta por minha causa, como eu estou afflicta pelo pequenino Kay; mas breve estarei de volta e o levarei commigo. Deixemos agora estas flôres; são egoistas, que só se occupam de si-mesmas. »

E, arregaçando a saia para poder andar mais depressa, correu até á extremidade do jardim. A porta estava fechada, mas tirou com força o ferrolho e abriu-a. Sahiu, correndo, com os pés nús, atravez do espaço.

Trez vezes parou na sua carreira para olhar para atrás; ninguem a acompanhava. Quando sentiu-se bem cansada sentou-se n'uma pedra. Olhando em redor de si, notou que o verão tinha passado e que se estava no fim do outomno.

No bello jardim não notára a marcha do tempo: o sol tinha alli sempre o mesmo brilho, confundindo as estações. « Como atrazei-me, disse ella! Como! Já estamos no outomno! Depressa, depressa, não tenho tempo para descansar! »

Levantou-se para continuar a sua marcha; mas os seus pequeninos membros estavam endurecidos pelo



canção, e os seus pés martyrisados. O tempo tambem não estava animador, a paysagem não tinha attractivos. O céu estava frio e tristonho. Os salgueiros tinham ainda folhas, mas estavam amarellas e cahindo umas após as outras. Não havia mais fructas nas arvores, excepto os abrunhos silvestres. Mas estavam espessos e amargos, desagradaveis ao paladar.

Como era triste o aspecto do vasto mundo!

Como tudo parecia escuro, triste e enfadonho!



QUARTA HISTORIA

PRINCIPE E PRINCEZA

Pouco depois Gerda teve de parar de novo: não tinha mais forças para proseguir. Enquanto descansava um pouco, uma enorme gralha, postada em um galho, olhava para ella com curiosidade. O passaro agitava a cabeça para a esquerda e para a direita e gritava: « Crah, crah, g'tat, g'tak! » E' mais ou menos desse modo que se dá o — bom dia — nesse paiz, mas o animalzinho tinha má accentuação. Embora pronunciasse mal não deixava por isso de ser benevola para a menina e perguntou-lhe onde ia assim sósinha pelo mundo.

Gerda apenas comprehendeu a palávra *sósinha*, mas conhecia o seu valor e percebeu a pergunta da gralha. Contou então a historia das suas aventuras e acabou por perguntar-lhe se não vira o pequeno Kay.

O passaro, abanando a cabeça com ar grave, respondeu:

« Póde muito bem ser!

— « Como! Julgas tel-o visto? exclamou Gerda, toda alegre. Apertou nos seus braços o passaro que se approximára della; abraçou-o tão forte, que quasi o suffocou.

« Mais calma, mais calma, — disse a gralha. — Julgo, supponho que sim. É bem possível que seja



o pequeno Kay. Nada mais posso dizer. Se fôr elle, com certeza te esqueceu, pois só pensa na sua princeza ».

— Uma princeza ! retorquiui Gerda — elle está morando em casa de uma princeza !

— Sim, eis o caso, disse a gralha.

Mas me é difficil fallar a tua lingua ; não conheces a das gralhas ? (1)

— Não, não a aprendi, respondeu Gerda. Vóvó a conhecia. Porque não m'a ensinou ella?

— Não faz mal — disse a gralha — Procurarei errar o menos possivel : mas me desculparás se, como temo, peccar contra a grammatica.»

E o passaro poz-se a contar o seguinte :

« No paiz onde nos achamos reina uma princeza que tem espirito como um anjo. Elle leu todos os jornaes que se imprimem no mundo e teve a sabedoria, a prudencia de esquecer-se de tudo o que lêra. Ultimamente estava pensativa sentada no seu throno ; — digamos entre parenthesis que estar sentado n'um throno não é cousa tão agradavel como se julga e não basta para dar a felicidade. — Para distrahir-se, começou a dizer uma canção : esta por acaso, tinha o estribilho :

Porque não me casarei eu ?

« E, com effeito, disse consigo a princeza, porque não me casarei eu ? » — Sómente era necessario um marido que soubesse fallar, conversar, dar-lhe a replica. Não queria saber desses individuos graves e silenciosos, aborrecidos e solemnes. Ao som do tambor convocou as suas damas de honra e communicou-lhes a idéa que tivera. « Muito bem, disseram todas ; é o

(1) Chama-se desse modo, na Dinamarca, uma especie de *java-nez*, linguagem de convenção. Acrescenta-se a cada syllaba uma syllaba que não conta.

que nós dizemos todos os dias. Porque não se casa a princeza ? »

— « Podes estar certa, interrompeu a gralha, que tudo o que estou contando é absolutamente exacto. Sei tudo por meu noivo, que anda em todos os cantos do palacio. »

Esse noivo era naturalmente uma gralha domesticada : as gralhas só se casam com as gralhas. Mas continuemos a narração :

« Os jornaes do paiz, proseguiu a gralha, em edições especiaes, ornadas do desenho de uma grinalda de corações ardentes entremeados com as iniciaes da princeza, annunciáram que todos os rapazes esbeltos e bonitos podiam apresentar-se no palacio e entreter-se com a princeza; aquelle que conversasse melhor e mostrasse espirito mais facil e mais natural, seria escolhido para esposo da princeza. »

« Sim, sim, disse a gralha; pódes acreditar no que te digo; foi assim que as cousas se passáram.

Nada invento; é tão verdade quanto estarmos aqui uma ao lado da outra. »

« Os rapazes acudiram ás centenas; mas iam todos embora. Emquanto estavam na rua, fora do palacio, tagarellavam muito. Uma vez, no interior, entre as filas de guardas agaloados, perdiam a postura. E quando os lacaios, com as librés bordadas a ouro, conduziam os, pela escadaria monumental, aos vastos salões, illuminados por numerosos lampeões, os pobres rapazes sentiam que as suas ideias se confundiam; chegando diante do throno, onde a princeza estava majestosamente sentada, não sabiam mais o que dizer,

repetiam desconcertadamente a ultima palavra do que lhes dizia a princeza e balbuciavam qualquer cousa. Não era isso o que queria a princeza.

« Parecia que todos aquelles infelizes estavam enfeitados e que o feitiço lhes prendia a lingua. Uma vez fóra do palacio, readquiriam o uso da palavra e tagarellavam ainda mais.

« Assim passaram-se dous dias; a affluencia era enorme. Era uma fila interminavel desde as portas da cidade até ao palacio. Vi, vi tudo isso com estes meus olhos, repetiu a gralha.

« Os que esperavam a sua vez na rua tiveram tempo de ter fome e sède. Os mais atilados levavam provisões e não as dividiam com os seus vizinhos. » Que fiquem seccas as suas liguas! pensavam elles! desse modo não poderão dizer uma palavra á princeza!

— Mas Kay, o pequeno Kay? perguntou Gerda. Quando appareceu elle? estava elle no meio dos outros?

— Espera, espera um pouco, continua a gralha, és muito impaciente. Vamos chegar a elle. No terceiro dia apresentou-se um rapazinho, que viera a pé. Muitos chegavam á cavallo outros de carro, com ares de grandes senhores. Dirigiu-se com ar alegre para o palacio. Os seus olhos brilhavam, como os teus. Tinha bellos cabellos compridos. Mas a sua roupa era a do pobre.

— Oh! era Kay. estou certa, exclamou Gerda. Achei-o então.

— Trazia ás costas pequena malinha...

-- Sim, era o seu trenó, com o qual partira.

— Pode muito bem ser, disse a gralha. Não o vi de perto. O que sei pelo meu noivo, que é incapaz de adular a verdade, é que, tendo chegado á porta do castello, não deixou-se intimidar pelos porteiros, nem



pelos guardas de uniformes bordados de prata, nem pelos lacaios agaloados de ouro. Quando quizeram fazel-o esperar no patamar da escada, disse : « Obrigado, é aborrecido esperar muito tempo em pé. » Subiu sem mais esperar e penetrou nos salões illuminados por centenas de lampeões. Tudo isso não espantou-o. Viu alli Ministros e Excellencias, que, calçando chinellas para não fazerem barulho, enchiam o throno de incenso. As botas do pequeno intruso faziam grande barulho. Todos olhavam para elle indignados. Elle nem sequer parecia perceber.

— Era certamente Kay, disse Gerda. Sei que na occasião em que desapareceu tinham-lhe justamente

comprado botinas novas. Eu as ouvi ranger no dia em que partiu.

— Sim, ellas faziam um barulho diabolico, proseguiu a gralha.

Elle, como se nada houvesse, apresentou-se desembaraçadamente diante da princeza, que estava sentada n'uma perola enorme, do tamanho de um travesseiro. Ao seu lado estavam as damas de honra e as criadas graves. Os cavalheiros de honra tambem faziam roda; atrás delles estavam os creados com os seus *grooms*. Estes ultimos eram os que tinham o aspecto mais imponente e mais carrancudo. O rapaz não ligou-lhes a menor importancia.

— Não devia ser, no entretanto, cousa facil apresentar-se desse modo diante de gente tão bella! disse Gerda. Mas enfim terá Kay despozado a princesa?

— Se eu não fosse gralha de certo o escolheria para marido. Elle fallou tão espirituosamente quanto eu, quando fallo a lingua das gralhas. Meu noivo contou-me como se passára a entrevista. O recém-chegado mostrou-se alegre, amavel, gracioso. Mostrava-se tanto mais á sua vontade quanto não viera com intenção de casar-se com a princesa, mas simplesmente para verificar se ella tinha tanto espirito quanto se dizia. Achou a encantadora e ella achou-o ao seu gosto.

— Não ha duvida, disse Gerda, era Kay. Elle sabia tantas cousas, até calcular de cabeça com fracções. Olha, podes tu levar-me para o palacio?

— Como vaes depressa! respondeu a gralha. O que tu me pedes não é cousa facil. Todavia vou conversar com meu noivo; elle achará talvez um meio de intro-

duzir-te. Mas, repito, nunca uma menina como tú, e sem sapatos, entrou nos bellos aposentos do palacio.

— Não faz mal, disse Gerda ; quando Kay souber que eu alli estou, orá logo ao meu encontro.

— Pois bem ! vamos então — respondeu a gralha ; o castello não está longe ; tu me esperarás no portão.

Deu com a cabeça um signal á creança e tomou o vôo. Só voltou á tarde : Muitas saudações, disse ella, da parte do meu bom amigo ; ella manda-te este pãozinho, que tirou da despensa, onde ha tantos pães, porque pensou que deves ter fome.

Quanto a entrar no palacio, nem deves pensar nisso : não tens sapatos. Os guardas agaloados de prata, os lacaios com os seus uniformes de flôres e arabescos não consentirão. É impossivel. Mas não chores. Apesar de tudo isso entrarás. Meu bom amigo, que é capaz de tudo para me ser agradavel, conhece uma escada escondida, pela qual se vae ao quarto nupcial e elle sabe onde está a chave desse quarto. »

A gralha levou a menina pela grande avenida do parque ; ao mesmo tempo em que cahiam, umas após as outras, as folhas das arvores, apagavam-se successivamente as luzes do palacio. Quando fez-se completa escuridão, a gralha levou Gerda para uma porta baixa, que estava entre-aberta.

Como batia de angustia e de desejo impaciente o coração da pequena ! Ella caminhava furtivamente na sombra. Quem a visse, supporia que ia praticar algum crime ; a sua intenção, porém, não era senão certificar-se que o pequeno Kay alli se achava. Já não tinha quasi

a menor duvida ; os signaes dadas pela gralha não lhe pareciam applicaveis á outra creatura.

Os olhos vivos e intelligentes, os bellos cabellos compridos, a sua boa « ponta de lingua », como se costuma dizer, tudo designava-lhe o pequeno Kay.

Já o estava vendo com o sorriso nos labios como no tempo em que estavam sentados ao lado um do outro perto das roseiras das aguas furtadas onde residiam.

« Como vae elle alegrar-se de me tornar a ver ! pensava ella. Como será curioso de saber a grande viagem que fiz por causa d'elle ! E como ficará commovido quando souber da desolação que houve em casa d'elle e na nossa quando se verificou que elle não voltára mais ! »

Subíram a escada, no alto da qual havia, sobre pequeno movel, um lampeão acceso. A gralha domesticada estava no chão saltando e fazendo meneios de « coquetterie. » Gerda, inclinando-se, fez-lhe bella reverencia, como sua avó lhe ensinára a fazer.

« Minha noiva fallou-me muito bem de si, minha menina — disse a gralha. — Os seus dissabores abalaram-me : prometti vir em seu auxilio. Segure este lampeão. Vou mostrar-lhe o caminho. Não tenha medo ; não encontraremos ninguem.

— « Parece-me, disse Gerda, que vem alguem detraz de nós. »

Via-se, com effeito, na parede, sombras de cavallos, com as crinas fluctuantes, com as pernas magras, uma grande comitiva de caça, homens e mulheres á cavallo, ao galope.

« São phantasmas, disse a gralha ; vêm buscar os

pensamentos de Suas Altezas para leval-os á caça louca dos sonhos. Isso ainda vem em seu auxilio. O principe e a princeza despertarão menos facilmente e você terá tempo de examinal-os melhor. Não preciso, creio eu, dizer-lhe que, se chegar a conquistar honras e dignidades, a amiguinha nos será grata. »



— « Está bem claro », disse a gralha rustica. Por essas palavras via-se perfeitamente que ella não era civilizada nem tinha a experiencia da Còrte.

Chegáram a uma primeira sala, cujas paredes estavam forradas de setim còr de rosa, bordado de flôres.

Os sonhos passáram por alli, voltando ao galope, mas tão depressa que Gerda não teve tempo de ver os pensamentos de Suas Altezas, que eram carregados por elles.

Entraram depois n'uma outra sala, e depois n'uma

terceira, cada qual mais sumptuosa. Com certeza era o caso de perder-se a presença de espirito diante de um luxo tão prodigioso. Mas Gerda apenas olhava para tudo isso ; só pensava em tornar a ver Kay, seu companheiro.

Eil-as finalmente no quarto de dormir. O tecto de crystal tinha a forma de uma grande corôa de folhas de palmeira. No meio do aposento, sobre pedestaes de ouro, estavam duas camas, semelhantes a flôres de liz : uma branca, onde descanzava a princeza ; a outra, côm de fogo, onde descanzava o principe. Gerda approximou-se dellas, certa de reconhecer o seu amigo. Levantou uma cortina e viu a nuca do principe, cujos braços occultavam o rosto. Julgou reconhecer essa nuca, de tez ligeiramente morena, e chamou pelo nome de Kay, segurando o lampeão para a frente para que elle a pudesse ver. Os phantasmas do sonho chegaram a todo o galope, trazendo o espirito do joven principe. Elle acordou e virou a cabeça.

Não era o pequeno Kay!

Só se pareciam pela nuca. O principe era tambem um bello rapaz. A princeza levantou a cabeça, no meio das folhas brancas de liz, e perguntou quem estava alli. A pequena Gerda, soluçando, ficou um momento sem poder responder ; depois contou toda a sua historia e não se esqueceu de dizer quanto as gralhas tinham sido condescendentes com ella.

« Pobre pequena! » disseram o principe e a princeza enternecidos. E complimentáram os dous passaros, garantindo-lhes que não se zangariam pelo que elles tinham feito contra todas as regras da etiqueta,

mas recommendando-lhes que não recommencassem. Prometteram-lhe até uma recompensa :

« Querem vocês uma velha torre onde habitarão sósinhos, ou preferem ser elevadas á dignidade de gralhas de Camara, que lhes dará direito a todos os restos da meza ? »

As gralhas inclináram-se em signal de reconhecimento e pediram para serem addidas ao palacio :

« Na nossa raça, disseram ellas, a velhice dura muito tempo ; e desse modo teremos certeza de termos meios para viver nos nossos velhos dias. »

O principe sahiu da cama e consentiu que Gerda alli descansasse. Era tudò o que elle podia fazer por ella. A criança juntou as mãosinhas : « Meu Deus ! murmurou ella com gratidão, como os homens e os bichos são bons para mim ! »

Em seguida fechou os olhos e adormeceu. Os sonhos foram ter com ella ; tinham a physionomia de anjos do Deus bondoso ; empurravam um pequeno trenó onde Kay estava sentado, olhando para ella e sorrindo. Mas quando acordou tudo tinha desapparecido.

No dia seguinte vestiram-a, da cabeça aos pés, de velludo e de seda. A princeza propoz-lhe para ficar no castello, eahi passar a vida no meio das suas festas. Gerda não quiz aceitar ; pediu um pequeno carro com um cavallo e um par de botinas para proseguir na sua viagem atravez mundo, á procura de Kay.

Recebeu as bellas botinas e além disso um manguito. Quando ia partir encontrou no pateo um carro novo, todo de ouro, com as armas do principee da princeza. As almofadas estavam cheias de biscoutos, e o caixo-

tinho continha fructas e pão d'especie. O cocheiro, o groom e o picador — pois havia tambem um picador — tinham uniformes bordados a ouro com uma corõa de ouro na cabeça.

O principe e a princeza ajudáram em pessoa Gerda a subir no carro, desejando-lhe todas as felicidades possiveis. A gralha do bosque, que se casára, acompanhou-a, collocando-se no fundo do carro. A gralha domesticada desculpou-se por não ir; estava um pouco indisposta. Desde que tinha direito a todas as migalhas da meza o seu estomago estava constantemente desaranjado. Mas foi até á porta do carro e bateu com as azas quando a comitiva partiu.

Adeus, adeus, pequena! disseram o principe e a princeza. A pequena Gerda chorava; tambem chorava a gralha. Depressa foram percorridas trez leguas. Nessa occasião a gralha do bosque despediu-se. Como tinha a simplicidade do campo, tomára amizade pela pequena e custava-lhe deixal-a. Pousou n'um galho de arvore e ahi bateu com as azas tanto tempo quanto poude avistar o carro, que brilhava como um verdadeiro sol.



QUINTA HISTORIA

A PEQUENA DOS SALTEADORES

Chegáram á uma floresta escura, mas onde via-se á vontade graças á luz da carruagem. Essa luz attrahiu ao lugar um bando de salteadores, que se precipitáram como moscas, em redor da chamma. « Temos ouro, ouro puro ! » exclamaram elles. E agarráram os cavallos, matáram o cocheiro, o *groom* e o picador e tiráram a pequena Gerda da carruagem.

« Como está fresca e gordinha esta creaturinha ! parece que nunca comeu senão nozes ! » Assim fallava a velha mãe do chefe dos salteadores ; tinha um bigode feio e comprido e grandes sobrancelhas, que lhe cobriam quasi inteiramente os olhos.

« A sua carne, continuou ella, deve ser tão delicada quanto a de um pequeno cordeiro rechonchudo. Oh ! que regalo vamos ter ! »

Pronunciando taes palavras tirou do seio uma faca comprida e afiada, que brilhava de modo a dar calafrios.

« Ai ! ai ! » gritou de repente a megera. Sua

neta, que estava dependurada nas suas costas, creatura selvagem e arisca, dera-lhe uma dentada na orelha.



« És uma peste! » disse a avó e preparava-se de novo a degollar Gerda.

« Quero que ella brinque commigo! disse a pequena salteadora. Quero que ella dê me o seu bello vestido e que ella deite-se commigo na minha cama. »

E mordeu de novo a sua avó que, de dôr, deu uns pulinhos. Os bandidos riam-se da velha feiticeira.

« Quero entrar na carruagem », disse a pequena filha dos salteadores ; e foi necessario curvar-se ao seu capricho, pois era toda cheia de vontades e teimosa como um diabinho. Collocáram Gerda a seu lado e foram todos para o interior da floresta.

A pequena salteadora não era mais crescida do que Gerda, mas era mais forte e rechonchuda ; a sua tez era morena, os seus olhos pretos, inquietos e quasi tristes.

Agarrou-se bruscamente á Gerda e manteve-a abraçada durante algum tempo. « Estejas tranquilla, disse ella ; elles não te matarão emquanto eu não me zangar contigo. És, sem duvida, uma princeza ? »

« Não, » respondeu Gerda ; e contou-lhe todas as suas aventuras á procura do pequeno Kay.

A filha dos salteadores abriu os seus grandes olhos escuros e contemplava com attenção, a mais seria, a creança, á qual tinham succedido cousas tão curiosas. Depois sacudiu a cabeça com um gesto de desafio.

« Elles não te matarão, disse elle, mesmo se eu me zangar contra ti. Serei eu então quem te matará ! »

Enxugou as lagrimas, que corriam dos olhos de Gerda ; e poz as suas duas mãos no manguito quente e macio da pobre pequena.

Caminhavam sempre. A carruagem parou finalmente : estavam no pateo de um velho castello, meio arruinado, que servia de refugio aos bandidos. Quando entráram urubús enormes tomáram o vôo grasnando por muito tempo.

Grandes « bouledogues » acudiram aos saltos ; tinham o aspecto feroz. Cada um parecia de tamanho a devorar um homem. Não ladravam : não tinham licença para isso.

Na grande sala toda arruinada ardia fogo intenso ; a fumaça enchia o espaço, fugindo por onde pudesse. Ao fogo fervia grande caldeirão com a sopa ; lebres e coelhos estavam sendo assados ao espeto.

Deram de beber e de comer ás duas pequenas.

« Vaes deitar-te commigo e com meus animaes » disse a pequena salteadora. Foram para um canto da sala, onde havia palha e tapetes. Por cima, mais de cem pombos dormiam sobre taboas e páus. Alguns tiraram a cabecinha de debaixo da aza, quando as meninas se appróximáram.

« São todos meus » disse a pequena salteadora ; e agarrou um pelos pés, sacudindo-o e fazendo-o bater as azas.

« Dá-lhe um beijo » disse ella atirando-o ao rosto de Gerda e rindo-se da cara desconcertada dessa ultima.

« Todos esses pombos, continuou ella, são domesticados ; alli estão, porém, dous, que são bravos e que estão fechados para não fugirem. Por nada deixo-os sahir do buraco que estás vendo na parede. A minha favorita é esta e chama se Beh ! » E apontou para um canto, onde estava amarrada uma pequena renna, que tinha, em volta do pescoço, um collar de cobre bem polido.

« Não devemos tambem perder esta de vista, porque facilmente fugiria para os campos. Divirto-me todas as

noutes a fazer-lhe coegas no pescoço com a minha faca afiada; ella não gosta disso. »

E a cruel menina agarrou com effeito uma faca comprida, que estava n'um buraco da parede e fel-a passear pelo pescoço do animalzinho. Cheio de terror, este se agitava provocando a alegria da pequena salteadora. Depois de rir-se a vontade, deitou-se, obrigando Gerda a deitar-se ao lado della.

« Vaes guardar a faca enquanto dormes? — disse Gerda, olhando com receio para a grande lamina.

— Sim, respondeu-ella; deito-me sempre com a minha faca. Nunca se sabe o que póde acontecer. Mas... conta-me de novo o que me disseste do pequeno Kay e das suas aventuras desde que o procuras. »

Gerda recomeçou a sua historia. Os pombos selvagens começaram a arrulhar na sua gaiola; os outros dormiam tranquillamente.

A pequena salteadora adormeceu, com um braço envolto no pescoço de Gerda e com a faca na outra mão. Não tardou em roncar. Mas Gerda não podia fechar os olhos; via-se sempre entre a vida e a morte.

Os salteadores estavam sentados em redor do fogo: bebiam e cantavam. A velha megera dançava e fazia cabriolas. Que espectáculo medonho para a pequena Gerda!

De repente os pombos começaram a dizer: « Corre, corre; vimos o pequeno Kay. Uma gallinha branca puxava o seu trenó. Elle estava sentado no da Rainha da Neve. Passáram perto da floresta onde estavamos ainda pequeninos no nosso ninho. A Rainha da Neve dirigiu para o nosso lado o seu bafo glacial; todos os

pombos da floresta morreram, menos nós. Corre, corre!

— « O que estaes a dizer? — exclamou Gerda. — Onde ia elle com essa Rainha da Neve? Sabeis de mais alguma cousa? »

— Iam sem duvida para a Laponia, onde ha sempre gelo e neve. Pergunta a pequena renna que está alli amarrada. »

— Sim, respondeu a renna, lá ha sempre gelo e neve em abundancia, Como é bom viver-sena Laponia! Como eu me divertia nas grandes planicies brancas! É lá onde a Rainha da Neve tem o seu palacio de verão! O seu verdadeiro forte, o seu castello principal esta perto do Polo Norte, n'uma ilha, que chama se Spitzberg.

— « Ó Kay, pobre Kay! onde estás tú? » — suspirou Gerda.

— Fica quieta, disse a filha dos salteadores; se não dou-te uma facada.

Gerda não abriu mais a bocca. Mas no dia seguinte contou á pequena salteadora o que disseram os pombos selvagens. A pequena selvagem tomou ares de seriedade e, abanando a cabeça, disse:

« Pois bem, que me importa isso; sabes-tu onde fica a Laponia? » perguntou ella á renna.

« Quem melhor do que eu poderá saber? » — respondeu o animal, cujos olhos brilhavam, lembrando-se da sua patria.

— Alli nasci, alli cresci, e saltei durante tanto tempo nos campos de neve.

— Olha, disse a filha dos saltradores á Gerda. — Estás vendo; todos os nossos homens partiram. Só

ficou a avó, que não partirá. Mas, por volta do meio-dia ella bebe o que está n'aquella grande garrafa e dorme depois um pouco. Farei então alguma cousa por ti. »

Saltou da cama e foi abraçar a sua avó, puxando-lhe o bigode. « Bom dia, minha cabra velha », disse ella. A megera deu-lhe um socco tal no rosto, que o nariz da pequena ficou vermelho e azulado : era uma simples demonstração de amizade,

Mais tarde a velha bebera, com effeito, o que havia na grande garrafa e adormeceu. A pequena salteadora foi buscar a renna.

« Eu tinha prazer em guardar te, disse-lhe ella, para fazer-te cocegas no pescoço com a minha faca, pois fazes uma caretas divertidas. Mas não faz mal: vou soltar-te para que voltes para a Laponia. Vae ser necessario que andes muito e que leves esta menina ao palacio da Rainha da Neve, onde se acha o seu camarada; debes lembrar-te do que ella nos contou esta noute, pois estavas escutando. »

A renna saltou de alegria. Mais calma, Gerda sentou-se nas suas costas, em travesseiro, que lhe fôra dado pela pequena salteadora, que a amarrára solidamente de modo a não poder cahir.

« Segura-te bem ; toma lá as tuas botinas forradas porque a estação está adiantada ; mas guardo o manguito, porque é muito bonitinho. Não quero, porém, que tenhas as mãos geladas ; dou-te as luvas forradas de minha avó ; toma lá, calça-as e terás mãos tão feias como as da minha cabra velha. »

Gerda chorava de alegria. « Nada de carêtas, — disse

a outra — ; não gosto disso. Estejas alegre e contente. Toma lá também presunto e dous pães ; d'esse modo não terás fome. »

Amarrou as provisões nas costas da renna. Abriu então a porta, chamou todos os cães, pedindo-lhes que não perseguissem os fugitivos ; cortou a corda com a sua faca afiada e disse á renna :

« Corre agora e toma bem cuidado com a pequena. »

Gerda estendeu á pequena salteadora as suas mãos, enfiadas nas luvas forradas e disse-lhe adeus. A renna partiu como um raio, saltando por cima de pedras e de buracos. Atravessou a grande floresta e depois steppes, pantanos e novas florestas profundas. Os lobos huivavam, os corvos grasnavam.

De repente viu-se um vasto clarão. Parecia que o céu atirava feixes de fogo :

« Eis as minhas auroras boreaes ! — exclamou a renna — vê só como brilham ! »

Partiu ao galope ainda mais depressa, viajando dia e noute. Já não havia mais pães nem presunto. Quando nada mais tinham, já estavam na Laponia.



SEXTA HISTORIA

A VELHA LAPONIA E A FINLANDEZA

A renna parou perto de uma pequena cabana, de aspecto bem pobre, com o tecto muito baixo e a porta tão baixa que era preciso pôr-se de cocoras para entrar e sair. Só havia nessa cabana uma velha Laponia, que estava frigindo peixe. Um lampeão microscopico dava um pouco de luz á esse retiro tão miseravel.

A renna contou toda a historia de Gerda, depois, já se vê, de ter começado pela sua, que lhe parecia muito mais interessante. Gerda tinha tanto frio que não podia fallar.

« Infelizes, disse a Laponia ; vocês ainda não estão no fim das amarguras ; ainda ha muito caminho a percorrer ; pelo menos cem leguas no interior de Finmarken. É lá onde mora a Rainhada Neve ; e onde ella queima todas as noites fogos parecidos com os de Bengala. Vou escrever algumas palavras n'um pedaço de bacalháu secco — não tenho aqui papel — para recommendar-vos á Finlandeza d'aquellas alturas ; ella lhes dará melhores informações do que as minhas. »

Durante esse tempo Gerda tinha aquecido um pouco. A velha deu-lhe de beber e de comer.

Escreveu a sua carta, que entregou a Gerda. Esta amarrou-a ao animal, que partiu a todo o galope.

O céu brilhava; estava colorido de vermelho e de amarello: a aurora boreal illuminava o caminho.

Chegaram finalmente a Finnmarken, e bateram na chaminé da Finlandeza, cuja casa era subterranea.

Ella fez-lhes bom acolhimento. Como fazia calor na sua casa! tambem estava bem pouco coberta. Era anã e muito suja, mas excellente creatura. Desabotoou logo as roupas de Gerda, tirou-lhe as luvas e as botinas: sem o que a creança teria morrido de calor. Teve cuidado de pôr um pedaço de gelo na cabeça da renna, para preserval-a de uma apoplexia. Depois disso leu o que estava escripto no pedaço de bacalháu secco, leu trez vezes, de sorte que sabia de cór; atirou o bacalháu ao seu « cozido ». No seu paiz tão pobre, a Finlandeza aproveitava-se de tudo.

A renna contou primeiramente a sua historia e depois a da pequena Gerda. A Finlandeza piscava os seus olhinhos intelligentes, mas nada dizia.

« És muito habil, bem o sei, disse a renna. — Conheces grandes segredos. Pódes, com um pedaço de fio, ligar todos os ventos do mundo. Se se desligar o primeiro nó, tem-se bom vento, se o segundo, o navio corta as ondas com rapidez; se o terceiro e o quarto, apparece então a tempestade, que devasta as florestas. Sabes tambem compor uma bebida, que dá a força de doze homens. Não queres dar um pouco a esta pequena, para que ella possa lutar com a Rainha da Neve? »

— « A força de doze homens? disse a Finlandeza. — Sim, talvez isso pudesse servir-lhe. »

Tirou de debaixo da cama uma grande pelle enrolada; desenrolou-a e pôz-se a ler os caracteres estranhos, que estavam escriptos n'ella.



Era necessaria uma attenção tal para interpretal-os, que a mulher suava abundantemente. Estava com vontade de não continuar mais a ler, tal era o cansaço que sentia. Mas a boa renna pedia com insistencia que auxiliasse a pequena Gerda e não a abandonasse.

A pequena olhou para ella com os olhos supplicantes e cheios de lagrimas. A Finlandeza piscou os seus e continuou a leitura.

Levou a renna para um canto, e depois de ter-lhe posto de novo um pedaço de gelo na cabeça, disse lhe ao ouvido :

« O livro de magia que tenho communicou-me que o pequeno Kay está com effeito junto da Rainha da Neve. Está muito feliz e acha tudo a seu gosto. Na sua opinião é o lugar mais agradavel do mundo. Isso se dá por que elle tem no coração um pedaço de vidro, e no olho um grão desse mesmo vidro, que desnatura os sentimentos e as ideias. É preciso tiral-os do seu corpo ; se o não fizermos nunca tornará a ser um ente humano, digno desse nome e a Rainha do Neve terá sobre elle todo o dominio.

— Não poderás dar á pequena Gerda uma bebida, que lhe dê o poder, a força de romper essa bruxaria ?

— Não posso dotal-a de uma força maior do que a que ella já possue. Não estás vendo que animaes e toda a gente são forçados a servil-a e que, tendo partido com os pés nús da sua cidade natal, atravessou felizmente a metade do universo. Não é de nós que ella póde receber a força ; esta reside no seu coração e ella a tem por ser uma creança innocente e cheia de bondade. Se ella não puder chegar até ao palacio da Rainha da Neve, nem tão pouco tirar os dous pedaços de vidro, que causáram todo o mal, não podemos nós acudil-a. Tudo o que tens a fazer é pois leval-a até á entrada do jardim da Rainha da Neve, a duas leguas d'aqui ; a deixarás junto de uns espinhos, que dão umas fructas vermelhas e que verás no meio da neve. Vamos, vae-te e nada de parar no caminho para tagarellar com as rennas que encontrares. »

E a Finlandeza poz de novo Gerda sobre o animal, que partiu como uma flecha.

« Alto lá! disse a pequena, não tenho minhas botinas, nem minhas luvas forradas. » Deu pela cousa por causa do frio glacial que sentia. Mas a renna não ousou voltar atraz; continuou a galopar até aos espinhos das fructas vermelhas. Ahi deixou Gerda e deu-lhe um beijo na bocca.

Lagrimas abundantes cahiam dos olhos do bom animal, que partiu com a rapidez do vento.

Eil-a sósinha, a pobre Gerda, sem sapatos e sem luvas, no meio d'aquelle terrivel paiz de Finnmarken, gelado de um lado á outro. Poz-se a correr para frente tão depressa quanto poudo. Viu diante della um regimento de flocos de neve. Não cahiam do céu, que estava claro e illuminado pela aurora boreal. Corriam em linha recta sobre o solo, e mais se approximavam, mais notava quanto eram grandes.

Lembrou-se dos flocos que outr'ora examinára com a lente e quanto elles lhe tinham parecido grandes e feitos com symetria. Estes eram mais enormes e terri-veis, tinham vida. Eram os postos avançados do exercito da Rainha da Neve.

Uns pareciam porcos-espinhos; outros tinham o aspecto de um nó de cobras entrelaçadas, dardejando as suas cabeças para todos os lados; outros tinham o aspecto de pequenos ursos gordos, com o pello arrepiado. Todos tinham uma alvura resplandescente.

Caminhavam em boa ordem. Gerda rezou com fervor um « Padre Nosso ». O frio era tal que a sua respiração, emquanto rezava, sahia da bocca como uma baforada de vapor. Esse vapor ficava cada vez mais espesso; com elle formavam-se anjinhos que uma vez

na terra, cresciam sensivelmente. Todos tinham capacete e estavam armados de lanças e de escudos. Quando a creança acabou o seu *Pater* havia uma legião de anjinhos.

O pequeno exercito atacou os flocos terriveis ; e, com as suas lanças quebrou-os em mil pedaços. Gerda readquiriu toda a sua coragem e proseguiu no seu caminho. Os anjinhos acariciavam-lhe os pés e as mãos para que o frio não os entorpecesse. Ella approximava-se do palacio da Rainha da Neve.

Mas é preciso agora sabermos o que fazia Kay. É claro que elle não pensava em Gerda e que a ideia de que ella estava perto d'elle não lhe vinha ao espirito.



SETIMA HISTORIA

O PALACIO DA RAINHA DA NEVE

As paredes do castello eram feitas de neve agglomerada pelos ventos, que nellas fizeram depois portas e janellas.

Havia mais de uma centena de salas immensas. A maior tinha uma extensão de muitas milhas. Eram illuminadas pelos fogos da aurora boreal. Tudo brilhava e resplandescia alli ! Mas que deserto e que frio !

Nunca havia festas nessa residencia real. Seria, todavia, cousa facil, convocar para um baile os ursos brancos que, tendo a tempestade por orchestra, poderiam dançar quadrilhas, cuja gravidade estivesse em harmonia com a solemnidade do lugar.

Nunca se deixava entrar as rapozas brancas da vizinhança; nunca as suas filhas podiam reunir-se alli para tagarellar e dizer mal da humanidade, como se faz na cõrte de muitos soberanos. Não, tudo era vasto e deserto nesse palacio da Rainha da Neve e a propria luz das auroras boreaes, que augmentava e diminuia sempre nas mesmas proporções, era tambem fria.

Na mais immensa das salas, via-se um lago inteira-

mente gelado, cujo gelo estava quebrado em milhares e milhares de pedaços. Esses pedaços eram todos absolutamente semelhantes uns aos outros.

Quando a Rainha da Neve habitava o palacio, subia ao throno no meio desse lençol de gelo, que ella chamava o unico e verdadeiro espelho da intelligencia.

O pequeno Kay estava azul e quasi preto de frio. Ella não notava isso. Com um beijo a Rainha da Neve lhe tirára o tremor; e não estava, aliás, o seu coração transformado em gelo?

Elle tinha nas mãos alguns desses pedaços de gelo, chatos e regulares, de que era composta a superficie do lago. Collocava-os uns ao lado dos outros, em todos os sentidos, como quando nos entretemos com o jogo da paciencia.

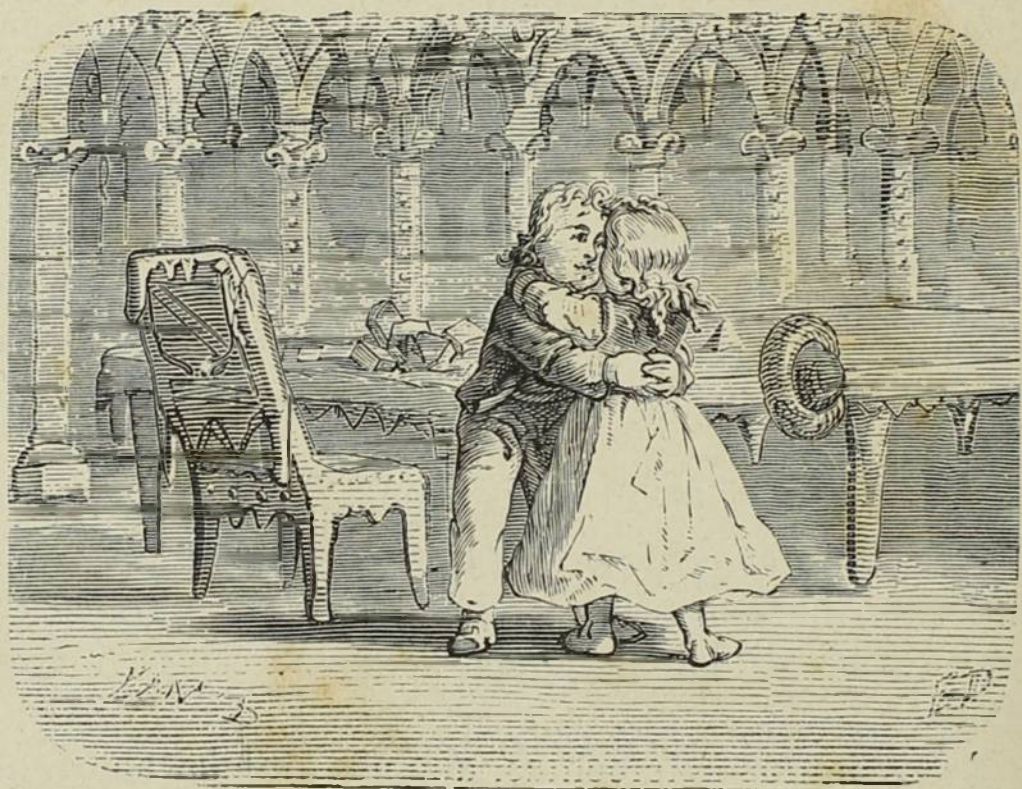
Estava absorvido nessas combinações e procurava obter as figuras as mais singulares e as mais bizarras. Esse jogo chamava-se o grande jogo de intelligencia, muito mais difficil do que o « quebra-cabeça » dos Chins

Essas figuras heteroclitas, que não tinham apparencia alguma de realidade, pareciam-lhe maravilhosas; mas tudo se dava por causa do grão de vidro, que tinha no olho.

Kay compunha, com pedaços de gelo, letras e, ás vezes, palavras inteiras. Procurava n'aquelle momento compôr a palavra *Eternidade!* Fazia os maiores esforços, sem poder conseguir. A Rainha da Neve lhe dissera: « se puderes fazer essa figura, serás senhor de ti-mesmo; dar-te-hei a terra inteira e um par de sapatos novos de patinação. »

O menino fazia, mas em vão, os maiores esforços.

« Vou dar uma volta pelos paizes quentes — disse a Rainha da Neve. — É tempo de vigiar as grandes caldeiras. (Chamava assim os volcões do Etna e do Vesúvio.) A neve das suas alturas deve estar derretida. »



E atirou-se pelos ares. Kay ficou só na vasta sala de muitas milhas quadradas. Estava inclinado sobre os seus pedaços de gelo, imaginando, combinando, ruminando como podia arranjar-los para chegar ao fim que desejava. Estava immovel, inerte : parecia gelado.

Nesse momento a pequena Gerda entrou pela grande porta do palacio, cuja entrada era prohibida por ventos terriveis. Gerda rezou a sua oração da noute e os ventos se acalmáram. A creança penetrou na grande sala.

Viu Kay, reconheceu-o e correu para elle; agarrando-o pelo pescoço, abraçou-o, exclamando :

« Kay ! caro pequeno Kay, enfim encontrei-te ! »

Elle não se mexeu, nada disse. Estava teso como uma estaca, com os olhos fixos nos pedaços de gelo.

A pequena Gerda começou a chorar; as suas lagrimas cahiram no peito de Kay, foram até ao seu coração e derreteram o gelo que alli havia, de modo que o máo pedaço de vidro foi carregado pelo gelo derretido.

Kay levantou a cabeça e olhou para Gerda. Esta cantou como outr'ora, no seu pequeno jardim, o estribilho do cantico :

As rosas florescem e murcham. Mas breve
Tornaremos a ver Natal e o Menino Jesus.

Kay, ouvindo esse estribilho, começou a soluçar; as lagrimas puláram dos seus olhos : reconheceu Gerda e, no auge da alegria, exclamou : « Cara Gerda, onde ficaste tanto tempo, e eu, onde estive eu ? »

Olhando em redor de si, disse :

« Oh ! como faz frio aqui ! que deserto horrivel ! »

Apertou-se quanto podia de encontro a Gerda, que ria-se e chorava de prazer por ter tornado a encontrar o seu companheiro. Esse grupo de duas creanças, a que se poderia dar o nome de Amor protector e salvador, offerecia um quadro tão bello, que os pedaços de gelo começavam a dançar alegremente ; e, quando cansados, compuzeram a palavra *Eternidade*, que devia dar á Kay a liberdade, toda a terra e os cothurnos novos.

Gerda beijou-lhe o rosto, que tornou-se expansivo; beijou-lhe os olhos, que readquiriram o seu brilho; as mãos e os pés, onde reappareceu a vida e Kay ficou de novo um rapazinho, cheio de saúde e de alegria. Não esperaram a Rainha da Neve para reclamar-lhe o que ella promettera.

Deixaram a figura, que attestava que Kay tinha ganho a sua liberdade. De mãos dadas, sahiram do palacio.

Fallavam da avó, da sua infancia e das rosas do jardimzinho do tecto. Com a sua presença os ventos acalmavam-se e o sol apparecia. Chegando aos espinhos, carregados de fructas vermelhas, encontraram a renna, que os esperava com a sua joven companheira, e que deu ás creanças o seu bom leite quente. Depois os dous excellentes animaes levaram-as para a casa da Finlandeza, onde esquentaram-se bem; e depois para a casa da Laponia, que lhes cozêra as roupas novas e arranjára o trenó para ellas.

A Laponia conduziu-as em pessoa até á fronteira do seu paiz, onde crescia a primeira verdura. Kay e Gerda despediram-se da boa mulher e das duas rennas, que os tinham acompanhado até alli. As arvores estavam em botões e os passaros começavam a chillar.

De repente Gerda viu, montada n'um cavallo magnifico (o que fôra posto na carruagem de ouro) uma moça, com um touca vermelha. Nos arreios viam-se pistolas.

Era a pequena salteadora, que não quizera mais saber da vida da floresta. Partira para o Norte, com o projecto, se não se desse bem alli, de visitar as outras regiões do universo.

Reconheceu logo Gerda, que, por sua vez, tambem a reconheceu. Isso foi uma alegria.

« És um vagabundo, disse a pequena salteadora á Kay; e não mereces que se corra atrás de ti até ao fim do mundo. »

Gerda fez-lhe os maiores carinhos para mudar a conversação e perguntou a sorte que tiveram o principe e a princeza.

« Estão viajando no estrangeiro » disse a filha dos salteadores.

« E as gralhas? »

A da floresta morreu; a outra está de luto e inconsolavel na sua viuvez: entre nós seja dito que os seus queixumes não passam de tagarellice. Mas conta-me as tuas aventuras e como apanhaste este fugitivo? »

Gerda e Kay contáram cada um a sua historia.

« Schnipp, schnapp, schnoure, pource, basseloure » disse a pequena salteadora. Estendeu-lhes a mão, prometendo visital-os se passassem na sua cidade. Proseguiu depois na sua grande viagem.

Kay e Gerda caminhavam sempre de mãos dadas! a primavera estava magnifica, apresentando por toda a parte verdura e flôres.

Um dia ouviram o som dos sinos e avistáram as altas torres da grande cidade, onde moravam. Alli entráram e subiram a escada da casa da avózinha. No quarto, tudo estava no mesmo lugar de outr' ora. O relógio fazia sempre *tic-tac*; mas passando pela porta, notáram que tinham crescido muito.

As rosas diante das aguas-furtadas estavam em flôr; Kay e Gerda sentáram-se no banco como ou-

tr'ora. Esqueceram-se, como de um máu sonho, dos frios esplendores da Rainha da Neve. A avózinha estava sentada ao sol e lia a Biblia : « Se não ficardes como creanças, não entrareis no reino de Deus. »

Kay e Gerda olharam um para o outro e compreenderam o velho estribilho :

As rosas florescem e murcham
Veremos breve o menino Jesus

Ficaram muito tempo sentados, de mãos dadas. Tinham crescido e todavia ainda eram creanças, creanças pelo coração.





O FILHO DO PORTEIRO

I

O General morava no 1º andar, o porteiro no subsólo. Havia grande distancia entre as duas familias; separavam-as primeiramente o pavimento terreo e depois a differença de classe. Mas, em summa, moravam debaixo do mesmo tecto, tendo ambos vista ao mesmo tempo para a rua e para o pateo.

Nesse pateo havia uma relva, no meio da qual destacava-se uma cachieira em flôr, na estação em que florescia as cachieiras. Sentava se ás vezes debaixo



da arvore a ama de leite, toda cheia de enfeites, carregando nos braços a filha do general, a pequena Emilia, ainda mais coberta de atavios.

Diante della dançava descalço o pequeno filho do

porteiro ; tinha grandes olhos pretos, cabellos castanhos. A creancinha ria-se para elle, estendendo-lhe as suas mãosinhas. Quando o general contemplava esse espectáculo da sua janella, abanava a cabeça, dizendo comsigo : « Que encanto ! »

A esposa do general, tão moça que podia passar por ser a filha de seu marido, nunca olhava do lado da janella, que dava para o pateo. Ordenára que o filho da gente « de baixo » podia brincar diante da pequena para divertil-a, mas não devia toca-la sequer de leve. A ama executava fielmente as ordens da patrôa. E os raios de sol entravam na residencia do sub-solo como na do primeiro andar !

A cachieira deu as suas flôres e perdeu-as com o fim da estação. Deu-se o mesmo no anno seguinte. Tambem crescia e prosperava o filhinho do porteiro ; a sua cabecinha, com as bochechas vermelhas, parecia-se com uma grande tulipa aberta. A filhinha do general era delicada e catita ; tinha a tez de um branco côr de rosa como as flôres da cachieira. Raramente ia sentar-se então debaixo da arvore. Tomava o fresco fóra e sahia de carro com sua mãe. Quando sahia e quando entrava, fazia com a cabeça um signal a Jorge, o filho do porteiro ; chegava a mandar-lhe beijos com a mão, até que um dia sua mãe disse-lhe que ella já estava muito crescida e isso já era inconveniente.

Uma manhã Jorge foi levar ao general as cartas e os jornaes do dia. Quando subia pela escada e passava diante do desvão onde se punha a areia (1), ouviu

(1) Na Dinamarca as escadas e os soalhos, em vez de serem encerados, são lavados e depois cobertos de areia.

como que piar. Julgou que fosse algum pinto á procura da mãe. Mas enganou-se. Era a filha do general, a pequena Emilia, toda vestida de gaze e de rendas.

— « Nada digas a papae, nem a mamãe; senão elles se zangarão.

— Mas o que ha? perguntou Jorge.



— « Tudo está queimando, respondeu ella, tudo está em chammas. »

Jorge subiu aos pulos e entrou no aposento do general; abriu a porta do quarto da creança; o cortinado e as cortinas ja estavam em cinzas; Jorge trepou n'uma cadeira, arrancou tudo o que estava queimando e chamou por soccorro. Se não fosse elle toda a casa teria sido devorada pelo incendio.

O general e a esposa interrogáram severamente a pequena.

« Peguei n'um phosphoro, disse ella, n'um só; elle ardeu e o cortinado tambem começou a arder. Cuspi para ver se apagava; cuspi tanto quanto pude. Quando não tive mais saliva, fui esconder-me, pensando que papae e mamãe ficariam zangados. »

— Cuspir! disse a mulher do general. Que palavra é essa? Já ouviste papae e mamãe pronuncial-a? Com certeza aprendeste-a com a gente lá de baixo. »

Jorge recebeu uma moeda branca pelo serviço que prestou. Não foi com ella á confeitaria. Guardou-a no seu cofre. Depressa arranjou outras peças com as quaes comprou uma caixinha de pintura. Divertia-se em desenhar e Jorge desenhava muito. Era realmente admiravel ver os seus dedinhos trabalharem com o lapis. Deu as suas primeiras figuras coloridas á Emilia.

« Muito bonito! » disse o general. A mulher do general tambem reconheceu o que o menino quizera representar. « Elle tem talento » : eis as palavras que ella pronunciou e que a porteira repetiu no subsólo.

O general e a sua alta e poderosa esposa eram pessoas de certa linhagem. Tinham pintadas no carro as suas armas, cada um as suas. Toda a roupa della tinha as armas, até a sua touca de dormir! E essas armas tinham custado bom dinheiro a seu pae. Nem ella nem seu pae as tiveram de nascimento. Foram compradas sete annos depois que ella veiu ao mundo. Quasi todos o sabiam, mas ella já não se lembrava disso.

As armas do general eram antigas e complicadas. Eram de fazer estalar os ossos. E as da mulher? Os

seus ossos estalavam devéras quando, toda teza e cheia de atavios, tomava o carro para ir ao baile da côrte.

O general não era moço; os seus cabellos já eram grisalhos. Mas a cavallo fazia ainda bella figura. Elle bem o sabia e por isso todos os dias sahia a cavallo; um lacaio acompanhava-o a certa distancia. Quando entrava n'um salão parecia ainda empoleirado no animal! Estava bordado de condecorações. Mas não era realmente por culpa delle. Entrára muito moço para o exercito; assistira frequentemente ás manobras de guerra que, em tempo de paz, as tropas faziam durante o outomno. E a esse proposito contava uma anecdota, a unica que sabia contar.

Um dia um official inferior, a seu serviço, prendeu um principe, que fugia com a sua escolta. O principe e a sua gente, na qualidade de prisoneiros, tiveram de atravessar a cidade detraz do general victorioso. Foi um acontecimenta memoravel que o general lembrava todos os annos. Reproduzia fielmente as palavras que dissera, entregando ao principe a sua espada. « Não havia senão um official inferior que fosse capaz de prender Vossa Alteza; eu nunca teria podido. » O principe lhe respondera: « Sois na verdade um homem incomparavel. »

O General nunca estivera n'uma guerra verdadeira. Quando rebentou uma foi enviado em missão diplomatica junto de trez côrtes estrangeiras. Fallava muito bem o francez, aponto de ter-se quasi esquecido de sua lingua nativa.

Por isso as condecorações nasciam na sua casaca como o capim nos campos. As sentinellas bradavam

armas quando elle passava. Uma das mais bellas raparigas dinamarquezas tambem bradou armas e ficou sendo a esposa do general. Tiveram uma filhinha : parecia ter cahido do céu, tão graciosa era ella. Era a nossa Emilia. O filho do porteiro dançou diante della, no pateo, para divertil-a ; mais tarde deu-lhe figuras, que desenhava e coloria. A pequena Emilia olhava para ellas, ficava toda contente e depois rasgava-as. Mas era tão bonitinha !



« Minha folha de rosa — dizia a mulher do general — tu nasceste para um principe. »

O principe já fôra encontrado ; estava diante da porta. Mas ninguem sabia de nada. Os homens não veem o que se passa fóra da porta. « Ante-hontem nosso filho dividiu com ella a sua fatia de pão, — contava um dia a porteira á seu marido — mas não havia por cima nem queijo nem carne ; a pequena, porém, achou que era excellente, como se fosse uma empada. Que barulho fariam o general e a mulher se tivessem visto essa refeição ; mas de nada souberam. »

Jorge dividira a sua fatia de pão com Emilia. De bom grado teria dividido também o seu coração, se isso fosse agradável á pequena. Era um excellente menino, vivo, esperto e intelligente. Á noite frequentava as aulas de desenho. A pequena Emilia também aperfeiçoava-se; fallava o francez com a sua criada e já tomava lições de dança.



II

« Jorge vae ser chismado na Paschoa », disse a porteira ao seu marido.

— O melhor que podemos fazer será mandal-o depois aprender um officio. É preciso que lhe escolhamos uma boa profissão.

— Será preciso que elle durma em casa — respondeu a mãe; — em geral os patrões não dão domicilio aos seus empregados. Teremos sempre a obrigação de vestil-o. Mais vale que elle fique cá por casa. Nos aranjaremos sempre para o pouco que elle come : bastam-lhe algumas batatas. As lições de desenho lhe são dadas gratuitamente. Deixemol-o em casa, verás que elle fará a nossa alegria. É, pelo menos, o que diz o seu professor. »

A roupa para a chisma já estava prompta. A mãe de Jorge a cozera, um pequeno alfaiate da vizinhança a cortára e era um habil artista. « Se elle pudesse, disse a porteira, estabelecer-se em uma bella rua e ter grande officina com criados e aprendizes, seria o alfaiate da côrte. » Se a roupa estava prompta, Jorge tambem o estava. Chegado o dia, elle recebeu de seu

padrinho, empregado em casa de um negociante de ferro, um grande relógio de prata, velho e usado, que adiantava sempre. Antes assim do que andar atrasado. Era um bello presente.

Um livro de psalmos, todo de marroquim, foi enviado pela menina, á qual Jorge dera figuras. Na primeira pagina do livro estava escripto o nome de Jorge e o de Emilia, com as seguintes palavras :

« Sua affectuosa protectora. » Isso fôra escripto pelo dictado da mulher do general, que, lendo, disse :

« Está muito bem ».

— Eis de certo uma prova de benevolencia — disse a porteira — por parte de pessoas de tão alta linhagem.

Jorge, com o seu bello vestuario, foi o primeiro a subir, com o livro de psalmos na mão, para mostrar-se e agradecer.

A mulher do general estava sentada no sofá, toda envolvida em chales e « pélerines. » Soffria de violentas dôres, que lhe appareciam todas as vezes que tinha um aborrecimento. Foi graciosa para Jorge, desejando-lhe todas as prosperidades, e principalmente que nunca tivesse enxaqueca.

O general passeava envolvido no seu roupão, com um bonnet na cabeça. Calçava botinas russas de cano vermelho. Mergulhado nas suas reflexões e nas suas lembranças subiu e desceu tres vezes seguidas a escada da casa; depois parou e disse : « Está o pequeno Jorge recebido entre os christãos! Desejo que sejas um homem honrado e que respeites a autoridade. Sobre

este conselho, que te será benéfico, mais tarde dirás que foi o general quem t'o deu. »

O general não estava acostumado a tantas palavras de uma só vez, por isso voltou logo aos seus pensamentos: tinha um aspecto de seriedade, que lhe ia muito bem. Mas de tudo o que Jorge viu e ouviu nesse dia no primeiro andar, foi a pequena Emilia que mais ficou gravada na sua memoria. Suave, delicada e graciosa ella adejava como um pequeno passaro.

«Se fosse possível desenhá-la n'uma bolha de sabão!» dizia consigo Jorge, pensando n' aquella creatura celeste e diaphana. Os seus grandes anneis de cabellos dourados exhalavam um perfume, comparavel ao de uma rosa apenas desabrochada. Foi com essa fada, com essa creatura celeste, que elle tinha outr'ora dividido a sua fatia de pão e ella comera o seu pedaço com tanto appetite, fazendo com a cabeça signaes frequentes de satisfação. Lembrar-se-ia ella ainda de tudo isso? Lembrava-se sim, e era como prova de gratidão que ella lhe dava o livro de psalmos.

Quando, pela primeira vez, depois desses acontecimentos, sobreveiu o anno novo e depois a lua nova, elle foi para pleno campo, com um pedaço de pão no bolso e o livro de psalmos debaixo do braço, para consultal-o sobre as regras do futuro; é essa a praxe e o oraculo mais infallivel.

Abriu o livro n' um psalmo de acção de graças, presagio de destino feliz. Abriu pela segunda vez para ver a sorte que estava reservada á pequena Emilia. Tomou bem cuidado para que o livro não se abrisse nos psalmos da morte: na pagina em que o livro se

abriu, não se tratava senão de morte e de tumulo. « Isto não passa de superstição » disse consigo Jorge, para tranquilizar-se. Qual não foi, porém, o seu terror quando, pouco tempo depois, a gentil creança foi para a cama e o carro do medico parava todos os dias á sua porta.

« Elles não poderão guardal-a dizia a porteira ; Deos bem sabe que tem de chamal-a para perto delle. »

Conseguiram, todavia, salvá-a e a menina escapou das ameaças dos oráculos. Jorge pintou figuras e mandou-lh'as para distrahir-a. Um dia desenhou o palacio dos Czars, o velho Kremlin, com as suas torres e as suas cupolas, que pareciam aboboras gigantes douradas pelo sol : assim pareciam pelas figuras de Jorge. A pequena Emilia divertiu-se muito com ellas. Jorge mandou-lhe outras, todas com edificios.

Desenhou um pagode chinez com torres de dezeseis andares. Desenhou dous templos gregos com elegantes columnas de marmore e grandes escadas ao redor. Desenhou uma igreja norueguense e via-se muito bem, no seu desenho, que estava construida de madeira e que todas as partes estavam ajustadas com arte singular.

A melhor figura que fez foi a que elle denominou o palacio de Emilia, porque, dizia elle, era n'uma tal residencia que ella devia habitar. Elle mesmo concebera o plano, reunindo tudo o que havia de mais bello nos outros edificios. O palacio tinha traves esculpidas e lavradas, como na igreja norueguense, columnas de marmore como nos templos gregos; pequenos sinos em todos os andares, como nos pagodes da China;

finalmente o tecto estava cheio de cupolas verdes e douradas, como as do Kremlin dos Czares. Era um verdadeiro castello de contos fantasticos.

Debaixo de cada janella, Jorge escrevera para o que estava destinada a sala ou o quarto, que se achava atraz. Por exemplo: « Aqui dorme Emilia; alli ella aprende a dançar; acolá, brinca; mais longe recebe as visitas, etc , etc. »

Era um prazer olhar-se para esse palacio, que foi muito admirado.

« É na verdade encantador » dizia o general. O velho conde, — pois havia alli um velho conde que era ainda de mais alta linhagem do que o general, e tinha um castello — nada disse; ouviu contar que esse palacio fôra imaginado e desenhado pelo filho do porteiro; examinou bem todas as suas figuras; formou uma ideia, mas não a manifestou.

Uma manhã, por um tempo feio, escuro e humido, Jorge levantou-se no meio da felicidade. O professor da Academia chamou-o e disse-lhe. « Olha, meu pequeno amigo, tenho que fallar-te. O Deus de bondade, que já te concedeu a graça de bellos dotes, fez ainda com que te encontrasses com pessoas que gostão de praticar o bem. O velho conde, teu vizinho, fallou-me de ti. Vi as figuras que fizeste; ha incorrecções; mas desde hoje poderás vir duas vezes por semana a meu curso de desenho e desse modo poderás desenhar cada vez melhor. Julgo que serás antes um architecto do que um pintor. Tens todo o tempo para reflectir. Por ora vai ter com o velho conde e agradece a Deus ter guiado este homem para o teu caminho. »

A casa do conde, situada no canto da rua, era um bello edificio. Em redor das janellas estavam esculpidos elephantes, dromadarios, unicornios, trabalhos do tempo antigo. O velho conde preferia todavia os tempos novos e tudo o que elles trazem, quer venha do primeiro andar, quer do sub-solo ou do tecto.

« Creio, disse a porteira a seu marido, que mais a gente é de alta linhagem, menos ella é orgulhosa. Vejam só como é simples e affavel o velho conde! Falla tal qual tú ou eu! Isso, porém, não sabem fazer nem o general nem sua mulher. Jorge ficou encantado hontem com o acolhimento do conde; o mesmo deu-se commigo hoje, quando fui recebida por esse cavalheiro poderoso. Não foi melhor que não tivéssemos mandado Jorge aprender o officio? Elle tem talento, disse-me o conde.

— Está bom, disse o pae, mas temos necessidade de auxilio para fazel-o chegar a bom resultado.

— É o que vae dar-se, respondeu a mãe, o conde prometteu-o positivamente.

— Foi com certeza o general que lhe deu esse conselho, disse o pae. Devemos ir agradecer-lhe.

— Iremos, não ha duvida, respondeu a porteira; todavia julgo que não é a elle que devemos essa felicidade. Vou agradecer a Deus, a quem pedirei tambem que restabeleça a saúde de Emilia.

A pequena Emilia foi-se restabelecendo pouco a pouco. Cresceu e a embellezou; do seu lado Jorge fez rapidos progressos. Obteve na Academia a medalha de prata e depois a medalha de ouro.

Melhor teria sido, com tudo isso, que lhe tivéssemos ensinado um officio, disse a porteira, chorando. Ficaria sempre perto de nós. O que vae elle fazer a Roma? Nunca mais tornarei a vel-o, mesmo se cá voltar: e elle não quererá mais deixar um paiz que dizem ser tão bello.

— É para a sua felicidade — disse o pae — que elle parte, é no interesse da sua gloria.

— Obrigado pela consolação que me offereces, meu amigo; mas nem por isso deixas de estar menos afflicto do que eu.

Ambos estavam, com effeito, bem tristes com a partida do filho, muito embora de todos os lados lhes dissessem quanto elle era feliz por ter conseguido semelhante distincção. Jorge despediu-se de seus paes, e tambem da familia do general. A esposa deste ultimo não se apresentou: tinha a enxaqueca.

O general aproveitou-se da occasião para contar a sua unica anecdota, o que elle dissera ao principe e como o principe lhe respondêra: « Vós sois incompara-

vel. » E, pronunciando essas palavras, estendeu a Jorge a sua mão molle e inerte.

Emilia tambem estendeu a sua mãosinha a Jorge; parecia magoada; Jorge soffria muito com a despedida.

O tempo passa depressa quando se trabalha. O tempo é igualmente medido para todos, mas não é empregado igualmente, nem igualmente aproveitado. Á Jorge foi de grande proveito, por isso não lhe parecia longo a não ser na hora em que pensava no seu paiz. « O que foi feito, perguntava elle a si mesmo, dos habitantes da casa, dos de baixo e dos do alto? »

Recebia cartas; em alguma dellas podia haver noticias que esquentassem o coração como o sol mais ardente; outras deixavam-na maior tristeza. No numero destas ultimas estava a carta, que annunciou a Jorge que seu pae fallecera, e que sua mãe estava viuva e só. « Emilia, accrescentava a carta, foi un anjo de consolação; muitas vezes fôra ter com a pobremulher; e tanto fizera que deixaram-lhe o cuidado da porta.



IV

A mulher do general tinha um horo-diario, onde inscrevia as reuniões, os bailes, que frequentava e bem assim os nomes dos estrangeiros que a visitavam. Esse precioso diario estava illustrado com cartas de visita de diplomatas e de outros personagens notaveis. A mulher estava orgulhosa de possuil-o e de ver que ia avolumando-se cada vez mais. Era a sua consolação durante as suas enxaquecas ou quando estava cansada por ter passado a noute no baile da côrte.

Chegou a occasião em que Emilia foi pela primeira vez ao baile do rei. Nessa noute a mulher do general trajava vestido vermelho claro, com rendas pretas: vestuario hespanhol. Sua filha estava 'de branco, vestido de filó e gaze sombria. Era a graça personificada. Fitas de seda verde atravessavam os anneis dourados dos seus cabellos ; tinha uma corôa de iris. Com os seus olhos azues brilhantes de mocidade e a sua bocca pequenina côr de rosa, parecia-se com a mais linda fada das aguas. Tres principes dançaram com ella, um depois do outro, já se vê. Durante oito dias a mulher do general não teve enxaqueca.

Depois desse primeiro baile houve muitos outros. Houve tantos que a chegada do verão veio a proposito para a saúde de Emilia. Descançou e respirou o ar saudavel do campo. Toda a familia do general foi passar algum tempo no castello do velho conde.

Havia nesse castello um jardim digno de ser visitado. Parte delle consistia, como era a moda no tempo antigo, em avenidas, formando paredes de verdura, nas quaes, aqui e acolá, abria-se uma especie de claraboia. Havia buxos e teixos, cortados em forma de estrellas, de pyramides. Repuchos rebentavam de grutas, cobertas de conchas. Em volta estavam estatuas de marmore raro. Todos os taboleiros de flôres tinham uma forma differente : uns figuravam peixes, outros, armas diversas, e iniciaes. Era a parte franceza do jardim. Vinha em seguida um « bouquet » de bosque fresco e verde, onde as arvores, grandes e frondosas, cresciam á vontade, no meio de muita verdura e de toboleiros de relva bem tratados, onde se podia andar como sobre um tapete. Era a parte ingleza do jardim.

« Eis aqui o tempo antigo em presença da epoca moderna, disse o conde. Aqui pelo menos estão concordes e fazem-se valer reciprocamente. Dentro de dous annos o castello será por sua vez transformado. Vos mostrarei os planos e vos apresentarei tambem o architecto, que jantará hoje comnosco.

— Bellissimo ! disse o general.

— Esta residencia é um verdadeiro paraizo, retorquiu a mulher do general : ha até uma torre feudal.

— Fiz della um gallinheiro, disse o conde ; e é

tudo o que se podia fazer. Os pombos fazem os seus ninhos nas torrinhas, os perús dormem na grande sala do primeiro andar. No quarto baixo, ao rez do chão, mora a velha Lisette. É ella quem governa as gallinhas poedeiras que empoleiram-se á direita e os frangos que ficam para a esquerda. Os patos tambem têm uma habitação com sahida para o poço.

— Bellissimo! repetiu o general.

Puzeram-se em marcha para visitar essas populações interessantes. A velha Lisette estava no seu posto. Ao lado della estava Jorge o architecto. Jorge e Emilia encontravam-se pela primeira vez depois de muitos annos; tornaram a ver-se nessa torre feudal, que nada mais era do que um gallinheiro.

Jorge era digno de ser considerado; era um typo de belleza varonil: rosto franco e energico; cabellos pretos e luzentes. Nos seus labios apparecia um sorriso altivo, que dizia: « Tenho aqui detraz da orelha um espirito fino que vos conhece todos a fundo. »

A velha Lisette tinha retirado os seus tamancos em honra dos nobres visitantes; estava de meias, julgando ter desse modo mais distincção. As gallinhas faziam *glouk, glouk*; os gallos, *cocoricô*. Os patos se afastavam balanceando com a cauda e gritando *rab, rab*.

E a elegante rapariga que de improviso achava-se diante do seu camarada de infancia? Qual era a sua attitude? As suas faces habitualmente pallidas ficáram côr de rosa. Os seus olhos já grandes ficaram ainda maiores! os seus labios se agitáram, mas não proferiu uma só palavra. Esse attitude era a melhor que poderia

desejar um rapaz, de uma rapariga, que não é sua parenta e com a qual não dançou.

O conde apresentou o rapaz aos seus hospedes. « Não é inteiramente um estranho para vós, disse elle, é o nosso joven Jorge. » A mulher do general inclinou-se, com ar de protecção benevola. Emilia quasi estendeu-lhe a mão ; não o fez, porém.

É na verdade o nosso pequeno Jorge ! disse o general, mas somos então amigos velhos ! bellissimo !

— O Snr deve ser meio-italiano e fallar o italiano como se tivesse nascido em Roma, interrompeu a mulher do general.

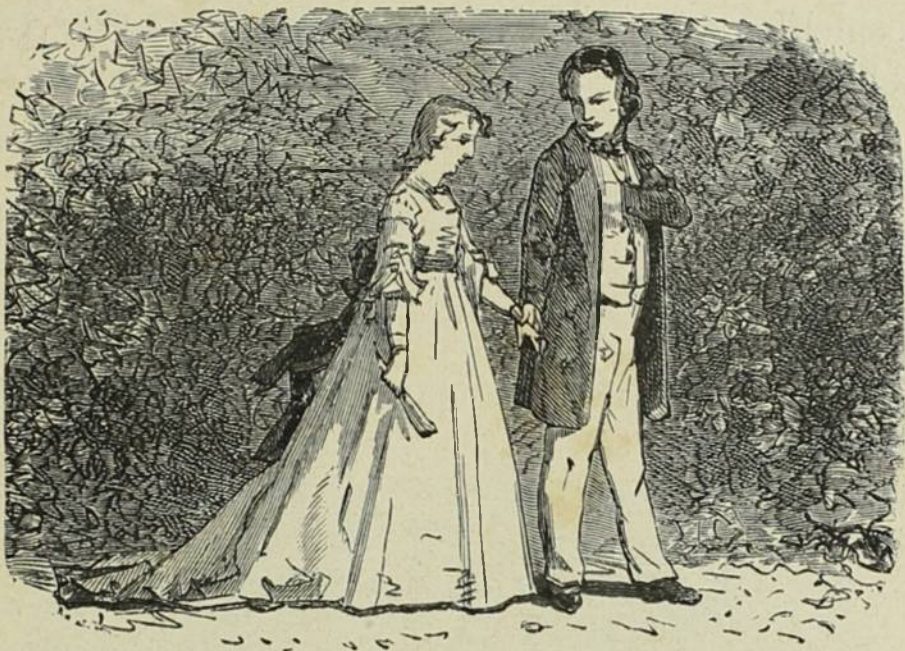
— Minha mulher não falla o italiano, interveiu o general ; mas ella canta em italiano.

Um pouco mais tarde Jorge viu-se á meza ao lado de Emilia. Fallou e contou muitas historias bem contadas. Descreveu algumas das cousas admiraveis que tinha visto. Durante a refeição foi elle quem, auxiliado pelo velho conde, animou o festim pelo seu espirito. Emilia ficava silenciosa. Contentava-se de ouvir ; mas os seus olhos brilhavam mais do que os diamantes.

Na varanda ella e Jorge acharam-se sós um perto do outro, no meio das flôres. Passeavam em toda a extensão de uma fila de roseiras. « Tenho a agradecer-vos de coração, disse Jorge, as bondades que tivestes para minha boa mãe. Sei que ficastes junto della na noute em que meu pae morreu, e que não partistes antes que elle tivesse exhalado o ultimo suspiro. Ainda uma vez aceitae os meus agradecimentos. »

Elle tomou a mão da rapariga e beijou-a respeitosa-mente, como mandava a circumstancia. Emilia corou

muito, apertou-lhe a mão e olhando para elle com os seus bellos olhos azues, disse-lhe :



« Sua mãe era uma alma boa. Como amava ella seu filho! Ella mandava-me ler todas as suas cartas. Por isso o Snr não é um desconhecido para mim. Como foi o Snr sempre amavel para mim, quando eu era creança? Deu-me figuras...

— Que rasgastes, disse Jorge.

— Menos aquella onde o Snr desenhou o meu castello.

— É agora que eu desejaria edifical-o!»

Podia-se adivinhar, pelo enthusiasmo com que pronunciou estas palavras, qual o soberbo palacio que seria capaz de edificar para a rapariga.

Nesse interim, no salão, o general e sua mulher fallavam do filho do seu antigo porteiro. Observavam

entre elles como Jorge soubera adquirir os modos de um homem de sociedade; como elle fallava com elegancia e sabia dizer cousas interessantes! « É um homem de espirito » disse a mulher do general. Era essa a sua conclusão,



Durante os bellos dias do verão, o Snr Jorge — assim o chamavam então — foi frequentemente ao castello do conde. Quando o esperavam e elle não vinha, todos sentiam-se privados da alegria, que a sua presença sempre trazia.

« Como Deus concedeu-lhe melhores dons do que a outros mortaes! disse-lhe um dia Emilia. Ser-lhe-ha o senhor grato como deve? »

Jorge sentiu-se nessa occasião mais lisonjeado e mais feliz do que no dia em que recebera a medalha de ouro.

Passou-se o verão e sobreveiu o inverno; todos continuaram a fallar do Snr Jorge, que era tido em alta consideração; de bom grado acolhiam-o nas rodas mais elevadas da sociedade. O general chegou até a encontrar-se com elle n'um baile da Côrte.

A mulher do general deu uma festa em honra de Emilia.

« Poderemos, sem ferirmos a etiqueta, convidar Snr Jorge? perguntou ella a seu marido.

— « Aquelle que é acolhido pelo rei, póde muito

bem ser recebido pelo general » respondeu este ultimo, fazendo um gesto gracioso.

O Snr Jorge recebeu o convite, que aceitou. Foram tambem á festa principes e condes. Dançavam uns um pouco melhor do que os outros : era essa a unica differença que se podia fazer entre elles. Emilia só dançou a primeira quadrilha ; tinha dado máu geito n'um pé. Não era cousa perigosa, mas como sentia alguma dôr, era necessario ser prudente e não dançar. Sentou-se e olhou para todas os bellos pares que gyravam e saltavam. O architecto sentou-se ao lado della. O general notou. Passando perto d'elle, disse-lhe : « Creio que o Snr lhe daria de bom grado a obra-prima de architectura, a basilica de S. Pedro toda inteira, se pudesse dispôr della. » E sorriu como uma estatua da benevolencia.

Foi com o mesmo sorriso affavel que acolheu o Snr Jorge alguns dias depois.

— « O rapaz vem sem duvida agradecer o meu convite, pensou elle ; não vejo outro motivo para a sua visita. »

Havia um outro motivo. Jorge pronunciou palavras sorprendedoras e insensatas. O general não podia acreditar no que ouvira ; nem mesmo em sonho'elle poderia prevel-as.

« É incrivel » exclamou elle, estupefacto. Jorge lhe pedira a mão da pequena Emilia.

— « O que diz o Snr ? » continuou elle, com o sangue no rosto. « Não o comprehendo, é impossivel. O Snr quer... mas não o conheço.

Quem poude inspirar-lhe a audacia de pretender en-

trar na minha familia? o que fiz eu para merecer semelhante affronta? »



Teso como um pão retirou-se para o seu quarto, deixando Jorge sósinho. Este, antes de retirar-se, esperou o general durante alguns minutos. Emilia esperava-o no corredor.

— « O que respondeu meu pae? » perguntou ella e a sua voz tremia; Jorge apertou-lhe a mão.

— « Elle esquivou-se diante do meu pedido, — respondeu o rapaz. — Mas não desanimemos; tempos melhores virão » Os olhos da moça estavam cheios de lagrimas; os do moço respiravam a confiança e a coragem. O sol que, n'aquelle momento, atravessava as nuvens, inundou-os com os seus raios, parecendo trazer-lhes a benção do céu.

O general estava sentado no seu quarto, incapaz de livrar-se do peso de semelhante emoção. Tremia de indignação e de colera! Depois de sentir que o sangue lhe fervia interiormente, não poudo conter a sua colera e prorompeu em gritos e em exclamações : « Que loucura! Um filho de porteiro! Já sé viu cousa semelhante! Está doudo! »

Uma hora depois a mulher do general soube por sua vez da audacia de Jorge. Chamou Emilia e a sós com ella disse-lhe : « Pobre creança, comprehendo o teu soffrimento! Offender-te desse modo! Ferir assim a nossa dignidade! É terrivel. Tens razão de chorar. As tuas lagrimas te fazem bem e nunca estiveste tão bonita quanto agora. És absolutamente o meu retrato na epoca em que me casei. Chora, chora, querida filha, as lagrimas te farão bem.

— Sim, chorarei minha vida inteira, disse Emilia, se tu e meu pae não disserem sim.

— Misericordia! minha filha, o que dizes tu, « exclamou a mulher do general. » Perdeste a cabeça? Está o mundo ás avessas? Sinto que vou ter uma enxaqueca como nunca tive. A desgraça entrou na

nossa casa. Emilia, não faças tua mãe morrer de tristeza! »

Os seus olhos molharam-se de lagrimas, só com o pensamento da morte, que ella nunca pudera suppor.



Lia-se nos jornaes : O Snr Jorge foi nomeado professor da Academia de Bellas Artes.

« É pena que seus paes não estejam vivos e que não possam ler os jornaes de hoje, » diziam os novos porteiros, que habitavam no sub-solo, outr'ora habitado pelos paes de Jorge, e que sabiam que este crescêra alli. « Elle vae agora poder pagar o imposto das classes » disse o porteiro.

— Não é muito para o filho de gente pobre?

— Dezoito dinheiros por anno, retorquiu o homem, já representam muito dinheiro.

Não fallo disso, mas sim da sua nomeação que é muito honrosa. Quanto ao dinheiro, não é cousa que o possa embaraçar. Elle ganha tanto quanto quer. Com certeza se casará com mulher rica. Olha, se tivermos um filho o faremos architecto e professor.

Se se fallava bem de Jorge no sub-solo, tambem se fazia o seu elogio no primeiro andar. O velho conde assim o queria. As figuras que Jorge desenhára quando creança deram-lhe occasião para isso! Como vieram a fallar dessas figuras? Fallou-se da Russia, de Moscou;

Isso fez lembrar o Kremlin que Jorge desenhára outrora para Emilia.

— « Elle já desenhava muito, disse o conde; e lembro-me muito do castello de Emilia, como elle o chamava. É um homem de talento! será conselheiro aulico e até conselheiro intimo. Quem sabe se elle não virá um dia a edificar o castello, que imaginou na sua infancia. Porque não? » pensou elle sorrindo e retirou-se.

« Que alegria extraordinaria! » murmurou a mulher do general. Este sacudiu a cabeça com ar de gravidade. Sahiu a cavallo, mais altivo do que nunca. Pobre da sua ordenança, se não se mantivesse a uma distancia respeitosa!

Sobreveiu a festa de Emilia. Recebeu flôres, livros, cartas e cartões de visita. O general e sua mulher muito a abraçaram e beijaram: gostavam muito da filha. A' tarde chegaram as visitas; uma multidão de gente qualificada e até dous principes. Fallou-se dos bailes de governo, das peças de theatro, do Estado, da Europa, dos negocios do paiz, dos homens notaveis que elle possuia n'aquelle momento, e a conversação cahiu tambem sobre o architecto!

— « Elle está adquirindo uma fama brilhante, disse um dos visitantes; pôde muito bem ser que entre para uma das nossas primeiras familias.

— Uma de nossas primeiras familias? disse o general um pouco depois á sua esposa. Qual poderá ser essa familia?

— Já sei a quem se quer fazer allusão, respondeu a mulher do general; não quero, porem, dizel-o, nem

quero pensar nisso. Deus dispõe de nós como entende. Se semelhante cousa se der de nada mais me admirarei neste mundo. »

O visitante que tinha fallado d'aquelle modo sabia bem o que dizia. Conhecia o poder dos favores das altas regiões, isto é dos favores, de que Jorge gozava cada vez mais manifestamente, sem contar que a graça divina protegia-o muito em todas as suas empresas.

Mas voltemos á festa

O quarto de Emilia estava todo perfumado pelos ramos mandados por suas amigas. A meza estava cheia de presentes. Não havia nenhum de Jorge, nem podia haver. Não estava, todavia, ausente. Tudo na casa lembrava a sua pessoa. Na escada estava sempre o desvão onde Emilia se occultára, quando o seu cortinado pegou fogo e quando Jorge correu para apagar o incendio.

No pateo estava ainda a acacia, debaixo da qual brincaram as creanças. Estava coberta de gelo — pois era o inverno — e parecia um ramo enorme de coral branco ; brilhava e resplandecia á claridade da lua, que tambem não tinha mudado, desde o dia memoravel em que Jorge dividira a sua fatia de pão com Emilia.

A moça foi buscar uma bella caixinha. Della retirou os antigos desenhos de Jorge, o palacio dos Czars e o castello de Emilia ; considerou-os bem e muitos pensamentos atravessáram o seu espirito. Lembrou-se do dia, em que, sem ser vista por seu pae nem por sua mãe, descêra á casa da boa porteira, que estava moribunda. Sentára-se ao lado della, e com a sua mão na mão da pobre velha ouvira as suas ultimas palavras :

« Deus... benção... Jorge. » Emilia reconheceu que os desejos da digna mulher tinham sido ouvidos e que Deus abençoára seu filho.

Veem pois os leitores que Jorge também estava na festa.

No dia seguinte houve a festa do general : Emilia e seu pae eram muito vizinhos no calendario. Houve nova affluencia de presentes. Entre outros, uma sella magnifica, trabalho bem acabado, de gosto apurado, tão commodo para o uso quanto rico pela ornamentação. Só um dos principes de familia real podia possuir cousa tão bella. De onde vinha esse presente que tanto agradára ao general.

Um cartão pregado ao objecto dizia apenas : « Da parte de alguem que o general não conhece. »

— « Quem é que não conheço? pensou o general — Vejamos, Não... Não ha ninguem que não conheça... Conheço todos... »

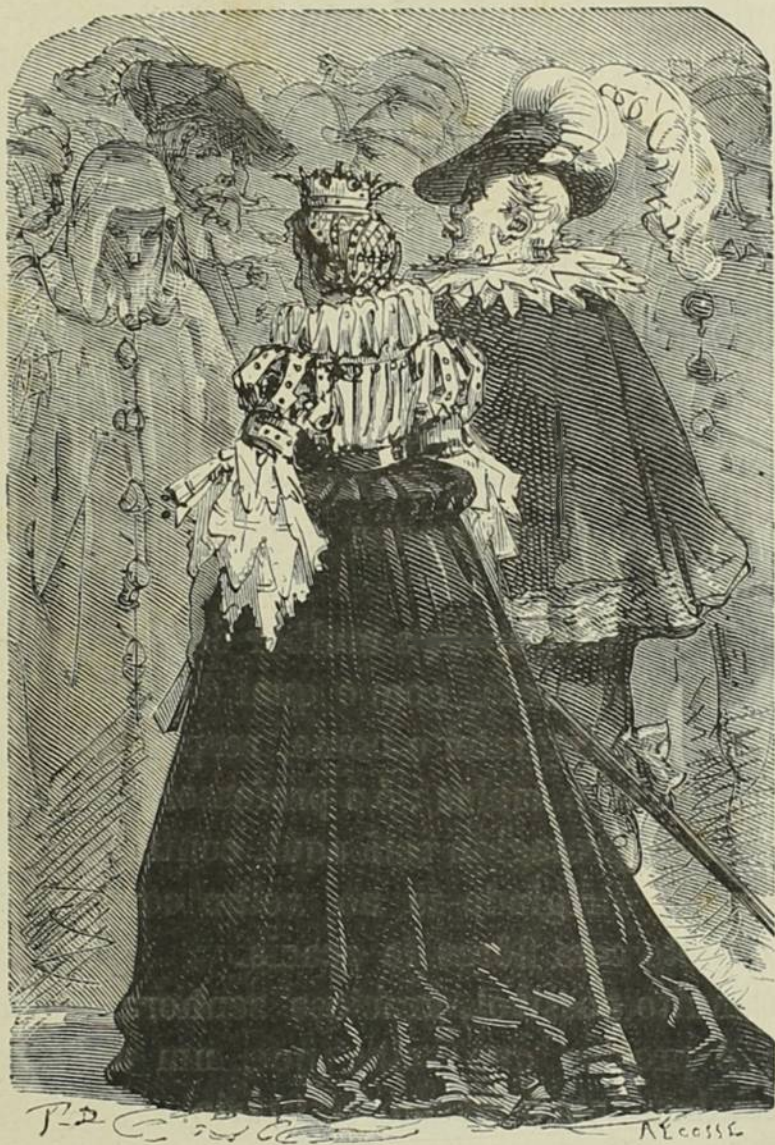
Fallando desse modo o general só pensava na alta sociedade, onde, com effeito, conhecia até os recém nascidos.

« Oh! adivinho », retorquiu elle. « É um presente de minha mulher; que boa farça quiz ella fazer-me. Bellissimo! bellissimo! »

Pouco tempo depois houve uma festa em casa de um dos principes, um baile á fantasia, com a mascara permitida. O general appareceu com o vestuario de Rubens, vestuario hespanhol, com collar e manto, e espada ao lado. Ao general, com a sua altivez natural, iam bem esses fatos de fidalgo. Sua mulher representava naturalmente a senhora Rubens: vestido de velludo preto subindo até ao queixo, com immenso collar no pescoço: tudo fôra copiado de um retrato hollandez que o general possuia, e cujas mãos eram particularmente admiradas; as de sua mulher pareciam-se muito com as do retrato.

Emilia estava fantasiada em Psyché, toda coberta de gaze e de rendas. Os seus movimentos eram tão rapidos, tão graciosos, que todos julgavam ver adejar, á vontade do zephyro, o que quer que seja de comparavel á pennugem mais fina do cysne. Tinha azas por causa do vestuario; mas podia-se dizer-lhe, sem que fosse um comprimento banal, que ella não tinha necessidade dellas.

Havia nesse baile uma profusão tal de flôres, de luzes, de magnificencias ; havia tantas cousas que admirar, que ninguem fez caso das bellas mãos da senhora



Rubens. Um dominó preto, com flôres de acacia no capuz, dançava com Psyché.

— Quem é? perguntou a mulher do general.

— Sua Alteza Real, respondeu o general ; tenho cer-

teza disso; reconheci-a pelo modo affectuoso com que se dignou de apertar-me a mão.

A mulher do general pareceu duvidar. O general que não admittia que se puzesse assim em duvida a sua sagacidade, approximou-se do dominó preto, tomou-lhe a mão, e nella traçou com o dedo as armas reaes. O dominó sacudiu a cabeça negativamente.

« A minha divisa, disse elle, é a que tinha um dos presentes que foram feitos no dia da sua festa : alguém que o Snr não conhece. »

— Mas então, retorquiu o general, sei quem o Snr é; foi o Snr quem me mandou a sella.

O dominó nada respondeu e desapareceu no meio da multidão.

« Emilia — perguntou a mulher do general — quem era esse dominó preto, com o qual dançaste ?

— Não lhe perguntei o nome, respondeu Psyché.

— Porque tu o sabias : é o professor.

— O nosso protegido está aqui, continuou a mulher do general, dirigindo-se ao velho conde; tem um dominó preto com flôres de acacia.

— É muito possível, graciosa senhora, respondeu o conde; é preciso que saiba que um dos principes reaes tambem tem o mesmo vestuario.

— É isso, disse o general; eu reconheci o principe pelo modo affectuoso com que me apertou a mão e foi elle quem me fez o presente da sella. É necessario que o convide para jantar commigo amanhã.

— Se for o conde aceitará, estou certo.

E se fôr o outro, não virá. Não ha, por conseguinte, inconveniente em fazer o meu convite. »

E o general dirigiu-se para o dominó preto, que estava justamente fallando com o rei. Fez respeitosa-mente o seu convite. Sorriu pensando que todos veriam que elle tinha adivinhado e não sua mulher.

O dominó preto levantou a sua mascara : era Jorge.

« Repetirá o Snr agora o seu convite, general? » perguntou elle.

O general ficou teso, cresceu pelo menos de duas pollegadas e fez dous passos para trás e depois um para afrente, como se fosse dançar o menueto. O seu rosto tomou um ar de gravidade extrema e tornou-se tão expressivo quanto é permittido no rosto de um general.

« Nunca retiro a minha palavra, disse elle enfim: convido-o, Snr professor. »

Inclinou-se, atirando um olhar para o rei, que tudo ouvira e parecia satisfeito.



VIII

Houve, pois, no dia seguinte, grande jantar em casa do general. Os convidados foram, porém, sómente o velho conde e o seu protegido.

« Está collocada a pedra fundamental », disse Jorge.

Com effeito, estava collocada e com grande solemnidade e era difficil que as cousas não passassem d'alli.

« Este rapaz — dizia o general á sua mulher — tem maneiras verdadeiramente excellentes, e que conversa ! Niguem conversa com mais espirito na melhor sociedade. »

O facto era que Jorge se distinguira durante o jantar, e dissera cousas interessantissimas e que muitas vezes, o general, enthusiasmado, o interrompêra com os seus : Bellissimo! Bellissimo, » quasi involuntarios.

O general fallou desse jantar a uma das damas mais espirituosas da côrte, a qual convidou-se para a proxima occasião em que o professor jantasse em casa do general. Era, pois, necessario, convidal-o de novo. Foi o que se fez e Jorge destacou-se ainda mais nesse dia.

Deu-se mesmo o caso que elle sabia jogar o xadrez, jogo favorito do general.

« Não é uma creança do sub-solo, pensou este ultimo ; é uma creança de qualidade. Ninguém me tirará isso do espirito. Como iria elle parar tão baixo ? Não posso encontrar a explicação ; em todo o caso não foi por culpa do rapaz. »



O snr professor, que era recebido no palacio do rei, podia certamente ser admittido na casa do general. Nada havia nisso que sorprehendesse. Toda a cidade começou depois a propalar que elle acabaria morando nessa casa. Mas em casa do general não se fallava em tal cousa.

E, no entretanto, o acontecimento deu-se, como fôra annuciado. Os altos favores cahiram sobre Jorge. Foi nomeado conselheiro intimo ; Emilia ficou con-

selheira. Nem a côrte nem a cidade ficáram molestadas por isso.

« A vida é ora uma tragedia, ora uma comedia, disse philosophicamente o general. Na tragedia morre-se, na comedia casa-se. »

Jorge e Emilia tiveram trez bellos filhos ; e quando as creanças estavam em casa de seu avô e que galopavam nos seus cavallos de páu, o avô os acompanhava, tambem a cavallo n'um páu, fingindo ser a ordenança, a ordenança dos pequeninos senhores conselheiros intimos. E sua mulher, sentada no sofá, ria-se, ao vellos assim, menos quando tinha a enxaqueca.

Eis até aonde Jorge chegára, e com seu talento foi ainda muito mais longe. Se não fosse assim, tambem, não valeria a pena ter-vos contado, leitores, a historia do filho do porteiro.





O JARDINEIRO E OS SEUS PATRÕES

A uma pequena legua da capital, achava-se um castello; as suas paredes eram espessas; as suas torres tinham ameias e tectos pontudos. Era um castello antigo e soberbo.

Alli residia, mas só durante o verão, uma familia nobre e rica. De todas as propriedades que ella possuia, esse castello era a perola, a joia. Tinha sido restau-

rado exteriormente e estava tão bem arranjado que parecia novo. No interior havia o confortavel junto ao agradavel; nada deixava a desejar. Por cima da grande porta estava esculpido o brazão da familia. Magnificas grinaldas de rosas buriladas na pedra cercavam os animaes fantasticos do brazão das armas.

Diante desse castello estendia-se um vasto taboleiro de relva. Via-se, no meio da verdura, « bouquets » de espinheiro vermelho, taboleiros de flôres raras, sem fallarmos das maravilhas que encerrava uma grande estufa bem cuidada.

A nobre familia tinha um jardineiro famoso; era um prazer percorrer-se o jardim, a horta e o pomar. No fim deste ultimo havia ainda um resto de jardim dos tempos antigos. Eram moitas de buxos e teixos, cortados em forma de pyramides e de corôas. Detraz viam-se duas velhas arvores enormes: tão velhas que quasi já não lhes cresciam mais folhas. Em todos os ramos notavam-se ninhos de passaros.

Eram a residencia antiga de um bando enorme de gralhas e de outros passaros. Parecia uma verdadeira cidade. Esses passaros pareciam ter estabelecido domicilio n'aquelle lugar antes de todos os mais: podiam pretender ser os seus verdadeiros donos; e, de facto, pareciam desprezar os humanos, que usurparam a sua propriedade. Todavia, quando esses entes de especie inferior, incapazes de elevarem-se acima da terra, davam qualquer tiro de espingarda na vizinhança, as gralhas e os outros passaros estremeciam e fugiam gritando: rak rak.

O jardineiro fallava frequentemente dessas arvores

velhas aos seus patrões, pretendendo que ellas estragavam a perspectiva e aconselhando que fossem abatidas; além disso todos ficariam livres dos passaros, que alli tinham os seus ninhos e cujos gritos eram tão discordantes. Os patrões não pensavam desse modo. Não queriam nem que as arvores nem que as galhas desaparecessem.

« São, diziam elles, vestigios da antiguidade veneravel, que não convem destruir. Essas arvores, meu caro Larsen, são a herança desses passaros; não devemos usurpar-lh'as. »

Larsen, como percebestes, era o nome do jardineiro.

« Não lhe falta espaço para desenvolver todo o seu talento; um grande jardim com flôres, uma estufa enorme, um pomar immenso. Para o que quer mais espaço? »

Com effeito, não era o terreno, que lhe faltava. Elle cultivava-o com tanta habilidade quanto zelo. Os patrões bem o sabiam. Não lhe occultavam, porém, que tinham visto e provado em outras casas flôres e fructas, ainda melhores do que as que tinham no seu jardim. O pobre homem ficava triste com essa observação; pois fazia do melhor modo que podia, não pensava senão em contentar os seus patrões e conhecia a fundo a sua profissão.

Um dia elles mandaram-o chamar ao salão e disseram-lhe, com toda a brandura e benevolencia, que, na vespera, jantando no castello vizinho, tinham comido maçãs e pêras tão perfumadas, tão saborosas e tão deliciosas, que provocáram a admiração de todos os convivas.

« Essas fructas — continuaram elles não são provavelmente productos deste paiz; vêm certamente do estrangeiro. Será preciso procurar a arvore e aclimal-a. Pelo que nos disseram, foram compradas na primeira casa de fructas da cidade. Vá saber de onde ellas foram tiradas. Mandaremos vir enxertos dessa arvore e o senhor fará o resto com a sua habilidade. »

O jardineiro conhecia perfeitamente o vendedor de fructas, era justamente a elle que eram vendidas as fructas superfluas do seu pomar.

Partiu a cavallo para a cidade e perguntou ao fructeiro de onde procediam as taes pêras, e as taes maçãs deliciosas, que tinham sido comidas no castello de X...

« Vieram do seu jardim » — respondeu o vendedor de fructas — e elle mostrou-lhe as maçãs e as pêras, que o jardineiro reconheceu serem as do seu jardim. Podeis facilmente imaginar qual não foi o seu contentamento.

Com a maior brevidade possivel foi contar aos seus patrões que as famosas maçãs e pêras deliciosas eram fructas das arvores do seu jardim. Os patrões não quiseram acreditar :

« Não é possivel, meu bom Larsen. Tenho certeza que o vendedor de fructas não certificará por escripto. «

No dia immediato Larsen apresentou o attestado assignado pelo vendedor de fructas.

« É tudo o que ha de mais extraordinario! » disseram os patrões.

A partir dessa occasião todos os dias eram collocados

na meza cestinhos cheios dessas maçãs e dessas pêras. Eram enviadas aos amigos da cidade, aos do campo e mesmo aos do estrangeiro. Esses presentes davam prazer a todos, aos que os recebiam e aos que os davam. Mas para que o orgulho do jardineiro não ficasse muito exaltado, tiveram o cuidado de observar-lhe quanto o verão fôra favoravel ás fructas, que por toda a parte tinham dado bom resultado.



Passou-se algum tempo.

A nobre familia teve convite para jantar na cõrte. No dia seguinte o jardineiro foi de novo chamado ao salão. Disseram-lhe que melões de um perfume e de um gosto maravilhosos tinham sido servidos á meza do rei.

« São fructas das estufas de S. Majestade, meu caro Larsen, será necessario obter do jardineiro de rei alguma semente dessas fructas incomparaveis.

— « Mas fui eu quem deu essas sementes ao jardineiro do rei », disse Larsen alegremente.

— Esse homem então aperfeiçoou a cultura de modo admiravel pois nunca pude comer melão tão soboroso. Só de me lembrar fico com agua na bocca.

— Pois bem, isso enche-me de orgulho. É preciso que V. Senhoria saiba que o jardineiro do rei não foi feliz este anno com os seus melões. Ha dias elle procurou-me; viu como os meus tinham bom aspecto e, depois de tel-os provado, pediu-me que mandasse trez para a meza do rei.

— Não, não, meu bom Larsen não pense você que essas fructas divinas que comemos hontem tivessem sahido do seu jardim.

— Tenho toda a certeza, respondeu Larsen, e vou dar-lhe a prova.

Foi ter com o jardineiro do rei e obtive delle um certificado, pelo qual via-se que os melões, que tinham figurado no jantar da côrte, tinham realmente sido colhidos nas estufas dos seus patrões.

Estes não sabiam como conter a sua surpresa. Não fizeram mysterio do acontecimento.

Pelo contrario, mostravam o certificado a quem quizesse vel-o.

Não faltou então quem pedisse pevides dos melões e enxertos de arvores fructiferas. O resultado dos enxertos era bom por toda a parte. As fructas que nasciam receberam por toda a parte o nome dos proprietarios do cas-

tello, de sorte que esse nome espalhou-se na Inglaterra, na Allemanha e em França.



Quem em tal teria pensado !

« Comtanto que nosso jardineiro não venha a ter opinião exagerada de si-mesmo! » diziam os patrões.

A apprehensão que tinham estava mal fundada. Em vez de orgulhar-se e de dormir no meio dos seus louros, Larsen augmentou de actividade e de zelo. Todos os annos esforçava-se em apresentar nova obra-prima. O exito era quasi sempre bom. Não deixava porém de ouvir frequentemente que as pêras e as maçãs do famoso anno eram as melhores fructas que tinha obtido. Os melões continuaram a apparecer, mas já não tinham o mesmo perfume. Os morangos eram excellentes, mas não eram melhores do que os do conde Z. E quando n'um anno faltáram os pequenos rabanetes, não se fallava depois senão delles. Nada se dizia dos outros legumes que eram perfeitos. Parecia que os patrões tinham verdadeiro allivio quando gritavam:

« Que terriveis rabanetes! o anno não presta; nada é bom neste anno. »

Duas ou trez vezes por semana o jardineiro colhia flôres para ornar o salão. Elle conhecia uma arte particular para fazer os ramos; dispunha as côres por tal forma que obtinha effeitos encantadores.

« O Snr tem bom gosto, Larsen, diziam os patrões. É verdade, mas não se esqueça de que é um dom de Deus. É recebido ao nascer-se Não se tem por si-mesmo o menor merecimento. »

Um dia o jardineiro entrou no salão com um grande vaso, onde, entre as folhas de iris, estendia-se uma grande flôr de um bello azul.

« É soberbo! exclamou S. S^a admirado; parece-se com o famoso *lotus indio*! »

Durante o dia os patrões collocavam-a ao sol, onde ella resplandecia; á noute atiravam a luz sobre ella por meio de um reflector. Mostravam-a a todos e todos a admiravam. Diziam que nunca tinham visto flôr semelhante e que devia ser uma das mais raras.

Foi tambem a opinião da moça mais nobre do lugar, que fôra visitar o castello: era uma princeza, filha de rei; e tinha, além disso, espirito e coração.

Os patrões offereceram-lhe a flôr magnifica e mandaram-a para o palacio real. Foram ao jardim procurar uma outra para o salão. Em vão percorreram-o de principio a fim; nada encontráram nem mesmo na estufa.

Chamaram o jardineiro e perguntáram-lhe onde tinha colhido a flôr azul.

Se não encontraram, disse Larsen foi porque não procuráram na horta. Não é uma flôr pretenciosa, mas nem por isso deixa de ser bella: é simplesmente um flôr de alcachofa.

Meu Deus! uma flôr de alcachofa! exclamáram os patrões. Mas o Snr devia ter-nos dito isso ha' mais tempo. O que vae pensar-a princeza? que quizemos ridicularizal-a. Eis-nos compromettidos na côrte. A princeza viu a flôr no nosso salão, tomou-a por uma flôr rara e exotica; no entretanto ella é instruida em botanica, mas a sciencia não se occupa com os legumes. Que ideia teve Larsen de introduzir na nossa casa uma flôr sem valor! Por sua causa vamos passar por impertinentes e ridiculos.

A tal flôr não voltára mais para o salão. Os patrões mandáram pedir desculpa á princeza, fazendo recahir

a culpa sobre o jardineiro, que tivera essa fantasia bizarra e por isso recebera uma reprehensão.

— É uma injustiça, disse a princeza. Pois elle chamou a nossa attenção para uma flôr magnifica, que não souberamos apreciar; elle fez-nos descobrir uma belleza que ignoravamos e ainda ha quem possa censural-o! Todos os dias, emquanto as alcachofas derem flôr, quero que tragam ao meu palacio uma dessas flôres.

E assim fez-se. Os patrões de Larsen, do seu lado, tambem mandáram collocar de novo a flôr azul no seu salão, e bem em evidencia, como anteriormente.

« Sim, é magnifica, disseram elles. Ninguem pode negal-o. E curiosa uma flôr de alcachofa! »

O jardineiro foi complimentado.

« Oh! os complimentos, os elogios! eis o que elle gosta, diziam os patrões; é tal qual um *enfant gâté*. »

N'um dia de outomno houve uma tempestade medonha, que augmentou durante toda a noute. Muitas arvores foram arrancadas com as suas raizes. As duas, cheias de ninhos de passaros, tambem foram derrubadas. Durante toda a noute foram ouvidos gritos agudos das gralhas espavoridas, cujas azas batiam nas janellas.

— « O Snr deve estar satisfeito. Larsen; disseram os patrões; estão por terra as duas pobres arvores. Não ha mais agora vestigios dos tempos antigos; tudo fica destruido, como desejava. Nós temos muita pena. »

O jardineiro nada respondeu: reflectiu logo no que elle faria desse novo local, tão bem situado ao sol. Ca-

hindo as duas arvores tinham estragado os buxos, cortados em pyramides ; foram arrancados. Larsen substituiu-os por arbustos e plantas, apanhados nos bosques e nos campos da região. Nunca jardineiro tivera semelhante ideia. Reuniu alli o zimbro de charneca da Jutlandia, que tanto se parece com o cypreste da Italia, o azevinho sempre verde, os mais bellos fetos, semelhantes ás palmeiras, grandes verbascos brancos, que se poderia tomar por candelabros de igreja. O solo estava coberto de lindas flôres dos prados e dos bosques. O aspecto era encantador. No lugar das velhas arvores foi plantado um grande mastro, no alto do qual estava desfraldada a bandeira do Danebrog ; e ao redor uma quantidade de varas, onde, no verão, o lupulo trepava. No inverno, na epoca de Natal, segundo um uso antigo, um feixe de aveia foi suspenso a uma dessas varas, afim de que os passaros participassem da festa. « Está ficando sentimental nos seus velhos dias, este bom Larsen, diziam os patrões : não deixa por isso de ser um servidor fiel e dedicado. »

Cerca de Anno Bom uma das folhas illustradas da capital publicou uma gravura do vello castello, na qual via-se o mastro coma Danebrog e o feixe d'aveia pendurado n'uma vara. E no texto faziam destacar o que tem de commovedor esse antigo costume de fazer os passaros participarem da alegria geral das festas do Natal ; e felicitavam aquelles que o tinham posto em pratica.

« Tudo o que faz Larsen, disseram os patrões, é logo apregoado. É feliz. Devemos ter orgulho de vel-o sempre ao nosso serviço. »

Era apenas um modo de fallar. Não tinham o menor orgulho, nunca se esqueceram de que eram os patrões e de que podiam, se quizessem, despedir o jardineiro, o que traria a sua morte, tanto elle gostava do seu jardim. Tal não fizeram. Mas esse genero de bondade não é muito raro e é uma felicidade para individuos como Larsen.





INDICE

	Paginas.
A VIRGEM DOS GELEIROS	1
I. O pequeno Rudy	1
II. A viagem para a nova patria	16
III. O tio.	25
IV. Babette	33
V. A volta	33
VI. A visita ao moinho	37
VII. O Ninho da aguia	64
VIII. As noticias que conta o gato de salão.	71
IX. A Virgem do gelo	76
X. A madrinha.	80
XI. O Primo	83
XII. O poder funesto	89
XIII. Em casa do moleiro	93
XIV. Os espectros da noute.	100
XV. Fim	104
IB E A PEQUENA CHRISTINA	117
ELLA SE COMPORTA MAL	143
UM DESAPONTAMENTO.	162
UM CASAL DE AMANTES	169

	Paginas.
UMA HISTORIA NAS DUNAS	175
PALAVRORIO DE CREANCAS	241
UMA FOLHA DO CÉU	247
O QUE O VELHO FAZ É BEM FEITO.	253
O SYLPHO	267
A RAINHA DA NEVE, EM SETE HISTORIAS	279
<i>Primeira historia.</i> — Que trata do espelho e dos seus pedaços	279
<i>Segunda historia.</i> — Um menino e uma menina . .	281
<i>Terceira historia.</i> — O jardim da mulher que sabia fazer feitiços	296
<i>Quarta historia.</i> — Principe e princeza	213
<i>Quinta historia.</i> — A neta dos salteadores	329
<i>Sexta historia.</i> — A Laponia e a Finlandeza	339
<i>Setima historia.</i> — O palacio da Rainha da Neve. . .	346
O FILHO DO PORTEIRO	355
O JARDINEIRO E SEUS PATRÕES.	401

FIM

Paris. — Typ. Garnier Irmãos, 6, rue des Saints-Pères

W

